



TEATRO INFANTIL

BENJAMIM SANTOS

Olá, Benja!

Espero que minhas palavras cheguem até você com a mesma força de afeto com que seus versos e histórias chegaram até mim. Tive a chance mágica de lhe encontrar no caminho das artes, da música, do teatro e da linguagem do audiovisual logo no início de minha carreira artística, de modo que me sinto honrada em saudar a publicação deste livro sobre sua vasta obra no teatro infantil.

Logo no início de minha carreira como atriz e compositora, tive a chance de compor a trilha sonora do programa infantil Por que sim, Por que não, veiculado em 1977 na antiga TV Educativa do Rio de Janeiro. Seus personagens mágicos eram sensacionais — o menino Catuxa, a Bailarina, o Paulo César, o Rei Coaracy Coaracê Primeiro —, e musicar aquelas lindezas poéticas foi um batismo mais do que especial.

Logo após a temporada do espetáculo O Fado e a Sina de Mateus e Catirina, em 1979 no Teatro Gláucio Gill, continuamos nossa parceria musical com o LP e show homônimo Bloco da Palhoça — Música para Brincar e Cantar. Tornamo-nos parceiros de letra e música com direito a LP e temporada no Teatro João Caetano do Rio de Janeiro, com o Bloco da Palhoça..., e sob sua direção ficamos em cartaz no mesmo teatro de 1980 a 1981. A partir daí, milhares de crianças brasileiras foram contempladas com a arte de cantar e contar histórias, um dom que desenvolvi a partir de sua entrada em minha vida. Gratidão, meu caro amigo.

Este livro é um presente para toda a história do teatro para crianças no Brasil. As gerações de ontem, hoje e amanhã saúdam e agradecem.

Um beijo de cantos e contos, para sempre.

*Bia Bedran
Niterói, 15 de dezembro de 2018*



Batista Teles

BENJAMIM SANTOS nasceu na cidade de Parnaíba, onde fez os primeiros estudos. Nos anos 1960 morou no Recife, quando estudou na Faculdade de Direito e no Seminário de Olinda. Iniciou como autor e diretor de teatro, criando o Grupo Construção e depois trabalhando no Teatro Popular do Nordeste, grupo de Hermilo Borba Filho. No Rio de Janeiro, a partir de 1969, foi um dos líderes do movimento de renovação do teatro infantil que ocorreu nos anos 1970, quando recebeu vários prêmios, inclusive o Troféu Mambembe de Melhor Autor, em 1977 e 1979. Para o teatro ao ar livre, escreveu espetáculos apresentados anualmente nos Arcos da Lapa, na Cinelândia e no Monumento de São Sebastião, sempre encenados por Ginaldo de Sousa. Na música popular, dirigiu shows do Quarteto em Cy, Ângela Maria, MPB4, Marlene, Kleiton & Kledir... Atualmente, de volta à Parnaíba, continua seu trabalho de escritor.



**TEATRO
INFANTIL**

BENJAMIM SANTOS

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES — FUNARTE

Presidente

Stepan Nercessian

Diretor Executivo

Reinaldo da Silva Veríssimo

Diretora do Centro de Programas Integrados

Maristela Rangel

Gerente de Edições

Oswaldo Carvalho



**TEATRO
INFANTIL**

BENJAMIM SANTOS

Equipe de Edições

Carlos Eduardo Drummond

Filomena Chiaradia

Gilmar Mirandola

Jaqueline Lavor Ronca

Julio Fado

Digitação de Peças

Romualdo Neves e Jhonattan Silva

Preparação de Originais

Tikinet | Hamilton Fernandes

Revisão

Tikinet | Andressa Picosque

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação

Tikinet | Patricia Okamoto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Funarte /Coordenação de Documentação e Pesquisa

Santos, Benjamim.

Teatro infantil / Benjamim Santos. – Rio de Janeiro :

Funarte, 2018.

504 p.; 23 cm

ISBN 978-85-7507-200-4

1. Teatro infantojuvenil. I. Título.

CDD 792.0226

A montagem de qualquer das peças incluídas neste livro, em nível profissional ou amador, só poderá ser realizada com autorização da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) — Av. Almirante Barroso, 97, 3º andar — CEP: 20031-005 | Rio de Janeiro (RJ)
Tel. (21) 2544-6966 | cadastro@sbat.com.br — sbat.com.br

Copyright © Funarte

Todos os direitos reservados.

Fundação Nacional de Artes — Funarte

Av. Presidente Vargas, 3.131 — Cidade Nova — CEP: 20210-911 | Rio de Janeiro — RJ

Tel. (21) 2279-8071 | livraria@funarte.gov.br — www.funarte.gov.br

Este livro é dedicado a Sólima Genuina e Hebe Maria, as primeiras atrizes que dirigi, quando, no corredor de nossa casa, na Parnaíba, montamos *A Cigarra e a Formiga*, peça para crianças de Vicente Guimarães, publicada na revista *Sesinho*, por volta de 1953. Eu estava com uns 13 anos e minhas irmãs com uns 10 e 8. De nós três, somente eu continuei a fazer teatro.

Também é dedicado, muito especialmente, a Ana Maria Machado, com agradecimento por tudo que escreveu sobre meu teatro para crianças e pelo incentivo que concedeu ao bom Teatro Infantil que se fez no Rio de Janeiro de 1973 a 1979.

SUMÁRIO

- 9** **Prefácio**
- 19** **Senhor Rei, Senhora Rainha**
- 55** **Os Três Mosqueteiros**
- 101** **Viagem Sideral**
- 141** **O Castelo das Sete Torres**
- 195** **A Loja das Maravilhas Naturais**
- 235** **A Donzela vai à Guerra**
- 281** **A Princesa do Mar-sem-fim**
- 317** **O Pavão Misterioso**
- 355** **O Princês do Piauí**
- 405** **O Rei Desejado**
- 447** **Seô Joãozim de Olinda**
- 483** **Imagens**

PREFÁCIO

As peças teatrais aqui apresentadas compõem o teatro para crianças do diretor e dramaturgo Benjamim Santos. Encontravam-se dispersas em edições dos anos 1970 do então Ministério da Educação e Cultura e do Governo do Estado do Paraná, que publicavam textos premiados nos concursos nacionais de teatro infantil promovidos pelo Serviço Nacional de Teatro e pela Fundação Teatro Guaíra.

A dificuldade de acesso a tais publicações era fator desfavorável à maior circulação e até ao desenvolvimento de novas montagens cênicas do teatro para crianças de Benjamim Santos. Esta edição de seu teatro infantil amplia e democratiza o acesso ao trabalho do dramaturgo, cuja importante contribuição para o campo das artes cênicas ainda não se encontrava conjuntamente publicada. Amantes das mais diversas possibilidades de histórias para crianças e apreciadores da escrita teatral de Benjamim têm agora o livro essencial sobre seu teatro infantil. Novos leitores, estudos e montagens surgirão.

As peças aqui reunidas dizem, é claro, a respeito de seu autor, mas são parte importante da história do teatro infantil brasileiro. O autoritarismo dos anos 1970 conseguiu conviver com a agitação criativa de uma geração de autoras e autores que reformulou esse tipo de teatro. Benjamim Santos protagoniza esse importante contexto ao lado de nomes como Sylvia Orthof, Ilo Krugli, Maria Helena Kühner, João das Neves e Maria de Lourdes Martini. Em alguns momentos figurando em primeiro lugar e, em outros, em posições diferentes. É o caso de *O Castelo das Sete Torres*,

de Benjamim Santos (encenação posterior com Elke Maravilha na personagem Vovó-Rainha), bem ao lado de *A viagem de um barquinho*, de Sylvia Orthof. Segunda e primeira colocadas no concurso de 1974 da Fundação Teatro Guaíra. E também sua peça *A loja das maravilhas naturais*, junto a *Eu chovo, tu choves, ele chove*, de Sylvia Orthof, premiados, em 1975, em outra edição do concurso da Fundação.

Quem vencia sempre era o teatro infantil, que passou a contar com montagens que entendiam as crianças como sujeitos e não como simples objetos de um teatro meramente educativo no pior sentido possível. Benjamim contou-me certa vez que o que ele chama de “geração dos anos 1970” provocou a quebra do que era um paradigma no teatro infantil na capital carioca (é claro que para determinada classe social): as crianças sendo acompanhadas por babás e que depois passaram a ser levadas pelos pais, que adoravam os espetáculos. Texto e cena com elaboração estética e sensibilidade para levar ao teatro crianças e família, que antes não tinha interesse, segundo o dramaturgo, em ir e permanecer no teatro.

O volume de críticas publicadas por Ana Maria Machado no Caderno B do *Jornal do Brasil* contribuiu enormemente para esse momento do teatro para crianças, impulsionando esses artistas que escreviam, produziam e montavam seus próprios textos. Benjamim brinca que ninguém incentivou mais o teatro infantil nos anos 1970 do que seu padroeiro, São Pedro. Ora, se chovia, pais, mães e responsáveis se viam aos nervos com as crianças dentro de casa e as levavam para o teatro.

Parte considerável das peças voltadas para o público infantil eram produções do tipo *Chapeuzinho Vermelho no arraial da Dona Benta*, com o mesmo produtor montando meses depois *Chapeuzinho Vermelho visita Papai Noel*. O dramaturgo reivindica que as peças que estão aqui disponíveis nunca foram consideradas “teatrinho”. Essa geração em nenhum momento confundiu teatro infantil com uma diminuição dessa forma de produção artística. Também não chamou as crianças para subir ao palco em uma

tentativa simplista de interação entre atores e público. Não era exigida da criança uma participação forçada, mas esta deveria acontecer — se acontecesse — de forma livre, espontânea. As encenações dos textos de Benjamim eram “peças para ver, ouvir e se deixar envolver”, diz o autor.

Poucas graduações em teatro ou em artes cênicas de universidades brasileiras possuem disciplinas voltadas especificamente para o estudo do teatro para jovens e crianças. A Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), por exemplo, oferece a matéria “Teatro Infantojuvenil”, ligada exclusivamente ao departamento de Ensino do Teatro. O referido componente curricular é ministrado atualmente pelo diretor e professor Miguel Vellino, que também produz espetáculos para crianças.

Na disciplina, tive a oportunidade de ler as duas peças de Sylvia Orthof já citadas (*A viagem de um barquinho* e *Eu chovo, tu choves, ele chove*), assim como textos teatrais do dramaturgo argentino Ilo Krugli. Esses autores participaram dos concursos de teatro infantil e algumas vezes foram vencidos pelas peças de Benjamim Santos. Lembro-me de me fazer o seguinte questionamento: por que as peças de Benjamim Santos também não são lidas neste curso? Compartilhada esta questão, obtive como resposta a até então dispersão nas edições do teatro infantil do dramaturgo. Esta publicação o recoloca de forma contundente em tais circuitos.

O ambiente antidemocrático e a censura às artes atingiram o teatro para crianças de Benjamim Santos. *Viagem sideral* foi um dos alvos dos censores, que ordenaram a retirada de trechos do texto da peça. A estratégia de Benjamim é o ponto mais interessante dessa história: não cortar nem um ponto e nem uma vírgula. Os censores, segundo o dramaturgo, geralmente não voltavam para assistir aos espetáculos e, se retornavam, não conseguiam sequer localizar no momento das apresentações o corte que havia sido ordenado.

Uma das proibições para a montagem do espetáculo *Os três mosqueteiros* foi que o então iniciante ator Diogo Vilela não

poderia vestir sob a roupa de mosqueteiro uma malha prevista em seu figurino, pois, de acordo com os censores, acentuaria as partes íntimas do intérprete. “Bobagens da ditadura”, diz Benjamim.

As peças que serão lidas na presente publicação são resultado e matéria dos conturbados e prodigiosos anos 1970. Cada verso de Benjamim Santos é evidentemente resultado do trabalho criativo de seu autor. Mas não só. Com o incentivo dos concursos de dramaturgia houve um ato pessoal e individual de escrita. O resultado foi um impulso coletivo de renovação do teatro para crianças. Do autoritarismo à ludicidade.

O teatro infantil de Benjamim Santos foi concretizado longe de interpretações idealistas do universo das crianças. As peças aqui reunidas não eram, a princípio, uma previsão na carreira do autor. Inicialmente, ele nem mesmo tinha a intenção de escrever teatro voltado para esse público — tratava-se de nicho teatral que nunca praticara ao longo dos anos em que viveu e trabalhou em Recife. Benjamim reconhece sem falsos pudores que seu primeiro impulso em direção ao teatro infantil foi, em 1971, com a possibilidade de prêmio em dinheiro em concurso do Serviço Nacional de Teatro. “Eu sabia escrever, aparecia o concurso e eu mandava”, afirma Benjamim.

Com o primeiro lugar conquistado com *Senhor rei, senhora rainha*, o dramaturgo pôde pagar seis meses de aluguel no Solar da Fossa, casarão de grande importância para a cultura brasileira, por onde passaram Caetano Veloso, Ruy Castro, Paulo Leminski, Cristovam Buarque, Maura Lopes Cançado, Benjamim Santos e muitos outros. A motivação financeira inicial do dramaturgo não deve ser confundida com descompromisso com o universo infantil. Pelo contrário, comprova o profissionalismo do artista com o seu teatro.

Tendo sido aluno de estética de Ariano Suassuna e assistente de Hermilo Borba Filho, seria quase natural principiar aproximações entre a escrita de Benjamim Santos e a desses outros dois

dramaturgos. No entanto, quando olhamos mais de perto, a questão se complexifica e as aparências nos enganam.

Em suas peças para crianças, há uma característica importante. Benjamim Santos buscou desenvolver a utilização da música como forma de interromper a ação do espetáculo. Isso através do estudo de técnicas de Bertolt Brecht e do teatro que havia feito em Recife, tanto em shows de música popular quanto no Teatro Popular do Nordeste, grupo de Hermilo Borba Filho, com características de um teatro épico. O dramaturgo considera que seu teatro infantil (dramaturgia, encenação e interpretação de atores) foi realizado em um processo de continuidade do teatro que realizou em Recife, nos shows de música popular e nos três anos em que trabalhou no Teatro Popular do Nordeste (1965-1968) como assistente de direção de Hermilo Borba Filho e depois como encenador.

Em *A princesa do Mar-sem-fim*, a “Cantiga da Rendeira” produz o efeito de quebra da cena entre o Vento Leste e Adriano: “Pego o bilro/ largo o bilro/ jogo o bilro para lá/ Taco o bilro/ solto o bilro/ Trago o bilro para cá”.

Distâncias, mas também pontos de contato: Ariano Suassuna o fez aprender a apreciar (e posteriormente a exercitar) a escrita em versos. Perceber tais distinções é essencial para que não sejam feitas conclusões apressadas sobre as peças para crianças que temos o prazer de apresentar nesta publicação e do contexto mais amplo de concepção/produção do teatro de Benjamim Santos.

Hermilo Borba Filho é conhecido por suas pesquisas das manifestações populares do Nordeste, tendo dedicado obras completas ao estudo do bumba meu boi e do mamulengo. E Ariano Suassuna é reconhecido como um dos fundadores do Movimento Armorial, pautado na proposição de uma arte erudita que assimilaria a cultura considerada popular. Benjamim Santos não se voltou para algo programático de desenvolver em seu teatro (para crianças) a incorporação de elementos ligados ao que seria uma cultura nordestina.

Se o Nordeste está presente nas peças que leremos nesta publicação — e algumas vezes ele está —, sua aparição não se dá em sua forma mais óbvia, que é aquela ligada a signos do sertão. “Eu sempre fui de beira de praia ou beira de rio. Eu nunca fui de sertão. Eu nem conheço o sertão”, diz Benjamim. O Nordeste para o dramaturgo é algo mítico, e personagens considerados nordestinos são incluídos como categorias em seu teatro: a rendeira, a bordadeira, o pescador, o vaqueiro, por exemplo.

Parnaíba é município localizado no norte do estado do Piauí e é a cidade natal de Benjamim Santos. Esporadicamente, referências a ela aparecem no formato de lembranças. Classificações por vezes tão difíceis como cultura nordestina ou popular quando articuladas pelo dramaturgo estão em proximidade com o campo do simbólico, da metáfora. Vejamos alguns exemplos dessas características e singularidades do teatro para crianças de Benjamim Santos:

Senhor rei, senhora rainha conta a história de duas famílias inimigas em que o filho de uma se apaixona pela filha da outra. Nesse caso as aparências não são mera coincidência. O autor traz o tema central de *Romeu e Julieta* e o episódio de Píramo, de *Sonho de uma noite de verão*, ambas de William Shakespeare, colocados em um Brasil mágico de um mundo de cartas de baralho. As famílias do naipe de espadas e de copas. A filha de um naipe apaixonada pelo filho de outro. Segundo Benjamim, *Senhor rei, senhora rainha* é uma grande mistura de Brasil com o universo do dramaturgo espanhol Federico García Lorca.

Em *A donzela vai à guerra*, Benjamim Santos incorpora lembranças de sua juventude quando estudou piano com a professora Maria do Rosário Almeida Santos. Na peça, Dona Leonor Teles aparece como a professora de piano da personagem principal Deoclécia. A peça foi premiada em 1976 no Concurso de Dramaturgia Infantil do Serviço Nacional de Teatro, no Rio de Janeiro.

A princesa do Mar-sem-fim e *O pavão misterioso* foram baseadas em histórias de cordel. Essas peças foram criadas em versos de sete sílabas, o que fez Ana Maria Machado destacar em suas

críticas a escrita em “redondilha maior” de Benjamim Santos. O dramaturgo levou um susto quando leu os comentários de Ana Maria Machado, pois ele reconhecia os versos de sete sílabas como a forma do cordel e da escrita de João Cabral de Melo Neto e não como algo que possuía uma classificação.

O Labino é bairro de Parnaíba e serve de espaço para algumas das peças de Benjamim. A “Cantiga de Abertura” de *A princesa do Mar-sem-fim* traz os seguintes versos: “Ai!/ Labino é uma terra,/ Reino do Mar-sem-fim/ Ai!/ Labino é um Reinado,/ Reinado assim-assim”. Um bairro real na dramaturgia de Benjamim Santos torna-se a sede de um grande Reino. O caráter mítico de suas peças para crianças.

Na peça, Adriano andando pelos desertos descobre um Castelo de Marfim. Dentro dele encontra-se Elisa, feita prisioneira e encantada por um gênio já muito cansado. Adriano resolve livrar Elisa de seu cativeiro e devolvê-la à liberdade. O gênio corre atrás dele pelo castelo, escada abaixo e escada acima. Para fora e para dentro. Adriano precisa fazer com que o gênio se canse ao máximo para conseguir tornar Elisa novamente uma mulher livre, pegar um navio na beira da praia e ir para o Labino, no Reino do Mar-sem-fim. Cenas todas de muito movimento. A encenação já presenteada com a mobilidade proposta pelo texto teatral. Palavra e cena intimamente conectadas.

“Este lugar, eu conheço./ É o Labino, bem diria,/ pois somente no Labino/ se encontra tanta alegria./ [...] Pertinho da Parnaíba/ fica o Labino. Sabia?/ Terra de muito caju,/ riacho, cabrito e jia./ No rodeio do meu sopro,/ você não sofre, nem pia.” O Vento Leste canta, assovia e em seu sopro veloz vai ajudar Adriano a tentar reencontrar — mais uma vez — Elisa lá para os lados do Reino do Mar-sem-fim. *A princesa do Mar-sem-fim* ganhou em 1977 o Troféu Mambembe de melhor autor de teatro infantil do Rio de Janeiro.

Em *O pavão misterioso*, Benjamim Santos traz sua versão do cordel *O romance do pavão misterioso*, escrito por João Melquíades

Ferreira da Silva. “Sou eu a prisioneira/ que vive num quarto escuro./ Se aquele rapaz viesse/ para mudar meu futuro...!” Novamente aparecem personagens ligados a um sentimento de prisão pela ausência do amor. Na peça, Creusa e Evangelista buscam a liberdade. Ela nunca teve um namorado, pois seu pai, o Conde, a mantém trancada no próprio quarto. Já Evangelista deseja sair de casa e seguir seu próprio caminho: “Oxente,/ que estrada comprida!/ Parece uma vida./ Não vai se acabar./ Oxente,/ que pedra, que espinho/ por todo caminho,/ por todo lugar”. Ele busca seu rumo atravessando a longa estrada da vida, cruzando com um pescador, um vaqueiro, uma bordadeira, um homem e uma mulher. É isso ganhar a vida? As coisas parecem teimar em não fazer sentido para Evangelista.

Todos os personagens com os quais Evangelista cruza estão indo para o mesmo lugar: o Labino. “O Labino é um Condado/ onde brilha a luz-do-dia./ Tem uma luz mais brilhante/ que o brilho das pedrarias./ É lá que mora a donzela/ mais bela das cercanias./ É uma moça mui formosa,/ prisioneira noite e dia/ Té às vistas, companheiro./ Passe bem sua senhoria.” Os personagens estão seguindo para a aparição anual da bela moça, que uma vez por ano é autorizada pelo Conde a aparecer na janela. Evangelista segue sua busca e vai ao Labino. Vê uma fotografia de Creusa e deseja olhar pessoalmente para os olhos da linda condessa. Uma ave mágica o ajudará.

O pavão misterioso ganhou em 1979 o Troféu Mambembe de melhor autor de teatro infantil do Rio de Janeiro.

As peças *O rei desejado* e *Seô Joãozim de Olinda* são textos que ainda não encontraram alguém com coragem para transpor para os palcos o que o próprio dramaturgo chama de uma “viagem” pelo universo mítico de Dom Sebastião e por uma Olinda do século XVII.

Certa vez, dialogando com Ana Maria Machado acerca da exposição que eu estava organizando sobre o teatro para crianças do dramaturgo, ela me deu o seguinte conselho: preocupe-se em

deixar que os versos de Benjamim falem. Diretor de diversas formas de artes cênicas, incentivador da cultura popular, tendo sido durante alguns anos gestor cultural, entusiasta do universo popular, mas também de García Lorca e de Alexandre Dumas, é no teatro para crianças que Benjamim Santos reconhece ter realizado seu trabalho artístico mais profundo e, como visto, mais premiado. Este livro tem dimensão dupla: atesta a importância e a singularidade dos versos de Benjamim Santos — como disse Ana Maria Machado —, e reinsere seu teatro para crianças a novos leitores, estudantes de teatro ou interessados no universo infantil em geral.

Vejam, ouçam e se deixem envolver com os versos de Benjamim Santos!

Wesley Fontenele

The background features a large, intricate mandala-like pattern in the upper right and lower left corners, composed of overlapping geometric shapes and floral motifs. The rest of the page is filled with a scattered field of light gray hearts of various sizes, creating a soft, romantic atmosphere.

SENHOR REI, SENHORA RAINHA

Dedicada à atriz Lúcia Neuwander e ao
compositor e violonista Antônio José Madureira.

Primeiro lugar no II Concurso de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1971.

Esta peça é um aproveitamento do tema do Auto do jovem Píramo, de William Shakespeare. A primeira montagem, em 1973, estreou no Teatro Gláucio Gill, no Rio de Janeiro, e participou do VI Festival de Teatro Infantil da Guanabara, realizado pela Divisão de Teatro da Guanabara, recebendo a premiação de terceiro lugar. O espetáculo, dedicado a Maria Helena Cardoso, foi produzido por Rute e Roberto Machado Rios, com figurinos de Maria Carmem, elementos cenográficos de Kasall, adereços de Edgar Ribeiro, música de Antônio José Madureira, direção musical de Walter Bobsin, coreografia de Ausônia Bernardes e direção de Benjamim Santos. Atores: Marga Abi-Ramia, José Arthur, Tom de Abreu, Rosa Maria Pena, José Paulo e Nário Gomez.

Personagens

CORINGA

REI DE ESPADAS

DAMA DE ESPADAS

RAINHA DE COPAS

VALETE DE COPAS

ÁS DE OUROS

O MURO

O LUAR

O CÃO

O FRADE

Mas a grande virtude de Senhor Rei, Senhora Rainha é que se trata de um texto delicioso, inteligente, sensível e bem-humorado. Os personagens se inspiram nas cartas de baralho e a ação se desenvolve nos reinos de Copas e de Espadas, rivais e criando problemas para os jovens príncipes enamorados. O ponto de partida não é original, e a adaptação de Shakespeare é evidente. Não tanto de Romeu e Julieta, mas sobretudo do episódio de Píramo, de Sonho de uma noite de verão, com um final feliz e a substituição do leão por um cachorro. A linguagem é um encanto à parte: todo em redondilhas, o texto ecoa a literatura de cordel do Nordeste e cantadores medievais ibéricos.

Ana Maria Machado
Jornal do Brasil, Caderno B, 13 de abril de 1974

ABERTURA DO ESPETÁCULO

CORINGA Meus senhores e senhoras
 e meus gentis cavalheiros,
 vamos aqui começar
 o nosso jogo certo,
 onde as coisas acontecem
 como fatos verdadeiros.
 Neste brinquedo, eu sou chefe
 e comando o jogo inteiro.
 Sou o Melé, o Coringa,
 entre todos, o primeiro.
 Meus olhos são os mais vivos
 e ágeis por derradeiro;
 a cada gesto que faço,
 escuto, pressinto, cheiro
 o movimento que nasce
 aqui neste tabuleiro,
 onde as cartas se misturam
 como um sonho costumeiro.
 Chegou agora o momento
 de ver aqui no tablado
 o grande País das Cartas,
 com todos os seus reinados.
 Seguindo neste caminho
 vê-se o Palácio Dourado
 onde vive o Rei de Ouros,
 em seu trono encartonado,
 e do outro lado encontramos
 grande terreno cercado
 onde mora o Rei de Paus,
 por seu povo acompanhado.
 Agora, bem aqui mesmo,
 dois castelos separados:

A partir daqui entram os diversos atores, exibindo em pantomima os vários acontecimentos ditos na narrativa.

O Rei de Espadas, à esquerda,
grande senhor coroadado
que, perdendo a esposa, vive
para a filha devotado.

E noutro palácio, ao lado,
mora uma nobre Rainha
esperando pelo Rei
que partiu (disse que vinha
bem depressa e não voltou),
por isso, vive sozinha
com seu rapaz, o Valete,
senhor de todas as minas
que a ela e ao Rei pertencem.
Entre este Rei e a Rainha,
embora vivendo perto,
uma briga se mantinha,
sendo inimigos terríveis,
numa briga tão vizinha.

Vamos agora mostrar
como acabou a briguinha
entre este Rei orgulhoso
e esta orgulhosa Rainha.

Pois se deu que este rapaz,
de uma aparência tão bela,
conheceu um belo dia
esta bonita donzela
e os dois se apaixonaram:
ela e ele, ele e ela.
O muro que os separava
fez-se cúmplice naquela
aventura amorosa,
quando o Rei dava a donzela
ao Ás, cavaleiro armado,
que, defronte da janela,
cantava canções de amor,

perdido de amor por ela.
Mas os dois se resolveram
e, dando uma escapadela,
armaram grande cilada
e seus pais caíram nela.

Saem os que faziam a pantomima.

Mas todos se retiraram
e eu me retiro também
pra seguir o nosso jogo
e mostrar, como convém,
os fatos acontecidos.
Cuidado. Adeus. Vem alguém.

Fanfarras anunciam as mudanças de cena.

NO CASTELO DE ESPADAS

REI Querida filha, te espero.

DAMA Aqui estou, querido pai.

REI Cresceste
tão rápido! Estás moça.
A educação que tiveste
fará de ti uma rainha.
Em breve, querida, em breve,
te juro, tu serás minha
Dama de Espadas altiva,
senhora dos meus domínios.

DAMA Espero esta hora aflita.

REI *(cantando)*
Serão teus os meus rebanhos:
o bode, o cabrito, a cabra,

o gado que vês pastando.
Será teu este palácio
feito de orvalho castanho;
o riacho de cristal
que desce a serra cantando
mais a lua e as estrelas
que vês sobre nós brilhando.

DAMA A rosa, a papoula, o cravo
que vejo desabrochar?

REI A rosa, a papoula, o cravo,
buganvília e resedá.

DAMA Araponga e bem-te-vi:
tudo isso vou ganhar?

REI Araponga e bem-te-vi,
periquito e sabiá.

DAMA Dizei-me ainda, meu pai,
se não vai me obrigar
a fazer o que não queira,
pra tantas coisas me dar.

REI Quero apenas que se case
com um nobre cavaleiro,
que virá ao nosso baile,
gentil, cortês, cavalheiro.

DAMA É só isso o que me pede,
senhor meu Rei das Espadas?
Muito pouco é o que pedis,
por tantas ofertas dadas.

REI Faço então outro pedido,
sendo inda mais rigoroso:
ao vizinho deste lado,

não lhe mostre o belo rosto,
 não lhe dê uma palavra,
 nem um sorriso tampouco
 e deixe que continue
 nosso inimigo feioso.

DAMA Assim farei, meu pai.

REI Vem,
 que precisas te arrumar
 mais ricamente. E eu também.
 O baile que vamos dar
 nesta noite de verão,
 ninguém dele esquecerá. (*Saem.*)

NO CASTELO DE COPAS

A Rainha e o Valete lutam esgrima.

RAINHA Estás um homem! Me vences
 tranquilamente. Ai. Chega.

VALETE Ora, não quero que penses
 que ainda sou um menino
 de colo.

RAINHA Não recomeces.
 Só espero que com isto
 saibas lutar, corajoso,
 contra os nossos inimigos.

VALETE Pra isso quis aprender.

RAINHA Se um dia assim fizeres
 e o Rei de Espadas perder
 te darei tudo o que tenho:
 a Coroa, podes ver,

feita de sangue real;
o Trono e o que tiver
espalhado pelos campos.

VALETE Espero por isso há anos!

RAINHA (*cantando*)
Serão teus os meus rebanhos:
o bode, o cabrito, a cabra,
o gado que vês pastando.
Será teu este Castelo
feito de sangue castanho;
o riacho de cristal
que serpenteia, cantando,
mais a lua e as estrelas
que vês sobre nós brilhando.

VALETE O touro, o cavalo, a onça
pelos matos se infiltrando?

RAINHA O touro, o cavalo, a onça
mais as rolinhas em bando.

VALETE Araponga e bem-te-vi,
tudo isso vou ganhar?

RAINHA Araponga e bem-te-vi,
periquito e sabiá.

VALETE Dizei-me ainda, senhora,
se não vai me obrigar
a fazer o que não queira,
pra tantas coisas me dar.

RAINHA Quero apenas que se case
com uma nobre princesa
que iremos conhecer
muito em breve, com certeza.

VALETE É só isso o que me pede?
Senhora Dama de Copas,
muito pouco me pedis
para as ofertas expostas!

RAINHA Faço então outro pedido,
sendo ainda mais rigoroso:
ao vizinho desse lado,
não lhe dê água nem pouso;
não lhe dê uma palavra
nem um sorriso tampouco.

VALETE Assim farei, Senhora.

RAINHA Vem.
Preciso falar-te mais
de tudo o que o Reino tem. (*Saem.*)

NO CASTELO DE ESPADAS, O BAILE

ÁS DE OUROS Espero, nobre senhor,
manter-me sempre à altura
da honra que concedeis
cedendo vossa candura
de filha para casar-se
comigo.

REI Maior ventura
não tenho!

ÁS Desejo então
que chegue rápido o dia
desta feliz união.

REI Marcai, vós próprio, com ela
o que pede o coração.

ÁS Desejo então encontrá-la.

REI Agora?

ÁS Agora.

REI Não
quereis antes brindar
a grande celebração?
Bebamos. Tranquilizai
vosso desejo. Estão
nossos nomes bem selados.
Isso. Brindemos. Assim.

ÁS Levai-me agora, senhor.
Fazei-me apresentação.

REI Procurai-a no jardim,
entre as flores do verão. (*Saem.*)

NO JARDIM DO REI E NO JARDIM DA RAINHA

CORINGA Enquanto corria a festa,
a princesinha saiu
pra respirar no jardim
e, caminhando, não viu
que chegou bem perto ao Muro.
Mas do outro lado, o Valete,
passeando pelo escuro,
ouvindo que havia festa,
aproximou-se do Muro,
que eu mesmo vou fazer,
inclusive tendo um furo.
Aqui está a brecha de cal
na argamassa etcetera e tal.

DAMA Essas festas já me cansam,
me sufocam; não respiro.
Por isso vim passear
e pelo jardim me atiro.

VALETE Dorme a Rainha em seu leito.
Mas não consigo dormir.
E enquanto a Rainha dorme,
vim passear por aqui.

DAMA Cheguei tão perto do Muro!

VALETE Ouço música. É festa.

DAMA Como é branco, frio e duro!

VALETE Ah, preciso ver. Preciso.
Já me aproximo do Muro.

DAMA O que haverá do outro lado?

VALETE No outro lado, o que haverá?

DAMA Muro, ajuda-me a ver
o que existe por lá.

VALETE Mostra-me, Muro, um modo
qualquer de ver o que há
no jardim do Rei de Espadas.

O Muro faz uma brecha com os dedos.

DAMA Ah, uma brecha!

VALETE Uma brecha!
Legal, Muro.

DAMA Obrigada.

Os dois olham, se veem e se surpreendem.

DAMA O que vejo?

VALETE Alguém me espiando?

Olham-se. O Muro desfaz a brecha.

DAMA Um rapaz!

VALETE Uma donzela!

DAMA Tem os lábios de rubim.

VALETE Tem bochechas de limão.

DAMA Como é belo!

VALETE Como é bela!

DAMA Muro, Muro, ó frio Muro...

O Muro faz a brecha. Eles se olham.

VALETE Não tem, como eu, no peito,
um dourado coração!

DAMA Desmaio em tanta beleza.

VALETE Por favor, Muro, recua.

DAMA Quero ver-lhe a face esguia.

VALETE *(ao Muro)* Por minha mãe. Pela tua.

DAMA Muro terrível, cruel!

O Muro recua, deixando que se vejam.

Eles se olham e comentam à parte.

VALETE Como é bela!

DAMA Como é belo!

VALETE Tem nariz de papagaio!

DAMA Tem o olhar amarelo!
Muro, por pouco não caio!

VALETE Arde-me o peito sangrando!
Preciso falar com ela.

DAMA Quero sair, mas não posso.
Sinto-me presa na terra.

VALETE Minha formosa donzela!

DAMA Oh, não! Meu Deus, ele fala!

VALETE Espantou-se. Que fiz eu?
Apaixonei-me por ela.

DAMA Não me fales. Tenho medo.
Volta, Muro. Volta. Volta.

O Muro começa a avançar.

VALETE Oh, não. Não. Muro, retorna.

O Muro retorna.

DAMA O que dizeis?

VALETE Que vos amo.

DAMA Nem sabes como me chamo.

VALETE Não importa. És a Lua.

DAMA Avança, Muro.

VALETE Recua.

DAMA Oh, cuidado. Vem alguém.

VALETE Se partes, eu vou também.

Valete passa para o jardim do Rei.

DAMA Falo contigo amanhã.
Antes, te mando um recado.
Adeus.

Dama foge. O Muro avança. Entra o Ás.

VALETE (ao Muro) Deixa-me passar.

ÁS O que vejo? O inimigo.

VALETE É que estava a passear.

ÁS Põe-te em guarda. Anda. Luta.

VALETE Aqui não posso lutar.

ÁS Como não pode: não soube
esta muralha saltar?
Quem procura o inimigo
deve o inimigo enfrentar.

VALETE Não posso.

ÁS É um desafio.

Ás puxa o punhal e persegue o Valete.

VALETE Senhor, não quero. Guardai
 a vossa arma dourada.

ÁS O ouro que me reveste
 vos passo na punhalada.

VALETE Por favor, senhor, deixai
 que eu parta, pois partirei
 sem demora. Ahn? Deixai.

ÁS Se te apanho, tagarela!

VALETE (*aparte*) Vou amarrá-lo e fugir.

 Valete consegue prendê-lo e amarrá-lo.

ÁS Venceste, Valete audaz.

VALETE Alguém virá te salvar.
 (*ao Muro*) Muro terrível, cruel!
 Recua rápido. Vai.

Muro recua e o Valete passa.

VALETE Fica em paz, Muro fiel.

 Sai. Coringa desfaz o Muro. Entra o Rei.

ENCONTRO DO REI COM A RAINHA

CORINGA (*ao Rei*) Meu senhor, Rei das Espadas,
 quero a notícia vos dar,
 que o inimigo investiu
 e atreveu-se a penetrar
 em vosso próprio jardim,
 vindo aqui desafiar.

REI O que dizeis? Escuto bem?
Veio o inimigo feroz?
Pelo portão? Pelo muro?
Dizei-me de viva voz?

Aparece a Rainha. Coringa vai a ela.

CORINGA Senhora Dama de Copas,
quero a notícia vos dar,
pois vosso filho prendeu
um cavaleiro de lá,
deixou-o bem amarrado
e se apressou para cá.

RAINHA Que nosso filho prendeu
um cavaleiro de lá?
Que o deixou amarrado
e desabou para cá?!

CORINGA *(ao Rei)* Pois o inimigo prendeu
um cavaleiro de cá
e o deixou bem amarrado
e desabou para lá.

REI Vou ao Muro. Quero ver. *(Coringa faz o Muro.)*
Mil impropérios atiro
ao Povo dos Corações.

RAINHA Os impropérios devolvo
ao Reino dos Espadões.

REI Oh! Ah! Oh! Que atrevimento.

RAINHA Ai, ai, que contentamento!

REI O que a Corte vai dizer?

RAINHA O que veio a suceder.

- REI Convosco, não falo, senhora.
- RAINHA E com quem falais agora?
- REI Vos desejo maldição
sobre o vosso Coração.
Botarei todo o meu gado
para pastar do seu lado.
- RAINHA Pois que venha. Esperarei.
E hás de ver o que farei.
- REI Não vos quero mais ouvir.
- RAINHA Não se aproxime de mim.
- REI Adeus. Me afasto do Muro. (*Sai.*)
- RAINHA Vou espiar pelo furo.
- Olha, sai e o Coringa desfaz o Muro.*

NO CONVENTO

- CORINGA Agora faço de Frade:
ponho capuz e batina,
dou um laço no cordão
e fico a rezar matinas. (*Entra a Dama.*)
- DAMA Senhor Frade, Frei Ramiro,
quero consigo falar.
- FRADE Senhora Dama de Espadas,
que precisais me contar?
- DAMA Quero mandar um recado
a alguém de estimação.

FRADE De quem se trata, senhora?
Pois levarei sem demora.

DAMA Ide ao Palácio de Copas
e ao meu Valete entregai.

FRADE Um bilhete pro Valete?
E o que dirá vosso pai?

DAMA Ide, senhor Frade, agora.

FRADE Vou e volto numa hora.

DAMA Obrigado, Frei Ramiro,
meu frei que tanto admiro.

*Sai o Frade-Coringa. A Dama canta. Entram os outros
e todos cantam.*

DAMA Nas veredas do jardim
brilha o sol e brilha a lua.
Existe também um Muro
que avança e que recua.
Nas veredas do jardim
meu brasão está gravado
e mandei meu coração
nas linhas do meu recado.

ÁS Nas veredas do jardim
um valente me prendeu.

REI Mas com ele, ela se casa.
Afinal, que Rei sou eu?

DAMA Nas veredas do jardim
brilha o sol e brilha a lua.
Espero pela resposta
que virá em carta sua.

RAINHA Nas veredas do jardim
domino todo o reinado.

VALETE Penso no meu Coração
e a Rainha pensa em gado.

REI Nas veredas do jardim...

VALETE Encontrei o meu tesouro.

ÁS Mas já com ela me caso.

RAINHA Vou ao prado ver os touros.

DAMA Nas veredas do jardim
a vida passa ligeira:
pelo verde do gramado,
entre as flores do canteiro.

Saem. Fica o Valete. Entra o Frade.

VALETE O que mandou me dizer?

FRADE O bilhete. Podeis ler.

VALETE Oferta-me o coração
e pede a nossa união.
Cante a brisa pelos campos
que minha amada encontrei.
Nade o peixe dos riachos,
que novos sonhos terei
e brilhem no céu estrelas
que todas elas darei
de presente à minha amada,
que minha amada encontrei.

FRADE Mas vossos pais, inimigos?

VALETE Se tornarão bons amigos
e jamais impedirão
o desejo dos seus filhos.
Tenho um plano já armado
e, se não formos ouvidos,
hoje mesmo partiremos
seguindo novos caminhos.

FRADE O que fareis?

VALETE Esta noite,
quando bater meia-noite,
que ela venha ao pé do Muro
e, aproveitando o escuro,
fugiremos de uma vez.
Ninguém sabe. Só nós três.

FRADE Se descobrirem, seus pais,
sereis castigados. E mais:
talvez termine na luta
que a cada dia se aguça.

VALETE Ninguém nos vence. Juro.
Esta noite, ao pé do Muro,
nosso encontro será feito
com nosso plano perfeito.

FRADE Vou-me então. Vosso recado,
por mais que discorde dele,
transmitirei. Obrigado. (*Saem.*)

NO CASTELO DO REI

REI Levanta, ó Dama airosa!

ÁS Espera-te o Ás Dourado.

REI Tem um escudo amarelo.

ÁS Tem o peito apaixonado.

REI Levanta, Dama faceira.

ÁS Vem comigo passear.

REI Teu Ás é forte e valente.

ÁS E tem poder muscular.

REI Tem dois olhos de bolacha.

ÁS Tem dois lábios de leão.

REI Garboso como um pirata!

ÁS Tem ares de fanfarrão.

REI Levanta, ó Dama formosa:
espera-te o pretendente.

ÁS Cai a noite. Anda. Vem.
Quero ver-te à minha frente.

REI Não demores, filha minha.

ÁS Que morro por esperar.

REI Se demoras, o teu pai
vai lá dentro te buscar.

Cantam.

ÁS Espero a noiva cantando
como canta a jararaca.

- REI Como cantam peixe-boi,
ovelha, tatu e vaca.
- ÁS Espero a noiva dançando
como dança o urubu.
- REI Como dançam lagartixa,
pato, pavão e peru.
- ÁS Espero a noiva sorrindo
com o sorriso do preá.
- REI Com sorriso de baleia,
coelho e tamanduá.
- ÁS Espero a noiva sonhando
como sonha o guaxinim.
- REI Como sonha o tatu-bola,
caranguejo e porco-espim. (*Saem.*)

NO CASTELO DE COPAS

- RAINHA Vinde, vinde, filho meu,
um abraço quero vos dar.
- VALETE Bem não sei o que acontece
pra Rainha me abraçar.
- RAINHA Como não! Sei que prendeste
um heroico cavaleiro
e o amarraste pelas mãos
como qualquer bandoleiro.
- VALETE Mas não fiz isto por mal,
apenas para fugir.

RAINHA E onde estava, meu filho,
precisando escapulir?

VALETE Fui espiar pelo Muro
e atravessei o gramado.
Sem perceber, distraído,
entrei no outro reinado.

RAINHA E o que fizeram?

VALETE Chegou
um valente Ás de Ouros
me chamando pra lutar.
Fechei-me em Copas. As aves
se puseram a gritar.
Prendi o Ás pelas mãos
e saltei depois pra cá.

RAINHA Bem fizeste, filho meu.
Bem fizeste, meu Valete.
Desejo, porém, que prendas
não somente um Ás, mas sete. (*Saem.*)

NO CASTELO DO REI

DAMA Já não consigo esperar.
Dizei-me se foste lá.
Foi entregue o meu recado?

FRADE Frei Ramiro é bem mandado.

DAMA Obrigada, senhor Frei.
Dai-me a resposta e lerei.

FRADE Não trouxe resposta escrita.

DAMA Como não?! Estou perdida?
Não me quis em sua vida?
Fale, fale. Estou aflita.

FRADE Não ficai assim chorando
que ele vos ama cantando.
Trago recado de boca,
apesar da fala rouca.

DAMA O que mandou me dizer?

FRADE Que sofre por não vos ver.
Meia-noite, vos espera
e mais cedo bem quisera.

DAMA Onde? Quando? Em pleno escuro?

FRADE No gramado, ao pé do Muro.

DAMA Senhor Frei, estais seguro?
Meia-noite, ao pé do Muro?

FRADE Com certeza, gentil dama:
é ao Muro que ele vos chama.

DAMA Bravo! Bravo! Lá estarei.

FRADE Mas eu é que não irei.

DAMA E ao chegar, Frei Ramiro,
dizei-me como farei?

FRADE Esperai na escuridão.
Mas cuidado: existe um cão
ladrando na redondeza.
Se o malvado vos atraca,
era uma vez sua beleza.

DAMA Terei cuidado e presteza. (*Saem.*)

MEIA-NOITE, AO PÉ DO MURO

O Coringa faz de Muro. O ator que fazia o Ás passa a fazer o Luar e o Cão.

CORINGA Tiro a batina de frade
e faço o Muro outra vez.
Ponho-me aqui sorridente.
Separo o jardim dos Reis.
Mas o que vejo? Quem vem lá?
Oh, não. Ninguém. É o Luar.

LUAR No jardim das grandes cartas,
aqui estou novamente:
eu, o Luar frio e pálido,
sonhador e indolente.
Trago os meus chifres de bronze
e meu chaveiro do céu;
minha face recoberta
pela prata deste véu.
Mas logo chego e me escondo
atrás do outeiro redondo. (*Sai.*)

CORINGA Foi-se o Luar, e seu clarão.
Ouço vozes. Será o Cão?
Agora, quando os amantes
se aproximam, triunfantes?
Oh, sim. É ele. O Cão,
seguindo faro terrível,
passa por mim e me cheira
em sua obstinação.

Durante o final da fala do Coringa, entra o Cão, faz o que está sendo dito e sai.

Já partiu. Ainda bem,
pois vem a donzela bela
esperar seu namorado. *(Entra a Dama.)*
Como é bela esta donzela!

DAMA Meia-noite. Tenho medo.
O que dará este enredo
se não vier meu amado?
Mas virá. Sei que há de vir.
Se não, que será de mim?
Noite escura como breu!
Que demora, amado meu!
Nem o Luar, luminoso,
aparece fulguroso. *(Entra o Luar.)*
Apareceu o Luar.

LUAR Para outra vez se ocultar. *(Sai.)*

DAMA Ainda bem: vi que estou
ao pé do Muro do amor.

CORINGA Sempre faço essa bobagem,
servindo de confidente.
Algum dia deixarei
de bajular essa gente.

DAMA Não, Muro. Não digas isso.
Tens grande valor histórico.

CORINGA É sim, bem sei. Mas me cansa
esse destino bucólico.

DAMA Ai. Ai. Meu dedo mindinho.
Me machuquei num espinho.

Enxuga o dedo num lenço. O Cão ladra ao longe.

DAMA Por Deus, o que escuto agora?

CORINGA O Cão!

DAMA Oh, estou perdida.

CORINGA O Cão! Foge enquanto
inda há tempo de fugir.

Ao fugir, a Dama deixa cair o lenço. O Cão entra, fareja o lenço e sai perseguindo a Dama. Entra o Valete.

VALETE Atrasado, mas cheguei.
Recua, Muro. Eu passo.
Passei. Bem sei o que faço.

CORINGA Terminada esta missão,
já não precisam de mim.
Desapareço lá dentro
e só depois volto aqui. *(Sai.)*

VALETE Não veio ainda a donzela?!
Noite escura como breu!
Espero neste jardim
como esperava Romeu. *(Ladra o Cão.)*
Ladra o Cão aqui bem perto.
O que vejo? Oh, o lenço
da donzela adorada!
É sangue! Nem sei o que penso.
Talvez o Cão? Cão perverso,
que fizeste à minha amada?
Vou partir à tua procura
nas sombras da madrugada.

Ao correr, deixa cair o chapéu. Entra o Luar.

LUAR Eu, o Luar, vou clarear
o caminho dos amantes. *(Entra a Dama.)*

DAMA Aqui cheguei outra vez.
Era aqui o lugar de antes?
Sim, reconheço. Era aqui.
Mas o que vejo? É o chapéu!
Oh, Luar, clareia mais
a touca do meu donzel.
Foi o Cão, bem sei, foi ele.
Que posso fazer? Gritar?
Não. Não. Nada de grito.
O melhor é desmaiar.

Desmaia. Entra o Valete.

VALETE Não achei. Oh, o que vejo
ali, caído no chão?
É ela, sim, minha linda
donzela e formosa flor.
Mesmo que esteja caída,
reconheço pelo andar,
as bochechas de limão,
seu jeito de melancia
e as covinhas de feijão.
Desmaiou. A mão tão fria!
Dize, Lua, que farei?

LUAR Só faze o que te convém.

VALETE Brigado, Luar tão cândido.
Já sei: desmaio também.

Desmaia. Sai o Luar. Entram Rei e Rainha em planos opostos.

REI Já não sei o que fazer.

RAINHA Já não sei o que pensar.

REI Não a encontrei no palácio.

RAINHA Vim cá fora procurar.

REI Onde anda minha filha
que não consigo encontrar?

RAINHA Que sucedeu ao Valete,
que não sei por onde está? (*Entra o Frade.*)

FRADE Senhor Rei... Dona Rainha...

RAINHA Frei Ramiro saberá?

REI O que fez minha donzela,
onde anda, onde andará?

FRADE Vossa filha, Senhor Rei,
me pediu para casar
com vosso filho, Rainha,
que louco de amor está.

REI Meu trunfo juntar-se a Copas!?

RAINHA Isso não posso deixar.

REI Isso, nunca!

RAINHA Não permito.

FRADE Já não podeis permitir.
A esta hora já vão longe:
apressaram-se em fugir.

REI Vou apanhá-la depressa.

RAINHA Preciso trazê-lo aqui.

Frade vê os dois desmaiados.

FRADE Já não precisam correr.
Vejo os dois aqui, deitados,
e, pelo jeito em que estão,
sonham sonhos, desmaiados. (*Entra o Luar.*)

LUAR Clareio a noite serena,
entrando outra vez em cena.

REI À luz da Lua, o que vejo?

RAINHA Desmaiou. Nem deu-me um beijo.

REI Minha donzela estendida
no jardim. Está sem vida?

RAINHA Frei Ramiro, me ajudai.

REI Ajude este pobre pai.

FRADE Fazei as pazes depressa
e nova vida começa.
Vossa mão... e vosso braço...
Um passo. Agora outro passo.

Para a Dama desmaiada.

E vós, formosa donzela,
acordai, que a vida é bela!
Cheirai desse meu frasquinho.
Também ele há de cheirar.

Ela cheira e acorda.

DAMA O que sinto sobre o rosto?
É a luz do luar de agosto?
E aqui, ao lado, o que vejo?
Não. Não. Meu doce de queijo?!
És tu aí, desmaiado

como um bobo atoleimado?
Anda, acorda. Anda, vai.
Se demoras, vem meu pai.

Frade passa o frasquinho. Valete acorda.

VALETE Amada minha, acordaste!

DAMA Amor, puro amor, voltaste.
Nossos pais estão aí.

VALETE Então temos de fugir.

REI Não precisa, filhos meus.
Já não somos inimigos.

RAINHA Podeis casar qualquer hora
e unir-vos no mesmo abrigo
pois os castelos serão
dois reinos no mesmo chão.

REI Já não há inimizade.
Vinde as roupas, vinde o frade,
e faremos logo, agora,
casamento sem demora.

FINAL DO ESPETÁCULO

Fazem todos a pantomima do casamento enquanto cantam.

REI Faz-se então o casamento.

RAINHA Toque o sino. Venha o Frei
que meu filho já se casa
com a bela filha do Rei.

REI Que grande ventura, a minha,
que esta Dama já se casa
com o Valete da Rainha.

O Coringa faz de Muro.

CORINGA Aqui eu estou novamente.

RAINHA Não precisamos de ti.
Nossos Reinos se encontraram.
Desaparece daqui.

Os amantes apaixonados.

DAMA Tem os lábios de rubim.
Tem bochechas de melão.

VALETE Tem o cheiro do cravim.
Tem as faces de limão.

CORINGA *(ao público)*
Pois aqui já se acabou
a história que vos contei
de Valete, Dama e Ás,
uma Rainha e um Rei,
um Muro de confidente,
um Cão, o Luar, um Frei.

Todos cantam.

Pois aqui já se acabou
a história que vos contei
de Valete, Dama e Ás,
uma Rainha e um Rei,
um Muro de confidente,
um Cão, o Luar, um Frei.
Dizemos então adeus,
cada um por sua vez:

o Valete, a Dama, o Ás
mais a Rainha e o Rei;
o Muro, que está ausente,
o Cão, o Luar, o Frei.

Rio, 1970



OS TRÊS MOSQUETEIROS

Um divertimento de capa e espada

Dedicada a Yumara Rodrigues, atriz que produziu e dirigiu o início da primeira montagem desta peça, no Rio de Janeiro, em 1974. Comovido, o autor agradece.



Terceiro lugar no IV Concurso de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1972.

Personagens

PORTOS

ATOS

ARAMIS

PAI DE DARTANHÃ

DARTANHÃ

POLÔNIO

CONDE TEOBALDO

CARLOTA

A RAINHA

O REI

UM HOMEM NA RUA

UM GUARDA

DUQUE DE GUIZO

CIRANO DE BEGERÁ

O clima geral deve ser de festividade e alegria, quase uma brincadeira.

- PORTOS Um, dois, três,
nós agora somos três.
Nós agora somos três!
- ATOS Meu amigo Aramis,
um Mosqueteiro do Rei.
- ARAMIS Com licença da palavra:
Mosqueteiro da Rainha
e não do Rei.
- ATOS Meu amigo, senhor Portos,
apresente-se. É sua vez.
- PORTOS Só sei dizer um, dois, três.
É só o que sei dizer.
Dizer que agora somos três.
- ARAMIS Dizer que agora somos três!?
É só o que sabe dizer?
Será possível, meu amigo,
que saiba dizer só isso?
Então deve ficar calado,
e deixe para abrir a boca
somente no fim do mês.
- ARAMIS Decisão tomada,
a grande decisão dos três:
o nosso amigo Mosqueteiro
senhor Portos dos Anzóis Pereira
tem licença pra falar
somente de mês em mês.
- PORTOS Mas...

- ARAMIS Não tem mais
nem tem senão
- ATOS Ficar mudo é a sua obrigação.
- ARAMIS Façamos então juramento.
- ATOS Um juramento solene
como convém (como convinha)
aos Mosqueteiros da Rainha.
- ARAMIS Pegue a espada, senhor.
E pegue as cores do reino.
- ATOS Ajoelha-te.
- PORTOS Ajoelhado estou.
- ARAMIS Falar não podes...
- PORTOS Falar não podes...
- ATOS Posso.
- PORTOS Posso.
- ARAMIS Mosqueteiro da Rainha.
- PORTOS Mosqueteiro da Rainha.
- ARAMIS Para evitar que aconteça
uma bobeira bobinha.
- PORTOS Para evitar que aconteça...
Um, dois, três,
nós agora somos três.
- ATOS Não!!!

- ARAMIS Deixa, deixa.
Já prestou o juramento.
Agora tem de cumprir.
Seguindo a todo momento
muito à risca o juramento.
- ATOS Pois agora, o que faremos?
- ARAMIS (*a Portos*) Ficarás encarregado
de limpar as nossas armas:
o mosquete e as espadas
bem brilhantes
bem lavadas.
(*a Atos*) Você cuidará das roupas.
Nossos trajes preparados,
bem limpinhos
bem passados
e eu cuidarei dos caminhos:
de saber por onde vamos,
pois devemos chegar cedo,
pois devemos chegar logo
ao Palácio da Rainha.
- ATOS Ah! É isso?
Cuida ele das espadas?
Eu fico lavando as roupas
e você cuida só de olhar estradas?
- PORTOS Quer dizer...
- ARAMIS Dizer não pode.
Não pode dizer nada.
- ATOS Mas eu posso.
- ARAMIS Fez juramento também?
- ATOS Eu não.

ARAMIS Então pode.

ATOS Ele dá as armas. Certo?

ARAMIS Certo.

Portos faz que sim, querendo falar, mas não deixam.

ATOS Eu... das roupas. Certo?

Portos tenta falar, não deixam. Concorda.

ATOS E você... dos cavalos. Certo?

Atos e Portos riem e concordam juntos.

ATOS Quando chegarmos a uma taberna,
a qualquer hora do dia
ou qualquer hora da noite,
você trata de descansar os cavalos...
de dar comida aos cavalos...

PORTOS ... e de dar banho nos cavalos.

ARAMIS *(a Portos)* Eh...

ATOS Escovar os dentes dos cavalos.
E então?

ARAMIS Tá bem. Vá lá.
Mas quem fica atento à estrada?

PORTOS Os três.

ATOS Claro. Falou bonito.
Os três.
Os três Mosqueteiros do Rei.

ARAMIS Então vamos. Vamos logo.
 Correr solto nos caminhos
 à procura do palácio
 onde mora uma senhora
 — Sua Majestade — a Rainha.
 Nossas roupas estão bem?

Atos verifica as roupas de cada um.

ATOS Estão bem prontas,
 mais que prontas todas três.

ARAMIS Faltam as túnicas douradas
 com as cruzes no centro bordadas.

Atos veste as dalmáticas em cada um.

ATOS Pronto. Aqui estão.
 E as armas, preparadas?

ARAMIS Vai buscar nossas espadas.

Portos distribui as espadas.

PORTOS Uma, duas, três.
 Cada um por sua vez.

ATOS Aramis...

ARAMIS O quê?

ATOS Em que lugar você nasceu?

ARAMIS Espanha. Porto de Palos.
 Três de março. 1492.

PORTOS E o que falta, pra rimar com Palos?

ARAMIS Estão prontos na soleira. Os cavalos.

ATOS Pois então vamos embora.
Vamos. Vamos. Tá na hora.

ARAMIS Pelos caminhos do mundo,
cumprindo à risca nossa lei.

ATOS Para isso é que nós somos...

PORTOS Um... dois... três...

TODOS Os Mosqueteiros do Rei.

CANÇÃO DOS MOSQUETEIROS

Pelos campos
pelas campinas
nas estradas nossa lei
vamos indo
cavalgando
os Mosqueteiros do Rei.
Ao Palácio da Rainha
bem depressa queremos chegar.
Na cintura nossa espada
e no peito a grande cruz
vamos indo pela estrada
vamos indo
vamos indo
vamos indo pela estrada.

Bom dia, senhor passarinho!
Como vai a senhora,
florzinha cheirosa dos campos?

Bigode afiado
barbicha espetando

o corpo agitado
 coração suspirando
 vamos indo vamos indo
 carregando a nossa lei
 vamos indo
 vamos indo
 os Mosqueteiros do Rei.

NA CASA DE DARTANHÃ

PAI Dartanhã! Dartanhã!
 Adonde, onde se meteu
 o meu filho Dartanhã?
 Não o vejo desde cedo
 nem o vi pela manhã.

DARTANHÃ Aqui estou: o vosso filho.
 Pele morena e brejeiro.
 Dedicado no trabalho.
 Trabalhando o dia inteiro.

PAI O que fazia? E por que
 não responde quando chamo?

DARTANHÃ Se chamou, eu não ouvi.
 Se ouvi, não escutei.

PAI Derrubou madeira no mato?

DARTANHÃ Não existe pau no mato
 que eu não tenha derrubado.

PAI E as vigas? Fez as vigas do telhado?

DARTANHÃ Todas prontas, preparadas,
 colocadas no celeiro.

PAI E por que fez tudo
assim tão rápido
e fez tudo tão depressa?

DARTANHÃ Quero ter uma conversa
com meu pai. Aqui. Agora.

PAI Fale, então, que eu te escuto.
Para um filho trabalhador
fico calado e escuto.

DARTANHÃ Já morei por muito tempo
nesta casa com o senhor.
Agora que tenho maioria
peço permissão
para sair e correr mundo
levando a vossa bênção.

PAI Falou bem. Falou bonito.
Mas o que pensa fazer
o meu filho pelo mundo?

DARTANHÃ Quero correr as estradas.
Sentir o cheiro do vento.
Enfrentar mil aventuras
a toda hora e momento.
Quero ser o que bem quero,
o que eu gosto e já bem sei:
empunhar uma espada
pela defesa do Rei.

PAI Tem a bênção, Dartanhã.
Tem a bênção do seu pai,
pois vais ser o que eu quis
e nunca fui nem serei,
pois meu pai não me deixou
ser Mosqueteiro do Rei.
Toma as vestes que eu fiz,

que eu fiz e não usei.
 Toma a espada
 que mantive por muitos anos,
 que mantive e não portei.
 Assim,
 bonito, elegante,
 serás o que eu sempre quis:
 um Mosqueteiro do Rei.

DARTANHÃ Com estas roupas
 já me sinto cavaleiro.
 Com esta espada
 já me sinto muito mais:
 já me sinto um Mosqueteiro.

PAI Agora parte.
 Anda. Vai.
 Segue com a bênção dos céus.
 Apresenta-te à Rainha
 e serve a ela e ao Rei.
 Sê feliz e obediente,
 desconfiado e sagaz.
 Cada luta que venceres,
 dedica a teus velhos amigos,
 ao povo da tua terra
 e sobretudo a teus pais.
 Dá-me um abraço.
 Agora, anda.
 Vai.

DARTANHÃ Adeus meu pai.
 Voltarei para te ver
 mesmo que viaje o ano inteiro.
 Aqui prometo e aqui juro
 que haverás de ver
 o teu filho Mosqueteiro.

Abraços. Saem por lados diferentes.

NA ESTRADA

ARAMIS Alto!

ATOS Vem alguém.

PORTOS Quem vem lá?

DARTANHÃ *(de dentro)* Isso pergunto eu. Quem vem lá?

ARAMIS Vem. Vem alguém.

ATOS E quem será?

PORTOS E quem será?

DARTANHÃ Peço caminho e quero passar.

ARAMIS Se for de bem, caminho terá.

ATOS Se for de mal,
meu amigo,
pode ficar por lá,
porque você é um só
e aqui somos três.

DARTANHÃ *(entrando)* São três?
Mas quem são vocês?

PORTOS Os Mosqueteiros do Rei.

Dartanhã faz mil mesuras, desculpando-se.

DARTANHÃ Do Rei?
Os três?!
Mil perdões pelo atrevimento
de um jovem que também pretende
entrar ao serviço do Rei.

Digo melhor, da Rainha,
que a ela honro ainda mais.

ARAMIS Isso nos agrada. És de paz.

DARTANHÃ Isso a mim me agrada mais.

ATOS Então pretendes lutar
pela defesa do Reino?
E qual teu nome?
E de onde vens? Por onde veio?

Portos tenta falar; não deixam.

DARTANHÃ Pelo caminho do meio.
Meu nome é Dartanhã.
Morava
com meus pais
lá onde corre um veio d'água
descido do alto de uma serra.
Lá onde as matas têm árvores altíssimas
e dão boa madeira:
peroba, cedro, pinho,
e carvalho e aroeira.
Minha casa fica no meio do mato
numa clareira e, de manhã cedo,
se escuta uma zoeira
de pássaros cantando:
coneriz, curió, bem-te-vi,
pintassilgo, xexéu e juriti.

PORTOS Mas que lugar bonito!
Podemos ir até lá?

ATOS Bico calado. Não podes falar.

DARTANHÃ Não pode falar?

ARAMIS Falar não pode.
Sempre que fala, diz o que não deve.
Como agora.
Estamos indo visitar a Rainha.
Como é que pensa, então,
em desviar o caminho
e passar férias em sua casa?

DARTANHÃ Também vou ver a Rainha.

PORTOS Mas ele pode ir com a gente.

DARTANHÃ Posso?

Aramis belisca Portos. Portos grita.

ARAMIS Bem...

PORTOS Claro que pode.

DARTANHÃ Mas não quero importunar.

ARAMIS Vamos ver. Precisamos antes conversar... os três.

Afastam-se. Pantomima dos três conversando. Portos a favor. Os dois, indecisos, aos poucos vão cedendo. Portos muito alegre. Voltam.

DARTANHÃ Então? Resolveram?
Sim? Não?

ARAMIS Depois de muito pensar...

ATOS Depois de muito medir...

PORTOS Resolvemos que sim.

DARTANHÃ Urrah!

Abraça Portos.

ARAMIS Mas, porém, tem um senão.

ATOS É. Tem um pequeno senão.

ARAMIS Precisamos de uma prova.

ATOS Alguma coisa que nos faça
confiar mesmo em você.

Toque de fanfarras.

PORTOS Vem alguém.

ATOS Quem vem lá? (*Entram Teobaldo e Polônio, numa
caçada.*)

TEOBALDO Anda, Polônio,
são quatro camponeses.

POLÔNIO Podemos curtir com a cara deles.

TEOBALDO Claro que sim.

POLÔNIO Aquele parece que nunca teve mãe.
Este nasceu sem boca
e a enfermeira fez uma com a faca.

TEOBALDO Olha só, Polônio,
a roupa dessezinho!

POLÔNIO Mil remendos
de ponta a ponta.
Mil remendos!

DARTANHÃ Afastai-vos, senhores.
Afastai-vos.

E preparai vossas espadinhas
porque agora vão bater-se com um Mosqueteiro
da Rainha.

Teobaldo e Polônio riem.

Vocês me esperem aí,
muito quietinhos,
que logo darei um jeito nesses dois bonequinhos.
Olhem só
como é empoada essa cara de almofadinha!
E a barbicha
que este usa, parecendo um mandarim!
Um esbregue é o que merece
para jamais falar assim
com gente que não conhece.

POLÔNIO O camponês me irrita, Teobaldo.

TEOBALDO O camponês me agride, Polônio.

DARTANHÃ Olhem só como é dourada
a fivela que este usa.
Até parece de ouro, mas é falsificada.

TEOBALDO Ah!

DARTANHÃ E as polainas de verniz
deste frangote mais velho:
passou a noite inteira
engraxando, pra brilhar.

POLÔNIO Oh!

*Dartanhã luta esgrima com os dois. Portos torce.
Atos e Aramis atentos. Dartanhã desarma os dois ao
mesmo tempo. Portos ri. Aramis e Atos aplaudem.
Dartanhã brinca, ameaçando ferir os cortesãos.*

DARTANHÃ Uma corda.

Portos dá-lhe uma corda e ajuda Dartanhã a amarrá-los, sentados, um de costas pro outro.

ARAMIS Bravo, Dartanhã!

ATOS Nós é que não sabemos
se merecemos a sua companhia.

PORTOS Luta demais!

ATOS Bate-se com classe!

PORTOS Viu o golpe de oitava?

DARTANHÃ Posso seguir com vocês?

ARAMIS Claro que pode.

PORTOS Claro que pode; claro que sim.

DARTANHÃ Só que agora deixarão de ser só três.

ATOS Não.
Continuamos sendo três... mais um:
os Mosqueteiros do Rei.

DARTANHÃ Então: ao Palácio da Rainha!

PORTOS Ao Palácio!

CANÇÃO DOS QUATRO

Esta noite
vamos todos, vamos lá.
Esta noite chegaremos

antes do sol clarear.
Antes bem da madrugada,
quando o sol já se avizinha
chegaremos ao Palácio
chegaremos ao Palácio
ao Palácio da Rainha.

NO PALÁCIO. MÚSICA PARA O REI E A RAINHA.

CARLOTA Majestade.

RAINHA Fala depressa, Carlota.

CARLOTA O Rei.

REI (*chegando*) Então? Resolveu?

RAINHA Pensei, pensei e nada.

REI Pois hoje, não sei por quê,
algo me diz
que boa coisa não vai acontecer.

RAINHA E o Duque de Guizo?

REI Por aí. Tramando as suas tramas.

RAINHA Tenho medo que ele saiba
e mande urgente
algum homem à nossa frente
e roube de nós o colar.

REI Ele já sabe,
mas nem se preocupe.
Isto nem deves pensar,
pois ao baile te asseguro
que irás com o colar.

RAINHA Diz a prima que são esmeraldas.

REI Verdes como os teus olhos!

RAINHA Diz a prima que são belas.

REI Muito mais são os teus olhos!

RAINHA Preciso usá-lo.

REI Te afirmo que usarás.

RAINHA Mas como? Quem irá buscá-lo?
Não podemos confiar nesses nossos Mosqueteiros.

REI Daremos um jeito.
Moverei o céu, a terra.
Alguém corajoso há de existir pelo Reino.

RAINHA Pessoa de confiança?

REI É nossa grande esperança.
Fica tranquila. Não precisas te preocupar.
Antes do baile teremos
em nossas mãos o colar.

NUMA RUA DA CIDADE

ARAMIS Tanta gente pelas ruas
Paris é uma grande cidade!
Nem se sabe por onde andar.

ATOS Vamos em frente

DARTANHÃ Vou perguntar.

ARAMIS Ei, você.

HOMEM Quer o quê?

ARAMIS O Palácio.

HOMEM Ah, quer o Palácio!
Coisa fácil de querer.

DARTANHÃ O caminho.

HOMEM O caminho da prisão é mais fácil de aprender.

ARAMIS *(Aberturando o Homem.)*
O caminho do Palácio
É o que queremos saber

HOMEM Guardas! Guardas! *(Entra um Guarda.)*
Estes homens, assaltantes
querendo me assaltar.

O Guarda investe contra Aramis que, de repente, se vê sendo levado preso. Saem. Os outros três se olham espantados. Dartanhã corre atrás do Guarda e de Aramis.

DARTANHÃ Em guarda!

ATOS Vamos também, que chegaram os outros guardas.

Saem todos. Som de espadas batendo-se. Reaparecem os quatro, embainhando as espadas.

ARAMIS Começamos bem.

PORTOS Pra eles aprenderem. Mas eram oito!

ATOS Pelo menos estamos em forma.

PORTOS Um por todos!

OS QUATRO Todos por um!!!

DARTANHÃ Adiante! (*Saem.*)

EM CASA DE POLÔNIO

CARLOTA O que aconteceu, meu pai?

POLÔNIO Uns idiotas!

CARLOTA O que fizeram, meu pai?

POLÔNIO Eu caçava com Teobaldo,
numa curva da estrada.
Encontramos quatro camponeses
vestidos de Mosqueteiros do Rei
e nos injuriaram
e um deles, o mais moço,
veio lutar com a gente
enquanto os outros riam.

CARLOTA Um só contra você e Teobaldo?

POLÔNIO Um só.

CARLOTA Que logo foi vencido?

POLÔNIO Que logo nos venceu.

CARLOTA Venceu você
e venceu Teobaldo?

POLÔNIO Batia-se como jamais
vi alguém bater-se
em todo o reino.

CARLOTA É ele!!!

POLÔNIO O quê?

CARLOTA Nada. *(aparte)* O homem que precisamos.
E para onde foram?
Pra onde se dirigiam?

POLÔNIO Para cá. Diziam
que precisavam apresentar-se à Rainha, sem demora.

CARLOTA À Rainha? E sem demora?
(aparte) Mas é o homem que procuramos.
Um minuto, meu pai.
(aparte) Vou avisar à Rainha. *(Saem.)*

NO CASTELO DO DUQUE DE GUIZO

GUIZO Preciso evitar...

TEOBALDO Precisamos.

GUIZO Que o colar chegue às mãos da Rainha.

TEOBALDO Às mãos da Rainha.

GUIZO Mas o que fazer? Como impedir?

TEOBALDO Como, meu caro Duque de Guizo?

GUIZO Por certo
o Rei contratou os melhores homens do Reino.

TEOBALDO A viagem é longa.
Mil coisas poderão acontecer pelas estradas.
Mil investidas, milhões de emboscadas.

GUIZO É verdade.

- TEOBALDO Contratemos alguém esperto
que consiga chegar primeiro,
falar com a Princesa Isabel
e trazer o colar inteiro.
- GUIZO Isso.
 Minha mulher tem de usar o colar
 no próprio baile que o Rei vai dar.
- TEOBALDO No próprio baile.
- GUIZO Mas quem?
- TEOBALDO Conheço alguém.
 Homem terrível. Um valentão.
 Astuto e sagaz como ninguém.
- GUIZO Sabe bater-se?
- TEOBALDO Bate-se bem.
- GUIZO Astuto, sagaz, corajoso?
- TEOBALDO Tranquilo, perfeito e astucioso.
- GUIZO Podemos confiar?
- TEOBALDO Ninguém melhor.
- GUIZO Vai buscá-lo, Teobaldo. Anda, vai buscar.
 Espera.
 E como se chama
 esse incrível espadachim?
- TEOBALDO Tem um nome meio ruim.
 Mas é bom de lutar.
- GUIZO Como se chama?

TEOBALDO Cirano. Cirano de Begerá.

GUIZO Lindo nome
para o homem
que vai trazer o colar. (*Saem.*)

NO PALÁCIO

CARLOTA Majestade...

RAINHA Fala depressa, Carlota.

CARLOTA Encontrei.

RAINHA O quê? Quem?

CARLOTA O homem que procuramos.

RAINHA Onde? Quem é?

CARLOTA Um homem que lutou
com meu pai e o Conde Teobaldo
ao mesmo tempo.

RAINHA Mas foi vencido?

CARLOTA Não, Majestade. Venceu.

RAINHA É este. Como encontrá-lo?
Vasculhemos tudo até achá-lo.

CARLOTA Estavam na estrada,
vindo para cá,
dizendo que só queriam
a serviço da Rainha ficar.

- RAINHA Ao meu serviço?
É um enviado dos céus.
- CARLOTA São quatro, majestade.
- RAINHA Mentira!
- CARLOTA Verdade! Toda a verdade.
- RAINHA E como encontrá-los?
Depressa. Sem demora.
- CARLOTA Pela maneira como falaram,
não ficarão tranquilos
até falar com a senhora.
- RAINHA Esperar?
- CARLOTA É só o que nos cabe.
Depois, Majestade, teremos o colar.
- RAINHA Fica aí.
Vou avisar ao Rei. *(Sai.)*
- CARLOTA E já desconfio
que alguma coisa importante
vai então acontecer.
Esse jovem espadachim!
Herói? Amor? Amante? *(Entra o Conde Teobaldo.)*
- TEOBALDO Falando de mim?
- CARLOTA Senhor Conde!
- TEOBALDO Pra que essa reverência, pra quê?
- CARLOTA Sois um Conde... e eu, uma camareira.

TEOBALDO Mas eu gosto de você.

CARLOTA Não diga bobagem. Não fale assim.

TEOBALDO O que devo falar então?

CARLOTA Que gosta de alguma condessa.
Gente importante.
Quem sabe uma viscondessa.

TEOBALDO Perto de você fico tranquilo.
Fico mais calmo e sereno.
Sobretudo hoje,
quando as coisas andam bem.

CARLOTA Pra você as coisas sempre andam bem.

TEOBALDO Mas hoje estou contente, mais do que nunca.

CARLOTA Alguma coisa importante?

TEOBALDO Um segredo. Um segredo dentro da Corte.

CARLOTA Que não se pode saber?

TEOBALDO Não. Você é do lado da Rainha.

CARLOTA Sou apenas uma criada.
Não me importo com a sua vida.
Antes, me importa a minha.

TEOBALDO Se deixar que eu beije a sua mão, eu conto.

CARLOTA E se não contar?

TEOBALDO Dou a minha palavra.

- CARLOTA Está bem. Vá lá.
Mas primeiro quero o segredo.
- TEOBALDO Ninguém escuta?
Aqui até as paredes dão medo.
- Escuta:
a Rainha quer o colar
que sua prima, a Princesa Isabel, lhe ofereceu.
- CARLOTA Um colar de esmeraldas
que um certo Fernão Dias Paes Leme
preparou com todo cuidado?
- TEOBALDO Esse mesmo. Pois bem.
Eu e o Duque
queremos que a Duquesa use primeiro o tal colar
e, para isso, contratamos
um terrível espadachim: Cirano de Begerá.
- CARLOTA Um valentão?
- TEOBALDO Tem a força de um gigante e a astúcia de um anão.
- CARLOTA Meu Deus!
- TEOBALDO Que se passa?
- CARLOTA A Rainha me chama. Preciso entrar.
- TEOBALDO E o beijo?
- CARLOTA De outra vez.
Quando trouxer melhor segredo. *(Ela foge. Ele sai.)*

NOUTRO LUGAR DO PALÁCIO

REI *(a um Guarda)* Anda. Vai chamar todos os guardas e procurem por toda parte quatro camponeses assim-assim; os quatro camponeses que são quatro espadachins.

NOUTRO LUGAR DO PALÁCIO

RAINHA Ah, é isso?
E como se chama o homem que o Duque de Guizo acaba de contratar?

CARLOTA Tem um nome muito estranho.
Cirano de Begerá.

NO PÁTIO DO PALÁCIO

Som de espadas batendo-se.

CARLOTA Meu Deus, quem são?

VOZ *(de fora)* São uns camponeses malandros.

CARLOTA Camponeses! Gente dos campos!
E lutam bem?

VOZ Lutam contra vinte e vencem.
Lutam como ninguém!

CARLOTA São eles!
Mosqueteiros do meu senhor,
parem a luta depressa.
Parem tudo, por favor.
Parem. Não é por vontade minha.

É uma ordem mais alta,
um pedido da Rainha.

Para o som das espadas. Entra Dartanhã.

DARTANHÃ Um pedido da Rainha?

CARLOTA Sim. Um pedido.

Dartanhã chama os outros. Eles chegam.

DARTANHÃ É a ela que procuramos.

CARLOTA Pra que é que procuram a Rainha?

PORTOS Para servi-la.

ATOS Chegamos de longe.

CARLOTA Pela estrada
encontraram dois homens:
um velho e outro mais moço?
E se bateram com eles?

ARAMIS Não todos. Somente um.

CARLOTA *(a Dartanhã)* Você? És um espadachim?

DARTANHÃ Os quatro. Todos nós lutamos bem.

CARLOTA Então
venham comigo. E sem demora.
Vou levá-los à Rainha, minha senhora.

MOSQUETEIROS Urrah!!!

PORTOS Mas eu estou bem?
O meu cabelo, a minha roupa?

Para ver uma rainha
toda elegância é pouca.

CARLOTA Venham. Venham.
Não há tempo pra perder.
Há uma missão importante
com uma ordem a cumprir: vencer. *(Saem.)*

NO CASTELO DO DUQUE DE GUIZO

GUIZO Então?

TEOBALDO Acaba de chegar
o homem que contratamos:
Cirano de Begerá

Entrada fantástica do Cirano de Begerá.

CIRANO Senhor Duque! Senhor Conde!

GUIZO Estava ansioso
esperando a sua chegada.
Te encarrego, neste instante,
da missão mais importante
que se possa imaginar.
Vem comigo. Vou explicar. *(Saem.)*

NO PALÁCIO

CARLOTA Majestade.

RAINHA Fala depressa, Carlota.

CARLOTA Chegaram. Estão aí.

- RAINHA Vai, Carlota.
Espera. Ajeita no meu vestido esta bolota.
Agora vai e volta correndo.
- Carlota sai e volta logo.*
- CARLOTA Majestade,
quatro homens de valor,
espadachins de verdade!
Já venceram Robin Hood,
Escaramuche,
Grande Otelo e até o Conde de Monte Cristo.
Este se chama...
- ARAMIS Aramis, nobre Rainha.
Aramis: sobrinho do Capitão de Castela
e afilhado de Guilherme Tell...
- CARLOTA Braços ágeis; punho seguro.
Homem de raça; alimentado a pastel.
- RAINHA Muito prazer meu senhor.
Logo, logo, estarás servindo
entre os meus homens de valor.
E o seguinte, Carlota?
- CARLOTA Ah, temos aqui...
- ATOS Atos, nobre Rainha.
Atos: filho dos Deuses do Vento.
Minha espada é mais veloz
do que o próprio pensamento.
- RAINHA Muito prazer, cavaleiro.
Logo, logo, estarás sendo
um valente Mosqueteiro.
E o seguinte, Carlota?

- CARLOTA O mais calado de todos.
- PORTOS Portos, Majestade verdadeira.
Este é meu nome completo:
Portos Segundo de Capitão Blood
e dos Anzóis Pereira.
- RAINHA Muito prazer, Seu Anzóis.
Logo, logo, quero vê-lo
coberto de glórias e sóis.
Mas falta o outro, Carlota.
- CARLOTA Dartanhã,
senhora minha. O mais jovem
e mais esperto.
Com ele, vossa missão
tranquilamente dá certo.
- RAINHA Dartanhã! Um belo nome!
Se escreve com *n* ou *til*?
- DARTANHÃ Não, Majestade. Nem com *n*
nem com *til*.
Escreve-se com *Dê*.
Dê de dentista e divindade,
dureza, delírio e danação,
donzela, destróier, desintegração.
- RAINHA Viste, Carlota,
como Dartanhã é engraçado?
Agora, venham comigo.
Vou lhes falar da missão secreta e difícil
que irão por mim enfrentar. (*Saem.*)

NO CASTELO DO DUQUE DE GUIZO

GUIZO Compreendeste tudo?

- CIRANO Tranquilo, senhor Duque de Guizo.
Se preocupe, não.
Quando menos esperar
tem a joia em sua mão.
- TEOBALDO Mesmo que sejam cinco homens
os enviados da Rainha?
- CIRANO Mesmo
que sejam cinco homens os enviados da Rainha.
- GUIZO Mesmo que sejam adestrados e ágeis e corajosos
esses homens da Rainha?
- CIRANO Mesmo
que sejam adestrados e ágeis e corajosos
esses homens da Rainha.
- GUIZO Toma.
Este papel é salvo-conduto.
Com ele terá passagem livre
por todas as estradas
e por todos os caminhos.
Dá-lhe o guizo, Teobaldo.
- CIRANO Um guizo?
- TEOBALDO É sinete e amuleto
da nobre família do Duque de Guizo.
- GUIZO Ninguém
nunca teve mais sorte do que nós.
Meu sinete vem dos nossos ancestrais:
foi usado por meu avô,
o Visconde de Minas Gerais,
por meu tio D. João Sexto,
que mora longe daqui,

e por Dona Leopoldina do Brasil,
mãe da Imperatriz do Piauí.

CIRANO Então, agora,
mãos à obra. Mãos à obra!
Muito antes do que podeis pensar
volto aqui trazendo o colar.

GUIZO Ah!
E como vou rir, na noite do baile:
a Rainha com a cara de lambisgoia
e minha mulher, bela duquesa,
usando a mais rara das joias!

CIRANO Bom. Até a volta.
Vou planejar as emboscadas.
Dentro da noite
são mais sinistras as ciladas. (*Saem.*)

NO PALÁCIO

RAINHA Tudo certo é explicado tudo?
Podeis partir.
Minha prima, a Princesa Isabel
vos espera,
e só a vós há de entregar
o meu presente,
a minha joia, o meu colar.

ARAMIS Levo comigo o salvo-conduto.

ATOS No meu bolso levo a identificação.

PORTOS Eu, no punho, carrego tudo:
vossa mensagem, o dinheiro e o cartão.

CARLOTA E você, Dartanhã,
o que vai levando pela estrada?

DARTANHÃ Levo a bravura e a espada
mais a astúcia de guerreiro.
Levo teus olhos no peito
e o teu coração inteiro.
Deixo meus olhos contigo
e o meu espírito de Mosqueteiro.

CARLOTA Ah, como estou lisonjeada!
Leva também meus suspiros
de donzela enamorada.

RAINHA Agora, a última explicação.
Meus inimigos
querem impedir que eu receba o colar,
então contrataram um malfeitor
chamado Cirano de Begerá.
Tomem cuidado com ele.
Muito cuidado e atenção,
pois quem virou malfeitor
não pensa mais com a razão;
pensa somente no mal
e vendeu o coração.

CANÇÃO DAS DESPEDIDAS

MOSQUETEIROS Bem sabemos. Bem sabemos
como trazer o colar
e também o que faremos
ao incrível bandidão
Cirano de Begerá

RAINHA Por favor, aí, por favor,
sede atentos, cavaleiros.

CARLOTA Ponho em jogo o coração.

RAINHA Ide em paz, ai, ide em paz,
meus queridos Mosqueteiros.

MOSQUETEIROS Adeus, Rainha, adeus.
Adeus, Palácio de cá.
Vamos partir pelos campos
e em breve voltaremos
trazendo o lindo colar.
Trazendo o lindo colar.
Trazendo o lindo colar. (*Saem.*)

NUMA ESTRADA

CIRANO De tudo
já me informei. Estou sabendo
que são quatro mosqueteiros
e a todos quatro vencerei.
Conheço bem os caminhos,
os atalhos e alamedas.
Quando menos esperarem,
eu atacarei.
Usando mil artifícios,
usando mil emboscadas,
pois pra isso bem conheço
o caminho e as estradas.

Sai. Entram os Mosqueteiros.

ARAMIS Estamos quase chegando
e nada ainda aconteceu.

ATOS Não podemos pensar
que seja tão fácil assim.

DARTANHÃ Talvez esteja esperando,
o tal Cirano de Begerá,
que a gente receba a joia
para depois vir tomar.

ARAMIS Pois faremos o seguinte:
quando tivermos o colar
e aparecer algum perigo,
sempre fica um
lutando contra o Cirano,
enquanto os outros se adiantam.
Assim enganaremos o bandido Begerá
e em breve entregaremos à Rainha o colar. (*Saem.
Entra o Cirano.*)

DIANTE DO PALÁCIO DA PRINCESA ISABEL

CIRANO Aqui estou, diante do Palácio
da Princesa Isabel.
Fiz muito bem
o serviço de espionagem,
pois sei que já receberam o colar
das mãos da Princesa.
Agora espero que saiam do Palácio
e começo a perseguição.
Pronto. Aí vêm eles.
Boa sorte, Cirano, e muita imaginação.
Ah, estão olhando o colar!
Ficou nas mãos do mais baixo.
Muito bem.
Vai ser mais fácil do que pensei.

Afasta-se e se esconde. Entram os Mosqueteiros.

ARAMIS Tudo entendido?
Então podemos partir.

CIRANO Um momento, senhores.
Quero um pouco de atenção.

Sem que Cirano veja, Atos passa o colar para Portos.

DARTANHÃ O que deseja, narigudo?

CIRANO Narigudo!?
Pois bem. Já-já eu faço tudo.
Podem ir embora vocês três. Vão andando.
Quero mais com este senhor.

PORTOS Não é com a gente. Vamos embora, por favor. *(Saem os três.)*

CIRANO Mas são uns bobos, covardes de tudo.
Deixaram você sozinho.

ATOS Pois em guarda, narigudo.

Lutam. Atos faz mil passes cômicos ridicularizando Cirano, mas, num lance, cai e é ameaçado por ele.

CIRANO Ah-ah... agora entrega.

ATOS O quê?

CIRANO Bem sabes, o colar.

ATOS O colar? Portos levou. E agora está bem longe.

CIRANO Mentira. Bem vi quando você guardou.

Revista Atos e não encontra nada.

CIRANO Maldito! Mas logo o apanho porque vou por um atalho.

Sai. Atos ri, ri, ajeita-se e sai.

NUMA ESTRADA

CIRANO Cheguei primeiro. Aí vêm eles.

Entram os três Mosqueteiros.

CIRANO Calma, senhores.
Quem se chama Portos dos três?

ARAMIS Portos dos Anzóis Pereira.

DARTANHÃ Vamos embora. *(Foge com Portos, deixando Aramis.)*

CIRANO Em guarda!

ARAMIS Em guarda!

Entra música. Repetição em velocidade mais rápida da luta anterior. Cirano derruba Aramis. Repetição do mesmo diálogo entre Cirano e Atos, mas agora sem as palavras; só os gestos e expressões. Cirano sai furioso. Aramis fica rindo e sai.

OUTRO RECANTO DE ESTRADA

CIRANO Conheço bem os caminhos, rá-rá.
Pelo atalho que tomei
foi bem fácil chegar aqui nesta pedreira
muito antes deles.
Agora que vêm chegando
já sei o que vou usar.

Desaparece. Chegam Portos e Dartanhã.

PORTOS Isso aqui não anda bem.

DARTANHÃ Este lugar me cheira mal.

PORTOS Parece um canto mal-assombrado.
Toma. Qualquer coisa desaparece com o colar.
Trouxe outra caixa comigo.
É por esta que ele vai lutar.

DARTANHÃ Mais um dia de viagem
e chegaremos ao Palácio.

Escurece.

PORTOS Mais cuidado. Já é noite, pela frente.

DARTANHÃ É. Escureceu de repente.

Cirano, escondido, solta um longo gemido.

DARTANHÃ Vamos embora.

PORTOS Parece assombração.

Cirano dá outro gemido. Aparece encapuçado. Os dois estremecem.

CIRANO Eu sou uma assombração
e só largo vocês dois
quando me derem um presente,
qualquer coisa de valor
que um de vocês tem na mão.

Os dois compreendem.

DARTANHÃ Serve uma espada?

CIRANO Não. Mais valioso.

PORTOS *(como se estivesse tremendo de medo)*
Uma joia. Uma joia de valor?

CIRANO Passe pra cá. Serve sim.
Onde está? Em sua mão?

PORTOS Sim. Venha buscar,
senhora assombração.

Cirano vai a Portos e Dartanhã aproveita e foge, mostrando a outra caixa ao público. Portos brinca de esconder. Por fim, Cirano o apanha e toma a caixa. Portos foge.

CIRANO Pronto. Consegui.
Melhor a astúcia que a espada.
Agora vamos depressa
levar ao Duque a bela joia conquistada. *(Sai.)*

NO CASTELO DE GUIZO

POLÔNIO Enfim chegou.

CIRANO Vitorioso.

POLÔNIO Trouxe? O Duque ficará orgulhoso.

CIRANO Quero ver o senhor Duque mais o Conde.

POLÔNIO Vá correndo, logo ali, depois do corredor. *(Saem.)*

NA CASA DE POLÔNIO

POLÔNIO Boa notícia, minha filha,
que boa notícia te trago.

CARLOTA Que coisa tão importante
deixa meu pai assim contente?
Vou logo avisar a Rainha. *(Saem.)*

NO CASTELO DO DUQUE DE GUIZO

GUIZO Conseguiu?

CIRANO Tranquilo, meu senhor.

TEOBALDO Onde está?

CIRANO Aqui comigo. *(Entrega a caixa.)*

GUIZO Serás bem recompensado.

*Guizo abre a caixa e pula de dentro uma “surpresa”;
um bichinho de molas, uma bombinha que estoura,
ou qualquer outra coisa assim.*

GUIZO Ah... vinte pauladas neste farsante. *(Saem.)*

NO PALÁCIO

RAINHA Verdade mesmo?

CARLOTA Meu pai acaba de me contar.

RAINHA Então aquela duquesa
já deve ter o colar. *(Entra Dartanhã.)*

DARTANHÃ Por que chora agora uma senhora?

CARLOTA Dartanhã!

- RAINHA Bem fiz mal em confiar
em vocês para trazerem o colar.
- DARTANHÃ Fizeste mal, Majestade?
Não compreendo e isso me entristece,
pois aqui trago esta joia
que só uma Rainha merece.
- RAINHA Verdade?
- DARTANHÃ Podeis ver.
- CARLOTA Ai, como isso me envaidece.
- Dartanhã entrega a caixa à Rainha. Ela abre.*
- RAINHA Como é belo!
- CARLOTA Fascinante!
- RAINHA Como brilha!
- CARLOTA Deslumbrante!
- RAINHA Mas... e o Duque? Recebeu um também?
- DARTANHÃ Muito fácil de explicar.
Portos, meu companheiro,
trouxe uma caixa igual,
mas falsa,
e foi essa que o Duque recebeu.
- Risos. A Rainha põe o colar, vaidosa.*
- RAINHA E os outros? Fala. O que aconteceu?
- Chegam os outros três.*

PORTOS Aqui estamos, senhora.
 Aqui chegamos, os três. (*Abraços.*)

RAINHA Esta noite vou mostrar
 no grande baile da corte
 o colar que me trouxeram,
 vencendo perigos de toda sorte.
 Então vocês são convidados
 para o baile que vamos dar,
 que é quando eu mostrarei
 no meu pescoço o colar.

DARTANHÃ Peço desculpas, senhora,
 mas prefiro outro presente.
 Quero sair com a Carlota
 pelos caminhos do ar,
 passeando na brisa,
 passeando no jardim.

RAINHA Concedido. É o meu presente
 ao valente espadachim.

ARAMIS Iremos ao baile.

PORTOS Os três.

ATOS Você não pode falar.

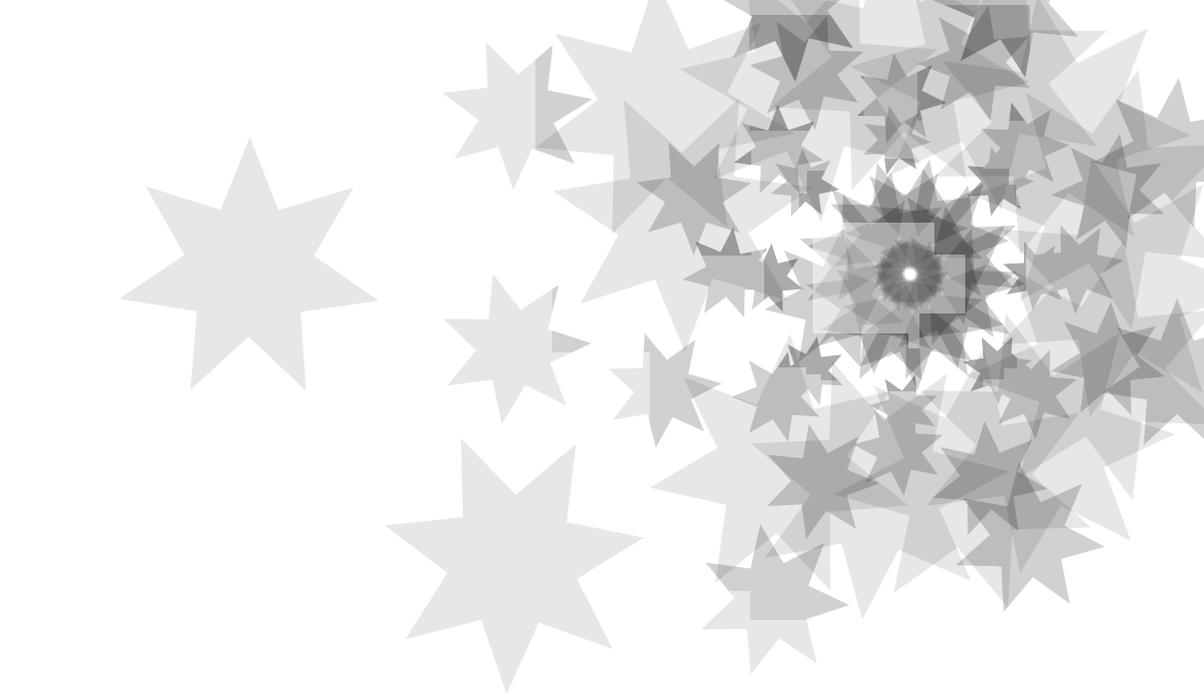
PORTOS Ah, sem essa! Passou um mês.

Todos cantam e termina o espetáculo.

Nossa história terminou,
bem aqui neste momento,
com Dartanhã e Carlota
passeando pelo vento;
com Teobaldo e o Duque
sem conseguir o colar,

e levando seu castigo
Cirano de Begerá.
Sobre o vento, sobre, sobre.
Sobre, sobre bem ligeiro.
Nesta terra ninguém vence
os nossos três Mosqueteiros.
Sobre o vento, sobre, sobre.
Sobre, sobre bem ligeiro.
Nesta terra ninguém vence
os nossos três Mosqueteiros.
Sobre o vento, sobre, sobre
e percorra o mundo inteiro.
Em busca de outra aventura
seguirão Três Mosqueteiros.

Rio, 1971



VIAGEM SIDERAL

Uma brincadeira de ficção científica

Dedicada a Rute e Roberto Machado,
Edgar Ribeiro e Kasall.



Segundo lugar no Concurso de Peças Infantis do Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1972.

Numa produção de RB Produções Ltda. (Rute Machado e Benjamim Santos), esta peça estreou no Teatro Nacional de Comédia, no Rio de Janeiro, sob direção de Benjamim Santos, com a participação dos atores Anacleto das Neves, Paulo Ribeiro, Fernanda Amaral, Demétrio Pompeu, Edgar Ribeiro, Ialmar Wolf, Marcelo Peixoto, Tânia Moraes e Márcio Luís.

Personagens

JOÃO REDONDO, navegador espacial

TANGODANÇA, aprendiz de navegador espacial

SEGUNDO-MINISTRO do Imperador Maia

PRIMEIRO-MINISTRO do Imperador Inca

SACERDOTE REAL do Império Azteca

SACRIPANTA, Imperatriz Azteca

YUCATAN, Imperador Azteca

ASTRÉLICO MERCÚCIO, 1º Conselheiro de Yucatan

2º CONSELHEIRO de Yucatan

3º CONSELHEIRO de Yucatan

4º CONSELHEIRO de Yucatan

1º MARUJO da Nave Espacial Calaticão

2º MARUJO da Nave Espacial Calaticão

PRINCESA PRISIONEIRA

Observatório interplanetário do cientista e navegador espacial João Redondo e seu aprendiz Tangodança. João Redondo tem a cabeça cheia de papelotes e arames e Tangodança maneja alguma máquina estranha.

- TANGODANÇA Para. Para. Não dá mais. Os fios de urânio engancharam nos fios de tungstênio.
- REDONDO Você nunca vai aprender a manejar isso, Tangodança. Você é um péssimo aprendiz de navegador espacial, Tangodança. Toda vez que vou transmitir minhas memórias dá nisso, Tangodança.
- TANGODANÇA O que é que eu posso fazer, mestre? Gravação de memórias é muito complicado. Quando grava a imagem, não grava o áudio e quando grava o áudio, não grava a imagem.
- REDONDO Vem tirar as sinopes eletrônicas da minha cabeça.
- TANGODANÇA *(Tirando os papelotes.)* Só o que ainda não acredito muito é nessa estória de planetas desconhecidos.
- REDONDO Porque você é um incrédulo. Onde já se viu? Onde já se viu um aprendiz que não acredita no mestre? Ai, miserável! Já te falei isso mil vezes. Já te mostrei pelas lentes todos os planetas visíveis pelas lentes... Já te mostrei pelas lentes todas as estrelas visíveis, todas as constelações visíveis, todos os meteoros visíveis — Ai! — e já te mostrei até o vazio visível.
- TANGODANÇA Já. Eu vi o vazio visível.
- REDONDO E te mostrei o vazio invisível!
- TANGODANÇA Mostrou, mestre. Mostrou o vazio invisível. Só que eu não acredito no vazio invisível.

- REDONDO Você viu, Tangodança.
- TANGODANÇA Ver, eu vi, mestre. Mas não acreditei no que vi. Se ele é invisível, como é que eu posso ver o invisível? Ninguém pode ver o invisível.
- REDONDO Oh, Tangodança, até parece que você nasceu na Terra. Só os terráqueos não conseguem ver o invisível. Você é terráqueo?
- TANGODANÇA Não, mestre. O senhor sabe que nasci no Planeta Maia.
- REDONDO Então você pode ver o invisível. E, se você pode ver o invisível, por que não acredita que haja planetas lá no vazio invisível?
- TANGODANÇA Pois é. Mas que burrice! Até parece que eu sou terráqueo. Se eu vi o vazio invisível, então pode ser muito bem que existam planetas desconhecidos lá pelo vazio invisível.
- REDONDO Finalmente. Pois são esses planetas, essas estrelas, meteoros e asteroides, situados longe do nosso alcance, que precisamos descobrir.
- TANGODANÇA Será que ninguém descobriu ainda?
- REDONDO Se tivessem descoberto, não seriam mais desconhecidos. Aqui estão todos os mapas, todas as cartas celestes do Universo conhecido e nenhuma delas mostra planetas desconhecidos.
- TANGODANÇA Mas mostrar o quê?
- REDONDO Ninguém sabe o que, ora. Satélites ocultos...
- TANGODANÇA Satélites ocultos...

- REDONDO Constelações nômades...
- TANGODANÇA Ah, constelações nômades!
- REDONDO Nebulosas esgarçadas...
- TANGODANÇA Devem ser lindas as nebulosas esgarçadas! E cometas de acrílico... será que tem cometas de acrílico?
- REDONDO Pode ser.
- TANGODANÇA Quimeras estelares?
- REDONDO Tudo. Tudo.
Labirintos interestelares... sorvetes siderais... bolas de sabão luminosas... movimentos de translação...
É tudo isso que precisamos descobrir. E nada disso ainda tem dono. E eu te prometo que quando descobirmos algum planeta assim-assim, eu te dou pra você governar.
- TANGODANÇA Jura? Vou ser Governador de um Planeta Desconhecido?
- REDONDO Juro pela minha mãe, Dona Eutérpia Siderália.
- TANGODANÇA Eu fico governando o Planeta?
- REDONDO Governando o Planeta.
- TANGODANÇA Eu dito as Leis no Planeta?
- REDONDO As leis que bem quiser.
- TANGODANÇA E qual é o nome do meu Planeta?
- REDONDO Ainda não tem nome. Você vai escolher.

TANGODANÇA Mosquitária. Planeta Mosquitária. E quando eu estiver governando meu Planeta, mando uma nave eletrônica vir buscar minha mulher, Chiquita Tangodança, e minha filha, Chiquitita Tangodancita. E me sento na cadeira de Governador e olho para os habitantes de Mosquitária e digo: “Seres Mosquitários, riem para o Governador!” e eles riem, e eu grito “Parem de rir” e eles param.

REDONDO Mas antes precisamos descobrir.

TANGODANÇA E como é que a gente descobre?

REDONDO Numa nave especial podemos chegar ao Vazio Invisível. Uma nave superior a todas as naves existentes. Uma nave com velas de alumínio antibacterico para poder ultrapassar as calmarias dos buracos negros. Uma nave com remos de ultravioleta para poder deslizar pelas galáxias desconexas e que tenha cilindros convexos para pousar sobre crateras esmagadoras.

TANGODANÇA *(apavorado, mas em completo fascínio)* Crateras esmagadoras?!

REDONDO É. Pode ser que a gente se depare com crateras esmagadoras.

TANGODANÇA Mestre, será que em Mosquitária existem crateras esmagadoras?

REDONDO E talvez existam pernilongos dionisíacos. Só que não vamos realizar a Expedição e, se não houver expedição, não haverá Mosquitária.

TANGODANÇA Mas eu quero o meu Planeta.

REDONDO Falta financiamento para construir a nave.

TANGODANÇA A gente arranja. Faz uma rifa. A gente rifa os telescópios.

REDONDO Não dá.

TANGODANÇA Vende o Observatório.

REDONDO Não dá. É preciso pedir financiamento ao Imperador.

TANGODANÇA Eu não vou.

REDONDO Então não tem Planeta Desconhecido.

TANGODANÇA Ai, Mosquitária dos meus desejos! Vamos ao Imperador.

Os dois cantam.

Senhor Imperador,
queremos consigo falar
sobre os planetas distantes,
planetas desconhecidos
que existem do lado de lá.
Não é Marte nem Saturno.
Não sabemos que será.
Pois, pois, Imperador,
queremos consigo falar.

*Desaparece o Observatório.
Entra o Segundo-Ministro.*

MINISTRO Ah! Com quem então querem falar? Com o Imperador Maia?

REDONDO Com o nosso Imperador Maia.

MINISTRO Não pode.

- TANGODANÇA É, mestre. Parece que não pode.
- REDONDO Mas é o nosso Imperador. Um Imperador escuta o seu povo.
- MINISTRO Só escuta quando está bem. Agora o Imperador está sofrendo de simbiose meteorítica e não pode atender.
- REDONDO Quem atende no lugar dele?
- MINISTRO O Primeiro-Ministro.
- REDONDO Queremos falar com o Primeiro-Ministro Maia.
- MINISTRO Sobre o quê?
- TANGODANÇA Sobre Mosquitária, o Planeta Desconhecido.
- MINISTRO Não pode.
- REDONDO Por que não pode?
- MINISTRO Atualmente o Primeiro-Ministro está envolvido em sérios problemas e só atende sobre o mesmo assunto: as negociações que o Universo vem fazendo para a compra do Planeta Terra, um planetinha onde vivem seres de segunda categoria.
- REDONDO E depois do Primeiro-Ministro, quem atende?
- MINISTRO O Segundo-Ministro.
- REDONDO Queremos falar com ele.
- MINISTRO Sou eu. Mas não pode. Esgotou-se o prazo para audiência. Voltem daqui a três movimentos de rotação. (*Sai.*)

- TANGODANÇA Bem que eu falei: a burocracia tomou conta do Universo.
- REDONDO Não podemos desistir, Tangodança. Vamos procurar recurso noutra planeta. Quem sabe, o Imperador do Planeta Inca... Vamos. As naves de curta distância estão ali.
- Sons estranhos. Mudança para um salão no Planeta Inca onde o Primeiro-Ministro recebe, mas se comunica por telepatia.*
- MINISTRO O próximo. Origem. (*Entram Redondo e Tangodança.*)
- REDONDO Planeta Maia. Descoberta de Planeta Desconhecido. Vamos, Tangodança. Aqui nada vai dar certo: ele só se comunica por telepatia.
- Passa o Sacerdote do Planeta Azteca.*
- SACERDOTE Bom dia, boa tarde, boa noite, senhores.
- REDONDO Este fala a nossa língua, Tangodança. Ei, meu senhor...
- SACERDOTE Sou o Sacerdote Imperial do Império Azteca. O Império Azteca é o mais poderoso, o mais soberano, o mais desenvolvido de todos os Impérios Planetários.
- REDONDO Senhor Sacerdote. Faz uma reverência para o Sacerdote, Tangodança: é o Sacerdote Imperial do Império Azteca.
- TANGODANÇA O Planeta Mosquitária está em suas mãos, senhor Sacerdote.

- SACERDOTE Que seres mais esquisitos! De onde sois? De onde vindes?
- REDONDO Permita que me apresente. Somos cientistas e, através de nossas lentes telescópicas, descobrimos que o Universo não é formado apenas pelos astros e planetas e cometas conhecidos.
- SACERDOTE Interessante. Continue.
- TANGODANÇA Senhor Sacerdote, existe o invisível.
- SACERDOTE Uhhhh! Existe o invisível?!
- REDONDO Ele quer dizer que sabemos da existência de outros planetas situados muito além do alcance das naves espaciais comuns. E queremos fazer uma expedição rumo ao vazio e provar que o vazio não é vazio, mas lá dentro existem planetas desconhecidos.
- SACERDOTE Excitante! Empolgante!
- TANGODANÇA Vamos descobrir Mosquitária.
- SACERDOTE Divino! Por que ainda não foram?
- REDONDO Falta financiamento para a Expedição. O nosso Imperador não nos atendeu, e o Primeiro-Ministro Inca nem nos escutou.
- SACERDOTE Quem sabe, o Império Azteca possa financiar. Sua Majestade o Imperador Yucatan e a Imperatriz Sacripanta são muito benevolentes e gostam de pesquisas e aventuras.
- REDONDO Se eu falar com eles...

SACERDOTE Não. Não. É melhor que eu mesmo fale. Conheço bem essa gente de corte. Primeiro, falo com a Imperatriz Sacripanta. Vou tentar seduzi-la e, depois, ela mesma vai convencer o Imperador.

REDONDO Podemos contar com o senhor?

SACERDOTE Sem dúvida. Acho vocês uns seres planetários muito especiais por serem assim tão exóticos. Tenho certeza de que Sacripanta gostará também de vocês. Encontro os dois em Azteca dentro de três movimentos de translação do nosso planeta.

REDONDO Três movimentos...

SACERDOTE ... de translação. (*Sacerdote sai. Os dois festejam.*)

TANGODANÇA Vamos ao invisível!

OS DOIS Vamos a Mosquitária!!!

Corte rápido de luz. Mudança para o Planeta Azteca.

SACERDOTE Majestade...

SACRIPANTA Assim?

SACERDOTE E se não convencê-lo?

SACRIPANTA Claro que eu consigo convencer meu marido Yucatan. É muito excitante, isso de planetas desconhecidos. Yucatan vai se fascinar pela ideia. Se não se convencer, eu mesma financio: vendo umas ações da bolsa interplanetária ou vendo um colar de pedras siderais.

Saem. Entram Redondo e Tangodança.

TANGODANÇA Essa história de Imperadores nunca me cheirou bem.

REDONDO Cuidado com a boca, Tangodança. Não se pode andar assim falando de Imperadores. Imperadores são sempre imperadores e ninguém jamais sabe o que eles decidem.

TANGODANÇA Isso de decidir é coisa que minha mulher Chiquita Tangodança faz como se fosse rainha.

REDONDO Vamos. Já se passaram os três movimentos de translação.

TANGODANÇA Ah, é. Movimentos de translação são coisas que passam muito depressa.

Ação no Palácio Azteca. Conversam Yucatan, Sacripanta e Astrélico Mercúcio.

YUCATAN Apressa-te e fiscaliza a construção da nave. Aliás, é melhor que não seja apenas uma nave. Expedição desse nível, não pode ser apenas de uma nave: constrói três naves, Astrélico Mercúcio, e, assim, tu mesmo governarás uma nave.

ASTRÉLICO Vosso desejo é uma ordem, Majestade.

SACRIPANTA Sinto-me contente, Yucatan, meu Imperador e meu amado. Eu sabia que ias gostar da ideia da Expedição.

YUCATAN Quero apenas conhecer os dois navegadores. Que me apareçam o mais rápido possível.

Saem Yucatan e Astrélico. Entra o Sacerdote.

SACRIPANTA Tudo resolvido, meu nobre Sacerdote.

SACERDOTE Que alegria no firmamento.

SACRIPANTA Yucatan vai financiar tudo. Mandou construir três naves espaciais e quer conhecer os dois navegadores. Que venham os navegadores.

Saem. Entra Astrélico.

ASTRÉLICO Preciso agir sem demora. Qualquer passo em falso pode prejudicar o plano. Primeiro preciso ganhar a confiança do Conselho Real. Depois impedir que a Expedição tenha êxito. Para que ninguém perceba, convoco o Conselho Geral através do nosso sistema secreto de convocação.

Aperta alguns botões: entram três Conselheiros.

2º CONSELHEIRO Eskíszostos Napoleônico, Segundo Conselheiro de Yucatan, representante dos Computadores Esquizofrênicos.

3º CONSELHEIRO Propedêuticos Domênico, Terceiro Conselheiro de Yucatan, representante das Oligarquias Propedêuticas.

4º CONSELHEIRO Romélius Investigátor, Quarto Conselheiro de Yucatan, representante das Investigações Interestelares.

OS TRÊS Atendemos ao chamado secreto de Reunião e do Conselho.

2º CONSELHEIRO Onde está o Imperador Yucatan?

ASTRÉLICO Não vem.

3º CONSELHEIRO Impossível. Não pode haver reunião do Conselho sem a presença do Imperador Yucatan.

- ASTRÉLICO São assuntos interpessoais que dizem respeito à nossa segurança de seres planetários, à segurança do Império Azteca e à própria segurança universal.
- 4º CONSELHEIRO Não entendemos.
- ASTRÉLICO Olhem aquela nave pousando no espaciporto de Azteca. Ali está o nosso perigo. Talvez o dilaceramento do Conselho Real de que participamos.
- 2º CONSELHEIRO Uma nave com insígnia do Planeta Maia.
- 3º CONSELHEIRO Até aí, nenhum problema: o Planeta Maia faz parte da Organização dos Planetas Unidos.
- ASTRÉLICO Observem os tripulantes.
- 4º CONSELHEIRO Um ser espacial alto e magrelento...
- 2º CONSELHEIRO Acompanhado de um ser baixote e gordento.
- ASTRÉLICO São eles. Dois navegadores espaciais que acreditam na existência de planetas desconhecidos, situados no vazio invisível.
- 3º CONSELHEIRO Impossível. Se fosse possível, nós teríamos descoberto.
- ASTRÉLICO Eles dizem que nossas naves não podem chegar lá.
- 4º CONSELHEIRO Nossas naves são naves que podem chegar lá.
- ASTRÉLICO Mas nunca chegaram. Isso, porém, não é tudo. Pensem. Pensem. Pensem o que isso pode significar à expedição dos dois ao vazio invisível. (*todos pensam.*)
- 4º CONSELHEIRO Impossível! O aparecimento de novos planetas pode gerar a terceira guerra universal. E não se pode

permitir isso porque seria uma guerra devastadora, aniquiladora do universo inteiro.

2º CONSELHEIRO Impossível! Seria uma desmoralização para os computadores esquizofrênicos, que não previram os novos planetas, e então seriam tidos como computadores sadios, computadorezinhos daqueles da Terra.

3º CONSELHEIRO Impossível! Os chefes das Oligarquias Propedêuticas certamente perderiam a supremacia espacial e seriam dominados pelos chefes das Aristocracias Hermenêuticas.

ASTRÉLICO E o que é pior, do ponto de vista pessoal: cada um de nós perderia a confiança de Yucatan. Nós, seus melhores Chefes de Estado, os melhores navegadores espaciais de Azteca, não descobrimos a possibilidade da existência de planetas no vazio invisível. Então... Pumba... Seríamos todos desplanetados.

2º CONSELHEIRO Precisamos agir.

3º CONSELHEIRO Impedir.

4º CONSELHEIRO Basta um pouco de Ziklon C e os dois voarão em pedaços.

3º CONSELHEIRO Um pouco de olhar mortal e jamais pensariam em vazio invisível.

4º CONSELHEIRO Um pouco de...

ASTRÉLICO Ao contrário. Mais dia menos dia, Yucatan acabaria sabendo. Meu plano é apoiar a ideia. Embarcar também na expedição e, apenas, evitar que os dois descubram planetas. Para isso, nos comunicamos

com os nossos amigos, Conselheiros-de-estados dos planetas amigos, que armarão ciladas e os tais navegadores deixam de ser nada mais. Nada menos.

4º CONSELHEIRO Concordo.

3º CONSELHEIRO Concordo.

2º CONSELHEIRO Concordo.

ASTRÉLICO Mais que depressa, Ezkíszostos Napoleônico, entra em contato com H203DS. Você, Propedêuticos Domênico, liga para XY3H76 e Romélius Investigátor informa ao 90-90-90K. Enquanto isso vou adiantando a expedição.

2º CONSELHEIRO Ezkíszostos Napoleônico parte para missão. *(Sai.)*

3º CONSELHEIRO Propedêuticos Domênico parte para missão. *(Sai.)*

4º CONSELHEIRO Romélius Investigátor parte para missão. *(Sai.)*

ASTRÉLICO Não sabem que o plano é todo em meu interesse pessoal. Em breve consigo que exterminem Yucatan e me caso com Sacripanta. Rá-rá-rá.

Sai. Entram Redondo e Tangodança.

REDONDO Cuidado, Tangodança, e vê onde pisa. Essas potências planetárias têm muitas ciladas onde menos se espera.

TANGODANÇA Ai. Pisei num prego.

REDONDO Espera. Não se mova. Eu cuido disso e tiro. Não é nada de prego, Tangodança. Vê. Espinho sideral;

próprio para matanças instantâneas. A sorte é que você pisou na cabeça.

Soa um gongo, Tangodança se amedronta.

REDONDO Seja forte, Tangodança. Até parece um homem, tendo medo de tudo. Esse ruído vem daquela luz vermelha. Olha fixamente a luz. É uma luz que emite sons diretamente aos ouvidos, e está nos dizendo que já se aproximam as majestades.

Entram Astrélico, Yucatan e Sacripanta.

REDONDO *(fazendo mil reverências)* Majestade Yucatan: aqui está vosso servo João Redondo YZ, navegador espacial, acompanhado de Tangodança MNO-PQ, aprendiz de navegador espacial. Prontos para servi-lo e ao Império Azteca.

YUCATAN Ah, são vocês?

ASTRÉLICO Não têm cara de navegadores espaciais.

TANGODANÇA É verdade.

SACRIPANTA O que que é verdade?

REDONDO Cala-te, Tangodança, e não me estragues tudo.

TANGODANÇA Isso que o amarelo aí falou, que não temos cara de navegadores, como ele também não tem, e afirmo que não seja, o que parece é um puxa-saco de majestades.

YUCATAN Como é engraçado ele, hein, Sacripanta.

SACRIPANTA Muito me divirto com suas gags. Fala mais, meu caro navegador.

TANGODANÇA Navegador não é propriamente o termo, porque sou apenas aprendiz e quem navega é aqui o mestre, doutor João Redondo.

SACRIPANTA O senhor fala muito pouco, doutor João Redondo.

REDONDO São minhas maneiras de tratar majestades tão reais.

YUCATAN Como são divertidos, Astrélico. Pena que não tenhamos figuras assim em nosso Conselho.

ASTRÉLICO Muito. Muito divertido.

Yucatan afasta-se com João Redondo e Astrélico.

TANGODANÇA Me diga, senhora Rainha, é costume tão natural que o Rei fique assim, cochichando com o amarelo e diante de visitas?

SACRIPANTA Trata-se de nosso Primeiro Conselheiro, Astrélico Mercúcio, navegador espacial, que irá comandando uma das três naves.

TANGODANÇA Não. Eu pergunto apenas para aprender. Dentro de pouco tempo também me tornarei imperador.

SACRIPANTA Verdade?

TANGODANÇA Muito mais ainda do que verdade. É que o mestre, ali, me prometeu um planeta, desses que ainda estão desconhecidos, onde serei Governador, Chefe de Estado, Imperador, tudo.

SACRIPANTA E o que fará, como Imperador?

TANGODANÇA Primeiro, mando buscar minha mulher Chiquita Tangodança e minha filha, Chiquita Tangodança II.

- SACRIPANTA Depois?
- TANGODANÇA Estabeleço minha plataforma de governo, que se resume no seguinte: os ladrões são perdoados e os roubados vão para a cadeia! A justiça não é cega. Ao contrário, tem três olhos e vê muito mais do que nós; os trabalhadores continuam trabalhando enquanto os vagabundos vagabundeiam entre estrelas e meteoritos...
- SACRIPANTA Mas isso é impossível, senhor...
- TANGODANÇA Tangodança. Impossível aqui. Mas em Mosquitária tudo é possível.
- YUCATAN *(aproximando-se, com os outros)* Tudo resolvido. Nos entendemos muito bem. Dentro de pouco tempo as três naves partirão do nosso espacporto de Kalos. Meu Primeiro Conselheiro acompanhará de perto a construção das naves. Agora, vamos, minha Rainha.
- SACRIPANTA Até mais, senhor Tangodança. Breve nos encontraremos de novo.
- TANGODANÇA Adeuzinho, senhora Rainha. Em Mosquitária esperarei sua visitinha.
- TODOS *(cantando)*
 O tempo foi se passando
 passando
 passando
 e as coisas pro
 pro
 pro-gredindo.
 As naves se arquitetando
 testando

testando
As naves se construindo.

REDONDO Junta este fio com aquele. Junta e vejamos se dá.
Aí caso não dê, a nave explode no ar.

OS DOIS O tempo foi avançando
avançando
avançando
e as coisas de-de
definindo.
As naves se elaborando
borando
borando
As naves se...

TANGODANÇA Ai, que nome dar a elas? Ai, que nome elas terão?
(*festas, risos, batismo*) Uma Pihum, outra Piah,
outra Calaticão.

TODOS A hora já vai chegando
chegando
chegando. (*Adeuses. Embarque.*)
Todos se des
des
des-pedindo.
As naves funcionando
nando
nando. (*Motores. Chorinhos. Acompanhar de olhos.*)
As nuvens já vão sumindo
sumin...
sumin...
sum...

Saem todos e tudo continua, ligando-se à cena seguinte ou dá-se um intervalo.

Interior da nave Calaticão. João Redondo é o Comandante. Grande painel ao fundo funciona com estrelinhas, planetas, sucatas, cometas, lixo etc. Painéis abobadados; à esquerda e à direita mostram gráficos luminosos, círculos que correm, acendem, apagam, acendem continuamente. Os tripulantes têm postos definidos, mas também transitam por toda a nave. A quarta parede também equivale a outra janela transparente por onde a tripulação observa o espaço.

- TANGODANÇA Estamos na rota certa?
- REDONDO Quem sabe qual é a rota certa?
- TANGODANÇA Se ninguém sabe, senhor mestre, acho que nunca chegaremos ao vazio invisível.
- REDONDO Claro que ninguém sabe. Se a gente soubesse não precisava descobrir.
- TANGODANÇA Cada vez acredito menos que serei governador.
- REDONDO Teu planeta está próximo. Cheio de crateras.
- TANGODANÇA Esmagadoras?
- REDONDO Claro. Lá, os anos-luz são mais demorados que em qualquer lugar.
- TANGODANÇA Não quero que tenha nada de coisas banais. Esses movimentozinhos de rotação e translação. Nada disso. Quero um planeta com movimento de equitação.
- REDONDO Cada movimento de equitação do teu planeta deve durar... uns 500 anos-luz.
- TANGODANÇA É pouco. Eu quero movimentos de reflexão.

REDONDO Ah! Movimentos de reflexão duram mais. Duram...
deixa ver... quatro mil e oitocentos anos-luz...

1º MARUJO Doutor João Redondo...

REDONDO Fala, Primeiro Marujo da nave Calaticão.

1º MARUJO Observamos mudança de rota na nave Pihum,
comandada pelo Primeiro-Ministro Astrélico
Mercúcio.

REDONDO Impossível.

2º MARUJO Desvia-se para estibordo.

*Correm todos para a frente do painel de fundo como
a observar o espaço. O movimento de olhares começa
pela esquerda e quando chega à extrema direita,
correm todos do fundo para o proscênio, continuando
a observar. O diálogo, no entanto, não é interrompido.*

REDONDO Não consigo vê-la a olho nu.

1º MARUJO Ali, quase ao nosso lado.

2º MARUJO Movimenta-se em círculo, distanciando-se.

REDONDO Dá-me a lente magnética.

TANGODANÇA Não encontro, mestre. Olhe com a lente-radar
manual.

REDONDO *(com a lente)* Agora vejo.

1º MARUJO Se continua assim, vamos buscá-la de vez.

REDONDO Segundo Marujo, comunique-se com ela.

- 2º MARUJO *(apertando botões na cabeça)* Não responde.
- REDONDO Insiste.
- 2º MARUJO Não responde.
- REDONDO Tente você, Primeiro Marujo.
- 1º MARUJO Nada.
- REDONDO Insiste.
- 1º MARUJO Nada.
- TANGODANÇA Desapareceu.
- Correm ao proscênio e continuam o jogo.*
- TANGODANÇA Ali, mestre. Ali.
- REDONDO Já vi; que eu não sou cego.
- 1º MARUJO Distancia-se muito, mestre.
- REDONDO Liga pra Piah.
- TANGODANÇA Ai, minha Mosquitária, como as coisas se complicam.
- 1º MARUJO Não sabem o que acontece. Também não conseguem comunicação com a nave Pihum. Pedem orientação.
- REDONDO Vamos segui-la.
- 2º MARUJO Está seguindo na direção de Saturno.
- REDONDO Vamos todos para Saturno.
- TANGODANÇA É perda de tempo. *(Voltam aos postos.)*

- 2º MARUJO Tempo difícil.
- REDONDO Nada de perigoso. É que vamos penetrando a primeira camada de atmosfera que envolve Saturno.
- TANGODANÇA Melhor abrir as velas ao quente arfar das variações Saturninas.
- REDONDO Conheço bem esta Região Sideral. Pode seguir, normalmente.
- TANGODANÇA *(olhando pela luneta)* Mestre, um redemoinho luminoso envolvendo o planeta.
- REDONDO É o anel, Tangodança. O anel de Saturno é composto de Asteroides. São milhares de asteroides, que parecem minúsculas conchas gigantes.
- TANGODANÇA Como é que pode, mestre, que as conchas sejam, ao mesmo tempo, minúsculas e gigantes?
- REDONDO No silêncio eterno dos espaços infinitos tudo é possível. Como estão as outras naves?
- 2º MARUJO Piah vem nos seguindo normalmente.
- 1º MARUJO Pihum corre veloz, quase chegando a Saturno.
- REDONDO Tenta comunicação com Astrélico Mercúcio.
- TANGODANÇA Acho muito estranhos esses asteroides! Movem-se e brilham como se tivessem vida.
- Projeção de Saturno. No painel de fundo vai marcando a aproximação da nave com o planeta.*
- REDONDO *(observando a lente)* Também a mim estão parecendo estranhos.

TANGODANÇA À medida que nos aproximamos, parece que mudam de forma.

As bailarinas de Saturno podem ser apresentadas como efeito visual de projeção ou através de dezenas de bonecos em movimentos circulares.

REDONDO Agora compreendo. Os asteroides dos anéis de Saturno não são asteroides, Tangodança. Quanto mais nos aproximamos, mais podemos ver que não são asteroides.

TANGODANÇA Isso me cheira muito mal, mestre. Acho melhor mudarmos de direção.

REDONDO Não seja um espírito sem curiosidade, Tangodança. A ciência é algo excitante e jamais fugiu aos seus estímulos. Olhe, você, pela lente. O que vê?

TANGODANÇA Os tais asteroides.

REDONDO Como estão?

TANGODANÇA Em movimento contínuo.

REDONDO Já os vejo a olho nu. Mas, na verdade, não são asteroides. Levem a nave para bombordo! Desçam as velas e baixem os remos ultravioletas! Aquilo é puro engano ótico, Tangodança. Pode ser uma cilada. Observe como se movimentam os tais asteroides. Parece dança.

TANGODANÇA Coisa mais esquisita, essa de asteroides-dançarinos!

REDONDO São redondos?

TANGODANÇA De redondos só têm mesmo a parte de cima, que até parece uma cabeça, como a nossa.

- REDONDO Isso mesmo. São figuras siderais. Alguma coisa me dizia. Devemos nos afastar um pouco. Aquilo são microdançarinas.
- TANGODANÇA Sempre soube que eram asteroides.
- REDONDO Você não tem sensibilidade. Vistos de longe, são asteroides. Mas agora, que chegamos perto, vemos muito bem que são microdançarinas. E digo mais: pelo jeito estão encantadas.
- TANGODANÇA Que sejam microdançarinas, mestre, ainda vá lá, mas que estejam encantadas... É melhor não chegarmos muito perto. Isso de microdançarinas encantadas não é para chegar perto.
- REDONDO A nave de Astrélico desapareceu.
- 1º MARUJO A nave Piah não responde, mestre.
- REDONDO Poxa, parece que está sendo atraída pelas microdançarinas. Levem a nave para o polo sul de Saturno.
- TANGODANÇA Melhor ir embora. Essas microdançarinas.
- REDONDO Não. Preciso descobrir o segredo delas.
- 2º MARUJO Piah não responde.
- REDONDO Insista.
- 1º MARUJO As microdançarinas estão arrastando Piah para o planeta.
- REDONDO Liga o controle remoto.

- 2º MARUJO Não funciona. O tal anel tem o controle mais potente. Alguma coisa vai mal no nosso controle.
- REDONDO Ligar os freios.
- 1º MARUJO Não funcionam.
- REDONDO Controle de emergência.
- 2º MARUJO Também negativo. Estamos sendo atraídos, mestre.
- TANGODANÇA Piah vai sendo arrastada cada vez mais. E as microdançarinas dançam mais do que nunca.
- 2º MARUJO Nossa nave também vai. É uma cilada. Devemos enfrentá-los.
- TANGODANÇA Não.
- REDONDO Sim.
- 2º MARUJO Estamos perdidos.
- TANGODANÇA Se formos lá, você não descobre novos planetas. Isto é uma cilada pra você não descobrir.
- Os efeitos da nave sem controle são sentidos pela tripulação e demonstrados através de desequilíbrio.*
- REDONDO Tem razão, Tangodança. Não podemos nos preocupar em desencantar microdançarinas antes de descobrirmos planetas desconhecidos. Nós as enfrentaremos na volta.
- 1º MARUJO Comandante, a nave Piah está sendo exterminada pelas microdançarinas.

REDONDO Içar as velas de alumínio antibactérico. Baixar remos ultravioletas! Ligar a coleção de computadores esquizofrênicos e apertar todos os botões de retrofrieiros. Aguardar.

Silêncio. Sons estranhos.

REDONDO Estamos resistindo à atração.

1º MARUJO Estamos voltando.

Abraços e urras.

TANGODANÇA Ai, Mosquitária dos meus planetas, agora te vejo mais perto do que nunca!

2º MARUJO Estamos fora do alcance das microdançarinas.

REDONDO Baixar velas e suspender remos. Retornar à rota de navegação anterior.

As coisas se normalizam. No painel, Saturno se distancia.

REDONDO 1º Marujo da Nave.

1º MARUJO Pronto, meu comandante.

REDONDO Alguma perda, alguma avaria?

1º MARUJO Nenhuma, meu comandante.

REDONDO 2º Marujo da Nave.

2º MARUJO Pronto, meu comandante.

REDONDO Alguma perda? Alguma avaria?

- 2º MARUJO Nenhuma, meu comandante.
- TANGODANÇA Nenhuma é maneira de dizer, porque, depois de todo esse reboço, o pânico na minha vista, tenho os rins tão doloridos que só voltarei ao normal com uma boa dose de vodka drágeas.
- 2º MARUJO Pihum chamando, mestre.
- REDONDO Responde.
- 2º MARUJO Comandante nave Pihum Astrélico Mercúcio avisa ter sofrido forte atração anel Saturno, salvando-se apenas motivo ter conseguido desviar-se para o polo norte de Saturno. Pergunta conosco tudo *all right*.
- REDONDO Comandante nave Calaticão João Redondo avisa ter conseguido também salvar-se atração anel. Nossa nave tudo bem. Perdemos nave Piah exterminada por microdançarinas encantadas.
- Em Júpiter. Astrélico disfarçado de inimigo.*
- INIMIGO Acho que o disfarce está bom. Nenhum deles vai imaginar que sou Astrélico Mercúcio. A estória da Princesa Prisioneira vai dar certo. O tal João Redondo vai cair direitinho. Tenho medo somente do pai dela, porque tive de raptá-la de verdade, para criar um clima verdadeiro. O lugar é ideal. Nada melhor do que Júpiter para esse tipo de coisas. Depois de exterminar o tal João Redondo e seu aprendiz volto com a minha nave e explico a Yucatan que era invenção essa estória de planetas desconhecidos. Depois continuo meu plano e logo me tornarei Imperador Azteca, sucessor de Yucatan. Bom. Agora, vamos apanhar a tal

princesa e deixá-la invisível, apenas podendo ser ouvida.

Sai. Entram 1º Marujo, 2º Marujo, Redondo e Tangodança.

1º MARUJO Quanto tempo ficaremos em Júpiter?

REDONDO Apenas o necessário para entrarmos em contato com Astrélico Mercúcio.

TANGODANÇA Ele já devia ter chegado.

REDONDO Não. Marcamos com alguma diferença. Chegaríamos primeiro do que eles. Vamos aproveitar para conhecer o planeta. Nossa nave está oculta. Nenhum ser pode descobri-la.

Saem. Entram o Inimigo e a Princesa Prisioneira.

PRINCESA Quando ele vier, você vai sofrer por causa disso.

INIMIGO Fique calada, porque não virá ninguém. E se alguém se aproximar meus olhos o destruirão inegavelmente.

PRINCESA Meu pai não me deixará aqui. Deve ter mandado todo o exército à minha procura.

INIMIGO Dos vinte dedos que tenho em cada mão, posso desferir raios terríveis capazes de exterminar todos os seres imagináveis.

PRINCESA Se não vierem, quanto tempo ficarei prisioneira?

INIMIGO Depois de tudo, te levo de volta. É a única maneira de vencer um certo João Redondo. Entre.

PRINCESA Onde?

INIMIGO Nesta cúpula transparente.

PRINCESA Não estou vendo coisa alguma.

INIMIGO Ótimo. É sinal de que os seres do seu planeta jamais a encontrariam. Se passarem por aqui perto, não verão você. A cúpula esconde tudo o que há por dentro.

PRINCESA Oh, meu pai. Que desgraça a minha!

INIMIGO Vamos. Entra.

A Princesa fica no local indicado pelo Inimigo.

INIMIGO Rá-rá-rá! Adeus, minha querida. Volto logo. Voltarei de instante em instante. Para rir, rir, rir. É a maior vingança que já planejei.

Sai. Entram Redondo e Tangodança.

PRINCESA *(canta)*
 Quem me salva?
 Quem me salva?
 Quem vem aqui me salvar?
 Já não tenho mais amigos.
 Meu pai não sabe onde estou.
 Quem me salva?
 Quem me salva?
 Quem vem aqui me salvar?

REDONDO Estás ouvindo, Tangodança?

TANGODANÇA Essa que canta corre perigo.

- PRINCESA Cavaleiro, cavaleiro, cavaleiro, vinde ver a Princesa Prisioneira de mais terrível inimigo. Cavaleiro, vinde ver.
- REDONDO Uma princesa prisioneira! Precisamos salvá-la, Tangodança.
- TANGODANÇA Mas onde? Que não a vejo.
- REDONDO Deve estar invisível. Escondida dos nossos olhos.
- PRINCESA Inimigo, o Inimigo. O Inimigo me escondeu, raptou-me de meu pai. Encerrada neste vidro, o Inimigo me escondeu.
- REDONDO Dizei-me, ó bela Princesa, a direção em que estás. Se estou longe ou se estou perto.
- TANGODANÇA Deve ser nova cilada, e aqui não quero ficar.
- PRINCESA Estou mesmo à vossa frente e se deres mais um passo vais esbarrar com a cara no vidro.
- REDONDO Ah, aqui está. Uma ampola de vidro.
- TANGODANÇA Meu senhor, vamos embora, que eu não quero enfrentar novo inimigo.
- REDONDO Deixa de ser frouxo, Tangodança. Não vês que diante de uma princesa prisioneira todos os outros valores se calam? Não posso perder oportunidade, tão rara hoje em dia, de salvar uma princesa. Dizei-me, senhora Princesa, se existe algum artifício, algum botão que se aperte ou coisa semelhante, e que possa descerrá-la daí.
- PRINCESA Pobre de mim! O Inimigo é o único a saber.

- REDONDO Então o que devo fazer? Dizei, senhora, e farei.
- PRINCESA Só duas coisas me salvam. A primeira pode demorar muito e ser fatal.
- REDONDO Dizei-me e farei.
- PRINCESA Ir ao Reino dos Meteoritos Acrílicos e avisar ao Rei, senhor meu pai, e voltar com seu exército para salvar-me.
- REDONDO E a outra?
- TANGODANÇA Senhor navegador, não escute esta mulher, que deve estar a enganá-lo e de emboscadas já ando cheio.
- PRINCESA A segunda é mais difícil. E correis grande perigo.
- TANGODANÇA Ai, ai, ai, que de perigos já chega.
- REDONDO Todos os perigos afirmo que enfrentarei.
- PRINCESA É esperar que retorne o terrível inimigo e enfrentá-lo peito a peito e obrigá-lo a libertar-me.
- REDONDO Juro por minha nave Calaticão que daqui não arredarei um passo até que chegue o tal pilantra e depois de enfrentá-lo peito a peito o obrigarei a libertar-vos.
- O Inimigo canta lá dentro.*
- PRINCESA Cuidado, meu senhor, que o Inimigo se aproxima.
- TANGODANÇA Ai, que é agora. Vamos, mestre, que aqui não fico. (*Esconde-se.*)

REDONDO Foge, miserável, aprendiz de ignorância e covarde de nascença. Que venha o perverso, o vil carcereiro de princesas siderais.

Entra o Inimigo.

INIMIGO O que vejo? Um mocinho? Um cowboy? Um dom Quixote?

REDONDO Prepara-te, ó raptor espacial, que terás de me enfrentar. Quero ver se és tão forte comigo, navegador João Redondo, como foste com a Princesa.

INIMIGO Ah, descobriste?

REDONDO Escolhe as armas.

INIMIGO Anéis magnéticos.

REDONDO Um, dois, três... Já.

Como nos filmes de faroeste, sem que o inimigo espere, João Redondo paralisa-o com um simples movimento de dedos.

INIMIGO Miserável.

REDONDO Fala como se liberta a Princesa e te libertarei também.

INIMIGO Jamais falarei.

REDONDO Então ficarás inerte para sempre. Adeus. *(Vai sair.)*

INIMIGO Espera. Eu digo, se me soltares.

REDONDO Fala.

INIMIGO Solta-me, primeiro.

REDONDO Adeus.

INIMIGO Espera. Uma chave, no cinturão.

Redondo encontra a chave, introduz numa porta imaginária e ouvem-se sons de vidro quebrando-se.

PRINCESA (livre) Meu cavaleiro salvador.

REDONDO Como é linda!

PRINCESA Meu pai saberá agradecer-vos.

REDONDO Vamos, que não há tempo a perder. Astrélico já me espera. Vamos. Minha nave está logo ali. Dizei-me onde fica o Reino dos Meteoritos Acrílicos, e vos entregarei a vosso pai. (Saem.)

INIMIGO Ei. Ei. Bandido, vai me deixar assim? Sou eu. Astrélico Mercúcio. Ei!

Tangodança sai do esconderijo.

TANGODANÇA Ah, é?! Eu bem que desconfiava, seu traidor. (Arranca-lhe o bigode.)

ASTRÉLICO Por favor, seu aprendiz, liberte-me.

TANGODANÇA “Seu” aprendiz, vírgula: doutor Tangodança. E olhe lá: doutor Tangodança MNOPQ! Preparando ciladas, hein?

ASTRÉLICO Que é isso! Era tudo de brincadeira. Tudo de mentirinha. Só pra ver o que vocês iam fazer.

TANGODANÇA Ah, é? Pois até logo. Quando chegar em Azteca digo ao Imperador Yucatan e ele mandará buscá-lo. Adeus, seu Inimigo.

ASTRÉLICO Ei... ei... Não me deixe aqui... ei, ei.

TANGODANÇA Ai, que você está gritando muito. E dói no meu ouvido. Vou te silenciar.

Com um movimento de mãos, um som, e Astrélico fica mudo.

TANGODANÇA Até a volta, senhor Inimigo. Até a volta.

Sorte de luz. Interior da nave.

TANGODANÇA Milhões de anos-luz depois. Nossa viagem continua. A princesa foi entregue a seu pai. Nunca mais tivemos notícia de Astrélico. Pouco a pouco nos afastamos dos planetas conhecidos. Perdemos todo o contato com Azteca. Tudo é infinito ao redor de nós. E assim estávamos há muito tempo quando o motim explodiu no interior de Calaticão.

1º MARUJO Isso de planetas desconhecidos é pura invenção.

2º MARUJO Ele é um louco! Inventou isso pra nos jogar no meio de todos os perigos.

1º MARUJO Toda a nossa ração já está acabando.

2º MARUJO Ordeno a viagem de volta, senhor João Redondo.

TANGODANÇA João Redondo não sabia o que fazer. Ele acreditava muito nos seus planetas. Mas pouco a pouco foi desacreditando também. Eu, da minha parte, sempre acreditei que pudesse encontrar o meu

planetinha Mosquitária. Mas o João Redondo falou: três mil anos-luz.

REDONDO Está bem. Vamos voltar. Peço apenas um prazo. Cinco mil anos-luz.

1º MARUJO É um louco!

2º MARUJO Voltamos já.

REDONDO Três mil anos-luz?

Os dois marujos cochicham.

2º MARUJO Vá lá. Concordamos.

REDONDO Se em três mil anos-luz não encontrarmos planetas, voltamos.

TANGODANÇA Passou o primeiro milênio-luz e nada.

1º MARUJO Mais dois mil, e voltamos.

TANGODANÇA O mestre já desacreditava totalmente. E passaram-se mais mil anos-luz.

1º e 2º MARUJOS E nada. Nada de planetas.

TANGODANÇA O mestre, desiludido, me deixava muito triste. E começamos a planejar a viagem de volta. O mestre quase não falava mais. Finalmente... ao amanhecer do terceiro milênio-luz...

1º MARUJO Estás vendo?

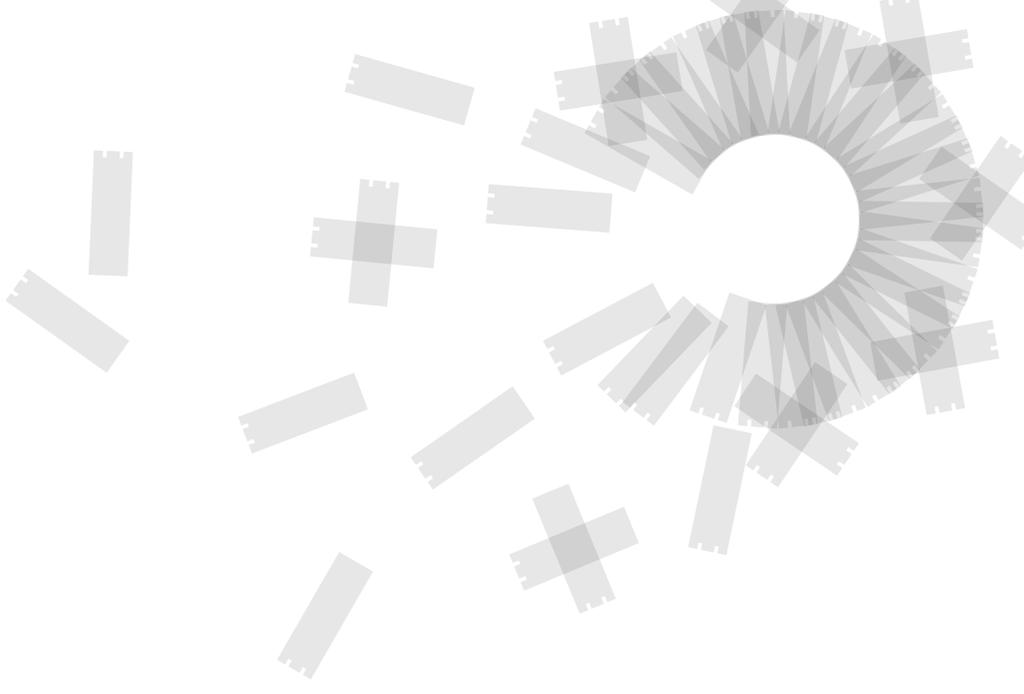
2º MARUJO O quê?

1º MARUJO Lixo espacial.

- TANGODANÇA Lixo espacial?! Onde? São indícios de planeta.
- 1º MARUJO O espaço está cheio.
- TANGODANÇA Urra! Senhor João Redondo, indícios de planeta à vista. Senhor mestre, venha ver... o espaço está cheio. (*Redondo não se move.*) Deve haver algum planeta por aí. Mestre, venha ver. Mestre!
- 2º MARUJO Planeta à vista!
- 1º MARUJO Planeta à vista!
- TANGODANÇA Mestre, planeta à vista. Os planetas que eram desconhecidos.
- REDONDO Não. Deve ser algum planetinha já descoberto.
- 1º MARUJO Venha ver, mestre. É um planeta desconhecido.
- 2º MARUJO Venha. Venha. É grandioso, bonito, luminoso!
- TANGODANÇA Quem sabe, pode ser Mosquitária, mestre.
- REDONDO Mosquitária? Ah, é. Pode muito bem ser que seja. E por que eu vou ficar sentado e não vou ver? Mosquitária! Mosquitária! É. É, sim. Eu te batizo, ó planeta estranho, até agora invisível. Eu te batizo e a partir de hoje serás conhecido. Mosquitária é teu nome.
- TODOS (*cantam*)
Depois de longa jornada
tanto tempo espaço afora
te encontramos, Mosquitária,
e tens nome desde agora.
Por quanto tempo esquecido!
Mas enfim chegou a hora,

pois tudo que é invisível
para quem olha de fora,
chegando perto descobre
por mais que haja demora.
Por mais que haja demora.
Por mais que haja demora.

Rio, 1972



O CASTELO DAS SETE TORRES

Dedicada a Rodrigo Farias Lima, Laerte Thomé,
Ilva Niño, Otoniel Serra e à lembrança
de Elke Maravilha.



Segundo lugar no Concurso Nacional de Textos para Teatro Infantil da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Paraná em parceria com a Fundação Teatro Guaíra, Curitiba, 1974.

Personagens

VOVÓ-RAINHA

DOM JOÃO, o Rei Infante

OS CINCO VERBOS

PRISIONEIRO DE ZARCÃO

DONA AMBROSINA, a Sedenta

DOM AUSTERO BACURAL

DONA FEDEGOSA, a Rainha Sepulcral

VENTURINO, o Venturoso

CORAÇÃO DE PUNHAL, a Possessa

DONA LÍRICA DE BELGDAR

CAMAREIRA

ARCEBISPO

CORO DOS CORTESÃOS

ELECAMONTE

BARÃO

VISCONDE

UM NOBRE

DUQUE

DUQUESA

FILHA1

FILHA2

ALDEÃO

MULHER DO ALDEÃO

PEREGRINO

OS CINCO NOBRES MENSAGEIROS

SANCHEGO

AMON DE MAKTUB

DOUTOR ASTRO-LOGOS

Esta peça foi encenada apenas uma vez, no Rio de Janeiro, numa superprodução de Rodrigo Farias Lima, fazendo temporada de grande sucesso (de público e de crítica) no Teatro Gláucio Gill, em 1979, com direção de Luiz Mendonça, figurinos de Laerte Thomé, música de Caique Botkay, iluminação de Jorginho de Carvalho e atuação de um grande elenco em que se destacaram Elke Maravilha (Vovó-Rainha), Luís Carlos Niño (Dom João), Denise Assunção, Fernando César, Limonge, João Elias e Ana Lúcia Torre.

A estreia de amanhã é O castelo das sete torres, talvez a obra-prima de Benjamim Santos, um grande autor teatral. [...] Essa peça louca, densa, lírica, engraçadíssima, foi premiada há alguns anos e continuava inédita por não ter aparecido ainda ninguém com a necessária ousadia para montá-la.

*Ana Maria Machado
Jornal do Brasil, Caderno B, 1979*

Partindo do excelente texto de Benjamim Santos, inteligente, humorístico, poético, o diretor Luiz Mendonça soube criar com O castelo das sete torres um dos mais belos momentos de nosso teatro infantil recente. [...] O texto é um desafio, em sua generosa incorporação do sonho e da fantasia, a par de uma discussão das pressões e do Poder e da autoridade, tudo isso perpassado de um amplo sopro de cultura brasileira. Há elementos das histórias de fadas tradicionais, do romancista popular, dos mamulengos nordestinos, da literatura de cordel, inclusive com a abolição de fronteiras de tempo e espaço que caracterizam essas formas de criação.

*Ana Maria Machado
Jornal do Brasil, Caderno B, 19 de janeiro de 1979*

Estão visíveis as Sete Torres de Sonho do Castelo de Dom João, o Sonhador. Entra a Vovó-Rainha.

VOVÓ Pronto. Aqui estou eu outra vez. Essa escadaria me deixa cada dia mais cansada. Para chegar ao terraço da torre a gente tem que subir tantos e tantos degraus! Ai! Dizia meu avô, D. Fernão do Bom-Olhar, que são 365 degraus. Mas eu, cá comigo, sempre desconfio dessa história. Quando dizem 365 é sinal de que não é lá muito verdade. Mas o que interessa é que cheguei. E vamos começar tudo de novo. Tudo outra vez... como todas as tardes, enquanto a Rainha dorme, enquanto todas as pessoas dormem lá embaixo. Ah, o ar puro! Aquilo lá é tão abafado, tão mórbido! A gente termina mesmo é ficando enviesática. Meu neto, o Rei Infante, Dom João, o Sonhador, ele sim era quem tinha razão. Mas por onde anda? Seguiu viagem, Vovó-Rainha. Viagem? Não. Nada disso. Na verdade ele continua aqui, aqui, brincando e dançando comigo. Primeiro vamos contar: uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete. Ainda bem que estão aí e ninguém poderá destruir as Sete Torres de Sonho deste Castelo Dourado criado pela imaginação do meu neto, o Imperador. Vamos então fazer como todos os dias. Primeira Torre. Torre de Orvalho Prateado, disse-me: está aí dentro o meu neto D. João, o Sonhador? Não. Vamos à segunda. Respondei-me, Torre de Espuma do Mar, guardais aí dentro o meu neto D. João, Imperador deste Reino de Belgdar? Também não. E vós, Torres das Cores-do-Arco-Íris? Negativo.

Aparece o menino Dom João, brincando por entre as Torres, mas invisível aos olhos da Vovó-Rainha.

- D. JOÃO Estou aqui, Vovó-Rainha.
- VOVÓ Ah, seu sabidinho, estás aí? Então aparece.
- D. JOÃO Estava, mas sumi. Vem me procurar, Vovó-Rainha. Aqui.
- VOVÓ Entregai. Entregai-me, senhora Torre das Injustiças do Mundo. Entregai-me o Imperador.
- D. JOÃO Aqui, Vovó-Rainha. Escondido pelas teias de aranha da Torre dos Desejos Conseguidos.
- VOVÓ Ah, a velha Torre dos Desejos Conseguidos! Mas espera. Falaste em teias de aranha? Impossível.
- D. JOÃO Isso aqui está cheio de teias de aranha. Só as teias. As aranhas saíram todas a passear.
- VOVÓ Impossível. Esta é a Torre que mais gosto. Venho limpá-la todos os dias.
- D. JOÃO Acontece que a Torre trabalha demais. Muitos são os desejos para atender e são poucos os criados para cuidar da Torre. Os criados só se preocupam em atender aos pedidos e desejos.
- VOVÓ Então vou aí dentro, limpo tudo e te carrego comigo.
- D. JOÃO Nada disso. Já consegui sair. Saltei para a Torre de Leste, a velha Torre do Nascer-do-Sol.
- VOVÓ Então sai.
- D. JOÃO Na Torre do Amor-Mais-que-Perfeito. Vem me apanhar.
- VOVÓ Bem sabes tu que aí não entro. Não. Não vou.

D. JOÃO Por que não? Vem.

VOVÓ Tu mesmo me passaste a ordem, Imperador.

D. JOÃO Eu? Que ordem que passei?

VOVÓ Que eu cuidasse das tuas Torres, mas nunca entrasse na Torre do Amor-Mais-que-Perfeito.

D. JOÃO Eu não falei isso.

VOVÓ Tenho a ordem comigo. Ordem por escrito e passada em cartório.

D. JOÃO Firma reconhecida?

VOVÓ Não. Firma reconhecida, não tem.

D. JOÃO Pois então? Ordem sem firma reconhecida não vale.

VOVÓ E posso entrar?

D. JOÃO Entra. Mas quando abrires a porta, não estarei mais.

VOVÓ Vou assim mesmo. Quero ver o que existe aí dentro.

D. João desaparece. A Vovó abre uma porta imaginária na estrutura da Torre e, de dentro, saem os Cinco Verbos do Amor-Mais-que-Perfeito, conjugando-se quase ao mesmo tempo.

AMAR Eu amara, tu amaras, ele amara...

SONHAR Eu sonhara, tu sonharas, ele sonhara...

PERDER Eu me perdera, tu te perderas, ele se perdera...

CONQUISTAR Eu te conquistara, tu me conquistaras...

VIVER Eu bem vivera, tu bem viveras, ele...

VOVÓ Ai, o que é isso? Parem. Parem. Me digam agora quem são vocês, seus loucos, endiabrados.

Os Verbos ficam se conjugando baixinho. O Prisioneiro de Zarcão sai da Torre do Amor-Mais-que-Perfeito.

SONHAR Eu sonhara contigo...

VOVÓ Falem outra coisa. Só sabem dizer a mesma lenga-lenga?

PRISIONEIRO São os Verbos, minha senhora. Os Verbos do Amor-Mais-que-Perfeito. É só o que eles sabem dizer. Estavam presos na Torre porque ninguém gosta mais de empregá-los. Hoje só se usa mesmo os verbos no Presente, no Passado e no Futuro.

VOVÓ Ah, coitadinhos! Mão de obra desvalorizada.

PRISIONEIRO O quê?

VOVÓ Nada. É assim que meu genro, economista, ia falar se estivesse aqui.

Os Verbos fogem por todos os lados.

PRISIONEIRO Fugiram.

VOVÓ Mas o senhor? Quem é o senhor?

PRISIONEIRO Um pobre, um coitado, um sofrido habitante de Zarcão. Andava com o meu exército, o exército dos Homens de Zarcão, quando tivemos de enfrentar o Imperador do Reino de Belgdar...

VOVÓ O Imperador D. João, meu neto?

PRISIONEIRO E perdemos a batalha. Os outros todos fugiram, mas eu, somente eu, fiquei prisioneiro.

VOVÓ Prisioneiro do Imperador? E o que fez ele?

PRISIONEIRO Deixou-me guardado aí dentro e depois esqueceu de mim e nunca mais veio abrir a Torre.

VOVÓ Incrível! D. João, o Sonhador, jamais me contou isso. Deve ter esquecido mesmo.

PRISIONEIRO Ele me esqueceu e eu fiquei preso aí dentro, o tempo todo ouvindo os Verbos se conjugarem.

VOVÓ Coitado!

PRISIONEIRO Coitado e pobre sofrido!

VOVÓ Pois agora estás livre. Eu te liberto.

PRISIONEIRO Verdade, senhora Dama?

VOVÓ Verdade, senhor Prisioneiro.

PRISIONEIRO Antigamente, em meu país, me chamavam de Cavalheiro! Agora, coitado de mim, me chamam Prisioneiro.

VOVÓ Volta para o teu país. Mas não esquece de contar aos teus amigos que foste libertado por uma senhora assim-assim...

PRISIONEIRO Bela!

VOVÓ Bela, eu? Coitada de mim!

PRISIONEIRO Elegante!

VOVÓ Elegante, eu? Não zombes de mim.

PRISIONEIRO Joviosa!

VOVÓ Joviosa, eu? O senhor caçoa sempre tanto assim?

PRISIONEIRO Digo a verdade. Somente a verdade.

VOVÓ Pois esqueceste o principal. Vê se adivinhas.

PRISIONEIRO Conselheira? (*Vovó faz que não.*) Contadora de histórias? (*Vovó faz que não.*) Cordial e equilibrada e educada e fina? (*Vovó faz que não.*)

VOVÓ Neurótica. (*Riem.*) É verdade, mesmo, senhor Prisioneiro. Minha melhor prenda é esta: sou neurótica!

PRISIONEIRO A nobre Dama me perdoe, mas não sei bem o que é isso?

VOVÓ Neurótica? Não sabe? Vai me dizer que não existem neuróticos no seu país! Claro que existem. O mundo inteiro está cheio. Pois te explico. Neurótica é uma pessoa que tem força no nervo ótico. Quando chegar em casa, pergunte ao seu pai o que é nervo ótico, aí ele explica e aí o senhor fica sabendo. Pois como eu dizia, toda a minha força de mulher vem do olho, ou melhor, do nervo ótico, e é por isso que eu enxergo a olhos vistos, enxergo a olho nu e os meus olhos são o espelho da alma.

PRISIONEIRO Ah, minha senhora, concedei-me um favor antes de partir. É um desejo meu. Desejo de um coitado, um pobre, um sofrido habitante de Zarcão.

VOVÓ Vem comigo. Esta é a Torre dos Desejos Conseguídos. Pensa baixinho, contigo mesmo, o que desejas e conseguirás.

Fazem um pouco de silêncio.

PRISIONEIRO Pronto. Agora devo partir. Espero conseguir o meu desejo. Pedi para me tornar um neurótico.

VOVÓ Pois podes partir em paz porque, hoje mesmo, te tornarás o mais jovem neurótico do mundo.

PRISIONEIRO Adeus, minha senhora.

VOVÓ Adeus, senhor Cavalheiro. *(Ele sai.)* Que coisa, um homem desse estar preso tanto tempo! Que desperdício de inteligência! Mas quando voltar o Imperador, me entenderei com ele.

Volta o Prisioneiro de Zarcão.

PRISIONEIRO Minha senhora...

VOVÓ Voltou por quê? O que aconteceu?

PRISIONEIRO Não sei o caminho de Zarcão.

VOVÓ Nem eu.

PRISIONEIRO E agora?

VOVÓ Fique.

PRISIONEIRO Aqui?

VOVÓ Claro. Poderá tomar conta das Torres. Diariamente eu subo do Palácio e venho te ver e você me conta como foi o seu dia. À noite, aprenderás a conhecer o céu, e de madrugada, se acordares, poderás conversar com as estrelas, e ficarás pálido de espanto.

PRISIONEIRO Posso ficar?

VOVÓ E pode me chamar de Milady. Serás meu hóspede e guardião das Sete Torres do Castelo de D. João. E eu te contarei histórias e o senhor me contará histórias da sua terra, lá do seu país de Zangão.

PRISIONEIRO Zarcão, minha senhora. Ah, como são lindas as histórias da minha terra. Zarcão é um belo país!

VOVÓ O senhor ama a sua terra?

PRISIONEIRO Amo com fé e orgulho a terra em que nasci. Milady não verá jamais um país como aquele. Olha, Milady, que o mar, o céu, a multidão de insetos...

VOVÓ Insetos! Que maravilha! Adoro insetos. Existem muitos no seu país?

PRISIONEIRO Mais de seiscentas mil variedades! Pernilongos, muriçocas, moscas e mosquitos e varejeiras e carapanãs e borrachudos e maruins, enfim: ortópteros, dípteros, estrepsípteros, hemípteros, neurópteros, lepidópteros, himenópteros e coleópteros.

VOVÓ Que gracinha! Sabe que os insetos de que eu gosto mais são os neurópteros? Acho lindas as asas dos neurópteros!

PRISIONEIRO Mas antes de contar qualquer uma das histórias do meu país, quero que Milady me conte uma.

VOVÓ Atualmente só me lembro de uma.

PRISIONEIRO Conte, Milady.

VOVÓ É a história do meu neto, D. João, o Sonhador, Rei Infante do Reino de Belgdar. Interessa?

PRISIONEIRO Conte, Milady.

VOVÓ A história começa muitos e muitos anos atrás. Aqui mesmo, no Reino de Belgdar. Era Imperatriz a minha tataravó, Dona Ambrosina, a Sedenta. Vivia com sede, coitada, morrendo de sede.

Passa e sai Dona Ambrosina, a Sedenta.

AMBROSINA Água, eu quero água. Dai-me água. E mais água. E mais água. De tão sedenta que sou, vou me tornar aquática. *(Sai.)*

VOVÓ Dona Ambrosina teve um filho chamado D. Austero Bacural, que se casou com Dona Fedegosa de Bourbon, a Rainha Sepulcral.

Passam e saem D. Austero e Dona Fedegosa.

D. AUSTERO Que nome daremos ao nosso filho?

FEDEGOSA O nome que eu ordenar.

D. AUSTERO Não. O nome, ordeno eu.

FEDEGOSA Pois que se chame Ventulino.

D. AUSTERO Não. Que se chame Ventulal. *(Saem os dois, discutindo.)*

VOVÓ Brigaram, brigaram e terminaram batizando o menino com o nome de Venturino, o Venturoso.

Passam e saem D. Venturino e depois Coração de Punhal.

VOVÓ Dom Venturino, o Venturoso, reinou durante três séculos, e foi casado com minha bisavó, chamada Coração de Punhal, uma rainha terrível, que terminou assassinando o meu bisavô. A arma do crime foi o próprio coração da minha bisavó, que era agudo como um punhal.

VOVÓ Foi daí que nasceu o meu avô, o vovô querido, o Imperador D. Fernão do Bom-Olhar, que gerou um filho chamado Serei-Leal. O Príncipe Serei-Leal era meu pai, pois dele fui gerada e recebi o nome de Doce-Cantar.

PRISIONEIRO Doce-Cantar!

VOVÓ Tive um filho, que foi Doroteu de Manacá e foi o meu filho Doroteu que gerou o meu neto D. João, o Sonhador. Mas Doroteu de Manacá largou o Reino e foi para as Cruzadas do Piauí e nunca mais voltou e, por isso, meu neto foi obrigado a ser coroado Rei quando ainda era muito criança. Meu neto, no dia da coroação...

Vovó e o Prisioneiro saem. Entram D. João, perseguido pela Camareira, e Dona Lírica, que vive cantando como soprano de ópera.

DONA LÍRICA Pegai, pegai! Pegai depressa! Pegai, ó Camareira, este menino...

CAMAREIRA Não consigo, Dona Lírica, não consigo.

DONA LÍRICA Por quê? Por que foges assim, ó meu reizinho?

Camareira consegue pegá-lo.

CAMAREIRA Pronto, minha senhora. Não vai mais fugir, hein, meu senhor.

DONA LÍRICA Obrigada, Camareira fiel! Vem, vem, vem Joãozinho querido!

D. JOÃO Não quero. Eu já disse que não quero.

DONA LÍRICA Menino não tem querer.

- CAMAREIRA Vamos preparar-nos para a festa, meu senhor. A Corte inteira está esperando. Precisas ficar bonito para a tua coroação. A partir de hoje serás o nosso grande Rei, o Imperador do Reino de Belgdar!
- D. JOÃO Não me interessa governar um reino assim. Meu desejo é outro e não quero a coroação.
- CAMAREIRA Dá-me o pé. Vamos calçar as botas.
- DONA LÍRICA Que tristeza, senhor meu Rei! Então é este...
- D. JOÃO Pretendo apenas correr pelos campos!
- DONA LÍRICA Então é este o filho que criei? Esposo meu, esposo meu!
- D. JOÃO Quero esconder-me entre as moitas de capim e adormecer ouvindo o grito das corujas!
- DONA LÍRICA Esposo meu, estejas onde estiveres, olha e vê o filho que tivemos!
- CAMAREIRA Abre os braços, Imperador, para o manto de púrpura e cantoneiras de arminho.
- D. JOÃO Eu quero por manto apenas a brisa da tarde; o vento fresco das noites e as belas cores da aurora.
- CAMAREIRA Estais preparado, meu senhor.
- DONA LÍRICA Agora dá-lhe o cetro de Rei.
- D. JOÃO O que eu quero é um bastão arrancado dum galho de laranjeira.
- DONA LÍRICA Bobagem! Bobagem! Bobagem!

CAMAREIRA Aqui está, D. João, o cetro de Imperador.

DONA LÍRICA Vinde comigo.

D. JOÃO Para onde?

DONA LÍRICA À sala do Trono. O Arcebispo te espera.

D. JOÃO Não. Não vou. Primeiro quero falar com a Vovó-Rainha.

DONA LÍRICA Chama depressa a Vovó-Rainha.

CAMAREIRA *(para fora)* O Imperador chama a Vovó-Rainha.

Várias vozes vão repetindo a fala, distanciando-se, enquanto entra a Vovó-Rainha, pelo outro lado, mal a Camareira dá a ordem.

VOVÓ Meu neto pensava que eu não queria vê-lo.
Parem essa gritaria, bando de loucos.

D. JOÃO Vovó-Rainha, manda saírem.

VOVÓ O Rei exige que saiam.

DONA LÍRICA Eu? Sair? Mas eu sou a mãe dele.

D. JOÃO Manda, Vovó-Rainha.

VOVÓ É uma ordem do Imperador.

DONA LÍRICA Ai que esse menino ainda me mata, ainda me mata, me mata do coração! E, por favor, não demorem. Dentro de dois minutos o Rei deve aparecer na sala do Trono. Dentro de dois minutos...

Saem Dona Lírica e a Camareira.

- D. JOÃO Vovó-Rainha, precisamos fugir.
- VOVÓ Quando?
- D. JOÃO Agora.
- VOVÓ Mas agora não posso. Todos te esperam. Serás coroado Rei.
- D. JOÃO Não quero.
- VOVÓ Precisas querer. Imagina se meu neto vai fugir antes da coroação! Se quiser que fuja depois.
- D. JOÃO Olha como estou: esse manto, essas pedras e o cetro dourado! Acho tudo horrível! Tudo sem graça. Ajuda-me, Vovó-Rainha; preciso fugir.
- VOVÓ Não. Não e não. Meu plano é diferente. Ouve bem. Aceita a coroação e depois, quando fores o Imperador, poderás fazer o que bem quiseres.
- D. JOÃO Não quero nada do que eles me dão.
- VOVÓ Todos farão o que pedires porque cada pedido teu será uma ordem. Reinarás ao nosso modo. Eu te ajudarei.
- D. JOÃO Poderei andar descalço?
- VOVÓ Ordenarás. (*Cantam.*)
- D. JOÃO Passear pelo jardim?
- VOVÓ Exigirás.
- D. JOÃO Correr e saltar e dançar?

VOVÓ Dançar e saltar e correr. Pois tu mesmo decretarás.

D. JOÃO Quero as abelhas comigo!

VOVÓ Zumbindo e fazendo mel.

D. JOÃO Quero ver as borboletas!

VOVÓ Ao redor do teu chapéu.

D. JOÃO E pelo céu, quero andar.

VOVÓ E pelo mar?

D. JOÃO Quero voar.

OS DOIS Nadar como um gavião. Voar como um tubarão.
Correr desbravadamente feito um cavalinho baio.
Voar como um papa-arroz. Falar como um papagaio.
Viver como um beija-flor. Amar com profundo amor.
Ô ô ô.

VOVÓ Concorda comigo? Pois agora vamos que a tal da Corte está esperando. Será o mais ordenador de todos os imperadores.

D. JOÃO Vamos. Eu mesmo já sei o que vou fazer.

Os dois dão um passeio enquanto entram o Arcebispo, Dona Lírica e o Coro dos Cortesãos, trazendo o banco para o trono. O Arcebispo recebe a coroa das mãos de Dona Lírica. Vovó-Rainha mistura-se ao Coro. D. João põe-se diante do trono.

VOVÓ Agora: ao trono, meu senhor.

ARCEBISPO *Consagratus est.*

CORO Ó ó ó!

ARCEBISPO *Coroatus est.*

DONA LÍRICA Ah ah ah!

ARCEBISPO *Accipite, Imperator...*

CORO *Imperator!*

ARCEBISPO *Coronam vostra.*

CORO *Imperator.*

ARCEBISPO *Coronam vostra.*

CORO *Imperator.*

DONA LÍRICA *Imperator est!*

CORO *Imperator nostrum!*

D. JOÃO Para. Assim não quero.

CORO Ó ó ó!

DONA LÍRICA Ah ah ah!

ARCEBISPO *Quid dicetis?*

D. JOÃO Eu disse que assim não quero.

DONA LÍRICA Que se passa?

CORO Ó ó ó!

D. JOÃO Afastem essa coroa de perto de mim.

DONA LÍRICA Por quê? Por quê?

D. JOÃO Está suja. Tem uma mancha de sangue entre os rubis.

CORO Ooooh!

DONA LÍRICA Ah, sangue do meu sangue!

VOVÓ Claro que é sangue. Daqui mesmo eu vejo. Levem a coroa para lavar.

DONA LÍRICA Levem depressa. Perdoai, senhor Arcebispo.

D. JOÃO Quero com água sanitária e sabonete. (*Levam a coroa.*)

CORO Iiih!...

VOVÓ Qual sabonete, Imperador? Serve Eucalol?

D. JOÃO Lux, que é o sabonete das estrelas.

CORO Iiih!

ARCEBISPO *Quid facio?*

DONA LÍRICA Esperai, senhor Arcebispo. Oh, um escândalo. (*Volta a coroa.*)

D. JOÃO Coroem depressa. (*Arcebispo vai coroá-lo.*)

ARCEBISPO *Coroatus est.*

CORO Ó ó ó!

ARCEBISPO *Consagratus est.*

DONA LÍRICA Ah ah ah!

ARCEBISPO *Accipite, Imperator.*

D. JOÃO Como demora!

D. João toma a coroa das mãos do Arcebispo e a põe sobre a cabeça.

CORO Oh!

DONA LÍRICA *(desmaiando)* Ah!

VOVÓ Viva o Imperador!

D. JOÃO Viva o Imperador!

ARCEBISPO Viva!

CORO *(perplexo)* Imperador-ô-ô!

DONA LÍRICA *(voltando a si)* Que se passa? Onde estou?

D. JOÃO Diante do Imperador. Agora, todos, agachai-vos e ouvi.

Todos hesitam.

VOVÓ É uma ordem de D. João, o Rei Infante. *(Agacham-se.)*

D. JOÃO É o momento em que vou lhes dizer o meu cognome. A partir deste momento todos vós sois vassallos, súditos e servos de D. João, o Sonhador, Rei Infante deste Reino de Belgdar. *Levantai-vos. (Erguem-se.)*

CORO D. João, o Sonhador!

D. JOÃO Agachai-vos. *(Agacham-se.)*

CORO Rei Infante do Reino de Belgdar!

D. JOÃO De pé. Passo então a nomear o meu Primeiro-Ministro. Agachai-vos.

CORO Primeiro-Ministro!

D. JOÃO Está nomeada a Primeira-Ministra do Reino de Belgdar: Vovó-Rainha, Dona Eleutéria do Doce-Cantar.

Vovó-Rainha solta uma gargalhada e se aproxima do Imperador.

D. JOÃO Agora vão embora. Todos. Já.

DONA LÍRICA Meu filho, o que está acontecendo?

D. JOÃO Preciso ter uma conversa com a Primeira-Ministra do Reino. Aguardai no corredor, minha senhora. Por favor.

Dona Lírica sai e todos saem após ela.

D. JOÃO Vovó-Rainha, o que será de mim? Olha o que fizeram do seu neto!

VOVÓ Meu neto é um gênio, um artista! Representou tão bem! Fiquei orgulhosa o tempo todo.

D. JOÃO Esta coroa me pesa. O manto me arrasta para trás. O cetro me adormece o braço. Como me aperta esta roupa bordada de ouro e prata!

VOVÓ Mas és o Imperador. Onde já se viu um Imperador sem coroa, sem manto de púrpura e sem cetro de ouro?

D. JOÃO Estou cansado, Vovó-Rainha. Mal comecei e já me sinto cansado. Preciso descansar. Vovó-Rainha, me espera. Vou ao terraço olhar o céu e ver a paisagem.

VOVÓ Vai, vai, meu Rei Sonhador. Qualquer coisa, te chamo e não deixo ninguém te importunar.

D. João sai. Entra o Prisioneiro de Zarcão.

PRISIONEIRO Que história bonita! E depois da coroação, o que aconteceu?

VOVÓ Eu acreditava que se pudesse enganar uma corte inteira, mas eles são tão políticos! D. João foi obrigado a reinar, mas reinando, o Rei Infante não podia mais brincar. Ficava no trono manhãs inteiras, sentado. Só que no fundo, lá dentro, D. João não reinava. O que sempre fez foi sonhar. Sonhava tudo. Todos os sonhos do mundo passavam pela cabeça do Imperador.

PRISIONEIRO Eram bonitos os sonhos do Rei?

VOVÓ Um dia D. João sonhou. (*Entra D. João. Entrada do Elecamonte.*)

D. JOÃO És lindo! Lindo! Só que eu não conheço a tua espécie.

ELECAMONTE Como não me conhece! Pois tu me inventaste!

D. JOÃO Eu te inventei porque eu invento. Invento bichos. Invento tudo. Agora me lembro. Peguei cabeça de elefante africano e juntei com corpo de camelo asiático, chifres de bisonte e... pum...

ELECAMONTE Deu nisso. Aqui estou eu.

D. JOÃO Eu te batizo com o nome de Elecamonte. Elecamonte. Agora vai pelo mundo e te multiplica. Mas vê se te dá bem com os outros bichos. Espera. E como andas? (*Elecamonte anda.*) E como falas?

ELECAMONTE Eu falo assim.

D. JOÃO E como danças?

ELECAMONTE Assim. Assim. (*Os dois cantam e dançam.*)

D. JOÃO E como cantas? Cantas assim?

ELECAMONTE Eu canto assim e canto assado. Assim-assim. Assim-assado.

OS DOIS Pois bem assim.
Pois bem assado.
Assim-assim.
Assim-assado.

ELECAMONTE Do elefante
eu tenho a tromba,
eu tenho os olhos
e as orelhas.

D. JOÃO Um elefante
assim-assim.
Um elefante
assim-assado.

ELECAMONTE E do camelo
tenho pescoço,
mais a corcova
aqui no dorso.

D. JOÃO De um camelo
assim-assim.

De um camelo
assim-assado.

ELECAMONTE Como um bisonte
eu sou chifrudo,
e o meu chifre
é bem pontudo.

OS DOIS Como um bisonte
assim-assim.
Como um bisonte
assim-assado.

O Elecamonte sai dançando.

VOVÓ De outra vez... *(D. João vai fazendo o que ela narra)*
D. João, não tendo com que brincar, e, como fosse
uma tarde de chuva, ficou olhando a chuva cair
pelos jardins do palácio. Logo teve uma ideia e
começou a trabalhar. Pegou papel de seda branco
e foi dobrando e foi dobrando e, enquanto dobrava
o papel, D. João foi o seu sonho sonhando.

D. JOÃO *(canta para o barquinho de papel que acabou de fazer)*
Meu barquinho do estaleiro
vai levar o que eu quiser.
Vai correr o mundo inteiro
meu barquinho Rosicler.

VOVÓ A chuva caía, fininha, caindo do azul do céu, e,
enquanto a chuva caía, D. João armazenou o porão
de carga, pousou o barco sobre a água da chuva e
deixou o barco seguir.

D. JOÃO Leva meu sonho, meu canto.
Leva tudo o que puder.
Vai carregado de amor,
meu barquinho Rosicler.

Entram Dona Lírica, o Barão e o Visconde.

DONA LÍRICA Ó meu filho, Imperador, ainda bem que estás em teu posto. Tens muito o que fazer hoje. Podeis começar, senhores.

D. JOÃO A ninguém posso atender sem que esteja presente a Primeira-Ministra.

VOVÓ *(entrando)* Chego atrasada? É isso. Sempre termino chegando atrasada.

DONA LÍRICA Podemos começar?

D. JOÃO Podemos, senhora Ministra?

VOVÓ Podeis começar, Imperador.

DONA LÍRICA O primeiro.

VISCONDE Senhor Imperador...

BARÃO Senhor D. João...

VOVÓ Fala um de cada vez que isto aqui não é festa.

VISCONDE Trago um problema de intriga.

BARÃO Trago uma questão conflituosa.

VISCONDE O Barão, aqui presente, é meu vizinho de terras.

BARÃO O Visconde, aqui presente, tem as terras junto às minhas.

VISCONDE E vem daí o problema.

BARÃO E vem daí a questão.

- VISCONDE De intriga.
- BARÃO Conflituosa.
- VOVÓ De conflitos ou intrigosa, o que é preciso é que contem tudo de uma vez.
- D. JOÃO Tem razão a Primeira-Ministra.
- VISCONDE Pois as vacas do Barão pulam a cerca e vão beber na fonte das minhas terras.
- BARÃO Pois as cabras do Visconde pulam também a mesma cerca e vão beber no riacho das minhas terras.
- VOVÓ Como vê, Imperador, trata-se de uma briga de cabras e vacas.
- VISCONDE Uma questão intrigosa!
- BARÃO Um problema conflituoso!
- DONA LÍRICA Imperador! É a hora da Justiça.
- D. JOÃO O que fazer?
- VOVÓ *(ao Imperador)* É a hora do quadrado.
- D. JOÃO É a hora da Justiça. Os dois têm terras vizinhas?
- BARÃO Vizinhas.
- D. JOÃO Separadas por uma cerca.
- VISCONDE Por uma cerca.
- D. JOÃO O Barão tem cabras e o Visconde tem vacas?

DONA LÍRICA Não, Imperador. As cabras são do Visconde e as vacas do Barão.

D. JOÃO Então a cabraria do Visconde bebe água no riacho das terras onde vive a vacada do Barão?

BARÃO Perfeito.

D. JOÃO E a vacaria do Barão bebe água na fonte das terras onde vive a cabrada do Visconde.

VISCONDE Perfeito.

BARÃO Mas não pode continuar. É um descalabro!

VISCONDE Não pode ser. É um despropósito!

D. JOÃO Afastem-se um do outro. Assim. Tome o giz, senhor Visconde, e tome o giz, senhor Barão.

BARÃO Giz?! E a cabreirada?

VISCONDE E a vaqueirama?

VOVÓ Sobre cabras e vacas decide o Imperador. Fazei o que ele pede.

D. JOÃO Risquem um quadrado no chão, ficando cada um no centro de tal quadrado. Isso. Agora as pedras. Cada um com uma pedra. O Barão joga a pedra para acertar dentro do quadrado do Visconde e o Visconde joga a pedra para acertar dentro do quadrado do Barão. Conforme o resultado será o pronunciamento da Justiça. Olhos vendados para o Barão. Olhos vendados para o Visconde. Pronto. Agora a Primeira-Ministra começa a contagem regressiva.

- VOVÓ 7, 6, 5, 4, 3...
- BARÃO Mas não é caso de sorte!
- VISCONDE Não é jogo de azar!
- D. JOÃO É o grande jogo da Justiça.
- VOVÓ 3, 2, 1, 0. *(Os dois jogam e erram.)*
- D. JOÃO Tão simples. Erraram os dois.
- VOVÓ Isto prova mais uma vez que a Justiça não é assim tão cega, mas enxerga e enxerga mais do que nós.
- D. JOÃO Dizem mesmo, senhores Ministros, que a justiça tem três olhos, em vez de dois. Agora o veredicto.
- DONA LÍRICA Discordo. Discordo da sabedoria do Imperador.
- D. JOÃO Não tem corda nem discorda. Enquanto eu estiver no Trono não podeis cordar nem discordar. Feito o jogo, jogado está. E assim fica determinado: o Barão tem as vacas que bebem no Visconde e o Visconde tem as cabras que bebem no Barão etc. etc. etcetera e tal, então as vacas saltadeiras ficam pertencendo ao Visconde e as cabrioleiras ficam com o Barão. Assim todos bebem nos lugares certos e adeus e chega e não tem mais nem tem senão.
- Saem todos. Fica a Vovó. Entra o Prisioneiro.*
- VOVÓ Era assim que ele julgava e recebia os nobres da corte. No fim do dia estava cansado e, muitas vezes, o encontrei sozinho, chorando. D. João precisava de um amigo. Dei-lhe a ideia. Então D. João perdeu um amigo.

Entram Dona Lírica e um Nobre.

DONA LÍRICA Pois o Imperador agora quer um amigo! Já viu que coisa difícil de conseguir?! Quem pode ser amigo do Imperador?

NOBRE Não conheço.

DONA LÍRICA Tem que ser digno!

NOBRE Não se encontra.

DONA LÍRICA Educado!

NOBRE Educadíssimo!

DONA LÍRICA Respeitador!

NOBRE Impossível de achar.

DONA LÍRICA E bondoso e cortês e rico e talentoso. Inteligente, bem-vestido, obediente e esperto e aseado e corajoso.

NOBRE O filho da Condessa?

DONA LÍRICA É preguiçoso e, ainda por cima, é asmático.

NOBRE O primo da Baronesa?

DONA LÍRICA Ai, não. É tão medroso! Tão sorumbático!

NOBRE O sobrinho da Viscondessa?

DONA LÍRICA Nem pensar. Além de ignorante é muito fleugmático.

NOBRE Então o filho da Arquiduquesa.

- DONA LÍRICA Imagina! Meu filho amigo de um simples filho de Arquiduquesa! (*Saem.*)
- VOVÓ Resolveram fazer um concurso e choveram inscrições. Tanto escolheram, tanto escolheram... este não serve porque isso; este não serve porque aquilo; este também não e nem aquele e nem aquele outro... ah, pobre D. João... continuou sozinho, sonhando, sonhando o dia inteiro!
- PRISIONEIRO A ser um Rei assim, eu prefiro viver no cativeiro. Olhe, Milady, que não é me gabando, não, mas eu tenho muitos amigos lá em Zarcão.
- VOVÓ Um homem sem amigo é como borboleta sem flor: por mais que voe, não fica feliz.
- PRISIONEIRO Frase bonita, Milady! É sua?
- VOVÓ Aprendi nos livros. Eu tenho essa mania de aprender frases nos livros e depois sair dizendo. É por isso que eu sou neurótica.
- PRISIONEIRO Mas continue, Milady. Continue a história de D. João, o Imperador de Belgdar.
- VOVÓ Muito triste, o Rei Infante foi para o terraço e lá ficou e começou a chorar baixinho. Tanto chorou, tanto chorou que suas lágrimas, caindo no chão, formaram uma pocinha de lágrima. D. João viu e foi chorar em outro lugar. E tanto chorou e chorou que suas lágrimas formaram outra pocinha no chão. O Imperador mudou de lugar mais uma vez e não parava de chorar. Quando não havia mais lugar onde pudesse continuar chorando, o Rei Infante olhou as poças de lágrima e sorriu. Passeou por entre elas e contou. Eram sete lagoas, sete laguinhos chorados

por D. João. E dos sete lagos chorados surgiram as sete torres do seu Castelo de Sonho.

Música. Sete atores em movimento corporal erguendo-se, envolvidos por tiras de filó que se elevam, dançam a formação do Castelo das Sete Torres. Ouve-se um canto vindo de fora, em gravação.

CANTO

D. João, o Sonhador,
sonhou sonhos cor do mar
e de sonho assim chorado
pôde um Castelo criar.

Veio surgindo, surgindo
maravilhoso Castelo.
São Sete Torres cobertas,
de Açúcar e Caramelo.

Fez de nuvem transparente
as Torres por sobre o Mar:
as Sete Torres de Sonho
sonhando o Céu encontrar.

Cresceram tantos degraus
quantos dias tem o ano.
Pelos degraus escondeu
muito sonho e desengano.

Abriu na Torre de Leste
vinte e um respiradouros.
E nos lados do Ocidente:
em cada Pedra, um Tesouro.

Pobre, pobre D. João,
que não para de sonhar!

Ai que sonho é seu Castelo:
Sete Torres sobre o Mar.

Armado o Castelo, somem os sete atores.

VOVÓ Já é tarde, senhor Cavalheiro. Dê-me licença que preciso descer ao palácio. Quando desapareço muito tempo, as camareiras começam a me procurar.

PRISIONEIRO E o fim da história, Milady?

VOVÓ Preciso descer. Amanhã, quando tornar a subir, contarei o resto. Assim posso medir seu interesse pela história de D. João.

PRISIONEIRO Ficarei o tempo todo esperando que chegue amanhã.

VOVÓ Nem se preocupe, meu senhor de Zarpão. Amanhã sempre chega. *(Sai.)*

PRISIONEIRO Não é Zarpão, Milady. É Zarcão. Zar-cão.

Um intervalo musical e aparece Dom João.

D. JOÃO Está dito e dito está. É uma ordem, senhor Barão e senhor Duque e senhor Visconde. A Primeira-Ministra assina minha ordem. Amanhã, ao meio-dia, quero todo o povo do Reino, aqui, diante de mim.

BARÃO Podemos saber para quê, Imperador?

D. JOÃO Digo amanhã.

VISCONDE Todos?

D. JOÃO Ninguém pode faltar.

DUQUE E os que moram longe?

D. JOÃO Não importa. Darão um jeito. Agora podem sair.
(*Saem.*) Vovó, conta-me uma história.

VOVÓ Estou triste, D. João. Estou muito triste comigo.

D. JOÃO Não é caso para tristeza, Vovó-Rainha. Você já me contou tantas histórias! Desde pequeno que eu lhe peço histórias.

VOVÓ Acabaram-se todas. Não lembro mais nenhuma. Logo agora que meu neto quer ouvir uma história, não sei mais contar.

D. JOÃO Nem se preocupe, Vovó-Rainha, aqui em Belgdar encontraremos alguém que me conte uma história. Vamos para o Castelo das Sete Torres porque este palácio me chateia. Vem comigo, Vovó-Rainha.

VOVÓ Não sei onde anda minha cabeça que não sei mais histórias para o Imperador.

Saem. Entram o Duque, a Duquesa e as duas filhas.

DUQUE A verdade é que amanhã ao meio-dia estaremos diante do Imperador.

DUQUESA Imaginas o que seja, senhor Duque, meu marido?

DUQUE Não tenho ideia, senhora Duquesa, minha mulher.

DUQUESA Cá comigo me passa uma ponta de pensamento.

FILHA1 O que pensas, mamãe?

DUQUESA Acho que D. João quer casamento.

FILHA2 Casamento, mamãe?

- DUQUE Bobagem. Bobagem. Não creio.
- DUQUESA Pois vá por mim, maridinho, que meu sexto sentido não me engana.
- DUQUE E o que pretendes?
- DUQUESA O que pretendo? Ora, maridinho, nós pretendemos que o Imperador case com uma das nossas filhas.
- FILHA1 Comigo, mamãe.
- DUQUESA Não, querida. Primeiro a Claudete, que é mais velha.
- FILHA2 A Claudete sou eu, não é, mamãe?
- DUQUE O Imperador casado com a Claudete!
- DUQUESA Alguma coisa me diz que a Claudete será escolhida.
- DUQUE Preciso ainda avisar a algumas pessoas. Olha, mulherzinha, se tu pensas assim, não custa ajeitar um pouco a Claudete. Queres te casar com o Imperador, filhinha?
- FILHA2 Quero, paizinho.
- DUQUESA Então vem que precisas tomar banho.
- FILHA1 Só a Claudete, não é, mamãe?
- DUQUESA Adeus, maridinho. Um beijinho. Assim.
- Saem. Entram D. João, Dona Lírica e Vovó-Rainha.
O Imperador está nervoso.*
- D. JOÃO Não é nada disso. Eu expliquei tudo muito bem. Não quero somente a Corte, quero também os

camponeses, os aldeões, os mercadores. Todos. Todos aqui amanhã ao meio-dia. É ordem do Imperador.

Saem. Entram o Aldeão e sua mulher.

ALDEÃO Acabo de receber a ordem.

MULHER Que ordem, homem de Deus?

ALDEÃO O Imperador quer ver a gente.

MULHER Quanto mais velho, mais doido vais ficando. Imaginar que o Imperador quer ver a gente. Nós, uns pobres camponeses e aldeões!

ALDEÃO É verdade. A ordem está pregada em todas as praças de Belgdar. Quem não for será degolado.

MULHER O Imperador quer te ver?

ALDEÃO Quer. E quer te ver, também. Juro pelo que há de mais sagrado.

MULHER Juras?

ALDEÃO Juro.

MULHER Juras pela tua mãe? E por teu pai? E por todos os nossos filhos? Ah, então é verdade mesmo. E o que o Imperador quer com a gente?

ALDEÃO Ah, isso não sei. Lá sei o que quer?

MULHER Sabe qual foi o último Imperador que eu vi com os meus olhos? Fernão do Bom-Olhar. Já estava muito velho, mas mesmo assim era um senhor Imperador. Eu era muito pequena, mas lembro.

ALDEÃO Ah, não. Eu vi o Príncipe Serei-Leal. Eu estava no portão da Catedral no dia da coroação do Príncipe, bisavô de D. João. Quando o cortejo passou, vi o Príncipe Serei-Leal bem de pertinho. Foi aí que ele me olhou e sorriu e piscou um olho para mim.

MULHER Deixa de conversa, homem dos diabos. Na cabeça de quem vai entrar essa história?

Entra o Peregrino.

PEREGRINO Quem dá de beber a um pobre peregrino? Venho de longe e tenho muito o que andar.

ALDEÃO Dá-lhe água.

PEREGRINO Tem chovido por aqui?

ALDEÃO Chove e não chove. Um dia é bom, o outro não. Assim se vive.

PEREGRINO Falou bem. Água boa de beber. Dá vontade de sentar e descansar os pés. Mas que nada. Preciso ir andando, antes de escurecer. Novidade por esses lados?

ALDEÃO Não. Nada de novidades.

MULHER Só existe uma: o Imperador D. João convocou todas as pessoas do Reino.

PEREGRINO Todas?

ALDEÃO Todas, Peregrino. Amanhã meio-dia.

PEREGRINO Isso é bom. Eu também preciso falar com o Imperador.

MULHER Então aproveite. Isso de ver o Imperador é tão difícil hoje em dia! O Peregrino vai ao Palácio amanhã?

PEREGRINO Não. Não. Acabo de chegar. Depois peço audiência. Agora vou andando. Até outra vez.

Sai. Entra Dona Lírica.

DONA LÍRICA Nunca vi tanta gente neste Palácio! O pátio está cheio de aldeões. Os jardins cheios de Duques e Barões. Os corredores cheios de crianças e os salões cheios de Baronesas e Viscondessas. O Imperador, meu filho, não tem mais o que inventar. Botou na cabeça que tem de ouvir uma história. Isso me deixa louca. *(Sai. Entra a Camareira.)*

CAMAREIRA Que loucura, meu Deus! Os criados trabalham como gigantes. As cozinheiras coando café o tempo todo e a gente a servir: um cafezinho para o Conde, um cafezinho para o Visconde, um copo d'água para o Aldeão e outro copo d'água para o outro Aldeão. A Condessa precisa de um espelho e a filha da Arquiduquesa quer fazer pipi. Ai, meu Deus, eu fico louca. *(Sai. Entra D. João.)*

D. JOÃO A Primeira-Ministra acaba de me informar que ninguém da Corte sabe contar histórias. Nem as Baronesas nem as Viscondessas. Será que não existe em Belgdar alguém que saiba me contar uma história? *(Sai. Volta Dona Lírica.)*

DONA LÍRICA Felizmente os Duques e Barões já foram despedidos. Também foram embora as Viscondessas e suas filhas casadoras. Ai, que dia, meu Deus do céu, que dia! *(Sai. Volta a Camareira.)*

CAMAREIRA Graças! Graças! Graças! Estão indo embora os últimos Aldeões. Vovó-Rainha já entrevistou mais

de 199 camponeses. Graças! (*Sai. Entram a Vovó-Rainha e D. João.*)

D. JOÃO Então? Alguém?

VOVÓ Ninguém.

D. JOÃO Nenhuma história?

VOVÓ E foram consultados todos os habitantes de Belgdar.

D. JOÃO Quem sabe, falta alguém.

VOVÓ Não se conhece ninguém, por todo o Reino, que não tenha vindo ao Palácio, a não ser um desconhecido que acaba de chegar.

D. JOÃO Quem é?

VOVÓ Não se conhece. Uns Aldeões que falaram.

D. JOÃO Quero ver os Aldeões.

VOVÓ Estão logo ali. São os últimos. Entre, meu senhor. Entre, minha senhora.

Entram o Aldeão e a Mulher.

ALDEÃO Meu senhor Imperador!

MULHER Os cumprimentos de dois humildes camponeses.

D. JOÃO Muito me honra que tenham vindo.

ALDEÃO Falais em honra, meu senhor?

MULHER Muito maior é a honra que nos cabe. Imagine que só uma vez pude ver um Imperador: D. Fernão do Bom-Olhar, seu trisavô.

ALDEÃO Pois eu conheci gente mais próxima, senhor D. João. Conheci o Príncipe Serei-Leal.

VOVÓ Meu pai?

MULHER Diz o marido que sim, mas eu não acredito nesta história. Diz ele que o Príncipe passou por perto e lhe sorriu e até piscou o olho.

VOVÓ Pois acredite, minha senhora, porque meu pai era muito brincalhão e sorria e piscava o olho a muitos camponeses.

ALDEÃO Acredita agora?

D. JOÃO E o desconhecido de que falaram?

ALDEÃO Passou ontem lá em casa, vindo para cá. É um peregrino carregado de um saco que mais parecia um matulão do que um alforge.

D. JOÃO E como encontrá-lo?

MULHER Isso é que não sabemos. Pelo jeito, parece que conta histórias muito lindas.

ALDEÃO O Imperador pode mandar procurá-lo. Não deve estar longe. Talvez no mercado.

D. JOÃO Vovó-Rainha, mande procurar o Peregrino por todos os cantos do Reino. *(Sai a Vovó-Rainha.)*

D. JOÃO Muito lhes agradeço. Agora podem partir em paz.

- ALDEÃO Sem antes beijar-lhe os pés?
- MULHER Sem antes tocar-lhe o manto?
- D. JOÃO Nada disso. Eu devo muito aos senhores e por isso quero abraçá-lo, meu senhor.
- ALDEÃO O Imperador acaba de me abraçar!
- D. JOÃO E quero beijar-lhe a mão, minha senhora.
- MULHER O Imperador acaba de me beijar!
- ALDEÃO Abraço é mais importante.
- MULHER Que nada. Um beijo é muito mais elegante.

Saem os aldeões e, enquanto sai D. João, espalham-se em fileira, da esquerda para a direita, os Cinco Nobres Mensageiros.

- 1º (ao 2º) Senhor Duque, o Primeiro-Ministro me pediu para lhe pedir que procure por toda parte um Peregrino que deverá se apresentar ao Imperador.
- 2º (ao 3º) Senhor Conde, o Primeiro-Ministro pediu ao Arquiduque que me pediu para lhe pedir que procure por toda parte um Peregrino que deverá sair do Império do Imperador.
- 3º (ao 4º) Senhor Visconde, o Primeiro-Ministro pediu ao Arquiduque que pediu ao Duque que me pediu para lhe pedir que procure por toda parte um filipino que será um nobre do Império do Imperador.
- 4º (ao 5º) Senhor Barão, o Primeiro-Ministro pediu ao Arquiduque que pediu ao Duque que pediu ao Conde

que me pediu para lhe pedir que procure amanhã de tarde um filipino que, sem mistério, será Imperador.

5º Guardas, todo mundo mandou dizer para prenderem o homem que não gosta do Imperador.

Saem. Entram a Vovó-Rainha e o Prisioneiro de Zarcão.

PRISIONEIRO Cada vez mais complicada e cada vez eu gosto mais da história. Milady sabe contar histórias muito bem.

VOVÓ Aprendi com meu bisavô, Venturino, o Venturoso, que foi casado com minha bisavó Coração de Punhal.

PRISIONEIRO E D. João, o Sonhador, conseguiu encontrar o tal Peregrino?

VOVÓ Claro que sim.

PRISIONEIRO E ele sabia contar histórias?

VOVÓ Aí é que está. O Peregrino sabia contar histórias, histórias lindíssimas, daquelas que meu bisavô me contava.

PRISIONEIRO Então ficou tudo resolvido: o Peregrino contou histórias ao Imperador e o Imperador ficou alegre.

VOVÓ Não foi tão fácil assim como o senhor pensa.

PRISIONEIRO O Peregrino não quis?

VOVÓ Ele só contava se tivesse uma recompensa.

PRISIONEIRO Recompensa do Imperador? Que atrevido!

VOVÓ Deixe que eu continue e o senhor saberá.

Entram o Imperador e o Peregrino.

D. JOÃO Quer dizer que só me conta a história se eu lhe conceder um favor?

PEREGRINO O Imperador me desculpe, mas sou obrigado a pedir um favor.

D. JOÃO E o que é que deseja?

PEREGRINO Como verá, é muito simples. Na verdade eu sou um artista mamulengueiro. Eu brinco com bonecos. Fico por trás do pano e conto histórias com os bonecos de mamulengo. Vivo disso. Esse meu saco está cheio de bonecos. Onde eu chego, armo a tenda e começa o espetáculo. Meu teatro já se apresentou no Japão e no Mar da China, em Parnaíba e no Paquistão. Rodei toda a Europa e toda a América do Sul e toda a Argentina. Sempre sucesso. Mas agora embатуquei. Uma história que imaginei embatucou na minha cabeça porque trata de um certo D. Afonso Trambiqueiro, que vive escondido no túnel de um castelo antigo e só sai na Sexta-feira da Paixão. Nesse dia ele corre o mundo e engana quem vai encontrando. Acontece que eu nunca entrei num túnel de castelo antigo e por isso não sei fazer a história. Pois se deu que, estando eu em Alexandria, encontrei um engolidor de fogo que me disse: “Vai, pega o teu saco de mamulengo, e procura D. João, o Sonhador, no Reino de Belgdar, porque somente ele possui o mais misterioso túnel do hemisfério. É o Túnel do Castelo das Sete Torres”. Entendeu, agora? Eu conto uma história se o senhor me levar ao Túnel do tal Castelo.

D. JOÃO Ouviste, Vovó-Rainha, como é conhecido o Castelo das Sete Torres? Falam dele em pleno Egito!

PEREGRINO Concorda com a proposta?

D. JOÃO Para falar a verdade, eu mesmo jamais entrei no Túnel do Castelo. Mas eu topo a parada. Concordo.

PEREGRINO Ótimo (*Saem D. João e o Peregrino.*)

VOVÓ E o Peregrino e D. João e eu fomos para a Torre de Leste e ouvimos e vimos a história. Era uma história lindíssima com Príncipes e Princesas, Mouros e Cristãos, peixes faladores, feiticeiros e encantadores. Algum dia eu conto para o senhor a história do Peregrino.

PRISIONEIRO Agora o que interessa é saber se foram mesmo visitar o Túnel.

VOVÓ Naquela mesma noite, enquanto todos dormiam, o Imperador conseguiu fugir da cama e se encontrou com o Peregrino. O Peregrino trazia lanterna, cordas e ferramentas. Subiram ao terraço do Palácio e o Peregrino ficou maravilhado diante do Castelo das Sete Torres.

PRISIONEIRO E como foi que acharam o Túnel?

VOVÓ D. João levava o mapa, e a todo instante paravam e faziam consultas. Depois seguiam adiante. Foi assim que subiram 18 degraus da Torre das Injustiças do Mundo, deram com uma porta que era passagem secreta para a Torre dos Desejos Conseguídos e desceram 21 degraus e passaram à Torre de Orvalho Prateado e depois à Torre de Leste, onde desceram os 98 degraus e entraram na Torre de Espuma do Mar e passaram por 19 corredores e por 114 portas, tendo que saltar 77 janelas, todas feitas de caramelo e recobertas de chocolate preto. De lá em diante, D. João não conhecia mais nada e

foi quando encontraram um desenho na parede e o Rei compreendeu que estavam no porão subterrâneo da Torre do Amor-Mais-que-Perfeito.

PRISIONEIRO Por favor, Milady, me diga logo se encontraram o Túnel.

VOVÓ Claro que encontraram, senhor de Zartão, mas nada de pressa, porque eu só acredito em histórias que sejam muito bem contadas e com muitos detalhes.

PRISIONEIRO Adiante, Milady; adiante.

VOVÓ Onde é que eu estava? Ah! Do tal subterrâneo eles desceram ainda mais; passavam por galerias e olhavam o mapa; cruzavam portões e salas e corredores e olhavam o mapa. Finalmente deram com a porta secretíssima e entraram. Era a porta de entrada do Túnel. O Peregrino tremia de felicidade. O Imperador sorria de medo e encantamento.

PRISIONEIRO E lá dentro?

VOVÓ Tudo era feito de sonho. Conheceram tudo. O Peregrino anotava tudo com os olhos sem precisar de lápis e papel. Foi então...

Entram D. João e o Peregrino.

PEREGRINO O senhor tocou nela, Imperador.

D. JOÃO Estava a meus pés.

PEREGRINO Pode ser fantasmagórica.

D. JOÃO Não creio. É apenas uma armadura.

PEREGRINO É muito antiga. Veja os desenhos. É isso. Trata-se de uma armadura enigmática.

D. JOÃO Algum guerreiro milenar deixou-a guardada aqui no fundo do Túnel para que jamais fosse descoberta.

PEREGRINO O enigma é o seu segredo.

D. JOÃO Preciso decifrá-la.

PEREGRINO Decifrar enigmas antigos é coisa perigosa e muito mais que perigosa.

D. JOÃO Pois para mim é um fascínio. Tudo o que existe precisa ser descoberto. Eu nem sequer sabia da existência do Túnel e o senhor vem lá de pleno Egito e me faz vir aqui. Por quê?

PEREGRINO Taí o que eu não sei e nem quero saber.

D. JOÃO Se não fosse o senhor, eu não ia encontrar esta armadura. Tenho certeza. É preciso decifrá-la. Não farei mais nada na vida até que decifre o seu mistério, o poderoso enigma deste desenho.

PEREGRINO Sabe, Imperador, o meu desejo era conhecer o Túnel. Já conheci. Agora a gente bem que podia começar a viagem de volta.

D. JOÃO O senhor está proibido de contar o caminho do Túnel a qualquer pessoa, entendeu?

PEREGRINO Nem se preocupe. O que eu quero agora é sair.

Sai o Peregrino. D. João permanece com a armadura nas mãos.

- VOVÓ E voltaram pelo mesmo caminho e logo o Peregrino se despediu e nunca mais ouvimos falar nele.
- D. JOÃO Vovó-Rainha, eu preciso decifrar a Armadura. Me ajuda.
- VOVÓ Claro que ajudo. Parecem hieróglifos, coisas antigas! Não se encontra uma letra propriamente dita.
- D. JOÃO Se a gente contratasse adivinhões, bruxos e ciganos, talvez a gente conseguisse.
- VOVÓ E lá se alvoroçou o Reino outra vez. Mensageiros foram enviados aos povos vizinhos, aos povos circunvizinhos, aos povos distantes e até aos povos equidistantes. Surgiram os mais variados adivinhões, leitores de mão, grafólogos, cabalistas... tudo. Ninguém conseguia decifrar. Por fim, quando o Imperador já perdia as esperanças... *(ao Imperador)* Senhor Imperador, chegaram três homens, cada um mais estranho do que o outro. O primeiro é o senhor Sanchecho Sanchez de Oliva y Mesquita.
- Sai o Prisioneiro. Entra Sanchecho.*
- SANCHEGO Con su permision. Mis cumprimentos. Vengo de mui longe. Pudo saber lá donde me encontraba que Dom Joãozinho tiene un enigma.
- D. JOÃO Indecifrável!
- SANCHEGO Pero non. Indecifrible, non. Nada para Sanchecho Sanchez de Oliva y Mesquita é indecifrible. Soy um adivinhão. Tudo que vejo logo adivinho su sentido. Fui eu que adiviñé la independência del Brasil e la queda del Imperio Romano.

VOVÓ Deve ser muito bom, meu Imperador. Mostre-lhe a armadura.

D. JOÃO Aqui está. Se decifrar, receberá uma recompensa de 21 pitangas azuis, 53 caramelos de azeitona e 84 rapaduras do Quixadá. Se não conseguir, será expulso do Reino e jamais poderá voltar aqui.

SANCHEGO *(Olha a Armadura, examina-a, observa-a, concentra-se.)*
É de ouro, é de bronze,
é de cobre ou de latão
esta Armadura guerreira
que procura solução?

VOVÓ Descobriu?

SANCHEGO Não me perturbe, senhora.
Já descobri que é de bronze.
É de Duque, é de Conde,
de Cavaleiro ou Barão,
esta armadura de bronze
que pede adivinhação?

Pertenceu a um cavaleiro antigo, da terceira dinastia de Neandertal.

Eu guerreio, eu batalho,
me disfarço de herói
desta Armadura guerreira
não encontro solução.

D. JOÃO Não encontra?

SANCHEGO Pela primeira vez fui vencido. Mil perdões, meu senhor, mas jamais encontrei adivinhação tão complicada.

D. JOÃO Levai-o, Senhora Ministra, e que jamais retorne a este Reino.

Vovó mostra o caminho de saída, Sancheço sai.

VOVÓ Meu senhor Imperador, aqui está o mais famoso de todos os que já estiveram aqui. Chama-se Amon de Maktub. *(Entra Amon.)*

AMON Amon de Maktub pede licença e cumprimenta o poderoso Imperador. Dom João; Amon é muito famoso lá no Oriente. Amon de Maktub é conhecido como o mais capacitado dos Reis Magos do Oriente.

VOVÓ O senhor é Rei Mago?

AMON Do Oriente, minha senhora. Amon de Maktub soube do grande enigma e atravessou todo o deserto, amontado em corcova de camelo, e percorreu todo o sertão, amontado em lombo de jumento, só para aceitar o desafio. Amon de Maktub vai fazer o que os outros não conseguiram.

D. JOÃO Aqui está a Armadura.

AMON *(para a Armadura)* Devora-me... Devora-me depressa, senão Amon de Maktub te decifra. Primeiro Maktub põe a lente porque carta enigmática não se lê a olho nu. No peitoral se encontram gravados em letras de ouro uma cobra voadora com um sapo preso aos dentes e, no alto, espaço aberto, um gavião imprudente... Dois demônios, chifres negros, olhando para trás, chamando 12 calangos vermelhos, e, em cada mão, 7 pentes. Lado direito, uma deusa se espreguiça, indiferente. Agora veem-se ao redor dos punhos da Armadura os 21 periquitos e um lobisomem na frente; um peixe de paletó, cachimbo, gravata e pente. É tudo isso o que o grande Rei Mago

do Oriente consegue encontrar nesta complexa carta enigmática.

D. JOÃO E o que quer dizer tudo isso? Agora decifre.

AMON Decifrar? Amon não é charlatão. É só isso o que Amon pode fazer.

VOVÓ Então, seu Amon de Maktub, o senhor pode ir voltando para o seu Oriente e faça o favor de não voltar mais aqui. (*Conduz Amon à saída.*) Agora a última esperança: Doutor Astro-Logos Litrentos. (*Entra o Doutor.*)

DOUTOR Licença. Licença. Licença. Cheguei muito cansado, cansado, cansado. Quero ver o tal enigma que já deu tanto o que falar, falar, falar. (*Vê a Armadura.*) Como é lindo! É o tipo de enigmas que eu gosto, gosto, gosto, eu, o conhecido Doutor Astro-Logos, logos, logos. Meu trabalho é muito rápido porque é iluminado diretamente pelo Universo Estelar. Por exemplo: a cobra voadora representa o ser que se vai, o ser que parte, parte, parte. Tem um sapo na boca. Significa a luta que enfrentará antes de partir. O Gavião é tudo aquilo que deixa, para partir de bolso vazio, vazio, vazio. Vejo agora... vejo agora... inspirai-me estrelas estrelas do Infinito... vejo agora que estes calangos vermelhos são os perigos que há de enfrentar, enfren, enfren, enfren. A Deusa é o Anjo Celeste que o guiará. Os 21 Periquitos representam o misterioso labirinto por onde deve passar e vejo, vejo, vejo um lobisomem na frente, que significa uma porta de entrada, entrada, entrada, e vejo, pode olhar e pode ver: um peixe de paletó, cachimbo, gravata e pente e pente e pente. Depois a grande Estrela Luminosa, o Astro dos Astros, o Sol dos Sóis, o Universo Inteiro.

- D. JOÃO O que significa, Doutor Astro-Logos?
- DOUTOR O grande Mistério. Este peixe é muito escorregadio. Representa a porta de saída e é muito difícil de achar.
- D. JOÃO Falta a Estrela, Doutor.
- DOUTOR A Estrela é o Mundo Fulguroso! O mundo diferente que começa depois da Porta. O Mundo das Grandes Amizades e dos Amores Silenciosos! A senhora me desculpe, eu sei que não está entendendo nada, mas é que eu falo a linguagem dos Astros, Astros, Astros. Somente os iniciados poderão compreender. Trabalho concluído e simples. Preciso partir, partir, partir. O senhor tira as suas próprias conclusões. Adeus. *(O Doutor sai.)*
- VOVÓ Que homem mais louco. Do jeito que entrou, saiu. Nem perguntou se existe recompensa. Vou atrás dele.
- D. JOÃO Tiro as minhas próprias conclusões. O ser que se vai... os perigos pelo caminho... *(Boceja de sono.)* labirinto... a porta... *(Quase dormindo.)* A porta de saída... *(Dorme. Entram Vovó-Rainha e o Prisioneiro.)*
- PRISIONEIRO Que história mais linda, Milady!
- VOVÓ É linda, mas para mim é muito triste. Pois o Imperador cochilou e dormiu e dormiu e sonhou.
- PRISIONEIRO E o sonho ajudou na interpretação?
- VOVÓ Pois foi. Viu tudo. Compreendeu que o ser-que-partia era ele mesmo.
- D. JOÃO Pronto. É isso. Sonhei e vi tudo claro. Sou eu que devo partir. Isto aqui não é pra mim. O Gavião é o Reino que eu vou deixar. Devo partir pelo Túnel, que é o

labirinto onde enfrentarei muitas dificuldades até encontrar a Porta de saída. Depois... depois a grande Estrela Luminosa! O Sol dos Sóis! O Universo!

VOVÓ Fica quieto, menino. Conversando bobagem!

D. JOÃO Lá eu não me sentirei mais sozinho. É o mundo das Amizades! Lá a gente trabalha e ama. Não existe diferença entre o Sonho e a Realidade! Dá licença, Vovó, vou apanhar o Mapa.

VOVÓ Vais mesmo?

A partir daí o Prisioneiro vai se desfazendo dos seus adereços e deixando-os no chão.

D. JOÃO Preciso ir, Vovó-Rainha.

VOVÓ E eu?

D. JOÃO Tu ficarás aqui e cuidarás do meu castelo. Depois, se eu encontrar a Porta de saída, virei te buscar.

VOVÓ Mas vem mesmo, hein.

D. JOÃO Olha, se eu demorar, não te preocupes, porque todas as manhãs, quando vieres cuidar das Torres, tu me verás em Sonho. Adeus, Vovó-Rainha.

VOVÓ Adeus, meu Imperador. *(D. João sai.)* Adeus, Imperador D. João! Adeus, Rei Infante do Reino de Belgdar! Adeus, meu netinho! Adeus, menino danado, menino sem coração, abandonador de velhinhas neuróticas... Vai, atrevido... vai... moleque safado... reizinho sem coração... vai, que eu te amo, te amo tanto, tanto!

Recompõe-se e procura o Prisioneiro de Zarcão, que depois de se desfazer dos adereços, partiu também.

VOVÓ Ué... onde está o homem? Partiu? Que falta de consideração! Senhor Prisioneiro! Cavalheiro de Zampão! Será que foi embora? Ai, que eu não estou entendendo mais nada. Não. Ele estava aqui, sim, senhor. Era um cavalheiro. Me chamava de Milady. Prisioneiro de... de quê mesmo? Parece que era Prisioneiro de Zarcão. Não. Não era Zarcão. Devia ser Zarzão. Isso. Prisioneiro de Zarzão. Será que foi sonho. Ai, meu Deus, hoje em dia a gente não sabe mais o que é Sonho e o que não é Sonho. É tudo tão parecido! Bom, seja lá o que for, é melhor eu ir descendo. Amanhã, quando subir outra vez, talvez ele esteja aqui. Quem sabe, né?

Sai. Escurece e termina O Castelo das Sete Torres.

Rio, 1974



A LOJA DAS MARAVILHAS NATURAIS

Dedicada a Carmil Vieira dos Santos, Romeu Padilha de Figueiredo, José Maria Tavares de Andrade, Zildo Rocha, Arakén Tabajara, Madre Escobar, Madre Carvalhinho, Verônica Damasceno e à lembrança de Buza Ferraz, Padre Arnaldo Cabral e Padre Marcelo Carvalheira.



Quarto lugar no Concurso Nacional de Textos para Teatro Infantil da Secretaria de Estado de Educação e Cultura do Paraná em parceria com a Fundação Teatro Guaíra, Curitiba, 1975.

Esta peça estreou no Teatro da Gávea, Rio de Janeiro, com produção e direção de Buza Ferraz. Foi também montada com bonecos em Curitiba e, em 2018, em Tutoia, pelo grupo Yawer, com direção de Verônica Damasceno.

Personagens

SENHORA DOS VENTOS

SENHOR DOS TEMPOS

ACÁCIA AMARELA

ROMÃO PITANGUEIRA

IPÊ ROXO

DONA PRÓXIMA SEMANA

COMENDADOR VERÃO

MESSIÊ OUTONO

CORONEL INVERNO

SOLZINHO GOSTOSO

AGENTE DISCRETO

GUARDA DO DPP-MQE

O ESPALHADOR DOS PRIMEIROS BROTOS

SIMPÁTICA GERADORA DOS LINDOS BOTÕES DE FLOR

Nos arredores do Parque Residencial das Quatro Estações, a Senhora dos Ventos e o Senhor dos Tempos conversam ao entardecer.

- SENHORA Senhor dos Tempos... acorda, figura de Deus.
- SENHOR Uhn! Acordar como, se estou muito bem acordado?
- SENHORA Pensa que não vi? Sua cabeça balançava e você ressonava.
- SENHOR Então foi um cochilo. Apenas cochilava.
- SENHORA Nos últimos séculos, você vive cochilando. Olhe que o Universo muda e você nem percebe.
- SENHOR Ah, isso, não. Tudo que acontece, eu vejo. Sei de tudo e nada me escapa. As Estações do Ano continuam mudando da mesma forma e sei que agora estamos no Outono.
- SENHORA No Outono, Senhor dos Tempos!? O Outono já acabou e você nem percebeu que estamos no fim do Inverno.
- SENHOR Desculpe, Senhora dos Ventos, mas estou certo de que estamos no Outono.
- SENHORA Fim de Inverno, Senhor dos Tempos.
- SENHOR Senhora dos Ventos... Inacreditável!
- SENHORA Creditável, Senhor dos Tempos. Creditável.
- SENHOR Preciso de provas. Está chovendo?

SENHORA Claro que sim. Chuvinha fina. Não está vendo? Espere. O que é aquilo? Está sentindo alguma diferença no Universo, Senhor dos Tempos?

SENHOR O quê? Onde?

SENHORA Ali. Aquelas Nuvens Esparsas.

SENHOR Ora! Coisa que mais temos aqui são Nuvens Esparsas.

SENHORA Aquelas são diferentes.

SENHOR Se acha que são, pegue o binóculo e confirme.

SENHORA (*com binóculo*) Senhor dos Tempos! Meu leque... meu leque... vou desmaiar... será que vi mal, Senhor dos Tempos?

SENHOR Viu o quê?

SENHORA Árvores Floradas.

SENHOR Aqui... no espaço etéreo?

SENHORA Três Árvores Floradas trazidas por Nuvens Esparsas.

SENHOR Empreste o binóculo. Incompreensível!!! Como elas conseguiram!!!?

SENHORA Isto é o de menos. O importante é saber o que elas fazem por aqui.

SENHOR Se forem encontradas pelo Comendador Verão, ele acabará com elas.

SENHORA Ah, eu não deixo. São tão mimosas!

SENHOR Saltaram das Nuvens Esparsas... estão atravessando o Pontilhão de entrada do Parque. O que fazer, Senhora dos Ventos?

SENHORA O que pensar, Senhor dos Tempos?

SENHOR Se eu parar o Tempo, elas não avançam mais.

SENHORA Vão ficar paradas? E se eu abanar um pouco?

SENHOR Não. Elas podem tropeçar.

SENHORA Vamos para trás da colina e escutar o que elas dizem. Depois saberemos o que fazer. Venha, Senhor dos Tempos.

SENHOR Vou indo, Senhora dos Ventos.

Saem. Entram as Árvores.

ACÁCIA É tudo tão diáfano!

ROMÃO A brisa é serena! E como é prazeroso este frio!

IPÊ Clima de montanha!

ROMÃO Já pensou se tivesse esse clima de montanha por todo o Piauí? As minhas pitangas seriam mais vermelhas.

ACÁCIA Minhas flores mais douradas!

ROMÃO E as minhas folhas mais suaves!

IPÊ Esperem. Uma placa: Parque Residencial das Quatro Estações. É aqui mesmo. Então já cumprimos quase a metade da Grande Missão.

ROMÃO A Grande Missão Sete Três Zero Três! Parece que chegamos ao Mundo da Encantação!

ACÁCIA Esses campos! A terra molhada e cheirosa!

ROMÃO Essas terras! O campo molhado e cheiroso!

IPÊ (*lendo uma placa*) Estamos em Pleno Inverno. Coronel Inverno saúda a todos os moradores do Parque.

ROMÃO Pensei que o Pleno Inverno fosse diferente.

IPÊ Pleno Inverno a gente não estranha muito, não. Dizem que horrível é o Inverno Rigoroso. Só temos agora é que descobrir um meio de encontrar a Primavera.

ACÁCIA Pra mim, a Missão perdeu a graça. Você anda meio-assim comigo: nunca mais me chamou de Linda Flor. Nós, Árvores Floradas Femininas, gostamos muito de ouvir palavras suaves.

IPÊ Pois eu juro que você continua sendo e será sempre a minha Dourada Linda Flor!

ACÁCIA Nem falou mais dos meus olhos.

IPÊ Seus olhos são lindos como as conchas do mar. Mas agora devemos seguir viagem e cumprir a Missão.

ACÁCIA A Grande Missão Sete Três Zero Três!

IPÊ E encontrar a Primavera.

ROMÃO Falar com a Primavera.

ACÁCIA E levar a Primavera ao Piauí!

- IPÊ Mas como encontrá-la? Ninguém passeia por este Parque! Precisamos encontrar alguém. Eu sigo por esta Vereda de Capim, Acácia vai até aquele Riacho Azul e Romão Pitangueira vai pela Estrada das Violetas.
- ROMÃO Sozinho!?
- IPÊ Cada um por seu lado. Ação! (*Afastam-se. Olham ao longe.*) Avista algum vivente, companheiro?
- ROMÃO Nenhum vivente à vista. Avista algum vivente, coração?
- ACÁCIA Nenhum vivente à vista. Avista algum vivente, cavalheiro?
- IPÊ Só uma placa luminosa: Casa dos Sonhos de Verão.
- ROMÃO Uma placa acinzentada: Jardim de Inverno.
- ACÁCIA Vejo uma bandeira com as palavras: Sítio de Outono. (*Reaproximam-se.*)
- IPÊ Pequena missão cumprida: se por ali é a Casa dos Sonhos de Verão... por ali, o Jardim de Inverno e, por lá, o Sítio de Outono, isto quer dizer...
- OS TRÊS Que a Primavera fica ao sul!
- IPÊ Ali! Só precisamos confirmar. Ação.
- Andam juntos, olhando ao longe.*
- ACÁCIA Ali!
- OS TRÊS (*lendo*) Mansão da Eterna Primavera! (*Cantam e dançam.*)

IPÊ É ali.
Bem ali.
Por entre as campinas floridas.

ROMÃO É ao sul.
Bem ao sul.
Entre ramos de margaridas.

ACÁCIA Está perto.
Muito perto.
Não é sonho nem quimera.

OS TRÊS A Mansão...
A Mansão...
da Eterna Primavera.

IPÊ Tem um bosque.

ACÁCIA Tem um bosque.
e ROMÃO

IPÊ Uma fonte.

ACÁCIA Uma fonte.
e ROMÃO

IPÊ Rosa, gerânio, violeta.

ACÁCIA Cigarra, abelha, borboleta.
e ROMÃO

OS TRÊS Na Mansão...
Na Mansão...
da Eterna Primavera.

*Saem cantando. Reaparecem Senhor dos Tempos e
Senhora dos Ventos.*

- SENHORA Você viu, Senhor dos Tempos? Vieram do Piauí!
- SENHOR Estão perdidas no Parque.
- SENHORA Não podem ser descobertas pelo Comendador Verão.
- SENHOR Se pudéssemos ajudar...
- SENHORA Só se usarmos o velho truque da Árvore do Oco.
- SENHOR Outra vez, Senhora dos Ventos?
- SENHORA Só esta vezinha. É a única maneira de ajudar as três Árvores.
- SENHOR Gostei da Missão Sete Três Zero Três. É muito importante. Farei o que puder para que a Primavera vá ao Piauí.
- SENHORA O Túnel da Árvore do Oco termina dentro da Loja das Maravilhas Naturais. Lá, se tiverem sorte, encontrarão a Primavera.
- SENHOR Experimente, use o Leque de Redemoinho.
- SENHORA *(procurando entre seus vários leques pendentes da cintura)* Por onde anda esse Leque de Redemoinho? *(Ela puxa o leque pendurado na cintura e abana o ar.)*
- SENHOR Êh... foram apanhadas de surpresa. Coitadinhas! Vá, abane, abane... não mude a direção do vento, Isso. Agora suba... devagar. Estão caindo dentro do oco...
- SENHORA Ah, entraram pelo Oco da Árvore do Oco. Será que ficaram tontas, Senhor dos Tempos? Agora temos de ficar atentos para evitar qualquer contratempo.

- SENHOR Amanhã vou averiguar.
- SENHORA Eu ficarei por perto da Loja para saber o que acontece. Ah, que dia que tivemos hoje!
- SENHOR Vou aproveitar o silêncio para cochilar um pouco... só um pouquinho, Senhora dos Ventos.
- SENHORA Use o cobertor de lã de jabuti para não se resfriar.
- SENHOR Até amanhã, Senhora dos Ventos.
- SENHORA Amanhã, Senhor dos Tempos. (*Escurece.*)

NA LOJA DAS MARAVILHAS NATURAIS

Interior da pequenina loja onde se preparam todas as Maravilhas utilizadas pelas Quatro Estações. Dona Próxima Semana é a artesã e fabricante de tudo o que se possa imaginar no campo de climas, sóis, chuvas, frio e calor. As Estações dependem do seu trabalho e dos seus segredos no preparo das encomendas, sobretudo do fino acabamento com que reveste os potinhos, frascos e pacotes. A Loja deve parecer algo envolvente, mágico, misterioso, com sineta à porta de entrada, lareira, telefone antigo, balcão, gavetinhas, frascos expostos, lampião, letreiros e achas de lenha. Ao iluminar-se a cena, entra Dona Próxima Semana cantando.

- PRÓXIMA Dia frio de inverno.
Chuvinha fina lá fora.
Dentro do meu coração
vivo alegre toda hora.
Lá-rá-rá...
Começo o dia cantando, seja Inverno ou Verão.
Levantei cedo e logo empacotei mil e uma
Maravilhas: trinta quilos de Nevoeiro, setenta caixas

de Neblina e dezoito Tardes Nubladas. Deixe ver a lista do que falta pra hoje. Ah, Próxima Semana, quantas Maravilhas ainda tens de preparar! Não podes perder tempo. Pensar que já está chegando o dia da Sagração da Primavera e nem terminei as Maravilhas do Finzinho-de-Inverno! Por onde começar? Por onde? Já sei: duas dúzias de neve para a Finlândia, mais neve para a Groenlândia e alguns litros de garoa para São Paulo. Deus — tomara que ninguém me apareça! Por onde anda o Livro das Receitas de Nevasca? Onde o terei largado? São Longuim, São Longuim, se eu achar, dou três gritinhos. (*Alguém toca à porta.*) Ainda bem que a Loja está fechada. Se for o Coronel Inverno, estou perdida (*Olhando pela janela.*) Ah, é o Comendador Verão. Já vou. Já vou.

Procura uma chave num molho de chaves e abre a porta. Forte luminosidade invade a Loja. Entra o Comendador Verão. Veste roupas claras e leves. Temperamental, farejador de inimigos prováveis, alegre e jovial. Irradia felicidade.

VERÃO Bons dias, bons dias, minha formosa senhora.

PRÓXIMA Ai, quanto me alegra sua visita, Comendador, embora seja tão cedo ainda para o Verão.

VERÃO Chego sempre logo que amanhece, minha cara senhora. Mal amanhece e já sinto vontade de correr o mundo e me espalhar pelo Parque. Este tempinho de Inverno me abate, me resfria, me enerva e cansa. Não fui feito para dias assim. Sou como a gente dos campos e o meu sangue tem a força do meio-dia.

PRÓXIMA O Comendador me deixa tão agitada!

- VERÃO Agitado ando eu, Dona Próxima Semana, com essa chuva que não para, não acaba, não tem fim. Gosto das manhãs bem claras, das tardes alegres, as cigarras cantando e o céu luminoso e brilhante.
- PRÓXIMA Ai, como o Comendador me desarvora! Cá pra nós, este inverno está demorando mesmo a passar.
- VERÃO Demorandíssimo, minha bela senhora.
- PRÓXIMA Ai, como o Verão me deixa ataviada! Acho até que adivinhei a sua visita. Imagine que me levantei cantando! Pensei ter ouvido cigarras cigarreando.
- VERÃO As cigarras cigarreiam no Verão. No Verão, tudo se alegre e a Natureza me festeja cantando.
- PRÓXIMA Cantando, senhor Comendador?
- VERÃO Cantando, minha adorável senhora.
- PRÓXIMA E como canta a Natureza?
- VERÃO *(canta)*
Que brilhem
Que brilhem as flores dos campos
Que dancem
Que dancem as águas das fontes.
- E a Natureza me recebe dançando, minha jocosa senhora.
- PRÓXIMA Dançando, senhor Comendador? E como dança a Natureza?
- Ele canta e dança e ela junta-se a ele.*

- VERÃO Que brilhem
Que brilhem nos campos
roseiras, roseiras em flor.
- OS DOIS Toc toc toc toc
sapateando no chão
a Primavera é bonita
mais bonito é o Verão.
- PRÓXIMA Ai, que calor, senhor Verão.
- VERÃO Gostoso, não é? Sabe, Dona Próxima, agora que já nos
divertimos, quero fazer as primeiras encomendas.
- PRÓXIMA Apressado. Sempre apressadinho.
- VERÃO Gosto de adiantar o serviço: o Verão não pode se
atrasar.
- PRÓXIMA (*procurando alguma coisa*) Nem adianta fazer as
encomendas agora porque ando tão atarefada...
terminando a Coleção de Primavera. (*Encontra um
livro.*) Achei, meu São Longuim... Achei, meu São
Longuim... Achei, meu São Longuim.
- VERÃO Ficou louca, minha senhora? Achou o quê?
- PRÓXIMA O Livro das Receitas de Nevasca.
- VERÃO Pois agora procure o Livro das Primeiras Encomendas
do Verão. Anote. Vinte tubos de Lustrador de Céu.
Este ano, quero começar pelo Céu. Trinta mil
gotas de Derretedor de Nuvem. Setenta dúzias de
Rachador de Chão.
- PRÓXIMA Desculpe, Comendador, mas é muita maldade rachar
o chão dos campos outra vez.

- VERÃO Parece, mas não é. Foi Rachador de Chão que usei na minha obra mais importante: o Deserto do Sahara.
- PRÓXIMA Foi o senhor que construiu o Deserto do Sahara?
- VERÃO Para dizer a verdade, os homens ajudaram muito. Já não lembro bem. Faz tanto tempo! Bom... por hoje é só. Voltarei amanhã com novas encomendas.
- PRÓXIMA Amanhã, não. Volte na próxima semana.
- VERÃO *(farejando a sala)* Me diga, Dona Próxima: já estão prontas as Maravilhas da Primavera?
- PRÓXIMA Já entreguei algumas. Por que pergunta?
- VERÃO De repente, senti um cheiro de flor.
- PRÓXIMA Enganou-se, Comendador. Ainda não tenho flores nem perfumes.
- VERÃO Nem os perfumes? Uhm... Então até a próxima, Dona Próxima Semana. *(Verão sai.)*
- PRÓXIMA Que gênio complicado, que agitação. Chi... Os pacotes de Neblina que deixei no frigorífico...
- Some pelos fundos da Loja. Volta o Verão, devagarinho, evitando o toque da sineta. Ouve-se um toque de violino: é o Outono que se aproxima.*
- VERÃO Quando sinto cheiro de flor é porque existe flor. Mas onde? *(Procura.)* Vou mandar o Agente Discreto investigar este caso. Que por aqui tem flor, isso tem. *(Volta Dona Próxima.)*
- PRÓXIMA Esqueceu alguma coisa, Comendador.

VERÃO Não. Sim. Sim. Quer dizer... mas já estou de saída. Até a próxima semana, Dona Semana-que-vem... ou... até.

Ao sair, cruza com Messiê Outono, que entra. Sons de violino ou realejo.

PRÓXIMA Verão que vai, Outono que chega. Bons ventos o tragam, Messiê Outono, o senhor e suas recordações.

Outono é um jovem de rosto pálido, olhar melancólico. Alguém que ama os pintores impressionistas, a música de Debussy, os versos de Rimbaud e Verlaine. Sonhador, transparece harmonia e felicidade. Com sua chegada, a Loja adquire suaves tons de azul e rosa.

OUTONO Tudo em mim são lembranças, recordações e saudades. É doce recordar. Todos os dias, quando amanhece, eu releio cartas antigas. Quando anoitece, abro com cuidado a gaveta das folhas do passado. São folhas de árvores que amei. Folhas de antigos outonos: castanheiros, castanheiros... E assim vou vivendo... até o dia de voltar a Paris.

PRÓXIMA Messiê já sabe quando volta a Paris?

OUTONO Quero chegar com antecedência, escolher um hotelzinho no bairro que amo e descansar um pouco enquanto termina o horrível verão. Agora vamos ao que interessa. Vim aqui para receber os Primeiros Ares de Outono.

PRÓXIMA O senhor vai adorar. Dediquei noites e noites preparando sua Coleção de Primeiros Ares de Outono. Vou buscar os frascos que estão prontos e o resto o senhor leva na próxima semana.

OUTONO *(preocupado)* Mas minha senhora...

PRÓXIMA Nem se preocupe. Se não lhe entregar tudo na semana que vem, não me chamarei mais Próxima Semana. Volto já, Messiê. (*Sai.*)

OUTONO A Loja está cada dia mais linda, Dona Próxima. (*Desabam de dentro da lareira as três árvores.*) Ulalá! O céu está desabando dentro da Loja, Dona Próxima.

PRÓXIMA (*de dentro*) Aconteceu alguma coisa, Messiê?

OUTONO (*observando as árvores assustadas*) O que é isso? São três Árvores Floradas ou meus olhos estão me enganando?

IPÊ Três árvores, meu senhor.

OUTONO Escorregaram pelo telhado abaixo?

ACÁCIA Não, meu senhor, pelo Oco.

OUTONO Ah, sim. Pelo oco da lareira.

ACÁCIA Não. Pelo oco da Árvore do Oco.

OUTONO Compreendo. Escorregaram pelo oco da Árvore do Oco e vieram bater na Loja das Maravilhas Naturais. Foi isso?

IPÊ Loja das Maravilhas Naturais?! É aqui a Loja das Maravilhas Naturais?

PRÓXIMA (*de dentro*) Está falando sozinho, Messiê Outono? Levo tudo dentro de um minuto. Um minutinho.

OUTONO Não tem pressa, Dona Próxima. Estou conversando aqui com a minha bengala.

IPÊ Aqui é a Loja das Maravilhas...

- OUTONO Perfeitamente. Aqui são fabricados todos os elementos da Natureza usados pelas Quatro Estações e, quando a dona da Loja chegar, terão de explicar tudo direitinho.
- ACÁCIA Meu senhor, precisamos de ajuda.
- IPÊ Não conhecemos ninguém neste Parque.
- ROMÃO Veja como estou meio tonto e empoeirado de tanto escorregar pelas ladeiras do Oco.
- OUTONO Uhn! Quer dizer que o redemoinho redemoinhou vocês e jogou vocês dentro do Oco da Árvore do Oco e vieram bater aqui?
- IPÊ Isso, meu senhor. Mas não sabemos o que fazer para encontrar a Primavera.
- ACÁCIA Precisamos encontrar a Primavera. Se o senhor puder ajudar...
- OUTONO E pensam que a Primavera mora nesta loja?
- IPÊ Estamos chegando do Piauí e não podemos ser vistos pelo Verão. Ele pode nos ressecar.
- OUTONO Mas eu também resseco.
- ACÁCIA Oh!
- OUTONO Eu me chamo Outono... e posso desfolhar todas as árvores.
- ROMÃO Acácia! Estamos falando com o Outono!!!
- OUTONO Messiê... Messiê Outono.

- IPÊ Dê-me licença, Messiê, para que me apresente e apresente os meus companheiros. Ipê Roxo, árvore floral de nobre família. Aqui, minha namorada, Acácia Amarela, e Romão Pitangueira, de importante família exemplar.
- OUTONO Sinto-me encantado em conhecer todos.
- IPÊ Chegamos aqui para convidar a Primavera a visitar o Piauí. É preciso, Messiê, que a Primavera visite o Piauí.
- PRÓXIMA *(de dentro.)* Estou indo, Messiê. Já estou indo.
- OUTONO Dona Próxima vem vindo, se escondam para que ela não veja vocês.
- Escondem-se. Entra Dona Próxima.*
- PRÓXIMA Demorei, Messiê? Aqui estão as suas Maravilhas. Espere um minutinho só que vou apanhar outros pacotes que faltam. *(Sai.)*
- OUTONO Minhas árvores, a situação é perigosa.
- IPÊ Nossa missão não pode fracassar. O senhor conhece a Primavera pessoalmente?
- OUTONO Ora, há muitos séculos, eu e a Primavera mantemos uma grande amizade.
- ROMÃO Messiê Outono pode nos levar até ela?
- OUTONO Levar, não posso. Mas deixo com vocês um cartãozinho e serão muito bem recebidos. Posso ligar para o Coronel Inverno, com quem mantenho boas relações.

- ACÁCIA O Inverno talvez não nos receba muito bem. Às vezes, ele é muito mau nas terras do Piauí. Tanto pode nem aparecer como pode chover demais, inundar os rios...
- OUTONO *(faz uma ligação pelo telefone)* Alô. É o Coronel Inverno? Está passando bem? Sou eu, o Outono. Estou ligando porque acabo de conhecer três Árvores Floradas que vieram do Piauí. É uma Acácia, um Ipê e uma Pitangueira. Estão aqui escondidas na Loja da Próxima Semana. Seria bom que você falasse com elas pessoalmente. Você virá? Ótimo, estão escondidas na lareira. Então até, Coronel Inverno. *(Desliga.)* Agora se escondam e aguardem a chegada do Inverno... e boa sorte.
- ROMÃO Messiê Outono... se puder vá também ao Piauí. O Piauí vai adorar uma visita do Outono.
- OUTONO Pois é... pode ser. Algum dia o Outono chegará ao Piauí.
- As Árvores somem. Entra Dona Próxima.*
- PRÓXIMA Aqui estão. Tardes de setembro em Paris... manhãs de outubro... chuvinhas de novembro. E até a próxima.
- OUTONO Maravilha. Até a próxima. *(Passando pelo esconderijo.)* Boa sorte e feliz Primavera no Piauí. *(Sai.)*
- PRÓXIMA Puxa! Só me falta aparecer o Inverno.
- Sai. Entra o Coronel Inverno e desaparece no esconderijo onde estão as Árvores. Entra a Senhora dos Ventos.*
- SENHORA Estou acompanhando tudo sem ser vista, só que a Dona da Loja não pode aparecer agora. Basta um

pouquinho de brisa suave e ela não volta tão cedo.
(Abana-se com um dos leques.)

PRÓXIMA *(de dentro)* Ai que brisa suave! Daqui não saio tão cedo.

SENHORA Tudo vai correndo bem. Aí vem o Coronel Inverno. Volto ao meu ponto de observação e assim fico observando... como quem não quer nada.

Ao sair, soa a sineta. Entra Dona Próxima quando o Inverno vai saindo do esconderijo.

PRÓXIMA O que é isso?! O Coronel Inverno chegando pela lareira?

O Coronel Inverno é um senhor amável, aparência simples, mas vestido com seriedade em cores neutras. Dá a impressão de ter estudado filosofia em alguma universidade inglesa e parece um constante leitor de Tolstói e Dickens. Sempre que ele aparece na Loja, Dona Próxima sofre leves acessos de resfriados.

INVERNO Dona Próxima, precisa limpar isso aí dentro. Está uma sujeira! A senhora se resfriou só porque cheguei?

PRÓXIMA O senhor me aparece assim, de surpresa. É aquela velha alergia que sempre me aparece quando o tempo muda.

INVERNO Me entregue as últimas encomendas. O inverno está terminando e quero usar uma araganzinha agradável.

PRÓXIMA Ah, sim. Vou buscar. *(Sai.)*

- INVERNO Ei, vocês... (*As Árvores aparecem.*) Compreenderam tudo?
- IPÊ Como é que vamos encontrar o Mensageiro da Primavera?
- INVERNO Chama-se Solzinho Gostoso. De casa, eu telefono para ele e peço que venha falar com vocês.
- PRÓXIMA (*de dentro*) Achei, meu São Longuim... Achei, meu São Longuim... Achei, meu São Longuim.
- INVERNO Se escondam e esperem pelo Solzinho Gostoso e tudo vai dar certo. Nem vou mais esperar por ela. Até outro dia. (*Sai.*)
- PRÓXIMA Já vou indo, Coronel.
- As Árvores se escondem. Entra Próxima com pacotes.*
- PRÓXIMA Que coisa! O homem já foi. Ele é sempre assim.
- Sai. Mudança de luz. As Árvores reaparecem e entra o Solzinho Gostoso.*
- ROMÃO É ele!
- ACÁCIA Ai, que ternura de luz no meu rosto!
- ROMÃO Que luminosidade serena!
- ACÁCIA Ai, que solzinho dengoso e gostozinho!
- SOLZINHO Obrigado, rapaziada. Acabo de falar com o Coronel Inverno e ele me contou tudo.
- IPÊ Por favor, marque uma entrevista com a Primavera.

SOLZINHO Sou eu o Mensageiro da Primavera. Sou eu que sempre percorro os campos preparando a chegada de minha senhora. Mas devemos conversar noutra lugar. Vamos para o jardim dos fundos e veremos o que se pode fazer.

Saem pelos fundos. Entra o Agente Discreto.

AGENTE *(cheirando o ar)* Que aqui tem cheiro de flor, tem. O Comendador Verão nunca se engana. *(Olha. Olha.)* Papagaio! Flores. Flores! *(Telefona.)* Comendador... sou eu, o Agente Discreto. Sim. Estou aqui mesmo e o senhor não imagina o que acabo de ver. Três Árvores Floradas, Comendador. Sim. Estão no jardim dos fundos conversando com aquele tal de Solzinho. *(Faz pausas para olhar o jardim.)* Vieram cumprir uma missão secreta, Comendador. Ainda não sei o objetivo... certo. Vou ouvir tudo e encontro o senhor no Terreno do Ermo e lhe conto tudo. Está certo, Comendador... no Ermo.

Sai. Voltam o Solzinho e as Árvores. Durante a conversa, Romão se distrai mexendo em alguns frascos.

SOLZINHO Visitar o Piauí... uma ótima ideia. Tenho certeza que ela vai adorar. Ah, mas já estou atrasado. É a hora em que a Primavera faz seu passeio pelos jardins da Mansão. Fiquem escondidas que eu voltarei trazendo notícias.

IPÊ Vamos. Vamos. *(Se escondem Ipê e Acácia. Romão é flagrado por Dona Próxima, que entra.)*

PRÓXIMA O que é isso?! Ai! Quem é o senhor, mexendo nas Maravilhas? Quem mandou! *(Consegue agarrar Romão e disca ao telefone.)* É do Departamento de Prisão dos Perturbadores das Maravilhas? É Próxima Semana Fernandes da Mata Machado

dos Rios e Castelo das Fontes; mandem um guarda urgente aqui na Loja. É... um malfeitor. Urgente. (*Desliga. Entra o Guarda.*)

GUARDA Aqui estou.

PRÓXIMA Apresente-se.

GUARDA Guarda do DPP-MQE.

PRÓXIMA (*entregando Romão*) Aqui está.

GUARDA O que fazia?

PRÓXIMA Mexia.

GUARDA E onde mexia?

PRÓXIMA Nas Maravilhas Naturais.

GUARDA Posso levar?

PRÓXIMA Leve. Leve. Nem quero olhar.

GUARDA Então começo a levar.

O Guarda sai levando Romão enquanto Ipê e Acácia observam assustados e sem serem vistos. Próxima examina os frascos.

PRÓXIMA Pelos raios! Misturou três hectolitros de Chuvisco em Pó nos três mil watts de Sol Ardente. Estou com as mãos na cabeça! (*Sai resmungando.*)

IPÊ Tinha de acontecer!

ACÁCIA Temos de libertar Romão.

IPÊ Não podemos. Mais importante é a Grande Missão. Se ao menos voltasse aquele Solzinho Gostoso! *(Entra o Solzinho.)*

ACÁCIA Ai, que voltou o Solzinho!

IPÊ Levaram Romão preso.

SOLZINHO Tudo resolvido. Falei com a Primavera. Espera vocês amanhã para assistirem à Sagração.

ACÁCIA Amanhã é a Sagração da Primavera?! Como? Quando? Onde?

SOLZINHO Às nove da manhã, nos jardins da Mansão. Mas precisam sair daqui ainda hoje. É perigoso. Planejei tudo. Sairão disfarçados de Árvores Misteriosas. Procurem os disfarces aqui mesmo na Loja na seção de Inverno Europeu. Tudo certo?

ACÁCIA Mas Romão está preso.

SOLZINHO Não tem problema. Consigo a libertação. Preciso partir. Adeus. *(Sai.)*

IPÊ Acácia, fique vigiando enquanto eu procuro os disfarces. *(Ipê procura.)*

ACÁCIA O que vamos fazer sem Romão? Não posso pensar.

IPÊ Achei. Inverno Europeu. Toma. Você vai de Carvalho e eu vou de Cinamomo.

Enquanto se disfarçam, algum relógio soa seis horas. A cena escurece. Uma voz soa de fora.

VOZ Seis horas da noite no Parque Residencial das Quatro Estações. Todos devem se recolher. Seis horas da noite...

IPÊ Vamos procurar o Ermo. Lá deve ser escuro e podemos passar a noite com segurança. Não tenha medo, eu protejo você.

Saem. Entra Próxima com um candeeiro que se torna a única luz de cena.

PRÓXIMA Pensei ter ouvido a sineta. Que dia, meu Deus! Fecha-te, Loja das Maravilhas Naturais. Hoje não quero ver mais ninguém. Ei, *help, help!* Roubaram minhas roupas de Inverno Europeu. *Help!*

Apaga-se o candeeiro.

NO ERMO

Lugar sombrio e deserto. É noite. Senhor dos Tempos medita e Senhora dos Ventos abana-se levemente.

SENHOR Quer dizer que saíram disfarçadas?

SENHORA Ele vestido de um velho Carvalho e ela de Cinamomo. Já devem estar chegando aqui no Ermo, este lugar próprio para Árvores Misteriosas.

SENHOR E nós, Senhora dos Ventos, o que vamos fazer? Esta história de mistérios não me agrada.

SENHORA Ficaremos observando assim, de longe. Uma noite passa depressa.

SENHOR Acordados... a noite inteira?

SENHORA Aí vêm eles. Vamos nos afastar. (*Entram Ipê e Acácia.*)

IPÊ Taí, gostei. Isto aqui é um Ermo bem apropriado para a gente se esconder.

ACÁCIA Lugar mais esquisito!

IPÊ Ermo é assim. Depois pode até ser que a gente ache bonito.

ACÁCIA Vamos ficar mesmo aqui?

IPÊ É o jeito. O Verão não deve andar pelo Ermo durante a noite e, se vier, não vai nos reconhecer. Vamos nos plantar por ali e dormir um pouquinho. (*Afastam-se para o fundo da cena.*)

ACÁCIA Não consigo dormir sabendo que Romão está preso.

IPÊ Fique calada. Vem alguém. Faz que está dormindo.

Entra o Comendador Verão.

SENHORA Você está acordado, Senhor dos Tempos?

SENHOR Um olho apagado e outro aceso.

SENHORA Quem chegou por ali?

SENHOR O Comendador Verão.

VERÃO É este o lugar do encontro, mas o Agente Discreto se atrasou. Ih... de repente senti um calafrio... te controla, Verão... arrepio pode dar em qualquer estação. (*Senhora se abana, corre uma brisa.*) Eu não conhecia estas duas árvores. Estás com medo, Comendador Verão? Ora... coisa que não tenho

é medo de assombração... mas é melhor dar uma voltinha por aí. *(Sai.)*

SENHORA Quando ele voltar, você escurece a noite um pouco mais e eu jogo um vento sibilante.

IPÊ Foi embora.

Entra o Agente Discreto.

AGENTE Não pude chegar mais cedo. Onde está o Verão? Noite escura. Lugar esquisito. Ainda bem que nada faz medo a um Agente Discreto. *(A Senhora dos Ventos se abana. Sopra o vento. Agente estremece.)* Que aconteceu? Árvores mais esquisitas! Te acalma, Agente Discreto. Você não é bobo para ter medo de noite escura nem de vento nem de árvores esquisitas. Mas acho melhor dar uma volta enquanto chega o Verão. *(Sai.)*

IPÊ Vem voltando o Comendador Verão. A noite está ajudando.

Entra o Comendador.

VERÃO Esta noite esconde alguma coisa. Te acalma, Comendador Verão. Te acalma, coração. Melhor me esconder. *(Vento. Galhos agitados. O Verão se esconde atrás das árvores. Entra o Agente.)*

AGENTE Este vento... esta escuridão... te acalma, Agente Discreto... te acalma, coração. Ai, vou me esconder. *(Verão aparece barrando-lhe o caminho.)*

VERÃO Estava com medo, Agente Discreto? Pensou que eu fosse uma assombração?

AGENTE Medo, eu! Imagina, Comendador! O senhor que queria me amedrontar. (*Vento sibilante.*)

VERÃO Você ouviu?

AGENTE Foi o vento. Vento mais sem graça, não é?

VERÃO Nem acho. Coisa normal. E então, o que descobriu? São mesmo Árvores Floradas?

AGENTE Vieram do Piauí em missão secreta. Ainda não descobri o que pode ser, mas só pode ser alguma coisa contra o Comendador Verão.

Vento sibilante, estalos de galhos. Os dois, apavorados tentam fugir. Os sons param e eles recuam.

AGENTE Ia fugindo, Comendador?

VERÃO Quem? Eu? Pensei que você que ia fugindo.

AGENTE Não é por nada, não, Comendador, mas bem que podíamos deixar essa conversa para amanhã de manhã.

VERÃO Impossível. Amanhã é a Sagração da Primavera. Precisamos descobrir tudo ainda hoje. (*vento amedrontador*) Bem... talvez seja melhor mesmo amanhã cedo... bem cedinho... na Casa dos Sonhos de Verão.

AGENTE Concordo. Até amanhã, Comendador. Cuidado com a estrada escura. Pode causar medo.

VERÃO Você não me conhece. Até amanhã, Agente Discreto. E cuidado com a noite escura. (*Saem por lados diferentes. As Árvores adormeceram.*)

SENHORA Fugiram. Ra-rá. Quase se acabaram de medo.

- SENHOR E as Árvores dormiram. Podemos aproveitar para dormir também. Só uma sonequinha.
- SENHORA Nem invente. Está bem. Eu durmo duas horas e você fica vigiando. Depois eu acordo e você vigia (*Senhora adormece imediatamente.*)
- SENHOR Nada disso. Primeiro eu. O que é isso? Dormiu: agora não vai acordar tão cedo. Calma, Senhor dos Tempos. Ai, que sono. Ai, que bom. Só um cochilinho. (*Adormece.*)

AMANHECE NOS JARDINS DA MANSÃO DA ETERNA PRIMAVERA

Entram Ipê e Acácia.

- VOZ (*ao longe*) Seis horas da manhã no Parque Residencial das Quatro Estações. Primeiro Dia da Primavera deste ano de não-sei-lá-quanto. Seis horas da manhã...
- IPÊ Acácia... Estamos nos jardins da Mansão da Eterna Primavera! Aqui a Primavera não acaba nunca.
- ACÁCIA Mas cadê as flores? Cadê a Primavera?
- IPÊ Devem estar esperando o momento da Sagração. (*Tiram os disfarces.*)
- ACÁCIA Ipê! Você está lindo! Seus galhos, as folhas, as cores!
- IPÊ E você! Se pudesse ver como está linda! Seus cachos estão dourados e o orvalho está brilhando em suas folhas.
- ACÁCIA É a Primavera que nasceu em nós. Quero me ver. Quero me ver. Vamos procurar um lago, um lago para servir de espelho.

Saem. Entram Solzinho Gostoso, Senhora dos Ventos e Senhor dos Tempos.

SOLZINHO Fiquem à vontade. Fiquem à vontade. O Senhor e a Senhora são os primeiros a chegar.

SENHOR Fizemos questão de chegar bem cedo. Todos os anos, gosto de ver de perto a Chegada da Primavera.

SENHORA E como está ela? Já está preparada?

SOLZINHO Últimos retoques... está uma beleza, com as cores das boninas, dos lilases e das buganvílias; das dalias, dos narcisos, dos jacintos e das margaridas.

SENHOR Deve estar linda!

SENHORA O cabelo já está penteado?

SOLZINHO Devia ter visto quando foi cacheada. Tão leves, os cachos! Vinte periquitos fizeram os cachos. Imagine que eram periquitos australianos!

SENHOR Podemos dar uma olhadinha enquanto se prepara?

SOLZINHO Nunca. Passeiem pelo jardim enquanto chega a hora. *(Saem por lados diferentes. Entra o Agente Discreto.)*

AGENTE Não posso ser visto. Se alguém me encontrar, estou frito. Vai, Agente Discreto: sê bem discretinho que descobrirás a missão daquelas arvrinhas enxeridas. *(Sai. Entram Acácia e Ipê.)*

ACÁCIA Que atraso! Já devia ter começado.

IPÊ Ainda é cedo. Se acalme. *(Entra Solzinho.)*

SOLZINHO Gente! Estão lindas as duas Árvores do Piauí! São os ares da Primavera.

ACÁCIA Ele nos reconheceu!

SOLZINHO Ora, reconheço flores de longe, pelo perfume, pela cor, pelas pétalas... Passaram bem a noite?

ACÁCIA O tempo todo pensando em nosso amigo que está preso. Se o senhor pudesse soltar Romão Pitangueira...

SOLZINHO Ora-ora. Já providenciei. Não se preocupem. Vou levar vocês ao viveiro das borboletas primaveris. Fiquem por lá até a hora da Chegada da Primavera.

Saem. Passam Senhor e Senhora passeando e, atrás deles, o Agente Discreto tentando escutar.

SENHORA E assim, Senhor dos Tempos, em breve o Piauí conhecerá a Primavera.

SENHOR Será mesmo que ela vai, Senhora dos Ventos?

SENHORA Sem dúvida. São três Árvores tão lindas, tão floradas, que a Primavera aceitará o convite emocionada. (*Saem.*)

AGENTE O quê?! O quê?! É isso? Primavera no Piauí. Não pode. O Verão precisa saber depressa... depressa... (*Sai. Entram Solzinho e Dona Próxima por lados diferentes.*)

SOLZINHO Que felicidade! Quanta alegria! Que bom que a senhora veio. O perfume que está usando é embriagador!

PRÓXIMA Ai de mim! Eu que pensei que estava usando um perfume inebriante!

SOLZINHO Desculpe, Dona Próxima, mas perfumes inebriantes só mesmo os da Primavera. Ah... me dê licença... Messiê Outono vem chegando. *(Sai. Entra Romão. Dona Próxima o observa.)*

ROMÃO Como tudo aqui é pura essência! Sinto-me em casa.

PRÓXIMA Desculpe, mas acho que já nos conhecemos. O senhor está lembrado se já nos conhecemos?

ROMÃO *(disfarçando)* Não. Não. A senhora está enganada. *(Sai apressado.)*

PRÓXIMA Já vi essa árvore em algum lugar. Mas onde? São Longuim, São Longuim, se eu lembrar dou três gritinhos. *(Sai por onde saiu Romão. Entram Acácia e Ipê.)*

ACÁCIA Borboletas pequeninas e delicadas!

IPÊ Algumas são tão pequeninas, umas filigranas!

Entra Romão cantarolando e saltitando, sem ver os outros.

ACÁCIA Eu não acredito no que estou vendo!

IPÊ É Romão Pitangueira. Não. Romão não sabe dançar.

ACÁCIA Como parece... os mesmos galhos... as ramagens...

IPÊ Romão... Romão...

ROMÃO Quem me chama? Quem me fala? Ipê Roxo e Acácia Amarela! Solzinho Gostoso mandou me libertarem.

Falou comigo por telefone. E sabem com quem mais eu falei? Com a própria Primavera.

ACÁCIA E ela? Como é ela?

ROMÃO contei tudo pra ela. Ela ouviu... ouviu... depois falou que eu viesse para cá.

IPÊ Parece que eu vi um vulto por trás daquela amendoeira. É ele, o Agente Discreto. Vamos avisar ao Solzinho Gostoso. *(Saem. Entram Senhor e Senhora.)*

SENHORA Você anda ajudando a Primavera, Senhor dos Tempos? Consegui vê-la assim de longe... mas deu pra ver que ela está cada vez mais jovem.

SENHOR Bom... sempre ajudo um pouquinho. Queria que eu deixasse a Primavera ficar velha?! Por mim, o Tempo devia parar na Primavera. As outras Estações que ficassem aqui pelo Parque, sei lá, jogando xadrez, qualquer coisa... e o Mundo inteiro seria Primavera de ponta a ponta. Primavera nos campos, nos parques, nas alamedas! Primavera nas cidades, nas praias, nos campos... *(Entram outros personagens.)*

PRÓXIMA Muito trabalho para a Sagração, senhor Solzinho?

SOLZINHO Uma bobagem, mas já foi resolvida. O Agente Discreto do Verão andava espionando aqui pelo jardim.

PRÓXIMA Que atrevimento!

SENHORA Que audácia!

SOLZINHO Mas tudo resolvido. Dentro de alguns instantes, teremos a Primavera entre nós. Olhem. Já está

começando o desfile. Vem por ali o lindo Cortejo de Chegada da Primavera. *(Entra o Verão, agitado.)*

VERÃO Onde está ela? Onde está ela?

SOLZINHO Quem, Comendador? Quem?

VERÃO Ora, quem? A Primavera. Já soube de tudo e não permitirei. O Piauí é meu. Ali tem de ser sol o ano inteiro. Logo a senhora, hein, Dona Próxima Semana, escondendo as árvores do Piauí dentro da Loja das Maravilhas Naturais! Bonito, hein? Só que não vai ficar assim, não. Vou falar com ela. *(Sai.)*

SOLZINHO Espere, Comendador. Já começou o Cortejo. Espere. *(Sai.)*

PRÓXIMA Árvores? Que Árvores? Não estou compreendendo bolotas. *(Entram as três árvores.)*

ROMÃO Vocês viram como o Verão passou nervoso?

PRÓXIMA *(olhando Romão e tentando lembrar)* São Longuim, São Longuim...

SENHORA Veja, Senhor dos Tempos, lá vem o Cortejo da Primavera.

SENHOR O Abre-Alas está um encanto! *(com binóculo)* É o Espalhador dos Primeiros Brotos.

Música. Entra o Espalhador espalhando folhinhas.

ESPALHADOR Espalho aqui.
Espalho ali.
Os Primeiros Brotos,
as tenras folhinhas
tão verdes, verdinhas.

Ah, que beleza.

Ah, que beleza.

IPÊ Estou encantado.

ROMÃO Dá vontade de sair por aí também espalhando os Primeiros Brotinhos da Primavera.

SENHORA Que gracinha, as primeiras folhinhas da Eterna Primavera!

ESPALHADOR Belas ramagens.
Verdes pastagens.
Os Primeiros Brotos
vou distribuindo
pelos campos lindos
da Natureza.
Da Natureza.

PRÓXIMA Fui eu. Fui eu que passei o ano preparando estas Maravilhas!

ACÁCIA Pois fique contente, Senhora, porque são lindos. Os Primeiros Brotos estão uns amores!

Sai o Espalhador dançando. Entra Solzinho esbaforido.

SOLZINHO Terrível. Terrível. O Verão insistiu em falar com a Primavera porque não concorda que ela vá ao Piauí.

ACÁCIA Oh!

IPÊ O que será de nós?

SOLZINHO As Quatro Estações estão reunidas para decidir e eu não posso parar o desfile depois de começado.

PRÓXIMA A Primavera vai se atrasar?

SOLZINHO Isso, nunca! O desfile continua. Agora é a vez da Simpática Geradora dos Lindos Botões de Flor. Olhem, é ela.

Solzinho sai. Entra a Simpática dançando com ramos e ramos de botões de flor.

SIMPÁTICA Pelos campos
pelos jardins
lindos botões
venho trazer,
por entre os
verdes capins
as lindas flores
vão renascer.

ACÁCIA Prazer em vê-la, senhorita Simpática.

ROMÃO Lindos Botões, bela Geradora.

IPÊ A senhorita precisa visitar o Piauí.

SIMPÁTICA Lindas campinas
feitas de puro,
puro esplendor.
Eu vou gerando
pelas plantinhas
lindos botões,
botões de flor.

TODOS Lindas campinas
feitas de puro,
puro esplendor.
Eu vou gerando
pelas plantinhas
lindos botões,
botões de flor.

Sai Simpática, entra Solzinho.

SOLZINHO Finalmente terminaram a reunião.

IPÊ Conseguimos? Ela vai?

SOLZINHO As estações sempre terminam se entendendo. Imaginem que quase atrasaram a chegada da Primavera.

ROMÃO Vai ou não vai?

SOLZINHO Vai!!! (*Festa. Entra o Verão.*)

VERÃO Ela vai porque eu fiquei comovido com os pedidos do Coronel Inverno e do Messiê Outono. Mas não vai com a carga toda, não. Passa por algumas áreas, que eu não vou deixar que a Primavera tome conta do Sertão.

SOLZINHO A Primavera florescerá nas serras do Piauí!

ÁRVORES Ah!

SOLZINHO Perto dos riachos e sobre os montes.

ÁRVORES Ah!!!

VERÃO Mas também é só. Passar bem. Adeus. E vocês... nos encontraremos no Piauí... sempre que não chover. (*Sai.*)

ROMÃO As terras do Piauí agradecem comovidas!

SENHORA Vencemos, Senhor dos Tempos. (*Abraços.*)

SENHOR Mas vocês precisam ensinar o povo da terra de vocês a observar a Primavera. Têm que dar valor a cada

florinha que encontram. Em cada florinha, habita um ar de Primavera.

SENHORA Pena que ela não vá ao Piauí inteiro. Mas é assim mesmo: aos poucos, ela vai se acostumando.

PRÓXIMA (*encarando Romão*) Descobri, meu São Longuim... Descobri, meu São Longuim... Foi esta Árvore que misturou as minhas Maravilhas.

SOLZINHO Calma, calma, que chegou a hora. Abram bem os olhos. Preparem-se que aí vem ela. A Magnífica! A mais linda das Estações! A partir de agora está brilhando por todo o Parque a colorida e perfumosa Primavera!

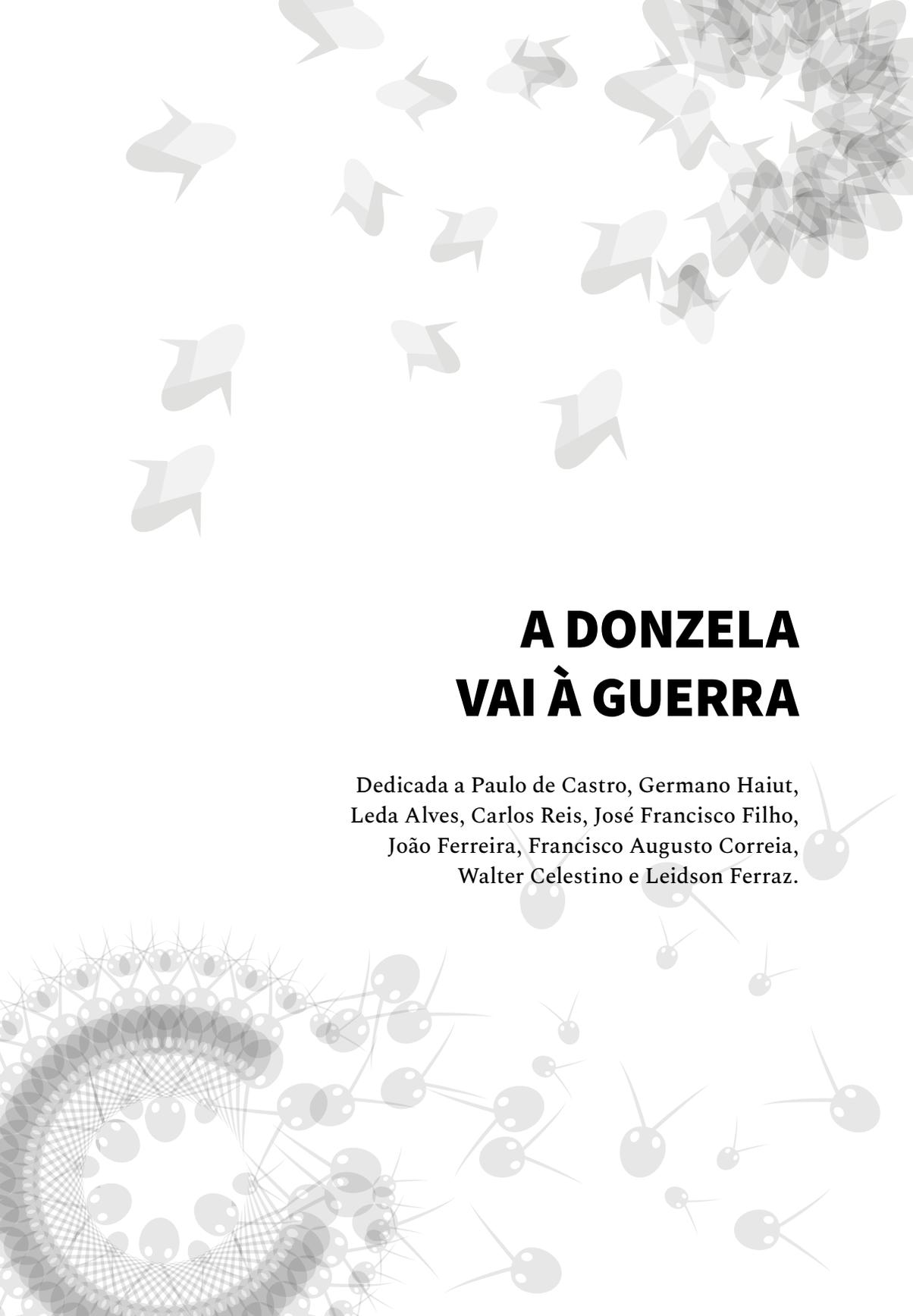
Sons de pássaros. Descem do urdimento, caem ou são trazidas as mais diferentes espécies de flores e folhagens. Todos cantam.

TODOS Cantemos. Cantemos.
A Primavera chegou.
Bailemos. Bailemos.
A Primavera chegou
repleta de folhas,
perfumes e cor.
Cravos, cravinas e rosas,
papoulas e margaridas,
crisântemos, violetas:
as alegrias da vida.
Cantemos. Cantemos.
A Primavera chegou.
Bailemos. Bailemos.
A Primavera chegou
repleta de folhas,
perfumes e cor.

ACÁCIA Mas eu não consigo ver. Onde está a Primavera?

- SOLZINHO Olhe as flores: a Primavera está nas flores.
- SENHORA Sinta o perfume, o zumbido das abelhas, o beijo dos beija-flores.
- ROMÃO Tudo isso, Acácia, é a Primavera que está entre nós.
- ACÁCIA Ah, eu sinto. Eu piso de leve na terra. É a Primavera. A Primavera chegou.
- PRÓXIMA E este ano, veio mais bela do que nunca!
- IPÊ Então vamos, vamos, voltemos ao Piauí.
- ACÁCIA Mas precisamos encontrar aquelas Nuvens Esparsas.
- PRÓXIMA (*Abana com um leque.*) Pronto. Aí está o ventinho que traz as Nuvens Esparsas. Ai, como são maravilhosas as Maravilhas da Primavera fabricadas na Loja das Maravilhas Naturais.
- TODOS Como são maravilhosas as Maravilhas da Primavera fabricadas na Loja das Maravilhas Naturais.

Rio, 1975



A DONZELA VAI À GUERRA

Dedicada a Paulo de Castro, Germano Haiut,
Leda Alves, Carlos Reis, José Francisco Filho,
João Ferreira, Francisco Augusto Correia,
Walter Celestino e Leidson Ferraz.

Terceiro lugar no Concurso de Dramaturgia Infantil do Serviço Nacional de Teatro, Rio de Janeiro, 1976.

A primeira montagem aconteceu em Juiz de Fora, com produção e direção do ator mineiro Edgar Ribeiro, e depois estreou no Teatro da Galeria, no Rio de Janeiro, numa produção carioca do grupo Legião Cênica, em 1998, sob direção de Jerônimo Campos.

Personagens

Humanos

DEOCLÉCIA

DONA LEONOR TELES

CORONEL JÚLIO CÉSAR

DONUNO

DONA ALFINETINA

ACRÍSIO LINDOSO

ZEFINHA

Bonecos

ESPIGA DOURADA

ESPIGA SONHADORA

OUTRAS ESPIGAS

OS ESPIGAS

Amanhece no plano dos bonecos, o Milharal. Conversa de espigas.

SONHADORA Dourada! Dourada!

DOURADA Uhnn!?

SONHADORA Acorda. Anda.

DOURADA Uhn!?

SONHADORA Acorda, irmã.
Já é de manhã...
as folhas molhadas!
Acorda, Dourada,
e vê como o dia
é todo alegria.
Anda... por favor.

DOURADA Você me acordou?
Mas por que agora?

SONHADORA Porque está na hora.

DOURADA É tão cedo ainda!

SONHADORA É de manhãzinha!

DOURADA Deixa eu dormir mais.

SONHADORA Ah, é? Tanto faz.
Depois eu não conto.

DOURADA O quê? Outro sonho?

SONHADORA Lindo como o dia!
Levante e sorria
se quiser ouvir.

DOURADA Ah, conta pra mim.
Diz o que sonhou.

SONHADORA Sonhei com uma cor.

DOURADA Uma cor? Que cor?

SONHADORA A cor de uma flor.

DOURADA Alecrim? Cravina?
Begônia? Bonina?
Rosa? Tulipa?
Dália? Filodendro?

SONHADORA Não, não e não.

DOURADA Ah, Manjericão?
Violeta? Jasmim?
Bom... flor de capim?
Cravo? Resedá?
Flor de Manacá?

SONHADORA Não digo que flor.

DOURADA E o que foi que fez?

SONHADORA Contou até três...
Deixou de ser cor
de flor e virou...

DOURADA O quê?

SONHADORA Outra cor.

DOURADA Outra cor! Que cor?

SONHADORA Ah... peixe do mar!

- DOURADA Que cor que será?
Uma cor de peixe...
Pronto. Já sei. Deixe
que eu digo. Sardinha?
Tubarão? Tainha?
Badejo? Dourado?
Mandi? Namorado?
- SONHADORA Um sonho bonito
alegre, esquisito
assim deixa a gente
doida de contente.
- DOURADA Sabe o que eu queria
agora?
- SONHADORA Vá. Diga.
- DOURADA Virar Sonhadora.
Virar Sonhadora!
- SONHADORA Mas isso sou eu.
É direito meu.
- DOURADA Eu queria tanto
sonhar!
- SONHADORA No entanto
nasceu pra brilhar.
- DOURADA Eu quero sonhar.
- SONHADORA Você é Dourada...
Espiga adorada
pelo milharal
- DOURADA Ah, é! Afinal
sonhar é bobagem!

Um sonho é miragem!
Sonho é falsidade...
brilho é que é verdade!

SONHADORA Então tudo certo.
Nasceram bem perto,
neste milharal,
verde milharal!
Duas lindas espigas,
duas belas amigas!

DOURADA Uma, Sonhadora,
ai, ai, Sonhadora,
e Dourada, a outra,
como a luz d'aurora.

SONHADORA Como a luz d'aurora!

DOURADA Cuidado. Vem gente.

SONHADORA Silêncio. Oxente,
quem será que vem?

DOURADA Deve ser alguém.

SONHADORA Vão nos descobrir.

DOURADA Já vem por ali.

SONHADORA Irá me arrancar?

DOURADA Não nos fará mal.
Somos tão novinhas!
Tão recém-nascidas
que ninguém nem vê!

SONHADORA Começo a tremer
de medo.

Que nada!
Fiquemos caladas,
assim, escondidas
por entre as folhinhas.
Não te mexas, hein.

DOURADA Chegou alguém.

Entra Deoclécia.

DEOCLÉCIA Larará... Larará... Larará-rá-rá... Ai, que dia lindo! Ai, que dia belo! O sol é brilhante, dourado, amarelo. Tão dourado que até parece que é feito de ouro. Não existe nada no mundo mais lindo que o meu milharal! Aliás, o meu milharal é do meu pai só mesmo no nome, porque, na verdade, ele é meu. Nunca vi meu pai passeando pelo milharal! Ele vem aqui só mesmo pra mandar colher as espigas, mandar os homens trabalharem e pra ver se está dando formiga... por isso resolvi que o milharal é meu... meuzinho da silva... e meu pai é como se fosse apenas o administrador. Só isso. Larará... Larará. Todos os dias de manhã eu venho passear pelo milharal: corro pelo meio dos pés de milho, converso com as espigas. Todas têm nome. Eu mesma conheço todas elas pelos nomes. Mariazinha! Olhem só como a Estrela cresceu de ontem pra hoje! Espere, o que é isso? Uma espiga novinha! Ai, o que encontrei! Outra... escondida! Tão lindas! Tão singelas! Esta... com os cabelos amarelinhos! Que maravilha!

LEONOR *(de dentro)* Deoclécia! Deoclécia!

DEOCLÉCIA Pronto! Começou! Mal posso me sentir feliz com as minhas espigas e Dona Leonor Teles vem me chamar.

LEONOR *(de dentro)* Deoclécia! Está na hora, Deoclécia!

DEOCLÉCIA Esta aqui parece tão tristezinha. A gente olha de longe e pensa que são todas iguais, mas quando olha direito... como são diferentes! Esta é brilhante, faceira, deslumbrante! Toda iluminada! Já sei. Teu nome é Dourada! Gostou do nome? E esta, meio triste, parece que vive sonhando. Eu te chamarei Sonhadora. Dourada e Sonhadora!

LEONOR *(de dentro)* Deoclécia! Vem para a aula: você está demorando, Deoclécia.

DEOCLÉCIA Já vou. Já vou. Quero que vocês cresçam lindas, lindas! Amanhã, quando eu voltar, conversaremos mais e faremos os nossos planos. Agora preciso ir. Até amanhã. *(Deoclécia sai.)*

DOURADA Que menina bela!

SONHADORA Que linda donzela!

DOURADA Viu? Gostou de mim.

SONHADORA Quero ser assim como ela: pura!

DOURADA Linda criatura!
Deoclécia! Que nome!

SONHADORA É nome de homem.

DOURADA Não é, não. Não é.
Nome de mulher.

SONHADORA Ah, você está louca!

DOURADA Ouve. Cala a boca.

SONHADORA Deoclécia ao piano!

DOURADA Deoclécia ao piano!
 Chiii, espera, vento.
 Não sopra um momento
 pra gente escutar
 Deoclécia tocar.

SONHADORA Deoclécia ao piano!

DOURADA Deoclécia ao piano!

SONHADORA Tá me dando um sono!
 Começou meu sonho.

DOURADA Deoclécia tocando!
 Deoclécia tocando!
 Eu brilho inda mais.
 Eu brilho inda mais!

*Os bonecos somem. A ação muda para a Casa Grande.
 Deoclécia, sozinha, toca uma valsinha ao piano.*

LEONOR *(de dentro)* Fá sustenido, Deoclécia. Fá sustenido.
(Deoclécia continua tocando.) Deoclécia! Dó natural.
 Não. Dó natural, Deoclécia. *(Entra.)*

Para, para. Nem adianta continuar. Nem sei mesmo porque seu pai quer que você estude piano. Você não tem nenhuma vocação para piano. Sua prima, sim. Sua prima nasceu pra tocar piano. Você não liga, não estuda, não se adianta. Faz duas semanas que não passa desta valsinha. Vamos ver. *(Dona Leonor Teles senta ao lado de Deoclécia. Deoclécia repete a valsa.)* Bom... até que melhorou. Precisa ter cuidado com o Si bemol, o Fá sustenido e o Dó natural. E veja se estuda mais! Vamos ver o Pianista Virtuoso.

Deoclécia troca o livro e se põe a tocar um exercício.

LEONOR Ah, minha filha, me desculpe, mas não é este, não.

DEOCLÉCIA A senhora passou este, Dona Leonor Teles.

LEONOR Você está louca! Imagine se eu ia passar este exercício pra você. Sua prima, sim, ela pode tocar este... mas você? Uhn! Pode voltar. Nada de número sete. Seu exercício é o seis. Vá. Toque o seis.

Deoclécia volta a página e toca.

DEOCLÉCIA Livro fechado?

LEONOR Imagine! Deixe o livro aberto que eu sei que você não sabe mesmo.

DEOCLÉCIA Sei, Dona Leonor Teles.

LEONOR Então vamos ver.

DEOCLÉCIA Fecho?

LEONOR Feche.

Enquanto Deoclécia toca, entram o Coronel Júlio César e Donuno, o pai e o tio de Deoclécia.

CORONEL E quem trouxe a notícia?

DONUNO Seu Epaminondas ouviu pelo rádio e mandou avisar.

LEONOR O dedilhado, Deoclécia. Cuidado com o dedilhado.

CORONEL E o que foi que o rádio falou?

DONUNO Isso que eu contei... que uma praga de gafanhotos acabou com a plantação de cima da Serra.

Com um forte acorde, Deoclécia para de tocar.

DEOCLÉCIA Gafanhotos!?

DONUNO Diz que são bilhões de gafanhotos.

LEONOR É isso! Você fica tocando e prestando atenção à conversa dos outros. Toca, Deoclécia, toca.

CORONEL Vamos conversar lá dentro, que a Deoclécia está estudando.

Saem o Coronel e Donuno.

DEOCLÉCIA Os gafanhotos acabaram com a plantação de cima da Serra!

LEONOR Toca, Deoclécia. Isto é assunto de homens. Você não pode ver seu pai entrar que erra a lição toda.

DEOCLÉCIA E a senhora? Não pode ver Tio Donuno que fica toda empertigada.

LEONOR Quem? Eu! Rá-rá.

DEOCLÉCIA Sim, senhora. Pensa que eu não vejo? Fica que nem uma melancia de vez: toda inchada!

LEONOR Saliência, Deoclécia! Repita o exercício.

DEOCLÉCIA Toda asquerosa! Toda rabicunda!

LEONOR Imagine! Como se eu ligasse pra esse seu tio.

DEOCLÉCIA A senhora já viu um sapo, daqueles bem grandes, quando quer pegar uma mosca?

LEONOR Deoclécia!

DEOCLÉCIA Fica assim, olhe. Pois assim é a senhora, quando ele aparece.

LEONOR Pra mim, chega. Estude para próxima aula o exercício sete, do Pianista Virtuoso, e o 21, o 22 e o 23 do Solfejo. Deixa ver o ABC Musical... daqui até aqui... de cor. E agora... chega!

Dona Leonor sai furiosa, Deoclécia fecha o piano e vai sair quando entra Donuno.

DEOCLÉCIA Vai, tio, me conta.

DONUNO Eu tinha certeza que você ia se interessar.

DEOCLÉCIA Bilhões de gafanhotos?

DONUNO Mais de bilhões. Uma praga.

DEOCLÉCIA Uma praga de gafanhotos?

DONUNO Mais de uma praga. Uma nuvem! Uma miríade!

DEOCLÉCIA Acabou com tudo?

DONUNO Não deixou nada verde no alto da Serra.

DEOCLÉCIA E depois?

DONUNO Voaram. Ainda não se sabe para onde. É segredo deles. Seu pai ficou ouvindo o rádio para escutar alguma notícia.

CORONEL Acabo de escutar uma notícia. Os gafanhotos atacaram a lavoura dos Guimarães Bilac.

DONUNO e
DEOCLÉCIA Dos Guimarães Bilac!

- CORONEL Arrasaram tudo. Não restou nenhuma folhinha pra contar o segredo deles.
- DONUNO Precisamos fazer alguma coisa.
- CORONEL Precisamos.
- DEOCLÉCIA E se eles vierem para cá?
- CORONEL Eles estão vindo para cá.
- DEOCLÉCIA Vão acabar com o milharal.
- DONUNO Se a gente espalhar inseticida pelo milharal...
- DEOCLÉCIA Eu não deixo. As espigas de milho não vão suportar aquele cheiro. É capaz de adoecerem.
- CORONEL O rádio falou que não tem inseticida que dê jeito.
- DONUNO Tem de haver um jeito.
- DEOCLÉCIA Precisamos descobrir. Nós não podemos deixar que uns gafanhotos estrangeiros cheguem aqui e acabem com o milharal. O que as espigas não vão pensar de nós?
- CORONEL Vamos planejar, Donuno. *(Saem.)*
- DEOCLÉCIA Mas eu quero saber de tudo, hein! *(Entra Dona Leonor.)*
- LEONOR Seu tio já saiu?
- DEOCLÉCIA Ainda não. Estão planejando como evitar que os gafanhotos acabem com o milharal.

DONUNO Por mim tanto faz. É até bom. Assim vai mudar um pouco a paisagem.

DEOCLÉCIA Pois eu acho que a senhora é quem não tem nenhuma vocação para música. A senhora vive me ensinando a tocar, mas vai ver que nem sabe tocar. Nunca vi a senhora tocando piano.

DONUNO Eu?! Eu estudei no Conservatório Nacional, no Rio de Janeiro.

DEOCLÉCIA Pois devia ter ficado por lá.

LEONOR Mas ainda vou voltar. Qualquer dia desses arrumo as minhas coisas e volto para o Rio de Janeiro. Não aguento mais viver no meio do mato, longe de tudo, no meio desse milharal idiota! De manhã a gente acorda e só vê milharal, milharal o dia inteiro! Chega! (*Entra Donuno.*)

DONUNO Chega de quê, Leonor Teles?

LEONOR Donuno! Que surpresa.

DEOCLÉCIA Sobre o que era mesmo que a gente estava conversando, Dona Leonor Teles?

LEONOR Ah, bobagens, Donuno. Estava só dizendo a Deoclécia como eu gosto daqui. Aliás gosto de tudo. Principalmente do milharal. Não era, Deoclécia?

DEOCLÉCIA Nem sei mais... Eu vou é avisar aos pés de milho todo o perigo que estão passando. (*Sai Deoclécia.*)

DONUNO Você está tão bonita hoje, Leonor Teles!

LEONOR Você acha, Donuno?

DONUNO Parece uma jaca verde, uma touceira de capim.
Parece uma espiga de milho!

LEONOR Uma espiga!!?

DONUNO Madura. Já reparou como são lindas as espigas
quando estão maduras?

LEONOR É. São lindas.

DONUNO Elegantes.

LEONOR Muito. Muito elegantes.

DONUNO Esguias. E elas têm um cheiro!

LEONOR Um cheiro? (*Entra o Coronel.*)

CORONEL Ainda está aí, Donuno? Pensa que os gafanhotos
vão ficar esperando?

DONUNO Ah, é. Preciso ir chamar a costureira, a saboeira e
falar com o carpinteiro.

CORONEL Convocar todo os guerreiros, Donuno. Porque isto
aqui vai ser uma guerra.

DONUNO Até logo, Leonor Teles. Até logo, espiga de milho
verde!

Saem Donuno e o Coronel por lados diferentes.

DONUNO Espiga de milho! Logo eu que estudei no Conservatório
Nacional do Rio de Janeiro! E o pior é que eu gosto
mesmo deste homem. (*Sai. Entra Deoclécia.*)

DEOCLÉCIA Papai! Papai! (*Entra o Coronel.*) Papai, o senhor não pode permitir que essa nuvem de gafanhotos acabe com o milharal.

CORONEL Claro que não vou permitir. Acabamos de declarar guerra. Resolvemos combater os gafanhotos e enfrentá-los numa guerra terrível.

DEOCLÉCIA Com bomba atômica e tudo?

CORONEL Não. Bomba atômica, não. Uma guerra de inteligência e astúcia. Muitas ciladas e armadilhas. Primeiro haverá uma grande cilada no Vale dos Atoleiros.

DEOCLÉCIA Precisamos vencer, meu pai.

CORONEL Para isso mandei alistar todos os moradores do sítio. Todos serão alistados como guerreiros.

DEOCLÉCIA Os bravos guerreiros da guerra dos gafanhotos! Também vou. Também vou à guerra.

CORONEL Ora-ora, Deoclécia!

DEOCLÉCIA Quero entrar na guerra, enfrentar os gafanhotos e defender o lindo milharal do Sítio Valverde.

CORONEL Você é uma moça... uma donzela, e uma donzela nunca deve ir à guerra. As guerras são muito feias, sabe, e só mesmo os homens, os bravos guerreiros, podem aguentar.

DEOCLÉCIA Mas as minhas espigas estão correndo perigo e eu não vou ficar assim de braços cruzados. Eu prometo que serei um bravo guerreiro.

CORONEL Sinto muito, Deoclécia, mas não pode. Lugar de donzela é longe da guerra. (*Entra Dona Alfinetina.*)

ALFINETINA Seu Donuno me disse que o Coronel Júlio César Alexandre dos Avis quer falar comigo.

CORONEL Muito bem, Dona Alfinetina. Mandei chamar a senhora porque a senhora é a melhor costureira do sítio.

ALFINETINA Como a donzela Deoclécia está crescida! Imaginar que a gente passa uma semana sem ver a donzela Deoclécia e, quando vê, leva um susto. Ela cresce dia a dia, a donzela Deoclécia, não é, Coronel Júlio César Alexandre dos Avis?

CORONEL Escute, Dona Alfinetina...

ALFINETINA Meu Deus do céu, minha Santa Virgem Maria! E depois não é que a casa está igualzinha como eu deixei semana passada quando estive aqui! Não mudou nada. O piano era ali mesmo, não era Coronel Júlio César Alexandre dos Avis?

CORONEL Dona Alfinetina, eu preciso que a senhora me costure uma cortina de filó...

ALFINETINA Ah, logo vi! Está faltando a cortina daquela porta. Por que não me falou antes, homem de Deus? Isso foi uma grande falta de confiança em mim, Coronel Júlio César Alexandre dos Avis.

CORONEL A cortina não é aqui pra casa, Dona Alfinetina.

ALFINETINA Bem que eu imaginei. Eu mesma, pra dizer a verdade, não gostava da cortina ali, não. Sabe o que o senhor podia fazer, Coronel...

DEOCLÉCIA Júlio César Alexandre dos Avis.

ALFINETINA Obrigada, minha filha, você tirou as palavras da minha boca.

Enquanto vai falando, o Coronel tira um lenço do bolso, senta Dona Alfinetina numa cadeira e amarra-lhe o lenço como mordação.

CORONEL Dê-me licença, Dona Alfinetina, e agora cruze os braços para trás e me escute. Depois, quando eu desamarrar o lenço, a senhora vai caladinha para casa e corta e costura uma cortina de filó da largura do milharal e da altura do céu. Donuno vai levar o tecido para sua casa. Ouviu bem, Dona Alfinetina? Da altura do céu. *(Retira a mordação.)*

ALFINETINA Ouvi bem. Uma cortina de filó... da largura do milharal.

CORONEL Dentro de duas horas mando buscar. Certo, Dona Alfinetina?

ALFINETINA Certo, Coronel... Júlio César...

CORONEL Então até logo, Dona Alfinetina. *(Dona Alfinetina sai, meio hipnotizada.)*

DEOCLÉCIA Para que essa cortina assim tão grande?

CORONEL Você verá, Deoclécia. Você verá. Faz parte da surpreendente cilada. Quando os gafanhotos vierem, vão bater na cortina e ficam presos ou caem no chão e vão embora. Isto é tudo invenção de Donuno.

DEOCLÉCIA Será que dá certo? *(Entra Donuno.)*

DONUNO Encontrei Dona Alfinetina no meio do caminho. Ia falando o tempo todo: da altura do céu... da altura do céu...

CORONEL Daqui a duas horas mande buscar a cortina. E os guerreiros, foram convocados?

DONUNO Todos os homens do sítio estão se preparando para a guerra.

CORONEL E dos sítios vizinhos?

DONUNO Devem chegar antes das cinco horas.

CORONEL Ótimo. E as espadas-de-pau?

DONUNO Passei na oficina do mestre carpinteiro e encomendei duzentas. Ficam prontas amanhã à meia-noite.

CORONEL Mais alguma coisa?

DONUNO Chegou um forasteiro aí fora se oferecendo para entrar como guerreiro. Alisto o homem?

CORONEL Primeiro quero falar com ele.

A um sinal de Donuno entra Acrísio Lindoso.

ACRÍSIO Com a sua licença.

CORONEL É o senhor quem quer entrar na Guerra dos Gafanhotos?

ACRÍSIO Sou eu, senhor, sim. De nome Acrísio Lindoso, seu criado.

CORONEL Tem experiência de guerra?

ACRÍSIO A bem dizer da verdade, já estive em duas guerras.

DONUNO Guerreou contra as Formigas Vermelhas do Alto da Serra Grande e depois foi guerreiro da Guerra da Febre.

- ACRÍSIO Foi, senhor, sim. Sendo que a Guerra da Febre foi muito violenta porque a gente não se avistava com o inimigo. E esse dito inimigo era um bicho medonho e danado: uma febre que atacou os bois e as vacas do engenho onde eu morava, e estava matando todos os bois e todas as vacas.
- CORONEL O homem tem experiência, Donuno. Sabe pular. Pule isso aí. (*Acrísio dá três saltos seguidos.*) Domina bem as armas? (*Acrísio desfecha golpes ao ar livre, investe contra os dois homens utilizando-se de algum objeto.*) Pode alistar o homem. Explique tudo direitinho a ele.
- DONUNO Venha comigo, rapaz, que eu lhe explico tudo. (*Saem.*)
- DEOCLÉCIA É isso. Meu pai não vai mesmo deixar que eu entre na guerra. Quando ele diz que não deixa é porque não deixa mesmo. Mas eu vou. Quero lutar no campo de batalha defendendo o meu milharal até o fim. E já sei o que vou fazer. Visto umas roupas velhas do Tio Donuno, chego aqui e me apresento como se fosse um forasteiro que acabou de chegar. Será que vão me reconhecer? Não. Eu me disfarçarei muito bem, com bigode e tudo. Depois ninguém vai nem saber que eu, a donzela Deoclécia, fui à guerra!
- Sai. Entra Zefinha, a saboeira.*
- ZEFINHA Ô de casa! Ô de dentro! Quem estava fora já entrou. Oxente! Vôte! E não tem ninguém nesta casa, não, é? Zefinha foi entrando. Sou eu, Zefinha, a fazedora de sabão mais famosa e requisitada do mundo. Oxente, Coronel, onde o senhor se meteu? Isso lá é jeito de receber uma visita que o senhor mesmo mandou convidar? Ô, seu Coronel! Posso demorar, não. Trabalho na minha casa é o que não falta. Logo eu que tenho de entregar amanhã bem cedo umas dez toneladas de sabão amarelo, oito de

sabão de coco, cinco toneladas de sabão rajado e por aí vai. Uma tonelada de sabão não é coisa que se faça assim brincando, não. Coisa que dá trabalho é fazer uma tonelada de sabão. (*Entra Deoclécia, vestida de homem, e vai passando meio escondida.*) E o senhor aí? É da casa? Onde é que anda o Coronel que não vem me dizer o que quer? Espera aí. O senhor é daqui mesmo?

DEOCLÉCIA Senhora, não.

ZEFINHA Ah, porque se fosse daqui eu ia dizer que era a donzela Deoclécia vestida nas roupas do tio. Mas já que é de fora... E como é que vem lá de dentro?

DEOCLÉCIA Falando com o Coronel, Dona Zefinha.

ZEFINHA Agora deu! E sabe meu nome. Pois seja lá quem for, de dentro ou de fora, me faça o favor de voltar e dizer ao Coronel que quem está aqui fora é Zefinha, vulgo Saboeira... mas você não me chame de Saboeira, porque se chamar eu lhe escangoto o cangote.

Entra o Coronel no exato momento em que Zefinha começava a apertar o pescoço de Deoclécia. A donzela tenta sair mas está impedida por Zefinha, postada diante da porta.

CORONEL Calma, Zefinha. Que maneiras são essas? Como é que vai nossa amizade?

ZEFINHA Pois pode ir logo desembuchando o que tem pra me dizer, seu Coronel, porque o tempo que eu podia ficar aqui acaba de se acabar.

CORONEL Eu também não posso perder tempo porque estamos em pé de guerra.

ZEFINHA Os cangaceiros?! Ai! *(Desmaia nos braços de Deoclécia.)*

CORONEL Não. Os gafanhotos. Volte para casa e prepare para mim uns duzentos mil litros de água ensaboada.

ZEFINHA Duzentos mil... de quê?

CORONEL Água ensaboada... água de sabão. Seis horas da noite eu mando buscar. Nem me pergunte pra que é. Vá. Vá. Vá. *(Leva Zefinha até a saída e depara com Deoclécia. Zefinha sai.)*

CORONEL E o senhor?

DEOCLÉCIA Sou eu, senhor, sim.

CORONEL Que o senhor é o senhor, eu sei. Mas quem é o senhor?

DEOCLÉCIA De nome Florêncio, um forasteiro.

CORONEL Outro?

DEOCLÉCIA Um peregrino. Passei de passagem. De nome Florêncio.

CORONEL E parou por quê?

DEOCLÉCIA Soube da guerra. Vim me alistar.

CORONEL Já guerreou? Tem uma cara que mais parece cara de moça-donzela!

DEOCLÉCIA É só a cara, senhor! Já guerreei na Guerra das Duas Rosas, na Guerra dos Cem Anos, nas Guerras da Independência e até na terrível e sangrenta Batalha de Alcácer-Quibir. Eu salto, eu pulo, eu corro e sei usar as armas.

Deoclécia executa saltos, maneja espadas imaginárias e desfere golpes que quase acertam Donuno que entra.

CORONEL Donuno, leve mais esse um pra se alistar. Tem cara de moça, mas já guerreou em todas as guerras do mundo. Deve ser um invencível e audaz guerreiro! Leve o homem, Donuno, e encha a barriga dele de feijão que é pra ele ficar bem valente.

Todos os atores entram e cantam.

CANTIGA DA DONZELA QUE VAI À GUERRA

Se disfarçou, oi,
se disfarçou.
Deoclécia se disfarçou.

Vestiu camisa de homem.
Vestiu as calças compridas.
Chapéu caído na testa,
alpercata de rabicho.
Oi de rabicho,
oi de rabicho.

Reforçou as sobrancelhas,
pintou bigode postiço,
apertou o cinturão
pra defender as espigas.
Oi as espigas
Oi as espigas

Bate o tambor
tum tum tum
Toca a corneta
tá ta tá
Deoclécia vai à guerra
Oi ela vai guerrear

Oi tum tum tum
Oi tum tum tum
Oi tá tá tá
Oi tá tá ta

A donzela vai à guerra
defender o milharal.
Vai de homem disfarçada
defender o milharal.
Vai armada até os dentes
defender o milharal.
Vai marchando pela estrada
defender o milharal.
Vai ligeira, vai danada
defender o milharal.

Uma sacola de pólvora,
Duas balas de brinquedo,
Três cartuchos de espoleta,
Quatro passadas de medo,
Cinco dedais de coragem,
Seis mochilas de segredo.

Dez fivelas de astúcia,
Vinte vontades no chão,
Trinta vezes valentia,
Quarenta audácias na mão,
Cinquenta razões na testa,
Sessenta no coração.

Oi tum tum tum
Oi tum tum tum
Oi tá tá tá
Oi tá tá ta

A ação muda para o plano dos bonecos.

DOURADA Tá escurecendo!

SONHADORA Você está tremendo?

DOURADA É pura ilusão!

SONHADORA Deixa ver a mão.
Tá sim. Eu também
não me sinto bem.

DOURADA Tudo diferente!

SONHADORA Você também sente?

DOURADA Chega mais pertinho.

SONHADORA Você está ouvindo?

DOURADA Vem daquele lado.

SONHADORA Espere. Cuidado.

DOURADA Que coisa esquisita!

SONHADORA Estou tão aflita!

DOURADA Ali vem alguém.

SONHADORA Agora estou bem.

DOURADA Não é ela, não.

SONHADORA Ai, meu coração!

DOURADA Parece um rapaz.

SONHADORA Nem quero ver mais.

Entra Deoclécia/Florêncio. As espigas escondem-se por entre as folhas e reagem à fala de Deoclécia.

DEOCLÉCIA Dourada! Sonhadora! Sou eu, Deoclécia. Onde estão vocês? Ah, achei. Não me reconheceram? Sabe o que é? É a guerra! Que é isso? Nada de medo. Me vesti de homem para enganar meu pai e o Tio Donuno e eles nem pensam que sou eu. São uns gafanhotos que vêm por aí... uns gafanhotos de nada. Mas aqui no Sítio Valverde eles vão ver como é que se defende um milharal! Preciso ir embora que é para eles não desconfiarem. Fiquem tranquilas e avisem às outras espigas pra não se preocuparem, não. Eu mesma vim defendê-las. Qualquer novidade eu passo aqui para contar.

Beija as duas espigas e sai. Aparecem várias outras espigas fazendo perguntas.

ESPIGAS Que foi?
O que é?
Cadê Deoclé?
Vai, me conta.
Vai.

DOURADA Gafanhotos.

ESPIGAS Ai!

SONHADORA Vêm vindo pra cá.

ESPIGAS Quem nos salvará?
Irmãs de minh'alma!
Ai!
Ui!
Oi!
Ai!

DOURADA Calma!

SONHADORA É só uma guerra.

- ESPIGAS Ai!
Em nossa terra?
Estamos perdidas.
Adeus, minha vida!
Guerra de verdade?
Oh, quanta maldade!
Preciso de ar.
- DOURADA Me deixem falar.
- ESPIGAS Ande, fale. Fale.
- SONHADORA Primeiro se calem.
- ESPIGAS Caladas. Caladas.
- DOURADA Eles já vêm vindo...
- ESPIGAS Vêm vindo? Vêm vindo?
- DOURADA Nesta direção.
- ESPIGAS Ai, meu coração!
- DOURADA Mas não vão chegar...
- ESPIGAS Não? Não vão chegar?
- SONHADORA Depois dessa guerra...
- ESPIGAS Ai, a guerra! A guerra!
- DOURADA ... serão arrasados.
- ESPIGAS Nós?
Ai!
Ui!
Socorro!

SONHADORA Não. Os gafanhotos!

ESPIGAS Ah!
Isso, sim.
Ah!

DOURADA Vamos descansar.

ESPIGAS Todas a sorrir
iremos dormir.
O medo acabou.
Pois é. Já passou.
Gosto tanto dela!
Tão linda a donzela!
Vai nos defender.
Já foi guerrear
para nos salvar!
Vem. Vamos dormir.
Como é bom dormir!
Sonhar! Oh, sonhar!

Adormecem. A ação muda para o acampamento dos guerreiros.

CORONEL Alguma notícia?

DONUNO Ainda não. Qualquer hora chega uma notícia. Ligue o rádio.

Entram Acrísio Lindoso, o Rádio e Deoclécia disfarçada.

O RÁDIO Atenção para uma notícia. Muita atenção, moradores do Sítio Valverde...

DONUNO Pronto. Deixe aí.

- O RÁDIO Neste momento, a terrível nuvem de gafanhotos vem se aproximando da grande Cilada dos Atoleiros. É inacreditável, senhores ouvintes. São dezenas, digo, centenas, milhares de gafanhotos voando pelo céu. O que vejo, senhores ouvintes? Não. Não são apenas milhares... São milhões, bilhões, trilhões ou mais de trilhões de gafanhotos...
- DEOCLÉCIA Será possível?
- ACRÍSIO Tenha calma.
- O RÁDIO A nuvem de gafanhotos já está muito perto da cortina de filó. Dentro de poucos instantes saberemos o que acontecerá. Aguardem, senhores ouvintes, porque o momento é de grande ansiedade.
- DONUNO Se ao menos mudasse a direção do vento!
- O RÁDIO Bateram, senhores ouvintes. Os gafanhotos bateram na cortina e estão embaraçados. Trilhões de gafanhotos presos nas malhas da cortina de filó.
- DEOCLÉCIA Viva!
- O RÁDIO Trilhões de gafanhotos caem no chão dando lugar a outros trilhões que se chegam e ficam presos.
- CORONEL Parece que deu certo.
- DEOCLÉCIA Deu. Deu certo, sim.
- CORONEL Espera. Escuta. Escuta.
- O RÁDIO Trilhões de gafanhotos pelo chão, trilhões de gafanhotos presos e chegam mais, mais e mais gafanhotos. É um Deus nos acuda de tantos

gafanhotos! Felizmente a nossa cabine de rádio fica por trás da cortina e aqui eles não nos atingem.

CORONEL Parece que não vamos precisar de batalha.

O RÁDIO Senhores ouvintes, uma porção de gafanhotos começa a mudar de direção, desviando-se da cortina. Sim. É isso mesmo. Estão indo embora. Mas o que vejo? O que está acontecendo? Os gafanhotos estão derrubando a cortina. Oh! A cortina vai arriar! Preciso sair daqui depressa, senhores ouvintes. Oh! Não! Derrubaram a cortina... Oh!

O Rádio silencia.

CORONEL Depressa. Espalhar água de sabão pelo milharal inteiro. Depressa Donuno. *(Saem o Coronel e Donuno.)*

ACRÍSIO Você ficou tão nervoso que até parece que o milharal é seu.

DEOCLÉCIA E não hei de ficar? Defendo este milharal mesmo sem ser meu.

ACRÍSIO Posso saber seu nome?

DEOCLÉCIA Florêncio.

ACRÍSIO Florêncio! É como se fosse o nome do pai das flores!

DEOCLÉCIA Eu inventei.

ACRÍSIO Inventou? O nome da gente, a gente recebe quando nasce e nem sabe por quê.

DEOCLÉCIA Florêncio, não. Eu inventei. Pode até existir outro Florêncio por aí... mas o meu... eu inventei.

- ACRÍSIO Você é cheio de mistério! Mas eu gosto. Gosto desse seu jeito misterioso. Se não visse você e sentisse esse cheiro, ia dizer que era cheiro de moça. Cheiro de donzela!
- DEOCLÉCIA Já estive mesmo em duas guerras? E agora... tem medo?
- ACRÍSIO Medo mesmo, não. Esta vai ser uma guerra difícil. Dizem que os gafanhotos são muito poderosos. Em cinco minutos podem acabar com o milharal inteiro.
- DEOCLÉCIA Só mesmo por causa do milharal, mas, para dizer a verdade, eu gosto de gafanhoto.
- ACRÍSIO O perigo deles é quando estão juntos. São tantos, tantos, que podem até carregar um homem.
- DEOCLÉCIA Um homem grande?
- ACRÍSIO Não. Acho que só um rapazinho assim como eu... ou você. (*Aparece Donuno.*)
- DONUNO Ei, vocês. Vamos. É preciso passar água ensaboada nos pés de milho e não podemos perder tempo. (*Sai Donuno.*)
- ACRÍSIO Podemos ficar amigos?
- DEOCLÉCIA Depois te conto um segredo.
- ACRÍSIO Conta agora.
- DEOCLÉCIA Não posso. É preciso ensaboar o milharal.
- ACRÍSIO Conta depois?

DEOCLÉCIA Conto, sim. Vem. *(Saem. Entra o Coronel falando para longe.)*

CORONEL Vamos, homens. Depressa. Cuidem daquele lado. Vocês dois, venham cá. *(Entram Acrísio e Deoclécia/Florêncio.)* Vão apanhar dois baldes d'água ensaboada e passem em todas as folhas deste lado. Corre. *(Sai o Coronel.)*

DEOCLÉCIA Vou buscar os baldes e já volto.

ACRÍSIO Não. Eu vou por você.

DEOCLÉCIA Obrigado. *(Acrísio sai.)* Como ele é bonito! Tem um jeito assim tão desmilinguido! Ei, vocês, suas espigas, acordem todas porque vamos dar um banho em vocês e não adianta achar ruim. Quero ver quando os gafanhotos chegarem... vão escorregar pela água ensaboada!

Volta Acrísio com o balde. Deoclécia e Acrísio passam água nas folhas.

CANTIGA DA ÁGUA DE SABÃO

Água de sabão!
Água de sabão!
Com todo o cuidado.
Vamos enganar
o inimigo danado.
Passo nesta folha.
Passo nesta folha.
Também do outro lado.
Quero ver cair.
Quero ver cair
gafanhoto assanhado.
Olha o gafanhoto.

Olha, o gafanhoto.
Vem se aproximando.
E o milharal,
e o milharal
vou ensaboando.

DEOCLÉCIA Pronto! Precisava tremer tanto? Não precisava.

ACRÍSIO Florêncio.

DEOCLÉCIA Agora é só esperar. E, por favor, não se agitem, não fiquem nervosas, porque essa história de gafanhoto que devora milharal é pura invenção e não vai ter nada disso por aqui.

ACRÍSIO Você fala com as espigas como se fossem suas amigas.

DEOCLÉCIA É tão fácil. Elas escutam tudo direitinho. Você já falou com alguma?

ACRÍSIO Não. Nunca.

DEOCLÉCIA Fala.

ACRÍSIO Depois.

DEOCLÉCIA Fala agora.

ACRÍSIO *(ao Milharal)* Oi.

DEOCLÉCIA Isso é lá jeito de falar. Fala direito com elas. Elas respondem. Dourada! *(Dourada agita-se dengosa.)* Sonhadora! *(Sonhadora desmancha-se em alegria.)* Fala com elas. Esta aqui é a Estrela.

ACRÍSIO Dourada...! *(A espiga, alegre, tenta aproximar-se.)*

DEOCLÉCIA Calma, Dourada. Ficou tão contente que queria lhe dar um beijo.

ACRÍSIO Você falou que me contava.

DEOCLÉCIA O quê?

ACRÍSIO O segredo.

DEOCLÉCIA Ah, o segredo.

ACRÍSIO Prometeu que contava.

DEOCLÉCIA Não sei se devo. Jura que não vai dizer a ninguém.

ACRÍSIO Juro.

DEOCLÉCIA E também não vai se importar que eu fique na guerra?

ACRÍSIO Claro que não. Cada um faz o que quer.

DEOCLÉCIA Meu nome não é Florêncio.

ACRÍSIO Só isso? É um segredo tão pequeno!

DEOCLÉCIA Estas roupas não são minhas.

ACRÍSIO Até aí nada de estranho. Acabou o mistério?

DEOCLÉCIA Está rindo de mim. Eu não sou homem.

ACRÍSIO Brincadeira!

DEOCLÉCIA É verdade. Sou uma donzela.

ACRÍSIO Você? Uma mulher, uma donzela?!

DEOCLÉCIA É. Meu nome é Deoclécia.

ACRÍSIO Então... por quê?

DEOCLÉCIA Eu precisava guerrear... defender o milharal. Eles disseram que só os homens podiam guerrear. Aí me vesti de homem, escolhi um nome e me apresentei... assim como você. Meu nome é Deoclécia.

Acrísio retira o chapéu da cabeça de Deoclécia. Ela desprende os cabelos.

ACRÍSIO Deoclécia! Deoclécia! Deoclécia não é Florêncio! Agora é que eu gosto mesmo de você. Gosto ainda mais. Muito mais. Posso até me casar com você. Ah! Florêncio não é Florêncio... Florêncio é uma donzela... Dourada, o nome dela é Deoclécia... Sonhadora... é Deoclécia...

DEOCLÉCIA Calma. Eles podem escutar.

ACRÍSIO Mas você não pode ficar aqui.

DEOCLÉCIA Não posso?!

ACRÍSIO A guerra não é lugar para donzelas.

DEOCLÉCIA Você falou que não ia se importar.

ACRÍSIO Agora você é minha noiva. É diferente. Vou me casar com você e não quero minha noiva guerreando pelo meio do mato.

DEOCLÉCIA E quem disse que sou sua noiva? Você nem me perguntou se quero casar com você.

ACRÍSIO Então pergunto agora. Você quer?

DEOCLÉCIA O quê?

ACRÍSIO Casar comigo.

DEOCLÉCIA Vou pensar.

ACRÍSIO Vai pensar, Deoclécia?! Não gosta de mim?

DEOCLÉCIA Gostar, eu gosto, mas não quero ser noiva de uma pessoa assim.

ACRÍSIO Assim como, Deoclécia?

DEOCLÉCIA Assim como meu pai... que não me deixa defender o milharal. Inda mais você... que jurou.

ACRÍSIO Jurei?

DEOCLÉCIA Jurou, sim. Jurou que me deixava continuar lutando. Seu juramento não vale nada.

ACRÍSIO Bom... se eu jurei...

DEOCLÉCIA Claro que jurou.

ACRÍSIO Se eu deixar, você casa comigo?

DEOCLÉCIA Caso... porque gosto de você.

ACRÍSIO Então, está bem. Mas tem de ficar o tempo todo perto de mim. Fica?

DEOCLÉCIA Fico. Palavra de homem. E não esqueça que meu nome aqui é Florêncio.

Entra Donuno. Deoclécia põe o chapéu.

DONUNO Vão descansar, dormir um pouco. Se os gafanhotos não chegaram até agora, só amanhã de manhã.

E nós vamos também descansar um pouco.
(*Sai Donuno.*)

DEOCLÉCIA Vamos, sim. No meio do milharal.

ACRÍSIO Boa noite... Deoclécia!

DEOCLÉCIA Boa noite, Acrísio! Sonha com os anjos.

Intervalo musical. Entra Leonor Teles.

LEONOR Deoclécia! Deoclécia! Onde anda esta donzela?

Sai Dona Leonor Teles. Passa Donuno apressado e chamando pelo Coronel. Entram Donuno e o Coronel.

CORONEL Quem falou que os gafanhotos estão chegando?

DONUNO Já se pode ver. Olhe, ali para os lados do Sol.

CORONEL Danou-se! É uma nuvem!

DONUNO Uma miríade!

CORONEL Acordar todos os guerreiros.

Sai Donuno gritando "Acorda, acorda". Entra Dona Leonor Teles.

LEONOR Deoclécia! Ah, Coronel, que bom encontrar o senhor.

CORONEL Corra pra casa, Dona Leonor Teles, que os gafanhotos estão chegando.

LEONOR Deoclécia desapareceu. Não encontro a donzela em lugar algum.

CORONEL Deve estar lá no quintal. Volte para casa depressa que não temos mais tempo. *(Sai o Coronel.)*

LEONOR Deoclécia, danada! Aparece, Deoclécia.

Sai Dona Leonor. Entra Donuno e fala para trás do telão.

DONUNO Depressa. Peguem as espadas-de-pau e se acorem no meio do milharal.

Sai Donuno. Aparecem Acrísio e Deoclécia com porretes na mão.

ACRÍSIO Não saia de perto de mim.

DEOCLÉCIA Está com medo?

ACRÍSIO Dizem que são trilhões de gafanhotos.

DEOCLÉCIA Não. Muitos ficaram na cortina e muitos foram embora.

ACRÍSIO Mesmo assim. *(Entra Donuno.)*

DONUNO Todos acorados no meio do milharal. Todos acorados no meio do milharal.

Entram o Coronel e os guerreiros armados com porretes e somem por trás do telão.

ACRÍSIO Fique por perto.

DEOCLÉCIA Vou ficar ali. *(Os dois se agacham, um de cada lado do telão.)*

DONUNO Quando os gafanhotos chegarem e caírem no chão, a ordem é acabar com eles.

Música. Milharal agitado de medo. Surgem os gafanhotos indo direto aos pés de milho e escorregando para o chão por trás do telão. Ouvem-se gritinhos de medo das espigas e pancadas no chão. Durante a cena, Deoclécia desaparece. Somem os ruídos. As espigas se refazem. Reaparecem todos os homens abraçando-se entre “vivas” e “vitórias”.

ACRÍSIO Vencemos, Deoclécia. Deoclécia! Onde está você? Vocês viram Deoclécia , quer dizer, Florêncio?

DONUNO Deoclécia?

ACRÍSIO Sim. Ela estava aqui agora mesmo e desapareceu.

CORONEL Minha filha estava aqui?

ACRÍSIO Sua filha, não. Deoclécia.

CORONEL Deoclécia é minha filha.

ACRÍSIO Então é ela. Está vestida de homem e usava o nome de Florêncio.

DONUNO Deoclécia! Florêncio! E ninguém reconheceu.

CORONEL Procurem por toda parte. Depressa.

DONUNO Procurem pelo milharal inteiro. Deoclécia!

Somem todos por vários lados. Ouvem-se os gritos chamando-a. Em projeção, sombra ou com bonecos no telão, vê-se Deoclécia arrastada pelos gafanhotos. Música.

DEOCLÉCIA Vocês estão me levando, mas também não precisam puxar meus cabelos desse jeito. O quê? Sabem que

eu acho vocês muito malvados com as plantações? Hein? Ah, só mesmo quando estão em praga. Quer dizer que quando estão sozinhos não fazem mal nenhum? Pois eu acho que vocês só deviam andar sozinhos. Nada de praga, nada de nuvem de gafanhotos e nada de miríades. Agora, cá pra nós, aonde vocês querem me levar? O quê? Meu Deus! Vocês estão loucos! Onde já se viu gente morar com gafanhotos? Vamos fazer um contrato?

Entra Donuno e logo depois entram os outros.

DONUNO Achei. Ela está ali.

CORONEL Está sendo carregada pelos gafanhotos!

ACRÍSIO Tenha medo, não, Deoclécia, que eu vou buscar você.

DEOCLÉCIA Venha, não, Acrísio Lindoso. Estou conversando com eles. Não é verdade mesmo que estamos conversando? Vamos fazer um contrato. É o seguinte: vocês me largam, eu volto para casa e prometo que vou cuidar de vocês o resto da minha vida. Deixo um lugar para cada um aqui no sítio, mas bem longe uns dos outros, e todos os dias vou visitar vocês e verão que temos muito o que conversar. Que tal?

Os gafanhotos afastam-se dela como em uma reunião decisória e voltam.

ACRÍSIO Que aconteceu?

DEOCLÉCIA Estão reunidos para decidir se me largam ou não.

ACRÍSIO Preciso ir lá para acabar de vez com esses atrevidos.

DEOCLÉCIA Nem venha porque pode estragar tudo. Decidiram? O que acham? Ótimo! Agora vocês fazem o seguinte: vai cada um para um lado diferente e amanhã bem cedo, quando eu vier, vou chamando um por um e a gente acerta tudo direitinho. Então até amanhã de manhã. Mas cuidado, hein, nada de reuniões. Cada um para o seu lado. Até amanhã.

Somem os gafanhotos e Deoclécia aparece vindo de trás do telão. Abraços.

CORONEL Você está bem, Deoclécia?

DONUNO Que donzela que você é, hein, Deoclécia? Até parece que é um rapaz!

DEOCLÉCIA Foi nada, não. Eles queriam me carregar, mas ficou tudo resolvido.

CORONEL Vamos pra casa que temos umas contas a acertar. *(O Coronel sai.)*

DEOCLÉCIA O que interessa é que o milharal está salvo.

ACRÍSIO Pra mim o que interessa é que você está viva. *(Entra Dona Leonor.)*

LEONOR Deoclécia! Deoclécia!

DEOCLÉCIA Aqui, Dona Leonor Teles.

LEONOR Aqui onde? Vocês viram a danada daquela donzela?

DEOCLÉCIA Danada, não, viu, Dona Leonor Teles. Deoclécia é uma donzela que ajudou a salvar o milharal, não é mesmo, Tio Donuno?

DONUNO Guerreamos e vencemos, Leonor Teles. Venha comigo apanhar umas espigas maduras que quero lhe dar de presente.

LEONOR Nada disso. Hoje eu só sossego depois de encontrar a danada da donzela Deoclécia.

Saem Donuno e Dona Leonor.

ACRÍSIO Você não me falou que era filha do Coronel.

DEOCLÉCIA Não precisava. Deixei pra depois.

ACRÍSIO E será que o Coronel vai deixar?

DEOCLÉCIA O quê?

ACRÍSIO Nosso casamento.

DEOCLÉCIA Aposto que vai até gostar. Você foi um grande guerreiro. Muito valente, audaz e é corajoso! Vamos falar com ele.

ACRÍSIO Falta saber uma coisa. Como você se salvou dos gafanhotos?

DEOCLÉCIA Depois eu conto.

ACRÍSIO Mais mistério. Vamos logo.

DEOCLÉCIA Onde?

ACRÍSIO Falar com o Coronel. Marcar o casamento. Vem.

Saem os dois. Surgem Dourada e Sonhadora no telão.

SONHADORA Que noite, Dourada!

- DOURADA Como estou cansada! Mas deu resultado.
- SONHADORA Olhe o meu estado! Toda ensaboada! Eu não gostei nada d'água com sabão.
- DOURADA Foi a salvação.
- SONHADORA Vou aproveitar para descansar um pouco.
- DOURADA Dormir?
- SONHADORA Dormir e sonhar.
- DOURADA Sonhar e acordar.
- SONHADORA Assim vou crescer e amadurecer.
- DOURADA Duas lindas espigas,
duas belas amigas:
uma, sonhadora!
Ai, ai, sonhadora!
E Dourada, a outra...
como a luz d'aurora.
- AS DUAS Uma Sonhadora,
ai, ai, Sonhadora!
E Dourada, a outra...
como a luz d'aurora.

Adormecem. Entram todos os atores e cantam.

CANTIGA DE ENCERRAMENTO

A donzela
A donzela
A donzela foi à guerra

Foi à guerra
Foi à guerra
Foi à guerra e guerreou

A donzela
A donzela
A donzela foi à guerra

Foi à guerra
Foi à guerra
Foi à guerra e já voltou

A donzela
A donzela
A donzela foi à guerra

Foi à guerra
Foi à guerra
Foi à guerra e namorou

A donzela
A donzela
A donzela foi à guerra

Foi à guerra
Foi à guerra
Foi à guerra guerrear

A donzela
A donzela
A donzela foi à guerra

Foi à guerra
Foi à guerra
Foi à guerra e vai casar

E vai casar

E vai casar

E vai casar!



A PRINCESA DO MAR-SEM-FIM

Dedicada a Lúcia Lewin, Kalma Murtinho, Marie-Louise Nery, Wellington Lima, Carlos Augusto Nazareth e ao Quarteto em Cy (Cyva, Cynara, Sônia e Dorinha) que, ao mesmo tempo, ocupava o Teatro Fonte da Saudade com o show *Resistindo*.

Prêmio MEC — Troféu Mambembe: melhor autor de teatro infantil, Rio de Janeiro, 1977.

Esta peça foi livremente baseada no romance popular nordestino, de mesmo título, e teve a primeira montagem no Rio de Janeiro no primeiro semestre de 1977, no Teatro Fonte da Saudade, com os atores Demétrio Pompeu, Lúcia Lewin, Marcelo Peixoto, Tutu Guimarães e Carlos Adier. Música de Luiz Cláudio Ramos e Franklin Correa, com as cantoras Bia, Rachel e Soraia. Cenário e figurinos de Kalma Murtinho, máscaras de Marie-Louise Nery e direção de Benjamim Santos.

Poucos espetáculos para crianças têm a carga de brasilidade que apresenta A Princesa do Mar-sem-fim. O texto se inspira na poesia popular dos folhetos de cordel nordestinos e tem a marca de boa qualidade que caracteriza toda a obra escrita de Benjamim Santos, assinalada pela poesia e pelo indiscutível domínio das ferramentas verbais. [...] Marcações criativas, música ao vivo de ótimo nível, elenco seguro se somam à riqueza da palavra e à intensa beleza das máscaras de Marie-Louise Nery e do cenário e figurinos de Kalma Murtinho para criar um delicioso momento teatral. Com sabor de Nordeste e cheiro de povo. Com acabamento artesanal, no melhor sentido do termo. Com inventiva e respeito à criação popular. Com ingenuidade e engenho. Sobretudo, com talento e respeito pela criança e pela cultura brasileira. Um espetáculo a ser visto com carinho.

Ana Maria Machado
Jornal do Brasil, Caderno B, 1977

Personagens

ADRIANO

ELISA

PAI DE ELISA

MÃE DE ELISA

O GÊNIO

O CAPITÃO DO NAVIO

A EMA

VENTO LESTE

RENDEIRA

*As cantigas podem ser cantadas pelos próprios atores
ou por cantores ao lado da cena.*

CANTIGA DE ABERTURA

Ai!
Labino é uma terra,
Reino do Mar-sem-fim.
Ai!
Labino é um Reinado,
Reinado assim-assim.

Ei!
Elisa é uma donzela
de um Reino assim-assim.
Ei!
Elisa é moça bela
do Reino do Mar-sem-fim.

Oi!
Um Gênio apareceu
no Reino do Mar-sem-fim.
Oi!
Carregou pelo céu
a donzela assim-assim.

Ui!
Adriano é um donzel
de beleza assim-assim.
Ui!
Adriano conheceu
Elisa do Mar-sem-fim.

Pois os dois se apaixonaram.
Quebrou-se o encanto dela.
Ui, ui!
Ui, ui!

Os dois se enamoraram:
ela e ele; ele e ela.
Oi, oi!
Oi, oi!
Muita coisa aconteceu
no mistério desse amor.
Ei, ei!
Ei, ei!
A tristeza apareceu,
mas depois o sol brilhou.

Ai, ai!
Ai, ai!
Ai, ai, ai, ai, ai, ai!
Ei, ei!
Ei, ei, ei, ei, ei, ei!
Oi, oi!
Oi, oi!
Oi, oi, oi, oi, oi!
Ui, ui!
Ui, ui!

PELOS CAMPOS DESERTOS

ADRIANO Tantos dias percorri
vales e montes sem fim!
Tantas noites pernoitei
entre as moitas de capim.
Perdi-me pelas campinas.
Que mundo amargo e ruim!
Vejo somente pedreiras.
Preciso sair daqui.

Jamais pensei que o Destino
pudesse tratar-me assim!
Não encontrei ser humano
nem por lá, nem por ali.

Somente feras ferozes
querendo me destruir.
Meu pai, meu pai, olha bem
como estou porque parti.

Mas o que vejo? É verdade
o que olhei, o que vi?
Sim. Meus olhos não me enganam.
Está lá. Vejo daqui
uma muralha sombria
de um Castelo de Marfim.
Deve estar abandonado,
coberto pelo matim
que cresce por entre as lajes.
Vou até lá. Devo ir?
Ou alguma desventura
me prepara o castelim?
Não. Irei. Melhor saber
do que ficar por aqui,
perdido por entre cobras
e onças e guaxinins.
— Vai, Adriano. Melhor
enfrentar do que fugir.
Eu vou, mas não sei que coisas
acontecerão a mim.

Canto, ao longe.

Ei
que Elisa é uma donzela
de um Reino assim-assim.
Ei
que ela vive encantada
bem longe do Mar-sem-fim.

NO CASTELO DE MARFIM

*Elisa, encantada, vive dentro de uma redoma de véus
ou de outro artifício.*

ELISA Vejo ali, se aproximando,
um esbelto cavalheiro.
Será ele o salvador
que me acabe o cativo?
Tem os olhos tão cansados!
Tem o andar tão cabreiro!
— Aproxima-te depressa.
Percorre o Castelo inteiro.
Ai de mim! Como farei
para que o belo mancebo
me liberte deste encanto
sem ficar prisioneiro?
Cantarei bem alto e forte
a canção do meu desterro.
Talvez o jovem me escute,
realize o meu desejo:
livrar-me do meu tirano
que me encantou neste outeiro.
— Ó, meu pai, que estás tão longe,
encaminha este guerreiro
até bem perto de mim.

Noutro plano, aparece o Pai, sem que ela o veja.

PAI Alguém deverá saber
desse Gênio o tal segredo.
Se alguém salvar minha filha
dar-lhe-ei muito dinheiro. *(Desaparece.)*

ELISA Ó, minha mãe, que não vejo
há tantos e tantos anos,
faça que o rapaz tão belo
me tire deste degredo.

Aparece a Mãe, sem que Elisa a veja.

MÃE Choro, choro, sem parar.
Ninguém ouve o meu apelo?
Ó, minha filha encantada,
quero beijar teus cabelos. (*Desaparece.*)

ELISA Já se aproxima. Aí vem
o valente forasteiro.
Vou correndo a seu encontro?
Não posso. Quando chegar
contarei todo o segredo
do Gênio que me encantou
entre as sombras do arvoredo.

CANTIGA DE ELISA

Corre, corre, cavalheiro.
Corre aqui pra me salvar.
Sou donzela... Sou Elisa...
Preciso desencantar.
Quando nasci, Gênio mau
neste outeiro me encantou.
Corre, corre, cavalheiro.
Corre, corre, por favor.

Entra Adriano, que não consegue ver Elisa.

ADRIANO Cantiga de encantamento,
há mais de hora eu escuto,
mas não consigo encontrar
quem canta por entre os muros.
— Estás por perto, donzela?
Responde. Quero te ver.

ELISA Estou bem perto de ti,
mas não podes perceber.

- ADRIANO Aparece, flor cheirosa!
Preciso falar contigo.
- ELISA Como num sonho, me escutas
e podes falar comigo.
Vivo aqui dentro encantada.
O jardim é meu abrigo.
Acabe o meu desencanto
para casar-se comigo.
- ADRIANO O que farei? Me responde.
Como dar fim ao encanto?
- ELISA No Castelo mora um Gênio
que me fez viver assim:
pobre donzela encantada
num Castelo de Marfim;
triste Princesa roubada
do Reino do Mar-sem-fim.
- ADRIANO Onde encontrar o terrível
causador de imenso pranto?
- ELISA Vive aqui mesmo, o perverso,
escondido atrás dum manto.
Se matares esse Gênio
na ponta de tua espada,
verás um cofre cair
de uma fitinha encarnada.
Corta a fita e abre o cofre
que fico desencantada.
- ADRIANO Onde estás, Gênio cruel?
Responde com ligeireza.
- ELISA Não adianta coragem,
nem excesso de afoiteza.
Deves ter serenidade

e astúcia, por natureza.
Esse Gênio é bom de faca,
punhal, facão e vileza;
tem o rosto para trás,
é virada sua cabeça.
O importante é tocar
seu ponto de mais fraqueza.

ADRIANO Donzela, diga, donzela,
 onde fica o ponto fraco.
 Se eu souber onde é que fica,
 bem nesse ponto eu ataco.

ELISA Há muitos anos, o Gênio
 não varia a existência:
 vive aqui me vigiando
 sem nada de violência;
 como não faz exercício,
 já perdeu a resistência.
 Primeiro, deve fazê-lo
 subir e descer escadas,
 correr pelos corredores,
 deslizar pelas sacadas,
 pular janelas e muros
 correndo pelas beiradas.

ADRIANO E quando ficar cansado...
 não podendo mais correr...

ELISA O Gênio vai desmaiando
 e começando a morrer.

ADRIANO Ah, que venha! Já não posso
 esperar mais. (*Sai.*)

ELISA Penso assim:
 este rapaz é incrível!
 É um herói invencível!

VOZ DO GÊNIO Elisa do Mar-sem-fim!!!

Entra o Gênio.

CANTIGA DO GÊNIO

Vida boa!
Vida boa!
Minha vida é descansar.
Um cochilo. Outro cochilo.
Ah, que vida devagar!

Vida boa!
Vida boa!
Tomar conta de Princesa
não dá trabalho a ninguém.
Ah, que sono! Que beleza!

Vida boa!
Vida boa!
Não sei o que é fracasso.
Repousando o dia inteiro,
minha vida é só cansaço.

GÊNIO Elisa do Mar-sem-fim!!!

ELISA O que deseja de mim?

GÊNIO Sinto cheiro de mortal.
Passou por aqui agora
alguém de sangue real?

ELISA Alguém de sangue real
passou por aqui agora.
Embrenhou-se casa adentro
dizendo que não demora.

GÊNIO Dizendo que não demora,
embrenhou-se casa adentro?
Então, para persegui-lo,
pela mesma casa eu entro.

ELISA Pela mesma casa entres
então para persegui-lo.
Ele é forte e corajoso
e deseja destruí-lo.

GÊNIO Pois eu quero destruí-lo.
Eu sou forte e corajoso.
Seguirei para o duelo.
Voltarei vitorioso.

CANTIGA DO DESENCANTAMENTO

Trá-lá
Trá-lá
Trá-lá-lá-lá-lá.

Vejo daqui o efeito
do que vai acontecendo.
Adriano viu o Gênio
e daí saiu correndo.
Adriano corre mais,
pelas escadas descendo
e logo já vai subindo,
vários salões percorrendo.

Passam Adriano e o Gênio.

ADRIANO Gênio do mal não me pega!

GÊNIO Se eu te pego, te estraçalho.

ADRIANO Aqui. Aí, não. Aqui.

GÊNIO Vou te deixar em frangalho.

Tré-lé
Tré-lé
Tré-lé-lé-lé-lé.

Subiram para o telhado.
Vejo os dois se debatendo.
O rapaz saltou embaixo.
O Gênio ficou tremendo.

Tri-li
Tri-li
Tri-li-li-li-li-li.

Passam Adriano e o Gênio, arquejante.

O Gênio não mais consegue
respirar profundamente.
Parou. Respira. Prossegue.
Adriano... sorridente.

Tró-ló
Tró-ló
Tró-ló-ló-ló-ló.

ELISA Adriano na janela
deixa o Gênio impaciente.
O Gênio já vai pegá-lo,
agarrá-lo com os dentes.
— Meu Deus! Adriano, salte
para o jardim. Vamos. Tente.

ADRIANO Vou saltar, minha donzela,
pra você ficar contente.

Tru-lu
Tru-lu

Tru-lu-lu-lu-lu.
 O Gênio muito cansado
 quis saltar valentemente.
 Ai, coitadinho! Caiu
 com a cabeça no batente.

ELISA Corre, Adriano, corre.
 Caiu o cofre no chão.
 Corta a fitinha, abre o cofre
 que fico desencantada.

Sons. Luz. Elisa se desencanta. Entra Adriano.

ELISA Meu herói! Meu salvador!

ADRIANO Quanta alegria em te ver!
 Meus olhos tremem de amor.

ELISA Não precisam mais tremer.
 Tua orelha é uma gruta.

ADRIANO Teu nariz, uma cereja.

ELISA Tens uma cara de fruta,
 mas não sei dizer qual seja.

ADRIANO Tua mão é uma palmeira.
 Tua cabeça, uma goiaba.

ELISA És um bravo! Um acrobata!
 Um valente paladino!

ADRIANO Comigo, você se casa
 o mais depressa possível?

ELISA Tenho meus pais no Labino,
 no Reino do Mar-sem-fim.

Casarei na minha terra;
com meu pai dizendo: sim.

ADRIANO E quanto tempo demora?

ELISA Teremos a vida inteira.

ADRIANO Viajemos logo, agora.
Te levo por companheira.

ELISA Vamos pra beira da praia
até que passe um navio.

ADRIANO Como tudo agora é belo!
Rio e choro e choro e rio.

ELISA Dentro de ano, meu noivo,
casaremos no Labino,
entre flores de cetim,
diante da multidão
do Reino do Mar-sem-fim.

NA PRAIA DESERTA E FRIA

ADRIANO Já esperamos três horas.
Não passa qualquer navio.

ELISA Vê a beleza do mar.
Ele agora está bravo.

ADRIANO Olhe. É uma embarcação.

ELISA Devemos fazer sinal.

ADRIANO O Capitão vem na proa.
Vai ancorar no pontal.

ELISA Ai, meu noivinho, esqueci
minha bolsa no Castelo.
É uma bolsa pequena
feita de pano amarelo.
Se pudesse ir buscar
minha bolsa no Castelo...
Aquela bolsa pequena,
feita de pano amarelo.

ADRIANO Mas... o navio no porto.

ELISA Não demores, por favor.

ADRIANO Já vem vindo o Capitão.

ELISA Ele espera, minha flor.

Adriano sai. Entra o Capitão do Navio.

CANTIGA DO CAPITÃO DO NAVIO

Apita, navio,
apita.
Apita sem parar.
Nossa vida é um navio
navegando pelo mar.
Uh... uh...
Uh... uh...

O navio se aproxima.
Desembarca o Capitão.
— Capitão, me leve, leve.
Capitão, me deixe, não.

Apita, navio,
apita.
Apita sem parar.

Nossa vida é um navio
navegando pelo mar.
Uh... uh...
Uh... uh...

Capitão é Marinheiro.
Capitão é Comandante.
Capitão, Oficial.
Capitão é Almirante.

Apita, navio,
apita.
Apita sem parar.
Nossa vida é um navio
navegando pelo mar.
Uh... uh...
Uh... uh...

CAPITÃO Uma formosa morena
fez sinal, eu aportei.
Sou o Capitão do Navio.
Fale o que quer e farei.

ELISA Desejo fazer viagem
nesta sua embarcação.

CAPITÃO Vou atender seu pedido
com prazer no coração.

ELISA Espere pelo meu noivo
que foi correndo ao Castelo
apanhar a minha bolsa
feita de pano amarelo.

CAPITÃO O navio parte agora.
Esperar não é possível.

ELISA Deixar sozinho na praia
o meu Herói Invencível?
Oh, dúvida! Oh, tormento!
Oh, coração desprezível!
Tudo por causa da bolsa
que esqueci no Castelo:
uma bolsinha vazia
feita de pano amarelo.

CAPITÃO Uma formosa morena
aqui não pode ficar.
Melhor que a beira da praia
é o balanço do mar.
Venha urgente. Venha logo
que o navio vai zarpar.

Apita, navio,
apita.
Apita sem parar.
Nossa vida é um navio
navegando pelo mar.
Uh... uh...
Uh... uh...

Saem Elisa e o Capitão do Navio. Entra Adriano.

ADRIANO Vai navegando o navio.
Não consigo acreditar.
Minha donzela partiu
nas ondas do verde mar.
Ai, infeliz Adriano,
ficaste nesta nação!
Tristeza, Amargura e Dor,
rasguem o meu coração!
Vejo Elisa viajando
ao lado do Capitão.
Mas bem sei o que fazer.
Nada de choro, ilusão.

Caminharei pela praia
Inverno, Outono e Verão
até passar um navio,
uma lancha... um avião.
Dentro de um ano estarei
na falada região
onde vive minha Elisa.
Preciso agir com a razão.
Se não pensar, eu afundo
nas dores do Coração.

CANTIGA DE ADRIANO PERDIDO PELAS CAMPINAS

Anda que anda
que anda
que anda

Adriano sabe andar.
Entra dia e dia sai,
Adriano a caminhar

Anda que anda
que anda
que anda

Adriano a reparar:
não vê avião no céu;
não vê navio no mar.

Anda que anda
que anda
que anda

Já cansou de caminhar.
Adriano desistiu,
desistiu de tanto andar.

ADRIANO Fiquei exausto, cansado.
Não posso seguir andando.
Ai, que sina! Ai, que fado!
Viver penando no Mundo,
sozinho e abandonado.

Entra a Ema.

CANTIGA DA EMA

Gui-gui-gui-gui
Vem pelas matas.
Gui-gui-gui-gui
Eh, vem pulando.
Gui-gui-gui-gui
Eh, vem a Ema.
Gui-gui-gui-gui
Eh, vem parando.

Ai abre
Ai abre
Ai abre as tuas asas.
Ai fecha
Ai fecha
Ai fechas as tuas asas.

Gui-gui-gui-gui
Um bico enorme.
Gui-gui-gui-gui
É saltadeira.
Gui-gui-gui-gui
De Adriano
Gui-gui-gui-gui
é companheira.

Ai bico
Ai bico

Ai bico dourado.

Ai leva

Ai leva

Ai leva Adriano,

leva.

EMA Por que chora no deserto
um moço predestinado?

ADRIANO Somente mesmo uma Ema
compreende o meu estado.

EMA Teu destino eu tenho preso
no meu bico aureolado.
Sei de tudo que sofreste
pelo Mundo, atormentado.

ADRIANO Então me tira daqui,
se conheces meu passado.

EMA Queres chegar ao Labino
e encontrar teu ser amado.

ADRIANO Pelo que vejo, tu sabes
meu Destino detalhado.
Então conheces também
onde fica o tal Reinado?

EMA Não conheço esse Labino.
Nem mesmo sei pra que lado,
mas eu tenho um grande amigo,
um senhor bem viajado,
que viaja o Mundo inteiro
sobre si mesmo amontado.
Vá até ele e lhe explique.
Logo será ajudado.

ADRIANO Me diga, primeiro, o nome
desse amigo aqui falado.

EMA Vento Leste! Vento Leste!
É um vento ajuizado
que sopra em momento certo
e depois fica parado.
Amedronta embarcação,
mas sabe ser controlado.
Chegue até lá e lhe diga:
pela Ema fui mandado.

ADRIANO Como poderei partir?
Não consigo dar um passo.

EMA Se amonte no meu cangote.
Se assegure no espinhaço.
Vou saltando pelos montes.
Vou encurtando o espaço.

Gui-gui-gui-gui
Vai pelas matas.
Gui-gui-gui-gui
Vai viajando.
Gui-gui-gui-gui
Salta riacho.
Gui-gui-gui-gui
Já vem chegando.

Correm aos saltos. Ema sai. Adriano fica.

NA CASA DO VENTO LESTE

ADRIANO A Ema me desmontou
bem no topo da montanha.
A casa do Vento Leste
parece teia de aranha.

Aparece o Vento.

CANTIGA DO VENTO LESTE

Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
é o Vento assoviando.
Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
é o vento vadiando.

Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
é o Vento zunzoando.
Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
Vento ziguezagueando.

Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
é o Vento sibilando.
Zum, Zum, Zum
Zum, Zum, Zum
nos ouvidos sussurrando.

Nos ouvidos sussurrando.
É o Vento sibilando.
Vento ziguezagueando.
É o Vento zunzoando.

VENTO Quem pisa na minha casa
a esta hora do dia?
É um Sapo Roncador?
Alguma Cobra Vadia?

ADRIANO Eu não sou cobra, nem sapo
e também não sou cotia.

Sou um pobre peregrino,
pelo Mundo, em romaria.

VENTO Alguém de sangue real,
que há muito tempo não via.
Pois me diga o que deseja
do Senhor das Ventanias?

ADRIANO Uma Ema...

VENTO Saltadeira?
Feita de pluma macia?

ADRIANO Sim, senhor.

VENTO E o que deseja?

ADRIANO O senhor me ajudaria?

VENTO Veio a mandado da Ema.
Tudo por ela eu faria.

ADRIANO Pois desejo que me leve
nas asas da Ventania
até a Casa do Sonho
onde mora a Luz do Dia.

VENTO Este lugar, eu conheço.
É o Labino, bem diria,
pois somente no Labino
se encontra tanta alegria.

ADRIANO Por favor, seu Vento Leste,
me desculpe a ousadia,
mas me leve bem depressa
no seu sopro de magia.

VENTO Pertinho da Parnaíba
 fica o Labino. Sabia?
 Terra de muito caju,
 riacho, cabrito e jia.
 No rodeio do meu sopro,
 você não sofre, nem pia.

ADRIANO Se assoprar com cuidado,
 nem de susto eu cairia.

VENTO Pois relaxe.

ADRIANO Relaxei.

VENTO Vou soprar soprada fria
 e quando o sopro parar
 acaba sua nostalgia.
 Poderá abrir os olhos
 e verá a Luz do Dia.

ADRIANO Obrigado, Vento Leste.
 Assopre com energia.
 Inda hoje, Elisa bela,
 serás a minha alegria.

Sopra o Vento. Música. Luz. Adriano rodopia. Entra a Rendeira.

NUMA ESTRADA DO LABINO

CANTIGA DA RENDEIRA

Pego o bilro
largo o bilro
jogo o bilro para lá.
Taco o bilro

solto o bilro
Trago o bilro para cá.

Oi bilro
Oi bilro
Oi bilro que renda faz.
Oi tarde
Oi tarde
Oi tarde de tanta paz.

Oi renda
Oi renda
Oi renda que o bilro faz.
Oi vento
Oi vento
Oi vento
que brisa traz.

Tiro o bilro
Boto o bilro
Quero o bilro mais pra cá.
Viro o bilro
Troco o bilro
Deixo o bilro mais pra lá.

Oi linha
Oi linha
Oi linha que renda faz.
Oi calma
Oi calma
Oi calma de tanta paz.

Oi renda
Oi renda
Oi renda que a linha faz.
Oi vento
Oi vento
Oi vento que coisa traz?

ADRIANO Senhora, minha senhora.
 Minha senhora rendeira.

RENDEIRA Faço renda toda hora.
 Olha só. Vê que beleza.

ADRIANO Vim de viagem agora.
 Tudo em mim é só canseira,
 mas não pretendo ir embora
 sem dar fim a tudo. Queira
 me dizer, sem mais demora,
 se é aqui, por estas terras,
 que uma Linda Princesa mora.

RENDEIRA Vôte, Vento! Que poeira!
 Uma Princesa cantora?
 Uma triste cantadeira?

ADRIANO Vivia encantada outrora.

RENDEIRA Hoje vive em choradeira.
 Chora manhã. Tarde chora.
 Também chora a noite inteira.
 E a causa de tanto choro
 é que fez uma besteira.
 Deixou sozinho na praia
 o moço que ama. Queira
 ou não queira, tem agora
 de casar com um Capitão,
 um homem que não adora.

ADRIANO Oh, tristeza! Oh, maldição!
 Quando casa? É agora?

RENDEIRA Amanhã, naquela igreja.

ADRIANO Sou eu, minha senhora,
 o namorado de Elisa.

Diga mais, boa senhora.
Esta Princesa, onde mora?

RENDEIRA Seguindo aquela vereda,
caminhando estrada afora,
encontrará uma bela
roça, florida de abóbora.
Lá chegando quebre à esquerda.
Tem um pé de castanhola.
Vire então para a direita
que vai dar numa lagoa
que é toda feita de lágrimas
do choro que Elisa chora.
Não olhe pra trás. Não perca
tempo. Amonte numa tora
de pau e com ligeireza
atravesse o lago à toda.
Do outro lado é a janela
dadonde a Princesa chora.

ADRIANO Me atirarei aos pés dela
e cantarei minha mágoa.
Por certo a linda Princesa
ao ouvir a minha história
abrirá sua janela,
vai dizer que me adora
e será feita uma festa
celebrando vida nova.

RENDEIRA Vôte, Vento! Que poeira!

ADRIANO Obrigado, ó, senhora.
Minha formosa Rendeira,
digo adeus, vou-me embora.

RENDEIRA Vôte, Vento! Que poeira!

NO REINO DO MAR-SEM-FIM

CANTIGA DO “CASA, CASA”

Casa, casa, donzelinha,
com o Capitão do Navio.
De dia não terás medo.
De noite não terás frio.
Casa, casa, donzelinha,
com o Capitão do Navio.

ELISA Meu pai gostou deste noivo
 e me obrigou a casar.
 Meu amor é Adriano,
 que não veio me buscar.

CANTORES Casa, casa, donzelinha,
 com buquê, véu e capela.
 Adriano já casou
 com a Princesa de Castela.
 Casa, casa, donzelinha,
 com buquê, véu e capela.

PAI Minha filha vai casar
 com o Capitão do Navio,
 moço de muita riqueza,
 muito educado e sadio.

CANTORES Casa, casa, donzelinha.
 Viva feliz e contente.
 O Capitão é bonito,
 nobre, elegante e decente.
 Casa, casa, donzelinha.
 Viva feliz e contente.

MÃE Ouvi dizer, minha filha,
 minha filhinha donzela,

que Adriano se casou
com a Princesa de Castela.

CANTORES Casa, casa, donzelinha,
com o lindo Capitão.
Deixa Adriano de lado,
oculto no coração.
Casa, casa, donzelinha,
com o lindo Capitão.

ELISA Não acredito em boato,
em diz-que-diz de janela.
Adriano não casou
com a Princesa de Castela.
Amanhã, eu vou casar,
mesmo não tendo vontade,
mas hoje não vou dormir
para morrer de saudade.
Se não casar com Adriano,
não será com o Capitão.
Vem ligeira, noite escura.
Vem para meu coração.

CANTIGA DE ADRIANO NA JANELA DO JARDIM

ADRIANO Muitos dias, me perdi.
Tantos meses, não me achei.
Mas agora, finalmente,
a minha amada encontrei.

ELISA Que voz é esta cantando
no meio da madrugada?
Será sonho ou pesadelo
esta voz desafinada?

ADRIANO A minha amada encontrei
num Castelo de Marfim,

mas com outro ela se casa
e não pensa mais em mim.

ELISA Não consigo acreditar
que é verdade esta canção.
Abro a janela pra ver.
Talvez seja outra ilusão.

ADRIANO E não pensa mais em mim,
pois arranjou casamento.
Pois arranjou casamento,
já não pensa mais em mim.

ELISA És tu mesmo, coração,
que cantas na noite escura?

ADRIANO Eu canto a minha tristeza,
meu desespero e ternura.

ELISA Terás por nome Adriano?
Pareces um querubim?

ADRIANO Te conheci encantada
num Castelo de Marfim.

ELISA Acabaste o encantamento
em que eu vivia sofrendo?

ADRIANO Teu encanto, eu acabei,
mas começou meu tormento.
Venci muitos precipícios
para cumprir teu desejo.
Esqueceste que pediste
que eu voltasse ao Castelo
para trazer tua bolsinha
feita de pano amarelo? (*Entrega a bolsinha.*)

ELISA Fui ingrata. Fui perversa.
Te abandonei no Castelo
por causa desta bolsinha
feita de pano amarelo.

Por aqui corre um boato
de que tens nova donzela.
É verdade que casaste
com a Princesa de Castela?

ADRIANO Não conheço tal lugar.
Nunca vi essa donzela.
Eu jurei meu casamento
contigo, donzela bela.

ELISA Desde o dia em que parti
não tenho gosto ou vontade.
Não como nada no almoço,
nem como nada de tarde.

Minha vida é só tristeza!
Sofro tanto, assim, assim.
Espera um pouco que eu vou
encontrar-te no jardim.

Desce. Encontram-se.

Meu herói! Meu salvador!

ADRIANO Quanta alegria em te ver.
Meus olhos tremem de amor.

ELISA Não precisam mais tremer.
Tua orelha é uma gruta.

ADRIANO Teu nariz, uma cereja.

ELISA Tens uma cara de fruta,
mas não sei dizer qual seja.

ADRIANO Tua mão é uma palmeira.

ELISA Tua cabeça, uma goiaba.

ADRIANO Teu braço é uma vereda
que ninguém sabe onde acaba.

Aparecem o Pai e a Mãe.

PAI Minha filha, o que se passa
a esta hora da noite?

MÃE Quem é este cavalheiro,
que entrou não sei por onde?

ELISA Esse moço é um atleta
que conheci muito longe,
num Castelo de Marfim.
Venceu o Gênio e salvou-me.
Tirou-me do encantamento.

PAI Adriano é o seu nome?

MÃE Ai, o moço que ela ama.

ADRIANO Andei por vales e montes,
pela terra, pelas brisas,
querendo saber adonde
podia encontrar Elisa.

ELISA Pois finalmente encontrou-me.

PAI Mas chegou tarde demais.

- MÃE Amanhã, com outro homem,
Elisa se casará.
- ADRIANO Por favor, não se incomode...
Desfaça esse casamento.
A senhora tudo pode.
Quero casar-me com Elisa
amanhã. Diga que pode.
- MÃE Ai, meu Deus, que grande escândalo!
Vou desmaiar. Quem me acode?
- PAI Os convites estão feitos.
- ELISA Paizinho, diga que pode.
- MÃE O que dirão os vizinhos?!
- ELISA Oh, mãezinha, não se importe.
Adriano é meu amor.
É minha luz, minha fonte!
Cruzado em meu coração,
é uma flecha, uma ponte.
- PAI A festa então continua.
O noivo mudou de nome.
- MÃE Meu Deus, o que vão falar?
Vou desmaiar. Quem me acode?
- PAI Enfrenta, mulher, a vida.
No amor, quem é que pode
servir de perturbação?
- ADRIANO Obrigado, sois um nobre!
- MÃE Que dirá o Capitão?

ELISA Voltará para o navio,
depois da separação.

MÃE Então cantemos agora
festejando a união
de uma rosa e um jasmim:
Adriano e a Princesa
do Reino do Mar-sem-fim.

CANTIGA DO CASAMENTO

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

A donzela encontrou
seu amante, namorado.
Alegria então voltou
ao casal apaixonado.

Capitão em seu navio,
Capitão vai navegar.
A vida do Capitão
é viver em pleno mar.

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

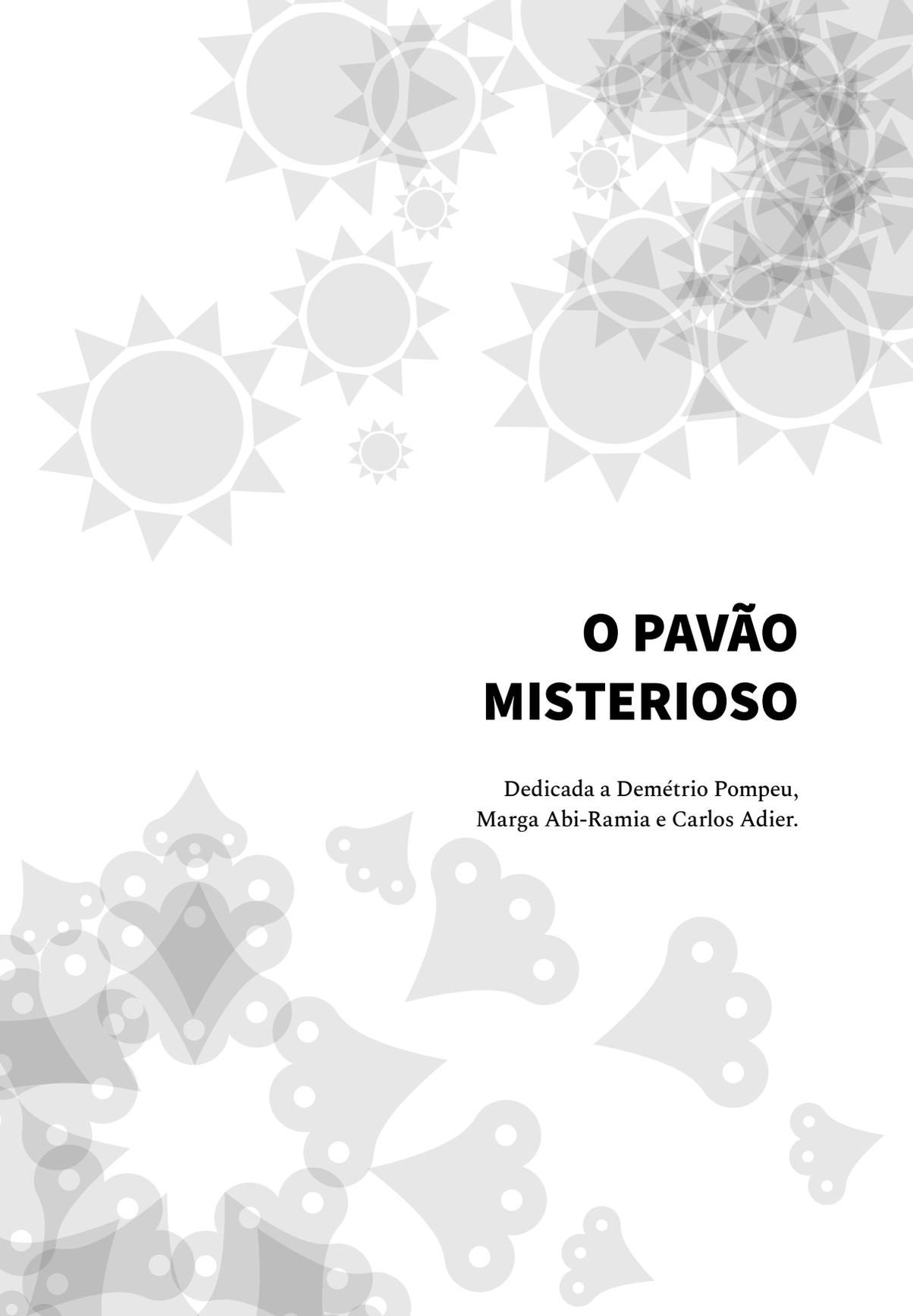
O casamento de Elisa
foi feito lá na capela.
Casou-se o moço Adriano
com a mais linda donzela.

A festa durou três noites
entre as flores do jardim.
Foi o mais lindo casório
do Reino do Mar-sem-fim.

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

Zás, trás,
Zás, trás,
Zás, trás, meu amor,
Zás, trás.

Rio, 1976



O PAVÃO MISTERIOSO

Dedicada a Demétrio Pompeu,
Marga Abi-Ramia e Carlos Adier.

Prêmio MEC — Troféu Mambembe: melhor autor de teatro infantil, Rio de Janeiro, 1979.

Adaptação livre do romance popular (folheto) de João Melquíades Ferreira da Silva. Foi montada pela primeira vez no Teatro Gláucio Gill, Rio de Janeiro, em 1979, com direção de Benjamim Santos, cenário e figurinos de Maria Carmem, e com os atores Demétrio Pompeu, Marga Abi-Ramia, Mário Maia, Edite Ponce, Carlos Adier, Denise Barra e Edgar Ribeiro. Com esta montagem, Benjamim Santos recebeu o Troféu Mambembe de Melhor Autor do Ano no Rio de Janeiro, na categoria Teatro Infantil.

Personagens

PESCADOR

BORDADEIRA

EVANGELISTA

CREUSA

PAI DO EVANGELISTA

MÃE DO EVANGELISTA

VAQUEIRO

NOIVA

ANTERO

QUITÉRIA

EDMUNDO

O CONDE

LA CONDESSA

O GUARDA

ABERTURA

- PESCADOR Muito pra lá do sertão
passa um rio cristalino
e é na beira dessas águas
adonde fica o Labino.
- BORDADEIRA O Labino é uma terra
de cajueiros em flor.
Pois entre esses cajueiros
floresceu um grande amor.
- PESCADOR Vamos contar o romance
desse amor fantasioso.
A história encantadora
de um Pavão Misterioso.
- BORDADEIRA Era um ser que avoava
calado e silencioso
pelo céu e pelos ares:
o Pavão Misterioso.
- PESCADOR Por cima dos cajueiros
e sob a luz do luar,
transportava um rapazinho
que queria namorar.
- BORDADEIRA É a vitória de um amor
nascido à primeira vista:
o triste e feliz namoro
de Creusa e Evangelista.
- PESCADOR Tudo aqui é só teatro
e nós somos os artistas
apresentando o romance
de Creusa e Evangelista.

- BORDADEIRA Pois cada um que me ouve
abra os olhos e assista
ao sofrimento de Creusa
e à paixão de Evangelista.
- PESCADOR Em nossa história não tem
Bruxa, nem Fada Madrinha.
- BORDADEIRA Não tem Rei e não tem Príncipe,
nem Princesa e nem Rainha.
- PESCADOR Tem um Conde, uma Condessa...
- BORDADEIRA E uma linda Condessinha.
- PESCADOR Tem a Estrada do Mundo
por onde a Vida caminha.
- BORDADEIRA Tem a conquista e o desejo
de um rapaz e uma mocinha:
Ele, astuto e audacioso,
e ela, na camarinha.
- PESCADOR É a Vitória da Paixão
e do Amor amoroso
de um Rapaz e uma Mocinha...
Os dois e um Pavão Misterioso.

Saem todos.

CANTIGA DE CREUSA E EVANGELISTA

Os dois, cada um em sua casa.

- EVANGELISTA Acordei neste momento,
depois de um sonho esquisito.

CREUSA Acabo de abrir os olhos.
Tive um sonho assim, aflito.

EVANGELISTA Sonhei que uma donzela
vivia numa prisão,
onde um rapaz valoroso
conquistou seu coração.

Ela vivia encerrada
na camarinha, escondida.
Soluçava o dia inteiro,
soluçava toda a vida.

Cantava uma melodia
com uma voz dolorida
que feria o coração.
O rapaz enamorado
invadiu a tal prisão
e fez com que a moça bela
sentisse forte paixão.

CREUSA Eu vi, enquanto dormia,
um fio longo de linha
e pelo fio, eu sonhava,
um belo rapaz seguia.
O rapaz se equilibrava
caminhando para a frente,
atravessando as montanhas
no rumo do sol poente.
Não vi direito o seu rosto.
Só sei que estava contente.
No final daquela estrada,
o rapazinho encontrou
uma donzela formosa
e logo se apaixonou.

EVANGELISTA Nunca vi beleza igual
desde o dia em que nasci.

- CREUSA Tanto chorou que seu rosto
inchou como um sapoti.
- EVANGELISTA Mas acordei de repente...
- CREUSA Não vi o sonho acabar.
- EVANGELISTA Aquele rapaz sou eu.
Mas falta a moça encontrar.
Pelos caminhos do mundo
já começo a procurar.
- CREUSA Sou eu a prisioneira
que vive num quarto escuro.
Se aquele rapaz viesse
para mudar meu futuro...! (*Os dois cantam.*)
- EVANGELISTA Me espera
Me espera
Me espera que eu vou chegar.
Ô, lua,
Ô, lua,
me ensina por onde andar.
- CREUSA Vem vindo
Vem vindo
Vem vindo por entre os montes.
Correndo,
Correndo,
Correndo por entre as fontes.
- EVANGELISTA Me espera
Me espera
Me espera que eu vou sem medo.
- CREUSA Ô, lua,
Ô, lua,
clareia todo o arvoredo.

MÃE Foi pra isso que eu vivi
olhando você crescer?
Te dei banana amassada.
Te dei leite de beber.
Te mostrei os mandamentos
e ensinei você a ler.
Agora você me diz
que aqui não quer mais viver?

PAI Tua mãe te ensinou as contas
de somar e dividir.
A lenha, no matagal,
eu te ensinei a partir.
Agora você me diz
que vai embora, sair
de casa, correr mundo...

MÃE E tudo por quê?

EVANGELISTA É a hora
de procurar meu Destino.

MÃE Por favor, não vá embora.

EVANGELISTA Voltarei quando puder.

PAI Está bem. Pois vá agora.
Não desejo que tu sofras
necessidades lá fora.
Leva um abraço de adeus.

EVANGELISTA Mãe, por favor, não chora.

MÃE Leva o meu beijo na face;
meu amor no coração.

PAI Ficaremos te esperando:
eu, tua mãe e teu irmão.

EVANGELISTA Adeus, casa dos meus sonhos!
Adeus, paredes caiadas!
Adeus, riachos azuis
e galos da madrugada!
Adeus, canteiros floridos,
roçados, cabritos, meus
pintassilgos, bem-te-vis,
meus carneirinhos, adeus. *(Um ator canta enquanto
Evangelista caminha.)*

*Evangelista parte e a ação muda para algum ponto
de estrada.*

CANTIGA “EVANGELISTA PELO MUNDO”

Caminha, caminha
caminha,
vai.

Oxente,
que estrada comprida!
Parece uma vida.
Não vai se acabar.
Oxente,
que pedra, que espinho,
por todo caminho,
por todo lugar.

Caminha, caminha,
caminha,
vai.

Oxente,
ladeira subindo,
o sol se sumindo.
O dia acabou.
Oxente,

ladeira descendo,
o sol vai nascendo.
O dia chegou.

EVANGELISTA PELO MUNDO

Entra um Pescador.

EVANGELISTA Meu senhor que vai passando...
Pradonde vai, meu senhor?

PESCADOR Sigo pra beira do rio.
Vou pescar. Sou pescador.
Quero pescar inda hoje
doze peixes furta-cor,
onze arraias deslizantes,
dez sardinhas de valor.

CANTO Caminha, caminha
caminha,
vai.

Sai o Pescador. Entra a Bordadeira.

EVANGELISTA Minha senhora formosa,
pradonde vai tão ligeira?

BORDADEIRA Seu moço, dê-me licença.
Não vê que sou Bordadeira?
Vou levando meus bordados
pra ver se vendo na feira.
Quero vender inda hoje
nove colchas de solteira,
oito golas pra vestido,
sete fronhas-travesseiras.
Meio-dia, quero estar
de volta ao meu Labino,

pra ver de novo a moça
prisioneira do destino.

CANTO Caminha, caminha,
caminha,
vai.

Sai a Bordadeira.

EVANGELISTA Quanto tempo caminhei
por esta estrada comprida?
Será que é isso o Destino?
É isso ganhar a Vida?

CANTIGA DA GENTE QUE PASSA

Oxente,
que gente danada
seguindo na estrada
pra lá e pra cá.
Oxente,
que gente faceira
e trabalhadeira,
dá gosto de olhar.

EVANGELISTA Já sei o que vou fazer
para mudar meu Destino:
Viro a estrada pra cá
e vou por outro caminho.
Agora o céu é mais claro.
Pouca pedra. Pouco espinho.
Já vejo se aproximando
um Vaqueiro que vem vindo.

Entra o Vaqueiro.

VAQUEIRO Dê-me licença, seu moço.
Não tenho tempo a perder.

EVANGELISTA Ô, Vaqueiro, me responda:
por que precisa correr?

VAQUEIRO Deixei no pasto, pastando,
seis éguas de montaria,
cinco vacas estreladas,
quatro bezerros de cria.
Quero chegar ao Labino
no pino do meio-dia.

EVANGELISTA Labino é um povoado,
é vila ou capitania?

VAQUEIRO O Labino é um Condado
onde brilha a luz-do-dia.
Tem uma luz mais brilhante
que o brilho das pedrarias.
É lá que mora a donzela
mais bela das cercanias.
É uma moça mui formosa,
prisioneira noite e dia.
Té às vistas, companheiro.
Passe bem sua senhoria.

Sai o Vaqueiro. Entra a Noiva.

EVANGELISTA Vejo agora pela estrada
uma Noiva num jumento.
Vai na mesma direção
que sopra o sopro do vento.
Responda, senhora Dona,
adonde vai no momento?

NOIVA Primeiro vou ao Labino
e depois ao casamento.

EVANGELISTA Precisa ir tão depressa
para chegar ao Labino?

NOIVA É que eu preciso chegar
muito bem antes do pino
do meio-dia, porque
nas badaladas do sino
é que a donzela aparece
para o povo do Labino.
A moça dá três sorrisos:
três sorrisos tão tristes!
Com dois olhares convida
que a salvem do desatino
e com um beijo procura
quem transforme o seu Destino.
Agora, dê-me licença
para correr ao Labino.

Sai a Noiva.

EVANGELISTA Não compreendo o motivo,
a causa dessa carreira.
Cruzei com um Pescador
e uma alegre Bordadeira;
um Vaqueiro de gibão
e uma Noiva cavaleira.
Agora vejo um casal
seguindo na mesma esteira.

Entram Homem e Mulher.

ANTERO Saia da frente, depressa,
que não posso me atrasar.

EVANGELISTA Vão também para o Labino
ver a moça suspirar?

QUITÉRIA E o senhor pensa que não?

ANTERO Venha também e verá.

EVANGELISTA Por qual motivo desejam
que eu vá também à cidade?

QUITÉRIA Simplesmente para ver
a mais linda novidade.

ANTERO O Labino é onde mora
um Conde muito valente;
mais soberbo do que Nero
e que os Reis do Oriente.

QUITÉRIA O Conde tem uma filha.

ANTERO Tem uma filha somente.

QUITÉRIA É suave como a brisa
da manhã, no sol-nascente.

ANTERO É talqualzinha uma rã
dentro do rio-corrente.

QUITÉRIA Creusa é a moça mais bela
de todo o tempo-presente.

ANTERO Tendo medo de perdê-la,
vive o Conde apavorado.

QUITÉRIA Trancou a moça com chave
em um quarto do sobrado.
Bela Creusa, prisioneira,
jamais teve namorado!

EVANGELISTA Deve ser muito bonita
a filha do valentão.
Tem as ventas de carneiro
ou bico de gavião?

- ANTERO Peregrino, não consinto
que fale dessa maneira.
Não são modos de falar
da triste prisioneira.
- QUITÉRIA Temos aqui um retrato
da Dona Condessa Creusa.
- EVANGELISTA Deixe ver o tal retrato
dessa Creusa que é Condessa.
- Dão-lhe o retrato. Evangelista olha e sofre uma tontura.*
- ANTERO Peregrino, o que se passa?
- QUITÉRIA É o delírio da beleza!
- EVANGELISTA A moça deste retrato
é mais bela que uma deusa!
Foi com ela que sonhei,
agora tenho certeza.
Quero ver pessoalmente
os lindos olhos de Creusa.
- ANTERO Ela é muito mais formosa
que o simples retrato dela.
- QUITÉRIA Tem a face preciosa!
- ANTERO O corpo foi desenhado
por un'a mão milagrosa.
- EVANGELISTA Eu preciso conhecê-la;
ver seu rosto, sem demora.
- ANTERO Somente uma vez por ano
bota o seu rosto de fora.

QUITÉRIA Aparece na janela
pelo tempo de uma hora.

EVANGELISTA Posso ir junto com vocês
conhecer a linda Creusa?

QUITÉRIA Pode vir.

ANTERO Verá que temos razão.

EVANGELISTA Admiro a Beleza
e bem conheço os segredos
do Belo da Natureza.
Por isso que quero ver
a linda Condessa Creusa.

ANTERO Vamos seguindo, Quitéria.
Logo mais veremos Creusa.

*Saem todos. Alguém canta e a ação muda para a
Praça, diante da janela de Creusa. Ela aparece,
dengosa, enxuga lágrimas, atira uns beijinhos, pisca...
Desaparece.*

CANTIGA DE CREUSA NA JANELA

Ai, como é linda!
Ai, como é bela!
Doce morena
em sua janela.

Braços esguios
nariz carmim
gordas bochechas
veias assim
grossas pestanas
pés de pinguim

testa arqueada
perna chinfrim
cílios redondos
dedo mindim
mindim, mindim.

Ai, como é linda!
Ai, como é bela!
Doce morena
em sua janela.

Sorriso triste
olhar mansim
fala dengosa
voz de saguim
ar de azeitona
choro-chorim
espirro brabo
dentes de aipim
cheiro cheiroso
lábio-marfim,
marfim, marfim.

Ai, como é linda!
Ai, como é bela!
Doce morena
em sua janela.

Entram o Homem, a Mulher e Evangelista.

ANTERO Ah, pois diga, Evangelista,
que te causou a beleza?

EVANGELISTA Jamais vi tal formosura
nos seres da Natureza.
Possui um certo quilate
de ouro nos olhos, dureza
na voz, orgulho nas mãos,

um rosto de boniteza,
exalando pelos poros
uma profunda moleza,
sei lá, uma coisa assim
que me fala de tristeza.
Com ela vou me casar.
Digo com toda firmeza.

ANTERO Só que o Conde não permite.

QUITÉRIA Tem guardas na fortaleza.

EVANGELISTA Vencerei todos os guardas
com bravura e com destreza.

QUITÉRIA (*suspira*) Ai!

EVANGELISTA Enfrentarei os deuses
e os demônios da riqueza.

QUITÉRIA Ai! Ai!

EVANGELISTA Vou mostrar que o Amor
tem Força, Ardor e Grandeza!

QUITÉRIA Ai! Farias isso por mim:
tanta bravura e proeza?

ANTERO Um homem faz tudo isso
pelo Amor, pela Lindeza.
Amor, eu tenho por ti...
mas tu não tens a Beleza.

QUITÉRIA Oh, ser cruel! Infeliz
de mim. Chega de frieza.

EVANGELISTA Mas não sei o que fazer.
Me sinto na Noite Escura.

- ANTERO Importante é ter calma.
Espírito de aventura.
- QUITÉRIA Fazer com que o Amor
termine vitorioso.
- ANTERO Temos de armar um plano.
- QUITÉRIA Algum jeito.
- ANTERO Uma invenção.
- QUITÉRIA Lembrei do sábio inventor
que faz qualquer criação.
- EVANGELISTA Vejo o Sol. É dia claro,
mas tudo em mim é negrura.
- QUITÉRIA Te lembras do engenheiro
daquele bosque profundo?
- ANTERO Já consegui te entender.
Lembrou bem. É o Edmundo.
Conhece todas as tramas
que se tramam pelo Mundo.
Inventa mil invenções
numa fração de segundo.
- EVANGELISTA Deste homem que eu preciso.
Me digam adonde mora
que eu chego lá num minuto.
- QUITÉRIA Vai correndo, vai agora.
- ANTERO Segue por este caminho.
Atravessa o ribeirão.
Grita bem alto: Edmundo!

E verás um sobradão.
Bate três vezes na porta.

QUITÉRIA Se não for porta, é portão.

Homem e Mulher saem. Evangelista vai à casa de Edmundo.

NA CASA DE EDMUNDO

EDMUNDO Quem bate na minha porta
assim três vezes seguidas?

EVANGELISTA É um pobre ser vivente
com cinco amargas feridas.

EDMUNDO O que pretende de mim,
jovem moço de seis vidas?

EVANGELISTA Quero contar-lhe o meu mal:
oito noites não dormidas.

EDMUNDO Pois conte lá o tormento
de tantas mágoas sofridas.

EVANGELISTA Eu amo a filha do Conde,
esse Conde infanticida.
Quero então encomendar
uma ideia engrandecida
que me faça libertar
a donzela adormecida.

EDMUNDO Entendi o seu desejo
e o seu problema de vida.
Criarei um mecanismo
capaz de trinta subidas.
Voará pelos espaços

sobre as setenta avenidas.
Volte daqui a seis meses.

EVANGELISTA *(triste)* São cento e oitenta vidas!
Ai, que tempo demorado!
Ai, que tempo sofredor
para um triste enamorado! *(Saem.)*

CANTIGA DO TEMPO PASSANDO

Passa, Tempo,
passa, passa.
Passa, passa sem parar.
O Tempo já vai passando.
Ôi, não para de passar.

É manhã
é tarde
é noite
é madrugada.
Duas horas
três horas
às quatro
é passarada.
É segunda
é terça
é quarta
vem quinta-feira
vem a sexta
sábado
domingo
semana inteira.

Passa, Tempo,
passa, passa.
Passa, passa sem parar.

O Tempo já vai passando.
Ôi, não para de passar.

Bate o sino
blém-blão
blém-blão
é crique-craque.

No relógio
é taque
é tique
é tique-taque.
Mês de julho
setembro
tempo de espera
mês de outubro
novembro
dezembro
é primavera.

Tique-tique
taque-taque
taque-tique
tique-taque
taque-taque
tique-tique
taque-tique
tique-taque.

DE VOLTA À CASA DE EDMUNDO

EVANGELISTA Já se passaram seis meses,
sete dias, oito horas.
Volto à casa do Edmundo
e vou bater sem demora.

EDMUNDO No meio da madrugada,
quem bate na minha porta?

- EVANGELISTA É um pobre ser vivente
com a alma meio morta.
- EDMUNDO Pois são as dores do amor
que todo homem suporta.
- EVANGELISTA Depois de tanto esperar,
quero ver o mecanismo.
- EDMUNDO A maravilha está pronta,
com muita arte e lirismo.
Tem, do amor, sabedoria,
sentimento e heroísmo.
- EVANGELISTA Como sofri esperando
receber esta encomenda!
- EDMUNDO Também sofri, imaginando
a invenção dessa prenda.
- EVANGELISTA Desejo saber depressa.
Mostre. Me diga. Me atenda.
- EDMUNDO Construí um ser estranho,
um objeto arquitreloso.
Tem asas como avião,
sendo mais silencioso;
flutua como um pavão,
um Pavão Misterioso!
- Tem o rabo como um leque,
as asas de gavião,
pescoço, capota e bico,
uma alavanca e botão.
Pode levar duas pessoas
para qualquer direção.

Fica dentro desta caixa,
adonde dorme, dobrado,
mas quando se abre a caixa,
vai crescendo, o desgramado.
Dê corda na asa esquerda
e se amonte no danado.

Puxe a lanca de riba
que ele começa a voar.
Aí é só dirigir
pra onde quiser levar.

EVANGELISTA Vou direto pro telhado
da casa de Creusa bela.

EDMUNDO Aí desça numa corda
pra dentro do quarto dela.

EVANGELISTA E se então acordar
o velho Conde antipático?

EDMUNDO É simples. Leve também
este Lenço Enigmático.
Tem o poder de Dormença
sendo leve, fino e prático.
Agora, sem discutir,
vá me dando o pagamento.

EVANGELISTA Quanto custa o tal Pavão?
Pagarei neste momento.

EDMUNDO Um preço de ocasião:
me pague dois mil vinténs.

EVANGELISTA Pago dois mil com prazer,
com obrigado e améns. (*Edmundo sai.*)
Agora vou navegando
para o quarto da donzela.

Direi o Amor que sinto,
me atirarei aos pés dela
e depois pelos espaços
fugirei junto com ela.

CANTIGA DO PAVÃO AVOANDO

Ah, voa, Pavão,
ah, voa,
ah, voa de madrugada,
me leve pra minha flor
que me espera sossegada.

Ah, voa, Pavão,
ah, voa,
ah, voa, bicho atrevido.
Vai bater na janelinha
do meu benzinho querido.

Ah, voa, Pavão
ah, voa,
ah, voa, que eu sei pradonde.
Vou roubar linda morena,
bela flor, filha do Conde.

NUM QUARTO DO SOBRADO

Creusa dorme. Entra Evangelista.

EVANGELISTA Sobrevoei a cidade
 montado no meu Pavão.
 Ficou pousado nas telhas.
 Eu desci pelo cordão.
 Espero ter acertado
 o quarto com precisão.

Ah, sim. Acertei. É ela...
dormindo nesta prisão.

Tão linda, bela e dengosa!
É linda como um anfíbio!
É bela como um batráquio!
Formosa como um ofídio!
Suspira como um leão.
Tem um ronco de arara.
Parece um camaleão.
Talqualzinha o seu retrato
que trago no coração.

Creusa acorda.

CREUSA Um assaltante! Um bandido!

EVANGELISTA Creusa, meu bem, não se espante.
Eu quero ser seu marido.

CREUSA *(aos gritos)* Meu pai! Meu pai, corre aqui.

EVANGELISTA Entre nós, não há perigo.
Vim apenas pra saber
se aceita casar comigo.

CREUSA Meu pai! Meu pai, venha logo!

*Evangelista, apreensivo, passa o lenço pelo nariz de
Creusa e ela adormece.*

EVANGELISTA Não posso perder mais tempo.
Virei noutra ocasião.
Agora vou ao telhado
e fujo no meu Pavão.

Sai. Entra o Conde.

CONDE Que se passa, minha filha,
que ouvi você me gritar?
Me conta, meu amorzinho.
Teu sonho vem me contar.

Creusa desperta.

CREUSA Não foi sonho. Foi verdade
o que vi há um momento.
Um moço lindo, elegante,
me falando em casamento.
Não vi como ele fugiu
porque deu-me um passamento.

CONDE Bem conheço esta conversa.
Estás de novo a sonhar.
Se aparecer casamento,
eu saberei desmanchar.

CREUSA Era verdade, meu pai.
Não foi um sonho sonhado.

CONDE Sendo ilusão ou verdade,
eu tomarei mais cuidado.

Sai o Conde.

CREUSA Era tão belo o rapaz!
O rosto era tão risonho!
Tinha um aspecto fugaz
e um narizinho tristonho.
Parecia um tatu-bola
rolando na ribanceira.
Talqual um tamanduá
pulando numa cadeira.

Volta a Cantiga do Pavão Avoando com Evangelista.

Ah, voa, Pavão,
ah, voa,
ah, voa que eu sei pradonde.
Vou roubar linda morena,
bela flor, filha do Conde.

Evangelista retorna ao quarto de Creusa, adormecida.

EVANGELISTA Duas horas da matina.
Voltei ao quarto de Creusa.
Desta vez, eu falarei
com mais carinho e leveza.
Acorde, Creusa, e perdoe
a minha grande afoiteza.

Creusa desperta.

CREUSA Outra vez o tal donzel!

EVANGELISTA Quero tirá-la daqui
para acabar sua tristeza.

CREUSA Mas por que pensou em mim?

EVANGELISTA Não quero que fique presa.
Venha casar-se comigo.
Terás Amor e Grandeza.
Serás a mais linda esposa
dos Reinos da Natureza.
Farei tudo que quiseres
e tu farás o que eu queira.

Teremos na nossa casa
um alpendre e uma goteira.
Verás o nascer do sol
por detrás da gameleira
e também a lua nova
clareando a cumeeira.

Bem cedinho, de manhã,
nos galhos da laranjeira
ouvirás a cantoria
da cigarra cantadeira.

CREUSA É verdade o que me dizes?

EVANGELISTA Vem comigo e viveremos
livres, alegres, felizes.

CREUSA É tudo ilusão! (*Grita.*) Meu Pai!!!

Evangelista usa o lenço. Creusa adormece.

EVANGELISTA Não consegui convencê-la.
Preciso sair depressa.
Dorme em paz, querida estrela.
Dentro de uma semana
eu voltarei para vê-la.

Sai. Entra o Conde.

CONDE Que se passa, minha filha,
que tornou a me gritar?
Terá sido um anjo mau
que veio te perturbar?

Creusa desperta.

CREUSA Veio o donzel outra vez
me falando em casamento.
Não sei dizer se fugiu
porque deu-me um passamento.

CONDE Eu, fidalgo, nobre e rico,
dono de ouro e minério,
vou lutar pra descobrir
o autor desse mistério.

Minha filha, eu preparei
um plano muito sagaz.

CREUSA Senhor Conde, por favor,
não prenda o mocinho audaz.

CONDE Se ele vier outra vez,
faça-se toda mazela,
mas aproveite um momento,
passe esta banha amarela
no cabelo dele. Certo?
Faça isso que, depois,
desmancharei o novelo
do mistério procurando
o homem pelo cabelo.

CREUSA Pois vá dormir, senhor Conde,
que eu farei o seu mandado.

Sai o Conde.

Mas, quem sabe, esse donzel
de olhos esbugalhados,
de corpo magro e franzino,
não será o enviado
que mudará meu Destino?
Seu sorriso é tão viril!
Seu olhar tão cristalino!
Não. Tudo é pura ilusão.
Vou seguir o meu destino:
passarei banha amarela
no cabelo do menino.

Volta a Cantiga do Pavão.

Ah, voa, Pavão,
ah, voa,
ah, voa, que eu sei pradonde.

Vou roubar linda morena,
bela flor, filha do Conde.

CANTIGA DO CABELO AMARELO

Na camarinha do Conde e de La Condessa.

LA CONDESSA Marido, corre pra ver
o céu todo iluminado.

CONDE Que conversa doida é essa
de ver o céu prateado?

LA CONDESSA Tem um brilho de açucena
e uma cor acinzentada.

CONDE Vai te aquietar no teu canto.
Isto é conversa fiada.

LA CONDESSA Mais parece que é um pássaro
clareando a noite escura.

CONDE Que mulher mais faladeira,
inventando iluminura!

LA CONDESSA É sim. Um pássaro enorme
sobrevoando o Labino.
As asas são de metal.
O pescoço é duro e fino.
Um pavão que vem voando
e trazendo um peregrino.
Sumiu. Acho que pousou
no telhado desta casa.

CANTO Xô, passarinho, passarinho.
Xô, passarinho, passarão.

Eh, vem pousar no meu sobrado
que eu te dou, ai, meu coração.

Toma cuidado, Evangelista,
que a morena vai te enganar.
Enquanto te declara amor,
teu cabelo, ai, vai manchar.

*Em algum lugar nos arredores do Labino. Entram
Evangelista e o Guarda.*

EVANGELISTA Deixei o Pavão guardado
no alto daquela serra.

GUARDA O Conde me encarregou
de ficar nesta clareira
e ver se passa o rapaz
de amarela cabeleira.
— Você aí. O que faz
sozinho nesta fronteira?

EVANGELISTA O que deseja de mim?

GUARDA Se apresente. Tem carteira
de identidade?

EVANGELISTA Não tenho.

GUARDA Então mostre a cabeleira.

EVANGELISTA Mostro com todo prazer.

GUARDA Tem a tal mancha amarela!

EVANGELISTA Não sei do que está falando.

GUARDA Você foi ao quarto dela,
mas o Conde, muito esperto,

pediu que a morena bela
deixasse no seu cabelo
esta manchinha amarela.

EVANGELISTA Então Creusa me enganou
enquanto estava com ela?!
Muito bem. Me leve preso.
Sou de paz. Não sou de guerra.
Peço, porém, que me deixe
subir ao cume da serra
onde guardei a maleta.

GUARDA Cuidado. Vê se não erra
o caminho da descida. (*Sai Evangelista.*)
Não vou me preocupar,
pois não tem outra saída.
Eu serei recompensado
por esta missão cumprida.
Meu Deus! Que coisa! O que vejo?
É um bicho que se agita.
Parece um pavão brilhante
brihando na minha vista.
O moço escanchou-se nele.
Deve ser encantação.
Lá vai o rapaz fugindo
escanchado num pavão.
— Volte aqui, cabra atrevido,
e deixe de assombração.
Tu vais voando por cima
que eu vou correndo no chão.
Só vou parar de correr
quando agarrar tua mão.

Sai o Guarda tentando perseguir Evangelista. Ação muda para o quarto de Creusa.

O DESENREDO

CREUSA Sessenta noites não durmo.
Sessenta dias não como.
Chorei dia, chorei noite,
sem um sorriso no rosto.
Se o mocinho não voltar,
eu vou morrer de desgosto.
Que ruído será este
que pelo telhado eu ouço?
Ah, se fosse o meu donzel!
Oh, sim. Meu coração todo
bate feliz. Ai! É ele.
Vem surgindo o belo moço.

Entra Evangelista.

EVANGELISTA Minha sorte está lançada,
mas vejo que já venci.

CREUSA Me perdoe a traição
que a você eu cometi.

EVANGELISTA Foi somente pelo medo
que fizeste aquilo a mim.
Responde, Creusa, adorada:
tens por mim um sentimento?

CREUSA Sessenta dias vivi
sem ter outro pensamento.

EVANGELISTA Então te arruma depressa.
Não temos tempo a perder.

CREUSA Vou-me embora da prisão.
Ai! Livre eu quero viver!

Entra o Conde.

- CONDE Filha cruel! Traíçoeira!
Receberás teu castigo.
- EVANGELISTA Eu vos peço, senhor Conde,
que ela se case comigo.
- CONDE Minha filha não se casa
com você, nem com ninguém.
- CREUSA Senhor Conde, perdoai.
Ao rapaz, eu quero bem.
- CONDE Eu vencerei esta luta,
embora sejas fantástico.
- EVANGELISTA Não posso perder mais tempo.
Serei bem rápido e prático.
Rapidinho eu usarei
o meu Lenço Enigmático.
- Passa o lenço pelo rosto do Conde, que adormece.*
- CREUSA Estou pronta pra fugir.
- EVANGELISTA Esquece tantos pesares.
- CREUSA Meu pai me perseguirá
com mil navios nos mares.
- EVANGELISTA Andaremos mais depressa.
Meu pavão voa nos ares.
Vem comigo pela corda
que deixei lá no saguão,
pois agora voaremos
amontados no pavão.
- CREUSA Ai, que achei o meu amado,
que veio pra me levar.

Adeus, mãezinha querida,
agora vou viajar.

EVANGELISTA Sairemos do Labino
no céu azul a voar.
Iremos pra minha terra,
onde você vai morar.
Vem, Creusa. Vem minha fruta
de perfumado sabor.

CREUSA Já vou indo, meu amado.
Meu lindo botão de flor.

Saem. Entra La Condessa e o Conde desperta.

LA CONDESSA Que se passa, senhor Conde?

CONDE Creusa fugiu com o donzel,
não sei como, nem por onde.

LA CONDESSA Fiquei ali, escondida,
e vi tudinho, calada.
Os dois se foram voando
no clarão da madrugada.

CONDE Oh, senhora La Condessa,
você viu e não falou?
Ficou olhando, parada?

LA CONDESSA Fiquei contente de ver
minha filha libertada.
Estás velho. Compreende
que a vida não é prisão.

CONDE Passarei a vida inteira
com mil navios no mar,
perseguido a minha filha
que fugiu pra se casar.

LA CONDESSA Nada disso. Não permito.
Vem comigo descansar.

Sem que ele perceba, La Condessa o amarra com corda.

CONDE Me solta, mulher. Me solta.

LA CONDESSA Ficarás ao pé da cama,
dia e noite, sem cessar.

CONDE Me solta, mulher. Me solta.

LA CONDESSA Tente você se soltar.
Vamos dormir, meu querido,
que o sono é bom conselheiro.
Amanhã, quando acordares,
ficarás no cativoiro.
Até mudares de ideia,
viverás prisioneiro.

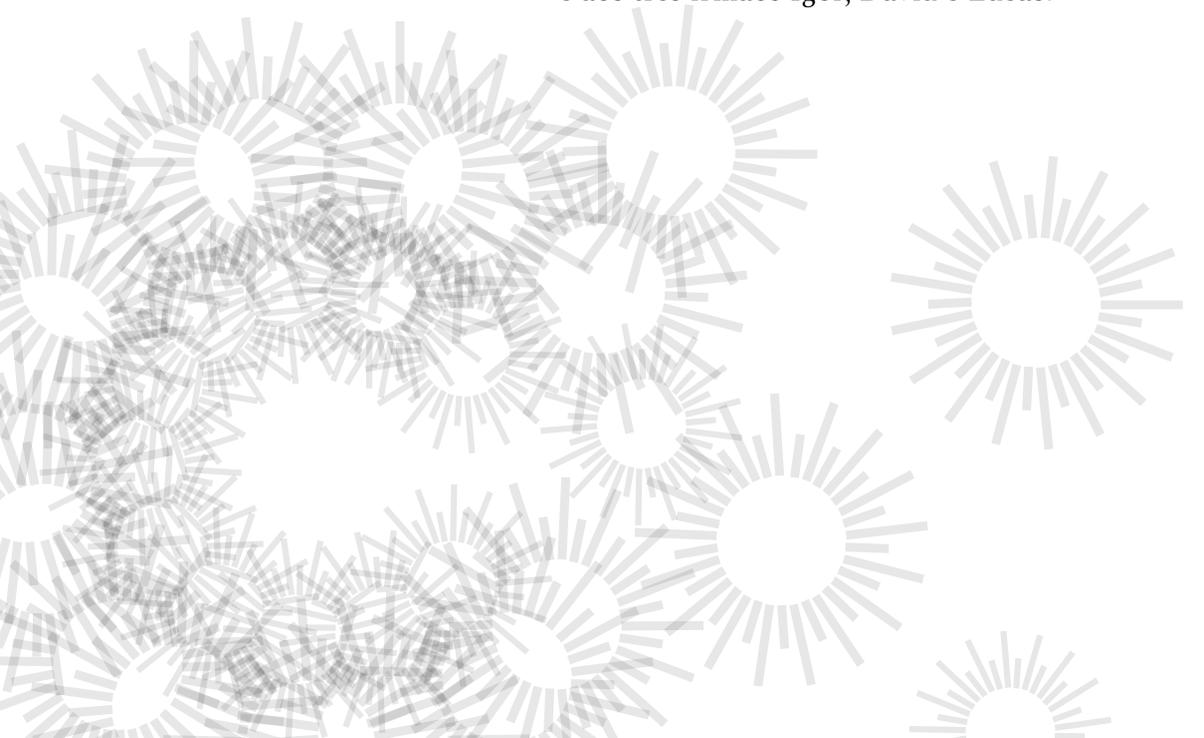
La Condessa, às gargalhadas, sai levando o Conde preso, e termina O Pavão Misterioso.

Rio, 1977



O PRINCÊS DO PIAUÍ

Dedicada a Tarciso Prado, Iveline de Melo Prado
e aos três irmãos Igor, David e Lucas.



A primeira montagem d'*O Príncipe do Piauí* foi feita em Teresina, no início dos anos oitenta, pelo Grupo Teste de Espetáculos, com direção de Tarciso Prado e apresentação no Teatro 4 de Setembro.

Personagens

Humanos

BEMBÉM

NEUSA

PRINCÊS

MÃE CATINHA

O BREJO

A MULHER DO BREJO

SERAFIM CAÇADOR

MOÇA MARIA

Bonecos

ZAZÁ

ZEZÉ

Fantásticos

CABRA MONTÊS

MUTUCA

O MORTO-CARREGANDO-O-VIVO

A MULHER E SEU MARIDO... NUMA NOITE DE VENTO

Neusa está sentada no chão fiando num rústico tear. Nada mais no palco. Ela está grávida. Entra Bembém, trazendo um saco às costas.

BEMBÉM Neusa.

NEUSA Te esperei.

BEMBÉM Demorei a chegar?

NEUSA Não. Mas eu fiquei o tempo todo te esperando. Depois, quando o vento começou a soprar, fiquei mais alegre.

BEMBÉM Tu me conheces pelo vento?

NEUSA Acho que é. O sopro do vento parece que fica me dizendo por onde andas. Quando levanta aquela poeira, aquele cheiro de terra... aí eu sei que tu vens chegando.

BEMBÉM E ele? Como vai nosso filho?

NEUSA Vem escutar.

Bembém encosta o ouvido no ventre da mulher.

BEMBÉM Meu Deus! Está se bulindo!

NEUSA Ele fica o dia todo assim. Se mexe pra lá... se bole pra cá...

BEMBÉM Vai ser um menino. Um menino muito lindo que vai brincar com a gente!

NEUSA Não, senhor. Vai ser uma menina. Uma menina de cabelos cacheados e com duas covinhas nas bochechas.

BEMBÉM Quem disse que vai ser mulher?

NEUSA Eu acho que vai.

BEMBÉM Pois eu acho que não. Vai ser homem.

NEUSA Eu vou cuidar dela com todo o carinho. Ela vai aprender tudo o que eu sei.

BEMBÉM Vai ser homem. Eu já vejo até a cara dele. Um menino danado de chorão... quém! quém! quém!

NEUSA Uma menina de olho preto, da cor da escuridão!

BEMBÉM Ô Neusa... eu quero tanto que seja um menino!

NEUSA E eu quero tanto que seja uma menina!

BEMBÉM Quando é que vai nascer?

NEUSA Qualquer dia. Eu acho até que vai ser amanhã.

BEMBÉM Como é que você sabe?

NEUSA Sei, não. Inda agora eu estava sentada ali, tecendo a rede, quando passou um ventinho. Era uma brisa... uma brisinha muito serena batendo no meu rosto. Aí ela se mexeu... e eu fiquei matutando naquela brisa. Aí eu soube que ela vai nascer de hoje pra amanhã.

BEMBÉM Será?

- NEUSA Pode até ser. Agora me conta: como foi lá na cidade?
A feira foi boa?
- BEMBÉM Boa, sim. Vendi tudo.
- NEUSA Vendeu as verduras?
- BEMBÉM Vendi todas as verduras.
- NEUSA Vendeu a rede?
- BEMBÉM Vendi. Vendi muito bem vendida.
- NEUSA E vendeu as esteiras da Mãe Catinha?
- BEMBÉM Vendi todas as esteiras. E comprei um presente pra
você.
- Abre o saco que trazia às costas, retira um pequeno
relógio de parede e o entrega a ela.*
- NEUSA Ah, que presente tão formoso me deu meu maridinho!
E pra que meu maridinho me deu um relógio?
- BEMBÉM Pra gente se lembrar que o tempo vai passando.
- NEUSA E precisa se lembrar do tempo? Pra quê?
- BEMBÉM Pra não esquecer.
- Neusa sai. Bembém se dirige ao público.*

A LUZ E O ESCURO

- BEMBÉM Pois foi naquela noite que nasceu meu filho. Eu corri,
fui acender o farol.

Bembém acende um candeeiro a querosene. Entra Neusa com o filho nos braços.

NEUSA Vê.

BEMBÉM E a gente pode ver?

NEUSA Ora se pode! Ele é gente... espia.

BEMBÉM *(olhando o filho)* Mais parece que é nuvem... tão macio! Neusa... o menino vai se desmanchar!

NEUSA Desmancha, não. Você não está enxergando direito. Traz a luz.

BEMBÉM A luz?

NEUSA É. O farol. Traz aqui.

BEMBÉM Não. A luz pode doer na vista dele.

NEUSA Que conversa é essa, Bembém? Quando um menino nasce, ele quer ver a luz. Já está cansado da escuridão.

BEMBÉM E é?!

NEUSA A gente tem que dar a luz a ele... aí amanhã de manhã ele não vai se espantar com a luz do dia.

BEMBÉM Neusa...

NEUSA Uhn?

BEMBÉM O nome dele pode ser Francisco?

NEUSA Francisco?! Não. Francisco, não. Parece até cisco, cisco que caiu no olho. É melhor... João.

BEMBÉM Não. João, não! Já tem muito João pelo mundo.
O nome dele vai ser Francisco.

NEUSA Eu quero João.

BEMBÉM Por que João?

NEUSA Ora porque... A gente abre a boca: Joããã!

BEMBÉM Deixa Francisco.

NEUSA Eu quero João.

O menino chora

BEMBÉM Olhe. Você acordou o Francisco.

NEUSA Quem foi que disse? Quem acordou foi o João.

BEMBÉM Já disse que foi o Francisco.

NEUSA Deixa de conversa, Bembém. O nome dele é João.
Dorme, João. Dorme-dorme, Joãozim.

BEMBÉM Olhe aí! Você já quer chamar o menino até de
Joãozim!

NEUSA Se não for João, não é nome nenhum.

BEMBÉM Nome nenhum?!

NEUSA Nome nenhum.

BEMBÉM Então pronto. Nem Francisco nem João. Nome
nenhum.

NEUSA Nome nenhum?

- BEMBÉM Nenhum.
- NEUSA Mas Bembém... e como é que a gente vai chamar o menino?
- BEMBÉM Chama de menino. Menino! Dorme, Menino do meu coração.
- NEUSA Menino? Eu vou chamar o menino de *Menino*?!
- BEMBÉM Então é Francisco.
- NEUSA Bembém... e se a gente chamar de Princês? Se fosse mulher, podia ser Princesa, mas sendo homem...
- BEMBÉM Princês? Princês de quê?
- NEUSA Princês. Só Princês.
- BEMBÉM E depois... quando ele crescer?
- NEUSA Ah! Quando ele crescer... aí, se ele quiser, escolhe o nome dele.
- BEMBÉM Princês! É bonito! Ele parece mesmo um Prinspo... pode até ser que um dia ele seja o Princês do Sertão... ou o Princês do Piauí!
- NEUSA O Princês do Piauí?
- BEMBÉM Neusa...
- NEUSA Uhn?
- BEMBÉM Se o Piauí não tem Reis... como é que vai ter Princês?
- NEUSA É só a gente inventar. Inventa um Reis para o Piauí... depois de inventado, pode ter um Princês.

BEMBÉM Neusa... não é melhor Francisco?

NEUSA Quando ele for grande, ele escolhe. Por enquanto ele é somente Príncipe. O nosso Príncipe!

BEMBÉM O Príncipe do Sertão!

NEUSA Príncipe do Piauí! Agora vai dormir, vai. Abaixa o farol que é pra ficar mais escuro. O Príncipe já se acostumou com a luz... agora ele não pode se esquecer da escuridão.

Bembém diminui a luz do farol até ficar quase escuro. Sai. O Príncipe chora. Neusa canta para acalmá-lo.

NEUSA *(canta)*
 Dorme, dorme, filhinho.
 Dorme, meu coração.
 Lá vem vindo um anjinho
 voando no Sertão.
 O sertão é de ouro...
 ninguém pode comer.
 O Sertão é de prata...
 ninguém pode vender.
 O ouro é do sol
 que brilha pelo chão.
 A prata é da lua,
 prateando a escuridão.
 O sol que faz o dia
 e enche tudo de cor.
 A lua é da noite
 e faz nascer a flor.

Neusa pega o farol e sai com o Príncipe nos braços. A cena volta a clarear e aparece Bembém.

BEMBÉM Quando ele crescer... eu quero que o meu Príncipe seja um vaqueiro.

Entra Neusa.

NEUSA De jeito nenhum.

BEMBÉM Você não quer que ele seja um vaqueiro?

NEUSA Eu quero que ele seja um tocador.

BEMBÉM Tocador de quê? Tocador de viola?

NEUSA Tocador de bandolim.

BEMBÉM Ô, Neusa! Mas ele pode ser um vaqueiro e pode ser tocador de bandolim também.

NEUSA Pode?

BEMBÉM Pode, sim.

NEUSA Então, pronto. De dia ele trabalha no curral e de noite ele pega o bandolim e toca... e no outro dia vai pro curral...

BEMBÉM Tira o leite das vacas...

NEUSA E cadê as vacas? A gente nunca teve vaca.

BEMBÉM Ele compra. Você pensa que o Princês vai ser como eu? Pois não vai, não. Eu não tenho nem uma vaquinha... mas o Princês vai ter muitas vacas e muitos e muitos bois.

NEUSA Quantas vacas?

BEMBÉM Quantas ele quiser. E vai sair por aí, pelo meio do mato, tangendo vaca e tangendo boi. Ê ê ê boi! Estrela! Malhada! Ê Trovão, meu boi maneiro! Ê...

Bembém sai cantando aboio. Neusa se dirige ao público.

NEUSA E o tempo foi-se passando... e chegou o dia em que o Bembém foi-se embora. O Bembém foi-se embora... O Bembém morreu e nunca mais voltou. Eu chorei um dia e chorei uma noite... mas depois me acostumei... e o Príncês foi crescendo... ficou um rapaz. Um rapaz muito formoso! E, por aqui por essas terras, todo mundo conhece o meu Príncês. E todo mundo gosta do meu Príncês.

Pega um novelo de fio e se põe a tecer. O telão dos bonecos se ilumina. Aparecem Zazá e Zezé.

O FIO DE TECER

ZEZÉ Zazá!

ZAZÁ O que é, Zezé?

ZEZÉ Olha lá, Zazá.

ZAZÁ O quê, Zezé?

ZEZÉ Lá vem.

ZAZÁ Quem?

ZEZÉ O Príncês.

ZAZÁ Que Príncês?

ZEZÉ O Príncês do Sertão.

ZAZÁ Que Sertão?

ZEZÉ Sertão do Piauí.

ZAZÁ Onde é o Piauí, Zezé?

ZEZÉ Perto do mar, Zazá.

ZAZÁ Que mar?

ZEZÉ O mar de sal.

ZAZÁ Que sal?

ZEZÉ O sal da terra.

ZAZÁ Qual terra?

ZEZÉ A terra dos homens.

ZAZÁ Ô, Zezé!

ZEZÉ O que há, Zazá?

ZAZÁ E a terra não é dos bonecos?

ZEZÉ É.

ZAZÁ Você falou que é dos homens.

ZEZÉ Eu falei?

ZAZÁ Falou.

ZEZÉ Então falei sem pensar.

ZAZÁ Zezé! Você falou sem pensar?

ZEZÉ Eu não penso.

ZAZÁ Não pensa?

ZEZÉ Não. Eu não penso. Eu falo.

ZAZÁ E quem é que pensa?

ZEZÉ Ele.

ZAZÁ Ele quem?

ZEZÉ O homem.

ZAZÁ Que homem?

ZEZÉ O bonequeiro.

ZAZÁ Qual bonequeiro?

ZEZÉ Esse aí embaixo.

ZAZÁ Embaixo de onde?

ZEZÉ Aí... segurando você. Olha.

ZAZÁ Olhar? Eu?! Não. Eu não quero ver.

ZEZÉ Olha. Se você olhar, vai conhecer o seu bonequeiro.

ZAZÁ Não. Não quero.

ZEZÉ Zazá! Lá vem ele!

ZAZÁ Ele quem?

ZEZÉ O Príncês.

ZAZÁ Que Príncês?

ZEZÉ O Príncês do Sertão.

ZAZÁ Que Sertão?

ZEZÉ Sertão do Piauí.

ZAZÁ Vamos embora. Vamos embora.

ZEZÉ Por que, Zazá?

ZAZÁ Não quero ver o Príncês. Não quero. *(Desaparece.)*

ZEZÉ Espera por mim, Zazá. Ora-veja... logo agora, quando o Príncês já vem chegando!

Desaparece. O Palco se ilumina. Entra o Príncês e se aproxima de Neusa.

PRINCÊS Minha mãe tecendo a rede! A rede pra se dormir.

NEUSA Meu Príncês! É o fio... é o fio que faz a rede. Eu vou somente deixando o fio seguir pelo caminho.

PRINCÊS E quem vai levando o fio? É minha mãe. E quem se senta no chão e segura o fio nas mãos? É minha mãe. E quem fica olhando o fio, para o fio não se perder? É minha mãe. É você. Você é a mãe do fio... a dona do fio... a senhora do fio!

NEUSA Depois é só espiar o fio que vai seguindo. A gente fica só olhando... vendo por onde o fio vai passando. Primeiro o fio está preso na mão da gente... depois o fio se solta... se larga e não precisa mais da gente.

PRINCÊS Mãe...

NEUSA Fala, meu Príncês.

PRINCÊS Eu trabalho durante o dia. O sol vai esquentando. Quando chega de noite, no escuro, espiando as

estrelas... fico, assim, pensando no meu nome. Você tem um nome...

NEUSA Todo mundo me chama de Neusa. Foi o nome que meu pai me deu.

PRINCÊS E o meu pai?

NEUSA A gente chamava Bembém, mas o nome dele mesmo era Benedito.

PRINCÊS Benedito! Bendito! Bembém!

NEUSA Você pergunta isso todo dia.

PRINCÊS O meu nome... Como é meu nome?

NEUSA Você é o Príncês.

PRINCÊS Príncês não é nome. Eu quero saber o meu nome... o nome de verdade.

NEUSA Da minha parte, você ia ser João.

PRINCÊS João! Conheço um padeiro com o nome de João. A gente chama Joãozim... É o Joãozim que brinca no Reisado. É o Joãozim do Reisado.

NEUSA Seu pai queria que você fosse Francisco. Ele gostava do nome Francisco.

PRINCÊS E eu conheço tanto Francisco! Tem o Francisquim, o Chico, o Chiquim e o Fransquim.

NEUSA Mas eu não deixei. Foi daí que você ficou Príncês e, quando crescesse, se quisesse, botava o nome.

PRINCÊS Eu?!

NEUSA Agora você já cresceu... pode botar o nome que quiser.

PRINCÊS Não posso.

NEUSA Pode. Escolha um. Bote o nome que quiser.

PRINCÊS Como é que vou saber o nome que dá certo comigo? Podia ter deixado Francisco. Ou Francisco ou João. Assim... já tinha me acostumado.

NEUSA A gente se acostuma com qualquer nome. Agora vai que já é tarde. Passa na casa da Mãe Catinha pra apanhar as esteiras.

Neusa sai levando o tear e o fio.

MÃE CATINHA

PRINCÊS Dona Torquata! Dona Torquata! Apareça, minha velhinha, e me dê essas esteiras que vou à feira pra vender. Torquatinha! Mãe Torquata! Mãe Catinha!

Entra Mãe Catinha: uma velhinha toda encurvada, cabelos branquíssimos, vestido comprido. Na mão direita somente o polegar é livre; os outros dedos estão superpostos sobre o indicador, presos, colados.

CATINHA Já vou indo, meu menino. Já vou indo.

PRINCÊS Venha, venha, Mãe Catinha. Minha querida mocinha dos cabelos cor de lua!

CATINHA Para quem me faz elogio eu pago com um beijo... um beijinho... uma beijoca... um beijocão.

- PRINCÊS Ai que beijo mais danado de gostoso! Mana Catinha, a senhora fez muitas esteiras?
- CATINHA Desde menina que faço esteiras, mas hoje quase não dá. A palha se mistura na minha vista. Quase que nem vejo mais a palha. Aprontei só uma esteira. Leve, leve, meu Príncipe. Leve a esteira pra vender.
- PRINCÊS Primeiro me conte uma história.
- CATINHA Contar uma história? E qual história quer que eu conte, meu rapazinho?
- PRINCÊS As três.
- CATINHA Qual é a primeira, meu Príncipe?
- PRINCÊS A história da casinha do Bambuê.
- CATINHA Ah! Como é linda a história da Casinha de Bambuê! Era uma vez uma casinha de Bambuê coberta de Bambuá... quer que eu conte?
- PRINCÊS Conte.
- CATINHA Contarei. Quer que eu conte?
- PRINCÊS Conte.
- CATINHA Contarei. A história da Casinha de Bambuá coberta de Bambuê... quer que eu conte? Contarei. Quer que eu conte?
- PRINCÊS *(alegre, no jogo)* Conte. Conte a história da Casinha de Bambuá coberta de Bambuê.
- CATINHA Contarei. Quer que eu conte?

- PRINCÊS Conte.
- CATINHA Contarei. Era uma vez uma casinha de Bambuê coberta de bambuá... quer que eu conte? Contarei. Quer que eu conte. Contarei.
- Os dois riem, felizes.*
- PRINCÊS Ah! Como é linda a história da Casinha de Bambuê! Agora a história dos Patos-Passando.
- CATINHA Uhn! A gente gosta tanto da história dos Patos-Passando! Não é, meu Princês? Era uma vez... era uma vez um lindo rapaz que cuidava dos patos da mãe dele.
- PRINCÊS Quantos patos?
- CATINHA Eram muitos! De tardezinha, quando chegava a hora dos patos irem dormir... o lindo rapaz ia levar os patos e os patos iam entrando, passando pelo portãozinho e o lindo rapaz ficava contando os patos que iam passando: um... dois... três... quatro... e dizia:
- PRINCÊS Passa-pato!
- CATINHA E os patos passando.
- PRINCÊS Cinco, seis, sete, oito, nove...
- CATINHA Passa, pato!
- PRINCÊS E os patos passando.
- CATINHA Dez, onze, doze, treze, catorze, quinze...
- PRINCÊS Passa, pato!

- CATINHA E os patos passando. Passa, pato!
- PRINCÊS E os patos passando. Passa, pato! E os patos passando...
- CATINHA 102, 103, 104...
- PRINCÊS Passa, pato! Passa, pato... e os patos passando... 295, 296, 297, 298, 299...
- CATINHA Passa, pato! E os patos passando. (*risinhos de alegria*)
- PRINCÊS Falta a outra.
- CATINHA Não, meu Príncipe. A outra, não. Quando você voltar, eu conto.
- PRINCÊS Conta mesmo? É a história do Dragão que cuspiu fogo na sua mão e a mão da Mãe Catinha ficou assim?
- CATINHA Você já sabe a história toda... nem precisa lhe contar.
- PRINCÊS Então vou contar um segredo.
- CATINHA Conta. Conta, meu Príncipe.
- PRINCÊS Sabe, Mãe Catinha... descobri que eu não tenho nome. Ninguém me deu um nome. Todo mundo tem nome de gente... só eu que não tenho.
- CATINHA Mas o que é isso!? Você é o Príncipe! O Príncipe do Piauí.
- PRINCÊS Príncipe não serve de nome. Ninguém tem nome de Príncipe.
- CATINHA Então arrume um nome pra você.

- PRINCÊS Não posso. Não sei como encontrar um nome que dê certo comigo.
- CATINHA Se você ainda fosse criança, era fácil. Agora você já é grande... então você tem de sair procurando o seu nome.
- PRINCÊS Como?
- CATINHA Você conhece a Beleza?
- PRINCÊS A Beleza?! Não conheço, não.
- CATINHA Pois precisa conhecer. Você conhece a Dor?
- PRINCÊS Não conheço. Não conheço nem a Beleza nem a Dor.
- CATINHA Pois precisa conhecer. Você conhece o Amor?
- PRINCÊS Não. Não conheço nem a Beleza nem a Dor nem o Amor.
- CATINHA Pois precisa conhecer. Quando você conhecer a Beleza, a Dor e o Amor... aí você vai saber o seu nome.
- PRINCÊS E como é que eu vou conhecer a Beleza?
- CATINHA Fique de olhos abertos... muito abertos. E fique reparando em tudo. Quando a Beleza aparecer você vai saber que é ela.
- PRINCÊS E como é que eu posso conhecer a Dor?
- CATINHA Pergunte às outras pessoas. Alguém vai lhe mostrar e, quando a Dor aparecer, você reconhece.

PRINCÊS E o Amor? Como é que vou conhecer o Amor?

CATINHA Deixe seu coração procurar, e quando o Amor aparecer, você vai saber que é ele. Agora leve esta esteira pra vender e, com o dinheiro, você compra um litro de azeite, um pão bem macio, um quilo de farinha e um copo de leite. Agora... dê um beijo na Mana Catinha.

O Príncipe beija Mãe Catinha. Ela sai.

PRINCÊS Com o dinheiro... compro um litro de azeite, um pão bem macio, um quilo de farinha e um copo de leite.

A cadeira, o bandolim e etcetera.

Tempo. Neusa aparece trazendo o rolo de fio, um estojo de bandolim, uma lamparina e arrastando uma cadeira. O Príncipe se desfaz da esteira.

PRINCÊS Minha mãe...

NEUSA O que é, meu Príncipe?

PRINCÊS Minha mãe, eu vou embora.

NEUSA Embora pra onde?

PRINCÊS Não sei. Vou seguir pelo mundo caçando o meu nome.

NEUSA Mas... e é aí pelo mundo que você vai achar?

PRINCÊS Eu acho que é.

NEUSA Você não pode escolher seu nome aqui mesmo?

PRINCÊS Vai demorar muito. Lá fora vai ser mais depressa.
Eu preciso conhecer a Beleza, a Dor e o Amor.

NEUSA E eu fico aqui sozinha?

PRINCÊS Depois eu volto. Quando tiver um nome, eu volto.

NEUSA Se soubesse disso, eu tinha deixado você se chamar
Francisco. E quando é que você vai?

PRINCÊS Agora.

NEUSA Agora? Agora mesmo?

PRINCÊS É.

NEUSA Então espere. Você sabe que eu tocava bandolim
antes de me casar?

PRINCÊS A senhora já me contou.

NEUSA Eu tocava bonito. Foi meu pai quem me deu o
bandolim de presente. E agora... eu dou pra você.
Tome.

PRINCÊS Pra mim?

NEUSA Aí você aprende a tocar. E leve também esta cadeira.
No meio da estrada, quando ficar cansado, você
para, senta na cadeira e toca bandolim.

PRINCÊS Obrigado, minha mãe. Quando estiver cansado,
sento na cadeira e toco bandolim.

NEUSA Tome. Leve também este fio. Você estende o fio
pelo chão e faz com ele a sua estrada. Caminha pela
estrada... para... senta na cadeira e toca bandolim.

PRINCÊS E a senhora não vai precisar do fio para tecer? Vamos cortar. Eu fico com um pedaço e você com o novelo.

NEUSA Leve também consigo esta lamparina, pra clarear quando estiver escuro. Quando você nasceu, foi com um farol aceso que você conheceu a luz. De manhã bem cedo, quando acordar, você apaga a lamparina, atira o fio da estrada e sai caminhando. De noite, quando escurecer, você acende a lamparina, senta na cadeira e toca bandolim.

PRINCÊS Obrigado, minha mãe. Agora... eu vou partir.

NEUSA Não. Espere um pouco. Leve também este relógio. Foi o Bembém que me deu de presente. É pra você se lembrar que o tempo vai passando.

PRINCÊS E com ele eu sei a hora de apagar a lamparina, de jogar o fio e fazer a estrada e a hora de caminhar e parar e sentar e tocar o bandolim.

NEUSA É. Agora vá. Siga pelo fio do seu caminho.

PRINCÊS Mãe, quando eu achar meu nome, eu volto. Você me espera?

Um abraço emocionado. Saem por lados diferentes. O Príncipe vai carregando todos os seus apetrechos. Escurece o palco.

A CABRA MONTÊS

ZEZÉ Zazá!

ZAZÁ O que é, Zezé?

ZEZÉ Olha quem vem lá, Zazá!

ZAZÁ Quem? Quem? O Príncipe?

ZEZÉ Não é o Príncipe, não. É a Cabra.

ZAZÁ A Cabra! Que Cabra?

ZEZÉ A Cabra Montês.

ZAZÁ Ah, então venha... venha... venha...

ZEZÉ Venha logo, senhora Cabra Montês.

Música. O palco se ilumina e entra a Cabra Montês dançando, como um bicho de bumba meu boi.

ZAZÁ Bons-dias e boas tardes, senhora Cabra!

ZEZÉ Boas-tardes e boas noites, senhora Cabra Montês!

Dançando, a Cabra Montês faz reverência aos bonecos.

ZAZÁ E o que a senhora Cabra faz por esses montes?

ZEZÉ E o que faz a senhora Cabra Montês por esses montes?

A Cabra dá uns pinotes.

ZEZÉ Ela salta, Zazá!

ZAZÁ Ela pinota, Zezé!

ZEZÉ Cabra Montês é assim! Vive saltando.

ZAZÁ Ah, é! Cabra Montês é assim: vive saltando e pinotando.

ZEZÉ Olha ali, Zazá!

ZAZÁ O quê, Zezé?

ZEZÉ O Príncês! O Príncês vem chegando.

ZAZÁ Vamos embora. Vamos embora.

ZEZÉ Por que, Zazá? Você tem medo do Príncês?

ZAZÁ Ele não tem nome. Você sabe que eu não gosto de gente que não tem nome. Eu vou embora. (*Zazá desaparece.*)

ZEZÉ Espera, Zazá. Ô, Zazá, espera! Olha, Cabra Montês, aquele ali é o Príncês do Piauí. Fique conversando com ele que eu vou atrás da Zazá.

Zeze desaparece. A Cabra dança. Entra o Príncês, depois de ter atirado o novelo de fio pelo chão. Vem carregando todos os seus trecos.

PRINCÊS Saia da frente, senhora Cabra, que eu quero passar.

A cabra se senta, interrompendo a passagem.

PRINCÊS Senhora Cabra, eu lhe peço mais uma vez: não atrapalhe o meu caminho porque preciso cumprir a minha tarefa.

A Cabra se interessa, interrogativa.

PRINCÊS Não precisa ficar tão curiosa, não, porque é uma tarefa muito simples. Quer que lhe conte o que é?

A Cabra faz que sim. O Príncês senta na cadeira, deixa o relógio e o bandolim no chão e acende a lamparina.

*Vai enrolando o fio enquanto conta sua história.
A Cabra ouve atenta e reagindo aqui e ali.*

PRINCÊS Pois vou contar. Tudo isso que eu trago foi presente que a minha mãe me deu na hora da despedida. E sabe por que eu saí pelo mundo? É que resolvi procurar o meu nome. Eu não tenho nome e preciso encontrar o meu nome verdadeiro. Conheço uma velhinha que faz esteira. É a Mãe Catinha. Então ela me falou: “Saia pelo mundo, meu Príncipe, e vá procurar o seu nome. Pra você achar o seu nome você precisa conhecer a Dor... a Beleza... e o Amor”. Por isso que ando pelo mundo. Já andei muito, mas ainda não encontrei nem o Amor nem a Beleza e nem a Dor.

A Cabra levanta e se põe a lamber as mãos do Príncipe.

PRINCÊS Ê! Mas não precisa ter pena de mim, não. Eu vim porque quis procurar até encontrar. *(A cabra tenta empurrá-lo.)* O que é isso? Pare, senhora Cabra Montês. Ah! Está se oferecendo para vir comigo. É isso? *(A Cabra faz que sim.)* Mas isso tudo é um problema meu. Eu que tenho de resolver... a não ser... a não ser que você conheça a Beleza. *(A Cabra faz que sim.)* Conhece mesmo? *(A Cabra confirma.)* E pode me mostrar? *(A Cabra afirma.)* Vai dizer que conhece também a Dor? *(Triste, a Cabra faz que sim.)* E o Amor? *(Alegre, a Cabra faz que sim.)* Então... por favor, senhora Cabra Montês, comigo. Podemos começar pela Beleza. Vamos?

CONHECIMENTO DA BELEZA

O Príncipe apanha seus apetrechos, atira o fio e os dois começam a marcha enquanto entra a música e desce um telão de fundo com exuberante pintura de

Sertão-no-inverno: muita folhagem, rios descendo, cachoeiras, pássaros voando, gado pastando, galinhas ciscando... A Cabra Montês, feliz da vida, respira fundo, salta e berra de alegria.

PRINCÊS Ah, que lugar bonito! Nem parece que é o Sertão. Tudo tão verde! O céu tão azul! Os rios cheios! Me diga, Cabra Montês, você já viu algum lugar mais bonito que este? *(A Cabra faz que não.)* Parece até que foi ontem que choveu por aqui. *(A Cabra cheira a terra e confirma.)* Como é que você sabe? *(A Cabra torna a cheirar a terra.)* Uhn! Basta você cheirar a terra e sabe se choveu. É? Vamos aproveitar e comer um pouco? *(A Cabra faz que sim. Ele retira pão de uma sacola e o divide com ela.)* Bom! Isto aqui é muito lindo! Muito bonito! É o Sertão depois da chuva. É muito belo! Isso aqui é tão belo que eu fico até cheio de alegria! Mas precisamos continuar andando. Não se esqueça que vai me mostrar a Beleza. *(A Cabra demonstra que não vai continuar.)* Você não vai mais comigo? Por quê? E a Beleza? Você ia me mostrar a Beleza. *(A Cabra faz que sim.)* Então vamos. *(A Cabra faz que não.)* Pelo menos me diga onde posso encontrar a Beleza. *(Ela dança e volteia, feliz, deixando claro que ali está a Beleza. O Príncipe começa a compreender.)* A Beleza? *(A Cabra confirma.)* Aqui? Isto aqui é a Beleza? Até que pensei... Lembra que falei que esse lugar é muito lindo, muito bonito e muito belo? Então era isso! Quer dizer que tudo que é lindo, tudo que é bonito e belo faz parte da Beleza... *(A Cabra confirma.)*

PRINCÊS Ai, que belas árvores! Belos riachos e lindos pássaros! Ah, como minha mãe é linda! Espera... eu falei que minha mãe é linda? *(Feliz, a Cabra confirma.)* Se a minha mãe é linda... então eu já conhecia a Beleza. Ai, como eu sou tonto! Eu conhecia tanta coisa bela...

eu conhecia a Beleza e não sabia! A Mãe Catinha é tão linda! As esteiras da Mãe Catinha... e as redes da minha mãe... e a música do bandolim... tudo sempre foi tão lindo! E você, senhora Cabra Montês, você é tão bela e tão linda! Andei tanto... procurando essa beleza... mas eu já conhecia. Escuta, Cabra Montês, nós não podemos ficar aqui. Levanta. Você precisa me mostrar a Dor. *(Triste, a Cabra responde que sim.)* Espera. Por que é que toda vez que eu falo na Dor, você fica triste? Me responde. Ordeno que me responda. *(Tristinha, a Cabra se afasta.)* Desculpe, minha Cabrinha... me perdoe... Você me perdoa, minha Cabrinha Montês? Gritei com você... mas eu amo você... adoro você. Vem. Me dá um beijo. Vem.

Depois de relutar um pouco, ela beija o Princês.

PRINCÊS Agora vamos continuar pelo mundo procurando a Dor. Vamos caçar a Dor, onde quer que ela esteja. Espera um pouco. Quero levar uma lembrança daqui, desta terra tão linda que me revelou a Beleza. Uma folhinha deste pedaço de Sertão chuvoso. E vou deixar esta cadeira que já está me pesando carregar... e já ando um pouco-pouquinho cansado.

Retira uma folha do telão e junta os seus trecos enquanto canta.

PRINCÊS O Sertão é de ouro...
ninguém pode comer.
O Sertão é de prata...
ninguém pode vender.

PASSAGEM DA MUTUCA

Atira o fio-estrada e os dois caminham enquanto se escuta um solo longínquo de bandolim. Depois de

algum tempo, escuta-se alguém tossindo; uma tosse rouca e feia de alguém se aproximando. A música desaparece. A Cabra reage, tremendo de medo.

PRINCÊS Você ouviu? Que tosse horrível! Parece que vem dali.

A Cabra fica nervosa e apavorada. Entra a Mutuca. É uma boneca magra, feia, seca, fria, a cara muito pintada, cabelos desgrelhados.¹ Com um bastão, corre mais do que caminha, mas os passos são seguros e decididos, amedrontadora. À sua entrada, a Cabra Montês se esconde atrás do Príncipe, que tenta disfarçar o medo.

PRINCÊS Boa tarde, minha tia.

MUTUCA Não me chame de titia que não sou sua tia. Conheço muito bem o meu sobrinho. Aliás, são muitos os meus sobrinhos. São todos filhos das minhas quatro irmãs! Quer saber quem são as minhas irmãs ou você já conhece? A mais velha é a Fome. Depois vem a Sede... depois a Fraqueza e a mais novinha é a Doença.

A Cabra parece em pânico.

PRINCÊS Valha-me Deus! Elas são suas irmãs?

MUTUCA São lindas! Você precisa conhecê-las.

PRINCÊS Não. Não. Muito agradecido. Pelo que vejo, a senhora deve ser a Morte.

MUTUCA *(gargalhada e acesso de tosse)* Não. A Morte é minha mãe. Eu sou a Mutuca.

¹ Na primeira montagem em Teresina, Tarciso Prado usou uma enorme boneca dançarina de uns três metros de altura [nota do autor].

Cabra Montês quer fugir. Príncês consegue segurá-la.

PRINCÊS Eu nunca ouvi falar na Mutuca.

MUTUCA É porque sou Mutuca somente para os amigos mais íntimos. Os homens daqui me chamam de Seca.

PRINCÊS Seca? Então é a senhora? Pois vá me desculpendo, senhora Seca...

MUTUCA Pode me chamar de Mutuca...

PRINCÊS Ou Seca ou Mutuca, tanto faz... mas eu quero é distância da senhora e, por favor, desapareça o mais depressa possível.

MUTUCA Não sei por que essa gente não gosta de mim! Não se preocupe... já estou indo mesmo. Já terminei o meu trabalho aqui no Sertão. Vou descansar um pouquinho.

PRINCÊS Que trabalho foi esse que a senhora fez?

Desce um telão de Sertão seco encobrindo o anterior. É uma paisagem de Seca nordestina: terra esturricada, pés-de-pau secos, mandacarus e faxeiros, caveiras de boi, sol quente dominando a terra.

MUTUCA Semeei a Seca pelo Sertão. Ah! Isso tudo aqui vai secar direitinho.

A terra vai rachar... os rios secando... o sol doido de quente (*Gargalha.*) Até logo, meu jovem. Atrás de mim, você vai conhecer as minhas irmãs: a Fome, a Sede, a Fraqueza e a Doença.

A Mutuca desaparece, rindo e tossindo.

PRINCÊS Olhe só, minha Cabrinha Montês! Olhe como tudo ficou seco! Bem que você me avisava e eu não entendia. A gente podia ter ido embora antes da Mutuca aparecer.

Entra o casal de retirantes: o Brejo e a Mulher do Brejo. Ela carrega nos braços um nenenzinho enrolado em panos.

PRINCÊS Meu senhor... por que estão assim tão cansados?

BREJO É sede. Foi a velha Mutuca que por aqui passou.

PRINCÊS A senhora... nem aguenta caminhar!

MULHER É fome. Foi a velha Mutuca que por aqui passou.

PRINCÊS E o seu filhinho?

BREJO Está se acabando. Foi aquela Mutuca que por aqui passou.

MULHER Não tem leite pra tomar. Está ficando fraquinho. Acho que vai ficar doente.

BREJO E essa Cabra? Se ela desse um pouco de leite...

PRINCÊS Leite? Sim. Sim. Pode. Pode, sim. Eu também não tenho mais o que comer. Vamos, Cabrinha, pode nos dar um pouco de leite?

Cabra faz que sim. O Brejo tira uma cuia de dentro dum embornal e estende ao Princês.

PRINCÊS Não. O senhor mesmo pode tirar o leite. Você deixa, não é, Cabrinha Montanhês? Também não precisa ficar encabulada, não.

O Brejo se afasta levando a Cabra e se põe a ordenhá-la.

PRINCÊS Como é seu nome?

MULHER Eu sou a Mulher do Brejo.

PRINCÊS Brejo... é ele? E a senhora não tem nome?

MULHER Tenho, sim, senhor. Eu sou a Mulher do Brejo.

PRINCÊS A senhora podia ter um nome seu. Basta a senhora conhecer a Beleza...

MULHER Ah, pois eu conheço. A Beleza era meu filho quando estava gorduchinho.

PRINCÊS E a Dor?

MULHER Oxente! É o que mais conheço.

PRINCÊS E o Amor?

MULHER Conheço também, senhor, sim... mas faço que não conheço.

BREJO Toma, Mulher. Dá pra vocês dois.

*A Mulher molha um paninho no leite e dá ao filho.
Depois de algum tempo, bebe também.*

PRINCÊS Estão vindo de longe?

BREJO De longe, senhor, sim.

PRINCÊS E tem chuva?

O Príncipe bebe um pouco do leite.

BREJO Chuva, não tem, não.

PRINCÊS Pradonde vão?

BREJO Por esse meio de mundo... até achar um lugar.

PRINCÊS Então vamos, minha Cabra querida. Vamos. Qualquer dia pode chover, aí vai ficar tudo bonito de novo. Esperem. Vou deixar este relógio por aqui que nem posso mais carregar.

Começam a retirada. O Príncipe carrega os trecos que ainda lhe restam e canta.

A prata é da lua
prateando a escuridão.
O ouro é do sol
secando todo o chão.

Ilumina-se o telão dos bonecos.

ZEZÉ Zazá! Ô, Zazá!

ZAZÁ O que é, Zezé?

ZEZÉ Olha quem vem lá, Zazá.

ZAZÁ Quem é? Quem é, Zezé?

ZEZÉ É o Morto-Carregando-o-Vivo.

ZAZÁ Cruz-credo! Cruz-credo! Lá vem o Morto-Carregando-o-Vivo.

Entra o Morto-Carregando-o-Vivo. É um personagem do bumba pernambucano, caracterizado por um ator que traz preso à cintura um boneco do seu mesmo tamanho; o tronco, braços e cabeça estão à frente do

ator enquanto as pernas estão penduradas da cintura para trás. As calças do ator correspondem ao paletó do boneco e as calças do boneco correspondem ao paletó do ator. A figura completa deixa a rápida impressão de que o inanimado está carregando o ser vivo. Ele canta e dança. É fácil encontrar imagens dessa figura do bumba meu boi.

MORTO Eh, boa-noite
 Eh, boa-noite, eh,
 Eh, boa-noite,
 Eh, boa-noite, eh,
 Já vem chegando,
 Já vem chegando o Morto-Carregando-o-Vivo.
 Já vem chegando o Morto-Carregando-o-Vivo.
 A Mutuca está braba! A Seca está acabando com o Sertão! Rio seco, falta de chuva e um sol danado de quente esturricando tudo. A Mutuca anda solta! A Mutuca vai acabando com tudo!

Eh, boa-noite,
 Eh, boa-noite, eh,
 Eh, boa-noite,
 Eh, boa-noite, eh.
 Já vem chegando,
 Quem aqui passa é o Morto-Carregando-o-Vivo.
 Quem aqui passa é o Morto-Carregando-o-Vivo.
 Notícia de tudo eu dou. Notícia de tudo eu dou.
 Tudo quanto é bicho já morreu e hoje em dia quem morreu ainda serve pra carregar quem está vivo.
 Lá se vai o Morto-Carregando-o-Vivo.
 Lá se vai o Morto-Carregando-o-Vivo.

Ele vai embora. Ouve-se um trovãozinho ao longe.

ZAZÁ Zezé!

ZEZÉ O que há, Zazá?

ZAZÁ Você escutou?

ZEZÉ Escutei. Será que foi? (*Outro trovãozinho, mais próximo.*)

ZAZÁ É um trovão, não é, Zezé?

ZEZÉ Troveja, trovão!

ZAZÁ O trovão traz a chuva...

ZEZÉ Quero ver trovão trovejar.

ZAZÁ Traz a chuva pro Sertão!

ZEZÉ Troveja, trovão!

ZAZÁ Derrama chuva pelo chão!

ZEZÉ Quero ver trovão trovejar. (*Som de chuva se aproximando.*)

ZAZÁ Corre, Zezé, que lá vem chuva.

ZEZÉ Ai, que eu deixei a janela aberta!

ZAZÁ Ai, que eu deixei roupa na corda!

ZEZÉ Corre, Zazá, pra tirar a roupa da corda.

ZAZÁ Corre, Zezé, pra fechar a janela aberta.

*Sobe o telão da Seca, deixando aparecer o do Inverno.
Cessa a chuva. Entram o Príncipe e a Cabra.*

SERAFIM CAÇADOR

PRINCÊS Que chuva tão linda, hein, Cabra Montês! Tudo ficou bonito de novo... do jeito que era antes. E o Brejo foi-se embora mais a Mulher do Brejo. Será que voltaram pra casa? Sei lá. Vamos aproveitar pra descansar e dormir. *(A Cabra concorda. Preparam-se para dormir.)* Se ainda tivesse a cadeira que minha mãe me deu, não estava deitado no chão. Boa noite, Cabra Montês! Durma direitinho.

Os dois adormecem. Aparece Serafim Caçador. No telão dos bonecos, aparece Zezé.

SERAFIM Senti um cheiro de bicho. Senti um cheiro de bicho.

ZEZÉ Acorda, Princês. Olha o Serafim Caçador!

SERAFIM Deve ter bicho por aqui... e deve ser capivara. Faz três dias que não mato um bicho, mas o primeiro bichinho que me aparecer... cráu! Serafim Caçador passa-lhe um tiro e mata.

ZEZÉ Princês! Acorda, Princês. Depressa. Cuidado com o Serafim Caçador.

SERAFIM Ah! Eu sabia! Conheço pelo cheiro. Pensei que fosse capivara, mas é uma onça pintada e bonita.

ZEZÉ Acorda, Cabra Montês! O Serafim Caçador quer te matar.

SERAFIM Psiu! Cala a boca, moleque. Não vai me espantar esta onça, moleque.

ZEZÉ Vá-se embora que não é onça, não. Acorda, Cabra Montês! Acorda, depressa, meu Princês.

SERAFIM *(Faz a mira com a espingarda.)* Um...

ZEZÉ Depressa, Cabra Montês!

SERAFIM Dois...

ZEZÉ Ai, que não quero nem ver! *(Desaparece.)*

SERAFIM E três!

Atira. A Cabra estremece e morre. Príncipe acorda, assustado.

PRINCÊS O que foi isso? O que foi isso?

SERAFIM Acertei. Agora vou buscar.

PRINCÊS Você escutou, Cabra Montês? Parece que foi um tiro.

SERAFIM Moço, me dê essa onça que eu acabei de matar.

PRINCÊS Onça? Que onça? Não é onça, não, senhor. Não está vendo que é uma cabra? Acabou de matar!? O senhor matou a minha cabra? Acorda... acorda, Cabra Montês. Não me diga que você está morta. Por favor, levanta, Cabra Montês. Anda. Levanta.

SERAFIM Moço, me dê essa onça, que atirei nela, acertei o tiro e agora vou levar.

PRINCÊS Se afaste. Se afaste daqui. Você matou minha Cabra, a minha Cabrita Montês.

SERAFIM Moço, me dê essa onça que ela agora me pertence e vou vender o couro.

PRINCÊS Você não está vendo que é a minha Cabra Montês?

SERAFIM Olhe, moço, não adianta chorar que eu não ligo pra sua dor. O que eu quero é levar a onça que eu matei. Vá-se o senhor pra lá com sua dor que eu quero é a onça.

PRINCÊS Dor! O senhor falou em dor? Será mesmo? Então é isto que é a Dor? Oh, minha Cabrinha... foi preciso você morrer pra me ensinar o que é a Dor? E nem precisava. Eu já conhecia a Dor. Agora que eu sei. O Brejo e a Mulher do Brejo e o menino deles... aquilo era Dor.

Entra a moça Maria. Fica escutando.

SERAFIM Deixe de choro, seu moço, e me dê essa onça de uma vez.

PRINCÊS Não dou, não, senhor. Você não vai vender o couro da minha Cabra, não. Tome. Leve este bandolim de presente, mas deixe a minha Cabra.

SERAFIM Que conversa é essa! Pra que que eu quero bandolim?

PRINCÊS O senhor vende. É mais caro que couro de cabra. Tome. Leve também um novelo de fio... mas deixe a minha Cabra.

SERAFIM Um bandolim e um novelo de fio! Ora-ora!

MARIA Espera, Serafim Caçador. Eu te conheço muito bem. Leva o bandolim, leva o fio e leva também este cordão de ouro... mas deixa em paz a Cabra do moço. Agora vai embora, vai. Vende tudo e segue teu destino matador.

Espantado, Serafim Caçador sai carregando bandolim, novelo e cordão de ouro.

PRINCÊS Não tenho mais nada! Não tenho mais a cadeira! Não tenho mais o relógio... nem o bandolim... e nem o novelo de fio. Perdi tudo. Agora perdi minha Cabra. Você entende isso?

MARIA A gente perde umas coisas e ganha outras coisas. Olhe, você ainda tem uma lamparina!

PRINCÊS Foi o que restou. (*O Príncipe retira do bolso a folhinha do Sertão.*)

MARIA É uma folha?

PRINCÊS É tão linda! (*O Príncipe tenta carregar a Cabra.*) Você me ajuda?

MARIA A gente pode enterrar a Cabra ali no meio daquelas pedras. É um lugar bonito.

PRINCÊS É. A Cabra Montês gostava muito de pedras. Ela se equilibrava nas pedras pontudas e não caía.

Os dois saem carregando a Cabra Montês. Aparecem Zazá e Zezé.

ZEZÉ Pois foi, Zazá.

ZAZÁ Não gosto nem de saber.

ZEZÉ Ô rapaz de cabeça dura é aquele!

ZAZÁ Cabeça dura por que, Zezé?

ZEZÉ Cabeça danadinha de dura!

ZAZÁ Por que, Zezé?

ZEZÉ Ele já conhecia a Beleza, mas não via. Por isso não sabia.

ZAZÁ E era, Zezé?!

ZEZÉ Ele conhecia a Dor mas não sentia. Por isso não sabia.

ZAZÁ Ai! Ai! Ai!

ZEZÉ O que foi, Zazá?

ZAZÁ Lá vem ele! Vou embora! Vou embora! *(Desaparece.)*

ZEZÉ Coitado! Vem tão triste... tão tristonho! *(Zezé desaparece.)*

O REGRESSO

MARIA Foi assim que tudo aconteceu? Sua história é muito triste!

PRINCÊS Agora... quero voltar para a casa da minha mãe.

MARIA E o Amor? Você não vai conhecer o amor?

PRINCÊS Fiquei cansado. Lá em casa era tão bom! Eu vivia alegre... até o dia em que inventei de procurar meu nome.

MARIA Então volta. Quando você chegar lá talvez você fica alegre de novo.

PRINCÊS Até outro dia. Você me ajudou muito. Adeus. *(Tenta partir. Hesita. Volta.)* Eu não sei. Não sei mais o caminho de volta. Aquele caçador levou meu fio, a minha estrada. Não sei mais onde fica minha casa.

- MARIA É longe daqui?
- PRINCÊS Não sei. Vou ter de procurar. Será que eu acerto? Já andei tanto... por tantos lugares! Já fui e já voltei tantas vezes que não sei mais onde estou.
- MARIA Vou te fazer uma pergunta. Posso fazer? Por que você fala comigo sem olhar pra mim? (*O Príncipe se surpreende.*) Você sabe qual é a cor dos meus olhos?
- PRINCÊS Pretos.
- MARIA Errou.
- PRINCÊS Não são pretos? Estava escuro. Não vi direito.
- MARIA Olha. (*Príncipe acende a lamparina e olha os olhos de Maria.*)
- PRINCÊS Eu sou um louco! São castanhos...² da cor de um raio de sol.
- MARIA E atrás?
- PRINCÊS Atrás de quê?
- MARIA Atrás... lá no fundo dos olhos... o que é que você enxerga?
- PRINCÊS Nada. A gente não pode enxergar a fundura dos olhos.
- MARIA Repara direito. Tenta enxergar.
- PRINCÊS Nada. Espera. Espera um pouco. Será possível?!

² Ou de acordo com a cor dos olhos da atriz: “azuis... da cor de um pedaço de céu!”, “verdes... da cor do milho!”, “pretos... da cor da escuridão!”

MARIA O que é?

PRINCÊS Sou eu. Eu! Eu... lá... lá no fundo.

MARIA Meu nome é Maria.

PRINCÊS Sou eu. Meu nome é Príncês. Eu sei que sou eu... lá no fundo.

MARIA Príncês!

PRINCÊS O quê? Que conversa é essa de Príncês?

MARIA Foi você. Você falou que seu nome é Príncês. É um nome tão lindo! Não conhecia nenhum Príncês. Acho que só tem você com esse nome. É como se você fosse o filho de Reis.

PRINCÊS É bonito? O nome Príncês é bonito?

MARIA É até mais do que bonito. Quando eu era pequena, minha mãe me contava uma história que tinha um Príncês. Nos dias de baile na Corte... na hora do Príncês aparecer, vinha o anunciador com um bastão assim e batia três vezes no chão e falava bem alto: Sua Alteza Real, o Príncês! E o Príncês entrava e, lá dentro, ele levantava assim a vista e enxergava a Princesa que ele amava.

PRINCÊS É. É isso mesmo. Meu nome é Príncês! Ah! Eu quero dizer pra todo mundo que meu nome é Príncês. Céu... olha pra mim, Céu... escuta: o meu nome é Príncês! Chão, pedra, terra, árvore, rio... todos vocês, escutem: o meu nome é Príncês. Eu conheço a Beleza e conheço a Dor... mas já achei o meu nome e nem foi preciso conhecer o Amor.

*Maria retira de dentro do decote de seu vestido um
paninho vermelho e o entrega ao Príncipe.*

MARIA Toma.

PRINCÊS O que é isso?

MARIA Toma. Fica com ele. É um presente.

*O Príncipe recebe e, antes de olhar, vê a Mãe Catinha
que vem entrando.*

CATINHA É tão escuro! Alguém por aí que me alumine o
caminho?

PRINCÊS Será que é ela? Será que meus olhos não estão me
enganando?

CATINHA Alguém por aí que me alumie a escuridão? (*O Príncipe
se aproxima com a lanterna.*) Pronto. Vejo um
clarãozinho de luz. Seja feliz pela vida esse que
me alumina o caminho.

PRINCÊS Meu Deus! É ela. Olha, Maria. É a Mãe Catinha.
Repara a mão dela... como tem os dedos colados.

CATINHA Quem é esse peregrino que me ajuda e já reparou
na minha mão?

PRINCÊS Ah, minha senhora gentil e formosa dama! Eu sou
um alguém que sabe uma história.

CATINHA Ih, como eu gosto de história! E qual história será
essa que sabe o senhor cavalheiro? Pode o senhor
me contar?

PRINCÊS É a história da Casinha de Bambuê... coberta de
Bambuá. Quer que eu conte?

- CATINHA *(feliz)* Conte. Conte.
- PRINCÊS Contarei. Quer que eu conte?
- CATINHA Conte. Conte, senhor cavalheiro.
- PRINCÊS Contarei. Era uma vez uma Casinha de Bambuê, coberta de bambuá. Quer que eu conte? Contarei. Quer que eu conte?
- CATINHA E pois não é o meu Princês, filho da Neusa e do Bembém!
- PRINCÊS Sim. Sou eu, minha querida mocinha dos cabelos cor de lua!
- CATINHA Eu queria ver seu rosto, meu Princês, mas não enxergo mais. Será que você ficou diferente?
- PRINCÊS Fiquei sim. Fiquei muito diferente.
- CATINHA Eu compreendo. É como uma plantinha que vai crescendo e aí fica bem grande e bem forte. Quando chove, ela se molha toda e a gente pensa que ela está triste... mas não está, não. As folhinhas ficam brilhando, molhadas de chuva... depois quando faz sol, ela se balança ao vento e as folhas ficam felizes e alegres.
- PRINCÊS E as esteiras? Você tem muitas esteiras? Eu vou voltar a vender suas esteiras lá na feira.
- CATINHA Não, meu Princês. Não tenho esteira mais, não. Eu não enxergo mais a palha.
- PRINCÊS E o que é que você faz por aqui... sozinha?
- CATINHA Agora é assim... eu ando pelo mundo.

- PRINCÊS Pois venha comigo que vou levar você pra casa.
- CATINHA Não. Não pode mais. Choveu muito. O rio encheu e foi subindo e subindo... e carregou a minha casa. Minha casa foi-se embora correndo na correnteza do rio.
- PRINCÊS Então você vem comigo. Eu encontro o caminho e você mora com a gente, na minha casa, com a minha mãe.
- CATINHA Não, meu Príncês. Você não pode.
- PRINCÊS Não posso?
- CATINHA O rio levou sua casa também.
- PRINCÊS Levou minha casa? E a minha mãe?
- CATINHA Ela não quis sair. Ela disse que estava esperando você voltar e por isso não podia sair de casa. Ela foi-se embora pelo rio.
- PRINCÊS Oh! E agora?
- CATINHA Você faz outra casa pra você.
- PRINCÊS Uma casa! Pra mim?
- CATINHA Eu conheço esta terra. Ela é minha. Príncês, meu Príncês... aqui você pode fazer uma casa. Venha cá... me dê a sua mão. (*O Príncês lhe estende a mão onde está o paninho.*) O que é isto que estava na sua mão?
- PRINCÊS Isso aí? Não sei. Ainda não tinha olhado. Foi a Maria que me deu.

CATINHA Você ganhou e nem reparou? Olhe.

O Príncipe retoma e abre. É um coração de veludo.

PRINCÊS Será? Será que é mesmo? Maria... você me deu seu coração?

MARIA Pois foi. Quando conheci você, eu senti que gostava de você. Queria entregar meu coração a uma pessoa que eu amasse. E entreguei.

PRINCÊS Você gosta de mim?

MARIA Tenho grande amor por você.

PRINCÊS Amor! Como é o Amor?

CATINHA Olhe pra ela, meu Príncipe. Me diga como é que ela é.

PRINCÊS Ah! Ela parece um pé-de-pau. Parece um pé de carnaúba. Tem os olhos da cor de não sei quê. O nariz parece um mamãozinho e as mãos... quando toco nas mãos dela... são tão macias... parece couro de lagartixa. Ela tem um jeito assim de música de bandolim.

CATINHA E você gosta do toque de bandolim?

PRINCÊS Muito. E gosto de mamãozinho e gosto de lagartixa... e gosto dela. Gosto da Maria com um amor muito grande. Ela vai me ajudar... não me ajuda, Maria, a construir uma casa, aqui dentro deste roçado?

MARIA Ajudo, sim. A gente pode morar aqui... porque eu gosto de você e porque você gosta de mim.

PRINCÊS E a Mãe Catinha... fica morando com a gente, minha querida Torquatinha, Torquata do meu amor! Amor... amar... amada... tudo hoje eu olho e vejo que amo. Aqui, bem aqui será a casa da gente.

MARIA E todos os dias você trabalha na terra, plantando e colhendo.

PRINCÊS E você aprende a fazer esteiras. A Mana Catinha ensina você a fazer esteiras.

MARIA Eu sei tecer. A minha mãe me ensinou a fazer rede... e um dia eu fico fiando e fazendo rede e outro dia eu faço esteira.

PRINCÊS Você sabe fiar?! Você senta no chão e segura o fio nas mãos... e fica olhando o fio para o fio não se perder. Você será a mãe do fio... a senhora Dona do fio.

CATINHA E qualquer dia... pode até ser que você veja uma casinha branca no meio do rio, aí o meu Príncipe olha e diz:

PRINCÊS Vejam! É a casinha da minha mãe que está voltando!

CATINHA Pode até ser que nem seja... mas a gente faz de conta que é.

Os três juntam-se abraçados. Aparecem Zazá e Zezé.

ZAZÁ É tão lindo o Príncipe!

ZEZÉ Mas Zazá... você não tinha medo dele?

ZAZÁ Não tenho mais... ele agora tem nome. Ele é o Príncipe!

ZEZÉ Príncipe? Que Príncipe?

ZAZÁ Príncês do Piauí!

ZEZÉ Onde é o Piauí, Zazá?

ZAZÁ Perto do mar.

ZEZÉ Que mar?

ZAZÁ O mar de sal.

ZEZÉ Que sal?

ZAZÁ O sal da terra.

ZEZÉ Qual terra?

ZAZÁ A terra dos homens.

ZEZÉ Que homem?

ZAZÁ Que mora na sua casa.

ZEZÉ Que casa?

ZAZÁ A Casinha de Bambuê.

ZEZÉ Zazá! A Casinha de Bambuê coberta de Bambuá?

ZAZÁ Quer que eu conte?

ZEZÉ Contarei.

ZAZÁ Não, senhora. Quem conta sou eu. Quer que eu conte?

ZEZÉ Conte. Conte.

ZAZÁ Era uma vez... uma Casinha de Bambuê... coberta de Bambuá... quer que eu conte? Contarei. Quer que eu conte? Contarei.

Vai escurecendo, escurecendo... e termina O Príncipe do Piauí.

Rio, 1978



O REI DESEJADO

Dedicada a Ana Luísa de Lira Vaz,
Lúcia Abreu e Euda Brasil.

Esta peça, ainda não encenada, é uma viagem livre e cantarolada pelo universo mítico de Dom Sebastião, Rei de Portugal que teve a sina de guerrear contra os mouros no deserto do Marrocos.

Personagens

Humanos

O CONSELHEIRO

O VELHO REI DOENTE

LEANDRO

DAMÁSIO

ALONSO

JOAQUIM

MARIA

BERNARDA

QUITÉRIA

CARLOTA

O TROVADOR

A RAINHA

EL-REI DOM SEBASTIÃO

O PRÍNCIPE INFANTE

AS PASTORINHAS

Bonecos

ALFENIM

ALMEIRIM

DONA FILIPA

DONA LEONOR

DONA CATARINA

Fantásticos

A SOMBRA DO MEDO

O ECO

AS FILHAS DO ECO

O COMETA

Em forma de pastoril, o espetáculo é quase sempre cantado e dançado, salvo a sequência em que El-Rei aventura-se noite adentro.

CONSELHEIRO Meu nobre senhor e meu Rei, preciso dizer que as coisas não vão bem. Não andam nada bem. O país inteiro sofre ainda a morte de seu filho, o Príncipe. Tu já estás tão velho, meu senhor... e não temos herdeiro. Se tu morres, de repente (que Deus nos livre!)... é verdade que estamos esperando teu neto, é verdade. É a única esperança do nosso povo. Mas enquanto isso, meu Rei, o povo sofre. O povo sofre muito! Precisamos voltar a ser o Reino que sempre fomos: o Reino das Caravelas! O Reino das Descobertas! O Reino dos Grandes Reinos!

O Conselheiro desaparece. Num telão para bonecos aparece Alfenim, cantando.

ALFENIM Vamos cantar
história imperial...
quando um Bravo Rei
nasceu em Portugal. (*Aparece Almeirim.*)

ALMEIRIM Alfenim.

ALFENIM Pois não, Almeirim.

ALMEIRIM Você estava cantando, Alfenim?

ALFENIM É. Estava cantando, sim, senhor. Por quê?

ALMEIRIM Porque eu quero também cantar.

ALFENIM Pois cante, Almeirim.

ALMEIRIM Vamos cantar
história sinceramente...

quando um Belo Rei
sumiu lá no Oriente.

ALFENIM Foi o Rei Dom Sebastião.

ALMEIRIM Filho e neto de Dom João.

ALFENIM Salve o Rei Dom Sebastião!

ALMEIRIM Pequeno herói da nação.

ALFENIM Bravo Rei Dom Sebastião!
Desejado de coração!

*Ilumina-se o palco por onde os Pastores passam, tristes.
Um deles toca flauta e outros carregam carneirinhos.*

LEANDRO Vamos nós, tristes pastores, por esses campos e
montes, conduzindo carneirinhos pra beber água
nas fontes.

*Cruzam com as Lavadeiras, também tristes, carregando
trouxas de roupa.*

MARIA Pobres de nós, lavadeiras! Lavadeiras de Portugal.
Lavamos tanta tristeza, tantas dores, tanto mal!

Saem todos enquanto entra o Trovador, cantando.

TROVADOR Vejo uma Estrela no Céu.
No Céu, uma Estrela eu vi.
Nas cinco pontas da Estrela,
mensagem de luz eu li.
Me escute quem escutar.
Não diga que não contei:
a Estrela me segredou
e tudo revelarei.

Retornam Pastores e Lavadeiras para ouvi-lo.

PASTORES Trovador
que trova trovas,
que trova tens pra cantar?
Canta trovas de alegria.
Não aumentes meu penar.

TROVADOR Pastores, belos pastores
desses montes tão sofridos,
escutai as novas trovas...
preparai vossos ouvidos.

LAVANDEIRAS Trovador
que trovas trova,
novas trovas vais cantar?
Canta trovas de alegria.
Não me deixes mais chorar.

TROVADOR Não são trovas de tristeza
nem trovas de sofrimento.
Minhas belas lavadeiras,
são trovas de encantamento.

DAMÁSIO Há tantos anos te escuto por esses campos e
montes... mas são trovas de tristeza... sempre trovas
de tristeza!

ALONSO Hoje, por nossos campos e campinas, encontramos
poucos frutos pra colher.

JOAQUIM O rebanho de carneiros parece triste e sofrido e já
nos dá pouca lã.

MARIA Fiquemos para ouvir o trovador. Podem ser
trovas felizes.

BERNARDA Não podemos. E o ribeirão?

- QUITÉRIA Ah... o ribeirão espera.
- CARLOTA Toda manhã, nós descemos pra lavar no ribeirão.
Hoje o ribeirão espera.
- MARIA Um pouquinho. Só um pouquinho.
- BERNARDA Pois que espere o ribeirão, que agora vamos ouvir
o que canta o trovador.
- LAVANDEIRAS (*cantam*)
Ó pastor, ó pastorinho!
Dá licença pra sentar
pra escutar o trovador
nas trovas que vai trovar.
- PASTORES Senta, senta, lavandeira,
pois não pagas pra sentar.
Que sejam trovas felizes
que o trovador trovará. (*Todos se acomodam.*)
- TROVADOR Ó, Musa minha, dai-me licença,
dai-me licença
pra cantar
a mais bela profecia
que eu preciso revelar.
- PASTORES e Revele.
LAVANDEIRAS Revele.
Revele já-já.
- TROVADOR Nobre Poeta, senhor das Musas,
em vosso nome
quero cantar:
vai brilhar um Belo Dia
e a tristeza vai findar.

PASTORES e Que brilhe.
LAVANDEIRAS Que brilhe.
 Que brilhe já-já.

TROVADOR Manhã tão clara, dia de Sol!
 Um Grande Rei
 virá reinar.
 Os campos darão mais frutos
 para o Rei que vai chegar.

PASTORES e Que venha.
LAVANDEIRAS Que venha.
 Que venha já-já.

MARIA Ai, como eu desejo que ele venha!

DAMÁSIO Bela notícia nos traz este gentil trovador!

BERNARDA Como podes confirmar essa notícia que cantas?

JOAQUIM Acredito no trovador e em tudo que ele canta.

BERNARDA Pois, cá comigo, preciso de mais confirmação.

LEANDRO Pois, cá comigo, o que eu desejo é que seja um Rei
 como jamais houve igual.

QUITÉRIA Como jamais haverá!

MARIA Desejo um Rei bondoso e guerreiro que aumente o
 Poder do nosso povo.

ALONSO Brilhante como a Estrela mais brilhante!

CARLOTA Brilhante será!

LEANDRO Ai, que Rei mais Desejado, o Rei que virá!

- MARIA Nunca vi um Rei assim tão Desejado!
- DAMÁSIO Vai, trovador, canta mais como será o nosso Rei.
- BERNARDA Vivemos nós tão tristes que só mesmo as tuas trovas podem nos dar Esperança.
- QUITÉRIA Canta, canta... trovador.
- TROVADOR Para ajudar nosso Rei,
fiquemos de olho aberto.
Pelas águas do Oceano
conquistará o Deserto.
- QUITÉRIA Conquistará o Deserto!?
- LEANDRO Desejo um Rei que reconquiste o Deserto!
- DAMÁSIO Ah, eu quero ir com ele reconquistar o Deserto!
- TROVADOR Mais de mil velas no Mar..
Muita alegria na Terra
festejando o Belo Rei,
senhor de todas as serras!
- MARIA Desejo um Rei que tenha os olhos da cor dos olhos do meu filho!
- QUITÉRIA Não, senhora. Os olhos do Rei serão da cor dos olhos do meu filho.
- BERNARDA Já começo a desejar que venha esse Rei e acabe com tanta tristeza.
- PASTORES Que venha.
Que venha.
Que venha já-já.

- DAMÁSIO Desejo um Rei que fale com a gente, que respeite os pobres e que seja mesmo o Rei dos Pobres!
- QUITÉRIA Desejo um Rei que saiba governar!
- ALONSO E o meu desejo é que seja um Rei que venha por entre os montes e que brilhe como um pingo d'água.
- LAVANDEIRAS Que brilhe.
Que brilhe.
Que brilhe já-já.
- TROVADOR Eu agora me despeço.
Sigo pra outro lugar.
A chegada desse Rei quero a todos revelar.
- TODOS Revele.
Revele.
Revele já-já.
Que venha.
Que venha.
Que venha já-já. (*Sai o Trovador.*)
- BERNARDA Vamos indo, lavadeiras... lavadeiras de Portugal.
Vamos lavar os cueiros desse Rei Imperial.
- DAMÁSIO Vamos, nós, ó pastorinhos dos montes de Portugal.
Vamos cevar um carneiro para o Rei Imperial.
- TODOS Que venha.
Que venha.
Que venha já-já.

Saem, enquanto, no telão dos bonecos, aparecem Dona Filipa, Dona Leonor e Dona Catarina. Elas entram e saem e sobem e descem e tornam a surgir e a sumir, apressadíssimas.

FILIPA Corra, Dona Leonor, e traga um balde d'água que vai nascer o Desejado.

LEONOR O Desejado?! Um balde d'água?

CATARINA Corra, Dona Filipa, e apanhe os cueiros que vai nascer o Desejado.

LEONOR Olhe o balde d'água, Dona Filipa, e corra, Dona Catarina, que vai nascer o Desejado.

FILIPA Corra, Dona Leonor, que vai nascer o Desejado.

CATARINA Os paninhos, Dona Filipa.

LEONOR Os cueiros, Dona Catarina.

FILIPA Água, água, Dona Leonor.

CATARINA Vai nascer o Desejado.

LEONOR Corre-corre... corre-corre...

FILIPA Vai nascer o Desejado!

CATARINA Corre-corre... corre-corre...

Entram todos os atores em festa. Uma atriz tem o neném nos braços.

TODOS Nasceu!

FILIPA Deixa ver. Deixa ver.

ATOR 1 É a cara do pai!

LEONOR Mostra. Mostra.

ATRIZ 1 Tão bochechudinho!

CATARINA Bochechudinho? Quero ver. Quero ver.

ATOR 2 Olhos azuis... azuis!

FILIPA Quero olhar. Quero olhar.

ATRIZ 2 Repara só o pintinho dele.

LEONOR O pintinho d'El-Rei?

FILIPA Deixa ver. Deixa ver.

ATOR 1 É o meu Rei Desejado!

CATARINA Me dá. Me dá. Me dá.

Bonecos desaparecem. Atores cantam e dançam.

TODOS Nasceu em Portugal,
nasceu o Rei de priscas eras.
Palmas, palmas, palmas
ao Rei de priscas eras.

Aparece o Conselheiro com o Velho Rei Doente.

CONSELHEIRO Ainda bem, meu Rei, que não poderia encontrar um nome melhor para o seu neto. Sebastião! Agora, finalmente, temos um herdeiro. E nenhum outro Rei jamais nasceu no dia de São Sebastião. Nenhum outro Rei do mundo teve o nome de Sebastião.

TODOS É Dom Sebastião!
É Dom...
o Rei de priscas eras.
Vira, vira, vira
ao Rei de priscas eras.

CONSELHEIRO Agora, podes morrer em paz. Morre. Morre tranquilo e sereno porque Dom Sebastião será muito bem educado... e será o maior Rei de Portugal. Um dia, ele irá reconquistar o Deserto! Morre, meu senhor, morre. Ah, morreu. Dorme em paz, meu senhor... dorme em paz.

TODOS Cresceu em Portugal,
cresceu o Rei de priscas eras.
Palmas, palmas, palmas
ao Rei de priscas eras.

CONSELHEIRO Agora, me calo, porque aí vem a poderosa... a vovó de Dom Sebastião.

Entra a Rainha, peitos e bunda postiços.

RAINHA Senhor Conselheiro, quem são aqueles moleques que avistei ali fora me chamando de Vovó? Ora, ora, vovó! Vovó é a vó deles. Mas me diga, senhor Conselheiro, por onde anda El-Rei Dom Sebastião, o senhor meu neto?

CONSELHEIRO E quem sabe, senhora Rainha? O menino foge. O menino não para.

RAINHA Como quem sabe? O senhor tem de saber, que é o responsável pela educação do rapaz. Só porque o menino não tem pai, pensa que o menino é solto no mundo? Não é, não, senhor. Vai ver que anda passeando, brincando, saltando. Imagine só, o meu neto, o futuro Rei de Portugal, passeando, brincando e saltando! Tinha graça!

CONSELHEIRO Dom Sebastião precisa brincar. Faz bem à saúde das crianças.

RAINHA Não. O que meu neto precisa aprender é a governar.

CONSELHEIRO Dom Sebastião gosta muito de brincar. É nas brincadeiras que ele aprende muitas coisas.

RAINHA Tinha graça! O que o meu neto precisa é aprender a batalhar e guerrear.

CONSELHEIRO É um menino, minha senhora; apenas um menino. Dom Sebastião gosta de saltar, pular muro, subir em árvore.

RAINHA Não! Meu neto precisa se educar. Cadê, cadê o livro?

CONSELHEIRO Que livro que a senhora quer?

RAINHA Quero o Livro de Regras da Educação de Dom Sebastião. Ou você acha que o meu neto não tem um livro de regras? Que me tragam o Livro de Regras.

Entra um ator com um enorme livro.

CONSELHEIRO Pronto. Cá está.

RAINHA Abra.

CONSELHEIRO Que página?

RAINHA Página primeira. Primeira Regra.

CONSELHEIRO (*lendo*) Dom Sebastião tem de aprender a andar a cavalo.

RAINHA Ah! El-Rei será um exímio cavaleiro.

CONSELHEIRO Dom Sebastião tem de aprender a domar cavalos selvagens.

RAINHA É tão elegante! Tão moderno! Um Rei que seja domador de cavalos! Segunda Regra.

CONSELHEIRO Dom Sebastião tem de aprender a navegar.

RAINHA Navegar! É tão chique! Todos os avós e bisavós e tios do meu neto... todos navegaram. O Tio Henrique, então! Ah, você lembra, Conselheiro, como Tio Henrique adorava navegar? No meio das ondas... no mar encrespado... olhe que o Tio Henrique navegou até no mar tenebroso! Somos uma família de excelentes navegadores... e Dom Sebastião não há de ficar atrás.

CONSELHEIRO Dom Sebastião deve aprender a lutar espada.

RAINHA Um espadachim! Sublime! Olhe, senhor Conselheiro, o meu neto precisa ser um espadachim melhor do que todos os espadachins da Espanha. E, quando crescer, Dom Sebastião há de reconquistar o Deserto!

CONSELHEIRO Senhora Rainha... o deserto é um mar de areia e muito misterioso!

RAINHA Meu neto será dominador de todos os mares.

CONSELHEIRO O deserto é um mar cheio de ondas... ondas de areia!

RAINHA Conquistador de um mar de areia!

CONSELHEIRO Um mar profundo!

RAINHA Chega! Pouco interessa o que seja o Deserto... porque o Deserto é apenas o lugar que o meu neto irá reconquistar. E, para isto, tem de aprender a guerrear.

CONSELHEIRO Primeiro, é preciso aprender a ser homem.

RAINHA Não, senhor Conselheiro. Primeiro, aprende a ser Rei. Depois, se quiser, aprende a ser homem.

Saem. Entram Pastores e Lavadeiras cantando e dançando.

TODOS Precisa isso.
Precisa aquilo.
Brincar, não pode.
El-Rei não pode.
Precisa isso.
Precisa aquilo.
Saltar, não pode.
El-Rei não pode.
El-Rei não pode.

LAVANDEIRAS E o que é que pode?

PASTORES Aprender a governar, ora essa.

LAVANDEIRAS E o que é que pode?

PASTORES Aprender a navegar, ora essa.

LAVANDEIRAS E o que é que pode?

PASTORES Aprender a batalhar, ora essa.

TODOS Precisa isso.
Precisa aquilo.
Brincar, não pode.
El-Rei não pode.
Precisa isso.
Precisa aquilo.
Saltar, não pode.
El-Rei não pode.
El-Rei não pode.

LEANDRO E assim El-Rei cresceu!

MARIA Aprendeu navegação.

DAMÁSIO Aprendeu a domar cavalos.

BERNARDA Pois se deu que El-Rei cresceu!

ALONSO E aprendeu a ser Rei?

QUITÉRIA Ora, ora! Aprendeu a ser homem.

MARIA Conta. Conta. Conta. Como foi que Dom Sebastião aprendeu a ser homem?

LEANDRO Enganou a Corte inteira. Enganou a Corte inteirinha!

JOAQUIM Conta. Conta. Conta. Como foi que Dom Sebastião enganou a Corte inteira e aprendeu a ser homem?

CARLOTA Ora, ora... Dom Sebastião descobriu que a Corte só pensa nela mesma. Muito luxo... muita riqueza... aí, então, o Rei preferiu viver como se fosse pobre.

Entram a Rainha e o Conselheiro.

RAINHA Senhor Conselheiro, por onde anda El-Rei Dom Sebastião?

CONSELHEIRO Falando com os pobres... senhora Rainha.

RAINHA Com os pobres? Meu neto, que é Rei, anda falando com os pobres?

CONSELHEIRO Falando com pastores e lavadeiras... alfaiates e sapateiros...

RAINHA Oh, é demais!

CONSELHEIRO Come na casa de um...

RAINHA Ah!

CONSELHEIRO Dorme na casa de outro.

RAINHA Oh!

CONSELHEIRO E passou o Além-Tejo e chegou até o Algarve.

RAINHA Que absurdo! Meu neto, que é Rei, misturado aos pobres do Algarve!

Rainha e Conselheiro saem. Pastores e Lavadeiras cantam e dançam.

TODOS Dom Sebastião
já desceu ao Além-Tejo.
Pro Algarve viajou.
Foi conhecer o Além-Tejo,
Faro, Tavira e Alvor.
Dom Sebastião
já desceu ao Além-Tejo.
No Algarve já chegou.
Viu pastores no Além-Tejo;
lavadeiras, no Alvor.
Lá vem El-Rei.
Lá vem, lá vem.
Lá vem El-Rei Sebastião.
Traz espada na cintura
e uma estrela em cada mão.
Traz um cão pela coleira,
espingarda de latão.
Lá vem El-Rei.
Lá vem, lá vem.
Lá vem El-Rei Sebastião.
Dança o vira direitinho:
volta e meia no salão.

Entra Dom Sebastião dançando, amontado em seu cavalinho branco. Mais parece um caçador que um Rei. Traz consigo o cachorro Doroteu.

Vá entrando, meu Reizinho.
El-Rei Dom Sebastião.
Diga um verso bem bonito
e me dê seu coração.

SEBASTIÃO Meu coração é do povo.
Já não posso dar mais, não.
Dou bom-dia aos companheiros,
boa-tarde ao cidadão.

TODOS El-Rei Dom Sebastião,
boa-vinda, meu Reizim.
Diga um verso bem bonito
e me dê seu espadim.

SEBASTIÃO Meu espadim é do povo.
Já não posso dar mais, não.
Dou um beijo nas mocinhas.
Um abraço ao cidadão.

TODOS El-Rei Dom Sebastião,
faça mais um favorzim:
outro verso bem bonito
e me dê seu cavalim.

SEBASTIÃO Meu cavalo é do povo.
Já não posso dar mais, não.
Deixo Paz, Felicidade,
muito Amor e Compaixão.

Cessam canto e dança. Todos cumprimentam El-Rei.

ALONSO El-Rei fez boa viagem?

SEBASTIÃO Que boa viagem que fiz! Encontrei pelo caminho todo o meu povo trabalhando pelos campos.

DAMÁSIO E El-Rei gostou de ver os belos campos?

SEBASTIÃO Que belos campos que são! Desci colinas e vales; subi montanhas e montes. E vosmecês, companheiros, quem são?

PASTORES (*cantam*)
Somos os belos pastores
de uma aldeia por Trás-os-Montes.
Por Trás-os-Montes.
Flauteando por entre as flores
vamos indo rumo à fonte.
Eh, rumo à fonte.

Vamos indo rumo à fonte...
Carneirinhos comendo flores,
comendo flores.
Desta aldeia por Trá-os-Montes
somos os belos pastores.
Belos pastores!

Flauta-flautim.
Mé-mé-mé-mé,
meu carneirim.
Mé-mé-mé-mé,
fiolim-fiolim,
o meu flautim.

El-Rei aplaude.

SEBASTIÃO Ah, são os jovens pastores! Eu bem que sabia que, vindo ao Algarve, encontraria os jovens pastores.

QUITÉRIA El-Rei está tão perfumoso! Que perfumes serão esses?

SEBASTIÃO Cheirosos perfumes que por aqui achei: das ervas, das flores, do campo e do gado.

CARLOTA El-Rei conhece assim tão bem os nossos campos?

SEBASTIÃO Que altivos campos que são! Vi borboletas e passarinhos. Vi lagartixas e caracóis. E vocês, formosas donzelas, quem são?

LAVANDEIRAS *(cantam)*
Somos lindas lavadoras
batendo roupa ao pé da fonte.
Ao pé da fonte.
Lenço, colcha, avental, ceroulas
desta aldeia por Trás-os-Montes.
Por Trás-os-Montes.

Vamos indo por Trás-os-Montes
levando avental, ceroulas.
Avental, ceroulas
bem lavadas ao pé do monte.
Somos lindas lavadoras.
Eh, lavadoras!

Roupa de cor
tã-tã-tã-tã
no lavador.
Tã-tã-tã-tã
borô-borô
no lavador.

El-Rei aplaude.

SEBASTIÃO Viste bem, Doroteu? São as lindas lavadoras. Eu bem que sabia que, vindo ao Algarve, encontraria as lindas lavadoras. Mas... digam-me cá um pequeno detalhe: lavadoras ou lavandeiras?

- LEANDRO Lavadeiras, Dom El-Rei. É que elas queriam falar difícil.
- MARIA Só para agradar.
- SEBASTIÃO Para agradar? E precisa?
- BERNARDA Vosmecê é Dom El-Rei. El-Rei Dom Sebastião!
- SEBASTIÃO Mas quero ser como vocês. Andar como vocês e falar como vocês.
- QUITÉRIA Dizendo bobagem, Dom El-Rei!
- BERNARDA Que é isso, colega? Falando que Dom Sebastião fala bobagem!
- SEBASTIÃO Deixa. Deixa. Comigo, podem falar o que bem quiserem. Só não precisa é falarem difícil. Para falar a verdade, eu gosto mais de vocês do que da Corte inteirinha.
- PASTORES Bravo! Mui bravo ao Dom-Rei!
- SEBASTIÃO Por mim, eu morava nos campos. Mas governar o Reino exige que eu fique na Corte. Sobretudo eu, que vou reconquistar o Deserto.
- LAVANDEIRAS Viva! Que viva Dom- Rei!
- CARLOTA Dom Sebastião conhece o ABC do Agá?
- SEBASTIÃO Ora, o ABC do Agá! Não. Não conheço, lavadeira. Nunca ouvi falar do ABC do Agá.
- MARIA Se vosmecê quiser aprender...

SEBASTIÃO Quero. Quero, sim. Por favor, me ensinem o ABC do Agá.

BERNARDA Pois olhe. É um passinho que vai lá e que vem cá e a roda vai se formando no ABC do Agá.

Arma-se a dança; começa o canto, um calango bem mineiro. El-Rei, aos poucos, aprende letra, música e passo.

TODOS Venha aqui. Entre na roda.
Quem quiser venha dançar:
eu ensino e vou cantando
o ABC do Agá.

LEANDRO É um passo bem ligeiro
que vai lá e que vem cá.
Plena selva, eu encontrei
um tatu-tamanduá.
Parecia assombração.
Tive medo, não fui lá.
Me escondi por trás do muro,
no barranco do preá.
Retornei, depois eu fui.
Se quiser, então que vá.
Onde tem assombração,
eu não boto o pé por lá.
Fico em casa soletrando
meu ABC do Agá.

TODOS Venha aqui. Entre na roda.
Quem quiser, venha dançar:
eu ensino e vou cantando
o ABC do Agá.

MARIA Pendurei o meu vestido
na porteira do solar.
Quando deu a meia-noite

eu voltei para apanhar.
 Encontrei assombração
 me dizendo “o que é que há?”
 Reparei nos olhos dela,
 respondi “vá-se pra lá,
 de você não tenho medo
 que o vestido vim buscar”.
 Dei três pulos, meia-volta,
 volta e meia ela quis dar.
 E de lá saí cantando
 meu ABC do Agá.

TODOS Venha aqui. Entre na roda.
 Quem quiser, venha dançar:
 eu ensino e vou cantando
 o ABC do Agá.

SEBASTIÃO Os pastores desta aldeia
 me puseram pra cantar.
 Fui no mato, rachei lenha,
 veio a chuva atrapalhar.
 No chuvisco, não me molho:
 tem o fogo pra apagar.
 Cada chama virou cinza
 me queimando o polegar.
 Atirei terra no fogo,
 não sobrou ninguém por lá.
 Aprendi. Vou ensinando.
 Posso até desafiar:
 quem quiser que tome parte
 no ABC do Agá. *(risos e cortesias)*

Nesse tal de ABC, eu até me esqueci das horas.
 Olhem só como escureceu!

CARLOTA Isso de escurecer, aqui, é coisa depressa.

- SEBASTIÃO Preciso dormir cedo porque amanhã ainda vou prosseguir viagem.
- JOAQUIM El-Rei bem que podia dormir em minha casa.
- QUITÉRIA Deixa disso, Joaquim. Dom Sebastião vai dormir mas é em minha casa. Tenho lençóis bem lavados...
- ALONSO Em minha casa, senhor.
- BERNARDA Por favor, seu Dom-Rei.
- Cria-se um pequeno tumulto, todos puxando El-Rei. Percebem e se afastam, desconcertados.*
- SEBASTIÃO Meu desejo é ficar junto a todos, mas não posso. Vamos fazer o seguinte: bebo água na casa de um.
- PASTORES Na minha. Na minha.
- SEBASTIÃO E janto na casa de outro.
- LAVANDEIRAS Na minha. Na minha.
- SEBASTIÃO Faço pipi na casa de um...
- PASTORES Na delas. Na delas.
- SEBASTIÃO Faço pom-pom na casa de outro.
- LAVANDEIRAS Na deles. Na deles.
- SEBASTIÃO Agora, peço licença, porque, antes de comer e beber... antes de dormir e acordar, quero dar um passeio. Quero ir ao pontal, na beira do mar.
- PASTORES No meio da noite?!

LAVANDEIRAS Na beira do mar?!

SEBASTIÃO É. O meio da noite é bom para passear e pensar num desejo. Boa-noite!

TODOS Boa-noite, Rei Desejado!

Saem Pastores e Lavadeiras. Sebastião saca a espada.

SEBASTIÃO Aqui estou. Dom Sebastião, o Rei Desejado! Eu e meu cachorro. Você está bem, Doroteu? Ah! Vim conhecer os campos e a gente da minha terra. É a primeira etapa da minha Missão. O que é, Doroteu? Fala. Não quer falar? Olho o Céu... são tantas estrelas! Qual delas? Será que você sabe, Doroteu, qual é a Estrela que cuida de mim? Ahn? Diz no meu ouvido. Não sabe? Noite, noite! Noite escura! Você está com medo, Doroteu? Eu não posso ter medo. Vamos andar. Precisamos ir ao Pontal. Foi no Pontal que viveu o meu tio-bisavô, o Infante Dom Henrique, aprendendo navegação. Vamos, Doroteu. Não vem? Está com medo, Doroteu?

Aparecem Alfenim e Almeirim.

ALFENIM Dom Sebastião!

SEBASTIÃO Quem falou? Você falou, Doroteu? Não? Então, quem foi?

ALMEIRIM Dom Sebastião!

SEBASTIÃO Quem é? Quem é? Se for você, Doroteu... já te falei pra não brincar de me fazer medo. A noite escura me amedronta. Coragem! Não posso ter medo.

ALFENIM Ei, Dom Sebastião.

SEBASTIÃO Agora você ouviu, Doroteu? Ai, ai, ai! Quem é? (*Vê os bonecos.*) Uhn... vocês quase me assustaram.

ALFENIM Boa noite, Dom Sebastião!

ALMEIRIM Boa noite, Rei Desejado!

SEBASTIÃO Boa noite! Dá boa-noite, Doroteu. Pra onde vão e como foi que me encontraram?

ALFENIM A noite é tão grande, Dom Sebastião! A gente sempre acha. Foi o Almeirim quem me mostrou vosmecê.

SEBASTIÃO E quem é o Almeirim?

ALMEIRIM Eu. Vosmecê vai ao Pontal?

SEBASTIÃO Vou ao Pontal meditar sobre navegação.

ALFENIM Acho que não vai, não. Vosmecê tem medo.

SEBASTIÃO Ai, ai, ai! (*Larga Doroteu.*) Fica aí, Doroteu. Quem disse que não vou? Por que não vou? Vou, sim. (*Apanha Doroteu.*) Vamos, Doroteu.

ALMEIRIM Acho que não vai.

ALFENIM El-Rei tem medo.

SEBASTIÃO Ai, ai, ai! (*Larga Doroteu.*) Fica aí, Doroteu. Quem disse? Quem disse que El-Rei Dom Sebastião tem medo?

ALMEIRIM Eu.

SEBASTIÃO Medo... medo... todo mundo tem medo.

ALFENIM Mas quem tem medo não vai ao Pontal.

- SEBASTIÃO *(Apanha Doroteu.)* Vamos, Doroteu.
- ALMEIRIM Diz que lá tem assombração.
- SEBASTIÃO Eu enfrento assombração e vou ao Pontal e... um dia, vou conquistar o Deserto.
- ALMEIRIM Você quer ir ao Pontal? Tem que vencer o medo. Se quiser vencer o medo...
- SEBASTIÃO *(Larga Doroteu.)* Fica aí, Doroteu. Quero. Quero, sim. O Doroteu sabe que eu quero vencer o medo. Não é, Doroteu?
- ALFENIM Então tem de enfrentar o medo.
- SEBASTIÃO Enfrento. Nós enfrentamos, não é, Doroteu?
- ALMEIRIM Não vale. Tem de ser sozinho.
- ALFENIM Almeirim sabe onde vive o Medo.
- SEBASTIÃO Me conta, Almeirim. Me diz onde posso enfrentar o Medo e vou lá e acabo com ele.
- ALMEIRIM Não gosto nem de falar: me dá um medo!
- SEBASTIÃO Por favor, Almeirim.
- ALMEIRIM E se o Medo vencer vosmecê?
- SEBASTIÃO Eu vencerei.
- ALMEIRIM E se vosmecê tremer de medo?
- SEBASTIÃO Hei de vencer.
- ALMEIRIM Dom Sebastião!!!

SEBASTIÃO Pela ponta da minha espada... e por todos os meus parentes que foram navegadores... juro que vencerei o Medo.

ALMEIRIM Então vamos. Vosmecê vai a cavalo. Alfenim vai na frente.

ALFENIM Eu?!

ALMEIRIM Vamos! A Grande Expedição ao Terrível Território do Medo!

SEBASTIÃO Vem, Doroteu. Guarda bem na cabeça, Doroteu: este é o grande momento. O momento em que Dom Sebastião, Rei de Portugal, parte em expedição à procura do Medo. Em marcha!

Seguem. A caminhada percorre vales e montes.

ALMEIRIM Pronto. Chegamos. É ali. Daqui, vosmecê vai sozinho.

SEBASTIÃO Sozinho. Vocês, tomem conta de Doroteu. Fica com eles, Doroteu, que eu parto sozinho.

ALFENIM Almeirim, olha bem o que estás fazendo!

ALMEIRIM Não posso mais recuar. História! História! Por favor, não me culpe depois. Ele insistiu tanto! (Ao Rei.) Você dobra ali à direita, entra à esquerda, por detrás dos capa-bodes, segue em frente... e pronto. Se encontra com a Sombra do Medo.

ALFENIM Se quiser, pode chamar Sombra do Terror.

ALMEIRIM Até mais ver, Dom Sebastião.

ALFENIM Boa sorte, Rei Desejado! Nós confiamos em você.

Os bonecos somem.

SEBASTIÃO Meu Deus! Meu Deus! Onde estou? Que lugar será este e o que vim fazer aqui? Calma. Segue em frente, Sebastião. É preciso vencer o Medo. O Desejo do meu povo é que eu seja um Rei Corajoso. Dobra à direita, Sebastião. Que falta faz um cachorro! Mas tenho meu cavalinho branco. E que frio! Que frio será este? Será o frio do Medo? Será frio ou calafrio? Melhor voltar. Não. Não posso. Só posso vencer o Medo se lutar cara a cara com ele. Entra à esquerda, Sebastião. Que escuridão! Que negrume! Será o negrume do Medo? *(Um pio de ave noturna assusta o Rei.)* O que foi? O que foi isso? Coragem, Rei Dom Sebastião. Se vosmecê continuar assim, medroso, você nunca que vai ao Pontal e muito menos ao Deserto. Espera. O que é aquilo? Uma cor ali, se mexendo. Calma, calma, cavalinho. Será que é a cor do Medo? Não, que medo não tem cor. *(A Sombra do Medo se aproxima. El-Rei desce do cavalo.)* Que é isso? Quem vem lá?

SOMBRA *(de fora)* Sou eu.

SEBASTIÃO Valha-me, Príncipe Perfeito! Me ajude na hora da assombração. *(Grita.)* Eu, quem? Quem é que vem lá?

SOMBRA *(de fora)* Venha ver, se quiser, e conheça, se for capaz.

SEBASTIÃO *(sacando a espada)* Valei-me, Mestre de Avis. Me ajude na hora da danação. *(Grita.)* Me responda de uma vez se és mulher ou és rapaz.

Surge a Sombra do Medo. El-Rei recua; tropeça, quase cai.

SOMBRA Não sou mulher nem rapaz. Não sou menino nem velho e sou mais velha que a velhice do teu avô.

SEBASTIÃO Não se atreva a falar do meu avô. Com esta espada na mão acabo até com o bicho mais perigoso.

SOMBRA Rá-rá-rá-rá! Rá-rá-rá-rá!

Um movimento rápido da Sombra faz com que a espada d'El-Rei caia de suas mãos.

SOMBRA E sem a espada? Ahn? Rá-rá-rá... Ninguém jamais me enfrentou. Só um rapaz se atreveu até hoje. Era um Príncipe... um tal de Príncipe Infante. Resolveu estudar navegação, mas quase não navegou. Só uma coisa eu respeitava naquele tal de Dom Henrique.

SEBASTIÃO Dom Henrique? É meu tio-bisavô.

SOMBRA Pouco me interessa se é seu tio ou bisavô, mas foi muito corajoso, o rapazinho! Ele conseguiu vencer até meu primo, um primo distante, chamado Mar Tenebroso.

SEBASTIÃO Pois vou provar que também sou audacioso.

SOMBRA Valentia sempre se acaba na hora em que eu apareço.

SEBASTIÃO *(afastando-se)* Valha-me, Infante Dom Henrique. Você que venceu até o Mar Tenebroso, me ajude na hora assombração. *(à Sombra)* Você não vai se descobrir, não, porque eu mesmo vou revelar sua cara com a ponta da minha espada.

El-Rei corre e apanha a espada, mas a Sombra prende o seu braço ao chão com o pé.

SOMBRA Rá-rá-rá-rá! Vai conseguir? Minha roupa são dez capas que ninguém jamais tocou. Cada capa tem um segredo; cada capa tem uma cor.

Sombra liberta El-Rei, que se afasta com a espada.

SEBASTIÃO Me ajudem, todos os Reis que foram Reis antes de mim: o Rei Bravo, o Rei Povoador, o Rei Cru e Dom Diniz, o Lavrador! Me ajudem na hora da decisão. Escuta, Sombra do Medo, se eu quiser, retiro capa por capa e deixo a senhora desencapada.

SOMBRA Rá-rá-rá-rá... Olha, garoto, aceito o desafio. E tem mais. Dou um prêmio. Cada capa tem um segredo encantado e se você conseguir desencapar ao menos uma, dou-lhe a capa de presente.

El-Rei se afasta, ajoelha-se e reza.

SEBASTIÃO Em nome de todos os Reis que o meu país conheceu... em nome do Rei dos Reis, eu aqui me preparo para enfrentar o Medo. E desejo vencer. Ajuda-me, Rei dos Reis, a vencer a Sombra do Medo.

Ágil, levanta-se num grito e pega a Sombra desprevenida. Em dois tempos, consegue retirar a primeira capa. Atônita, a Sombra cambaleia.

SOMBRA Como pôde?! Você me desencapou. Jamais conheci alguém tão valente e corajoso. Teu nome?

SEBASTIÃO Dom Sebastião de Portugal, o Rei Desejado. E te prepara, Sombra do Medo, porque eu vou tirar o resto.

SOMBRA Não, meu senhor. Não. Já provaste muita coragem e valentia. Leva a capa contigo. É um troféu. Agora o segredo te pertence.

SEBASTIÃO E que segredo será esse?

SOMBRA Só revelo se me deixares partir.

SEBASTIÃO Dou a minha palavra.

SOMBRA É uma capa encantada. Basta colocá-la nos ombros e depois cobrir o rosto com uma ponta da capa e ficarás invisível. Ficarás encoberto e ninguém te verá. É como se estivesses Encantado, mas na verdade, ficarás apenas encoberto. E jamais o Medo se aproximará de ti. Serás Dom Sebastião, o Encoberto, e boa sorte, Dom Sebastião, o Rei que venceu a Sombra do Medo!

Sombra desaparece. O Rei apanha a enorme capa.

SEBASTIÃO Nem consigo acreditar, mas é assim mesmo. Basta querer. E eu quis. Qualquer um pode vencer a Sombra do Medo. E agora... vamos ao Pontal da beira do mar. (*Grita.*) Alfenim! Doroteu! Almeirim!

ECO (*de fora*) Almeirim...

SEBASTIÃO É você, Almeirim?

ECO É você, Almeirim.

SEBASTIÃO Quer parar de brincadeira? Quem vem lá?

ECO Quem vem lá... quem vem lá...

SEBASTIÃO Responde...

ECO Onde... onde...

SEBASTIÃO Quem fala aqui é El-Rei.

ECO El-Rei... El-Rei...

SEBASTIÃO Dom Sebastião, o Desejado!

ECO Desejado... sejado... ado...

SEBASTIÃO Vê se para de me imitar. Ninguém pode ficar imitando Dom Sebastião.

Aparece o Eco, feito por três atores numa só capa.

ECO 1 É a mim que ninguém repete.

ECO 2 Só a mim... que sou o Eco de todos esses montes.

ECO 3 E eu vivo repetindo tudo o que escuto.

ECO 1 Eu sou o rei de todas as montanhas.

SEBASTIÃO Olha, você pode ser o Eco e pode ser tudo o que bem quiser e não pense que me amedronta, porque o Rei aqui é um só. E sou eu. Eu sou o Rei de Portugal e do Algarve e do Brasil.

ECO 2 Mas não é o Rei do Deserto.

SEBASTIÃO Não??? Mas vou ser. Dom Sebastião, o Rei Desejado, ainda será o Imperador do Quinto Império!

Grande gargalhada do Eco.

ECO Você? Você? Vocêêêê...

ECO 1 Um reizinho de palácio que nunca anda descalço... nunca botou os pés no chão!

SEBASTIÃO Porque não quero que ninguém veja meus pés. Mas juro que pisarei no deserto.

ECO 3 O Deserto é areia... um areal que arde como fogo... o sol queimando a cara e os pés.

SEBASTIÃO Pois vencerei o Fogo do Deserto.

ECO Não! Não! Não!

ECO 1 E os Mouros?

ECO 2 Os habitantes do Deserto!

ECO 3 Milhares e milhares de Mouros.

SEBASTIÃO Meus parentes já venceram os Mouros uma vez. Eu vencerei também.

ECO 3 Você terá medo.

ECO 2 Terá medo.

ECO 1 Medo.

SEBASTIÃO Dom Sebastião já perdeu o medo. Dom Sebastião já está muito além do medo.

ECO 2 Não tem medo?

ECO 1 Vamos experimentar.

ECO 3 Posso chamar as minhas Filhas?

SEBASTIÃO Dom Sebastião é um Rei-Sem-Medo.

ECO (*para longe*) Filhinas! Filhinas! Filhinas!

Sebastião saca a espada. Surgem de dentro da capa as Filhas do Eco.

SEBASTIÃO Enfrentarei. Eu enfrentarei.

FILHAS Enfrentarei... frentarei... frentarei...

SEBASTIÃO Eu sou o Rei Sebastião!

FILHAS Eu... eu... Rei...Rei... Sebastião... Tião...

SEBASTIÃO Pra lá... Eu sou Dom Sebastião!

FILHAS Sebastião... Bastião... Tião... enfrentarei... El-Rei...
El-Rei...

Dom Sebastião consegue vencer as Filhas do Eco.

SEBASTIÃO Venci! Venci! Venci! Em nome de todos os Reis do
meu Reino... em nome do Quinto Império... eu venci!

ECO Filhinhas... filhinhas...

As Filhas, combatidas, retornam para debaixo da capa.

SEBASTIÃO E agora?

ECO 1 Venceste.

ECO 2 E assim, te tornaste o único homem que jamais será
imitado.

ECO Nem mesmo o eco imitará Dom Sebastião, o
Desejado.

OS TRÊS Serás Único Para Sempre!

SEBASTIÃO Obrigado, Senhor Rei dos Reis! Agradeço também
a todos os Reis Antigos e, sobretudo, ao Príncipe
Perfeito, que é o meu Rei preferido. Mas onde estou?
Onde me encontro? A Sombra do Medo e o Eco me
afastaram do meu caminho. Tu sabes, cavalinho
branco? Tu sabes onde estamos?

Toque de flautas anunciam a entrada do Príncipe Infante.

PRÍNCIPE Estás em casa, Sebastião. Seja bem-vindo!

SEBASTIÃO Alto. Aqui, El-Rei. Quem vem lá?

PRÍNCIPE Uma visão... visão de paz.

SEBASTIÃO (*acalmado-se*) Esse teu olhar... eu te conheço? Diz o teu nome.

PRÍNCIPE Claro que me conheces, ora, pois pois. O Príncipe Infante.

SEBASTIÃO Dom Henrique!? Meu tio? O Príncipe Infante! (*Beija-lhe a mão.*) Então este lugar...

PRÍNCIPE É o Pontal.

SEBASTIÃO Cheguei aqui sem saber. E esse barulho, é o mar?

PRÍNCIPE Vem. Daqui podes ver o mar. Cuidado. É um precipício.

SEBASTIÃO Não consigo ver o mar. Está escuro.

PRÍNCIPE Pois escuta. As ondas... batem no rochedo. Elas te falam do mar.

SEBASTIÃO Podes ver?

PRÍNCIPE Sim, eu vejo. Mas passei muitos anos aprendendo a ver o mar.

SEBASTIÃO Me ensina.

PRÍNCIPE Ouve bem a batida das ondas... e olha o céu. Cada estrela tem alguma coisa a dizer sobre o mar. Ali...

ao longe... é o Brasil... e pra lá... o Deserto. Escuta o vento. O vento também sabe muitas coisas sobre o mar. Tu queres mesmo conquistar o Deserto?

SEBASTIÃO Quero. E juro que vou. Passei a vida inteira me preparando para conquistar o Deserto.

PRÍNCIPE É perigoso. O Deserto é a terra dos Mouros, e os Mouros vão defender o Deserto.

SEBASTIÃO Eu sei.

PRÍNCIPE Estás preparado?

SEBASTIÃO Me ensina.

PRÍNCIPE Não posso. Eu não entendo de guerra.

SEBASTIÃO Então me ensina a entender o mar. Para chegar ao Deserto, preciso, primeiro, atravessar o mar.

PRÍNCIPE É fácil. Ouve as ondas, escuta o vento, observa as estrelas...

SEBASTIÃO Só isso?

PRÍNCIPE Vem comigo. Vou te contar mais uma coisa que aprendi sobre o mar. Vem.

Saem. Entram os pastores.

PASTORES No céu brilhou
tão triste estrela.
Meu Rei, não vá.
Não podes vê-la.
No céu brilhou
luz de uma vela.

Meu Rei atenda
tão triste estrela.

Entra Sebastião.

SEBASTIÃO Deve ser a Estrela do meu Destino. Me deixem
passar.

Entram as Lavadeiras.

LAVANDEIRAS No céu brilhou.
Ninguém quer vê-la.
Meu Rei não olhe
tão triste estrela.

SEBASTIÃO Vamos, cavalinho. O Príncipe me ensinou grandes
segredos e, agora, o povo não quer que eu vá.

LAVANDEIRAS No céu brilhou.
Não podes vê-la.
Meu Rei, não siga
tão triste estrela.

SEBASTIÃO (*canta*)
Pastores, adeus, adeus!
Meu povo, já vou seguir.
Nas ondas do mar, eu vou
pras terras do Grão-Vizir.

PASTORES e
LAVANDEIRAS Não vá. Não vá. Não vá, não,
meu Rei Dom Sebastião.

SEBASTIÃO Adeus, meu povo, adeus!
Gente do meu bem-querer.
Vou pelo mar e por terra.
No Deserto, vou vencer.

PASTORES e LAVANDEIRAS Não vá. Não vá. Não vá, não,
meu Rei, dom Sebastião. (*Sebastião vai partindo.*)

SEBASTIÃO Meu povo, adeus, adeus!
Meu povo de Portugal.
Eu voltarei qualquer dia
pro Governo Imperial. (*Sebastião parte.*)

PASTORES e LAVANDEIRAS Choremos. Choremos
El-Rei que partiu.
Num barco de velas,
o meu Rei sumiu.
Num barco de velas,
o meu Rei sumiu.

*Navegam as Grandes Velas Brancas com cruces de
malta. Entre elas, passa El-Rei.*

Choremos. Choremos.
Reizinho tão louro
num barco de velas
foi conquistar os Mouros.
Num barco de velas
foi conquistar os Mouros.

Choremos. Choremos
se El-Rei não voltar.
Tristezas e prantos
iremos penar.
Tristezas e prantos
iremos penar.

Saem todos. Aparecem Alfenim e Almeirim.

ALFENIM Almeirim. Que tristeza, Almeirim.

ALMEIRIM Mas que tristeza tão grande, Alfenim!

ALFENIM É verdade mesmo?

ALMEIRIM É verdade, sim. Os Mouros venceram.

ALFENIM E Dom Sebastião... cadê ele, Almeirim?

ALMEIRIM Ninguém sabe. Sumiu. Montou no cavalinho branco... jogou a capa no rosto... e sumiu pelo Deserto.

Música de alegria. Aparecem Filipa, Leonor e Catarina.

LEONOR Vai voltar, Dona Catarina. El-Rei vai voltar.

CATARINA Eu soube, Dona Leonor.

FILIPA Quando? Quando é que ele vem?

ALMEIRIM El-Rei vai voltar.

LEONOR Vai voltar pra governar.

FILIPA Quando? Quando? Quando?

CATARINA Um dia. Um dia, El-Rei virá.

ALFENIM Um dia! De tarde ou de noite?

LEONOR De manhã... bem cedinho... no meio da bruma.

CATARINA No meio do nevoeiro.

LEONOR Todo encoberto em sua capa que é pra ninguém descobrir antes dele chegar.

ALFENIM Vamos, Almeirim. Vamos contar aos pastores e às lavadeiras que El-Rei vai voltar.

ALMEIRIM Doroteu... Doroteu, El-Rei vai voltar.

Somem Almeirim e Alfenim.

CATARINA Vamos também, Dona Leonor e Dona Filipa.
Vamos para o Brasil avisar às Pastorinhas que Dom
Sebastião vai voltar.

FILIPA Vamos. Vamos.

Entram os Pastores cantando.

PASTORES Ele vem no nevoeiro quando vier.
Ele vem no nevoeiro quando vier.
Ele vem no nevoeiro...
Ele vem no nevoeiro...
Ele vem no nevoeiro quando vier.
Ele vem de manhãzinha quando vier.
Ele vem de manhãzinha quando vier.
Ele vem de manhãzinha...
Ele vem de manhãzinha...
Ele vem de manhãzinha quando vier.
Ele vem ser Rei do Povo quando vier.
Ele vem ser Rei do Povo quando vier.
Ele vem ser Rei do Povo...
Ele vem ser Rei do Povo...
Ele vem ser Rei do Povo quando vier.

*Saem. Entram as atrizes, agora como Pastorinhas do
Pastoril brasileiro.*

PASTORINHAS Nós, Pastorinhas brasileiras,
cantando no tempo certo
(tempo certo),
esperamos por El-Rei
Encantado e Encoberto.
Encoberto.

Nós, Pastorinhas brasileiras,
cantando em campo aberto

(campo aberto),
esperamos por El-Rei
que virá no tempo certo.
Tempo certo.

Retornam os Pastores.

TODOS Nós, Pastoras e Pastores,
seguindo neste deserto
(neste deserto),
vamos indo descobrir
nosso Rei, o Encoberto.
Encoberto.

Quem souber que nos avise
onde está o Encoberto.
Encoberto.
Precisamos descobrir
e deixá-lo descoberto.
Descoberto.

Adeus, adeus.
Adeus, digo de novo.
Vamos todos procurar
nosso Rei no meio do povo.

Saem todos e termina o espetáculo.

Rio, 1979



SEÔ JOÃOZIM DE OLINDA

Dedicada a Fernando Augusto Gonçalves dos Santos,
morador de Olinda que, em 1969, no Recife, produziu
meu espetáculo *A Barca d'Ajuda*, encenado
no Teatro de Santa Isabel.

Texto inédito no palco, escrito quando o autor já havia deixado de dirigir e produzir espetáculos para crianças, *Seô Joãosim de Olinda* é um aproveitamento livre do libreto de Lorenzo da Ponte para a ópera *Don Giovanni*, de Mozart, numa versão inteiramente livre, ambientada em Olinda, no século XVII. Certo do prazer que provocam nas crianças o jogo de palavras e a criação de novos códigos de linguagem, aparecem ao longo do texto várias expressões do português arcaico, principalmente algumas daquelas que permaneceram no falar brasileiro rural como pronúncias que não se atualizaram. Escritas, são grafias antigas; faladas, porém, não passam de expressões facilmente inteligíveis, muitas ainda comumente empregadas em várias regiões brasileiras.

Personagens

NOITE de Olinda

SEÔ JOÃOZIM

CARBURETO, escravo de Seô Joãosim

ESTRELA

LA LUNA

ANA LUÍSA

DOUTOR ANTÔNIO

DAMA de Olinda

NARCISO, o padeiro

ZELINDA, vendedora de frutas

DONA ELVIRA

MUCAMA

Olinda. Século XVII. Conjunto de sobrados no Beco das Cortesias: portas embaixo e, acima, fileiras de janelas com balcões. No sobrado da esquerda mora Sinhazia Ana Luísa; no do meio, a Dama de Olinda e, no da direita, Doutor Antônio. Ao fundo um horizonte de bananeiras e coqueiros dos quintais. Tudo começa num suave clima de anoitecer. Entra a Noite de Olinda, em leves movimentos de dança, mas meio tonta, quase caindo.

NOITE A Noite de Olinda precisa cair... Quem ajuda? Quem me ajuda? Premeiro, a Noite de Olinda percisa cair mode depois se alevantar.

Entram Seô Joãozim e Carbureto.

JOÃOZIM Carbureto... Carbureto... que vontade de namorar! Namorar é tão gostosim!

CARBURETO Mira, seô Joãozim... a Noite de Olinda vai caindo.

JOÃOZIM Deixa cair. Deixa cair. É bom quando a Noite cai.

CARBURETO Pode se machucar, seô Joãozim.

JOÃOZIM A Noite nom se machuca, nom, Carbureto.

Lentamente, a Noite cai no chão.

CARBURETO Caiu. A Noite caiu, seô Joãozim.

JOÃOZIM Escureceu que ficou um negrume! Vade alevantar a Noite, Carbureto.

CARBURETO Quando a Noite cai me dá uma soidade!

NOITE Me levanta, meu netim, ah-fois quando a Noite cai tem logo de se levantar mode seguir viagem polo espaço celestial.

Carbureto tenta levantá-la. Não consegue.

CARBURETO Nom posso. Nom posso. A Noite de Olinda é pesada.

JOÃOZIM São os fantasmas que a Noite carrega. Fantasma pesa muito.

NOITE Per favor, me levanta, meô netim, que a Noite te ajudará.

Carbureto tenta outra vez, mas não consegue e a Noite desaba totalmente.

JOÃOZIM Pronto. Agora, a Noite caiu de vez. Deixa. Deixa, Carbureto, que eu mesmo vou levantá-la.

NOITE Benza-Deus, meô netim. Benza-Deus!

Facilmente, Joãozim consegue erguê-la.

JOÃOZIM Ora-ora, Carbureto... a Noite de Olinda é mui leve! Mira como é leve a Noite de Olinda.

NOITE Gradecida, meô netim. És um moço mui fermoso! O se'or me ajudou e ah-fois vou ajudar micer.

JOÃOZIM E como é que a Noite vai me ajudar, min'á vizinha?

NOITE Quando meô netim percisar de un'a noite crara, eu mando tôdalas estrelas celestres e mando La Luna de Olinda per crarear seô camim. E quando o meô netim quiser un'a noite escura, entonce eu mando tôdalas estrelas se esconderem e meô netim pode andar polai que ninguém nom verá meô netim.

JOÃOZIM Obrigado, vozinha. Mui obrigado.

CARBURETO Lecença, se'ora Noite... mes o que é isso em vostro pescoço?

NOITE Mio colar de perlas. Pois entonce nom conhece mio colar de perlas?! Vou espalhando perlas polai e elas se transformam em estrelin'as blancas. São as estrelin'as celestres. Lecença. Lecença, meô netim, que perciso seguir viagem noite adentro. Fiquem serenos que hoje teredes un'a noite estrelada, sem torvões e sem lâmpagos. Un'a noite crara e cheia de solombras! (*A Noite sai.*)

JOÃOZIM A Noite de Olinda tem um sembrante mui belo!

CARBURETO É tão fermosa! Tão fermosa!

JOÃOZIM Vadamos indo, Carbureto, que já lá vem a gran estrela. Eu queria tanto namorar! Ai, que vontade de namorar! Eu não sei viver sem namorar, Carbureto. Namorar é tão gostosim!

Os dois saem enquanto entra a Estrela, ao som dos tililins de muitos guizos. Dança e canta de modo simples e ingênuo, como as mocinhas dos bailes pastoris.

ESTRELA Sou bela Estrela!
Estela, Estrela
pulsando, brilhando
na noite celestre.
Na noite celestre.

Lumbrosa e bela,
cadente Estrela
passando, brilhando
na noite celestre.

Na noite celestre.
Na noite celestre.

(recitativo)

Lá vou eu per noite afora
brilhando no céu de Olinda.
Mas o que vejo eu agora
naquele sobrado azur?

Ana Luísa, de camisola, aparece em sua janela.

É uma sinhá mui lindra!
Sinhazin'a... sinhazin'a...
vou até sua fenestrinha.

(canto)

Vai, bela Estrela,
Estela, Estrela,
pulsando, brilhando
na noite celestre.
Na noite celestre.

Vai à janela,
Estela, Estrela,
daquela sinhá
na noite celestre.
Na noite celestre.
Na noite celestre.

Saindo, a Estrela cruza com La Luna, que vem cantando.

LA LUNA Per acá eu passo.
Per acá eu vou.
La Luna de Olinda...
La Luna que sou.

Luna. La Luna. Lá-lá.
Luna. La Luna. Lá-lá

Ó noite nuviosa
de craro esprendor.
La Luna de Olinda...
La Luna que sou.

Luna. La Luna. Lá-lá.
Luna. La Luna. Lá-lá.

(recitativo)

La segue trobando,
bailando sua bailia.
Vai crarear as fenestras
do Beco das Cortesias.
Vai namorar seô doutor
no Beco das Cortesias.

(canto)

Per acá eu passo.
Per acá eu vou.
La Luna de Olinda...
La Luna que sou.

Luna. La Luna. Lá-lá.
Luna. La Luna. Lá-lá.

Saindo, cruza com Seô Joãozim e Carbureto. Os dois se escondem ao avistar Ana Luísa em sua janela.

ANA Luna. La Luna. Lá-lá.
Luna. La Luna. Lá-lá.

JOÃOZIM Carbureto! A sinhazin'a Ana está na fenestra!

CARBURETO Coidado, se'or. Sinhazin'a Luísa é noiva do doutor Antônio.

JOÃOZIM Ah, Carbureto, que vontade de namorar mais ela!
Namorar é tão gostosim!

ANA La Luna está cheia, bem gorda, bem redonda que mais barece un'a jaca madura. E a noite... a noite de Olinda é mui linda! Dá un'a vontade de namorar!

JOÃOZIM Ouviu, Carbureto? Sinhazin'a Luísa tombém quer namorar.

ANA Namorar mais mio noivo, Doutor Antônio.

CARBURETO Coidado, seô Joãozim. Ela quer namorar mais o noivo dela. Ela só namora mais o noivo dela.

ANA Ah, se mio noivo aparecesse em sua fenestra...!

Doutor Antônio aparece à janela do seu sobrado.

ANTÔNIO Ana Luísa!

ANA Oh! Apareceu. Antônio!

ANTÔNIO Oh! Ana Luísa!

ANA Oh, Antônio de Castro!

JOÃOZIM Ó-oh, Carbureto!

CARBURETO Me solte, seô Joãozim.

ANA Té amenhã, Antônio. Só queria mesmo era namorar um pouquinho.

Atiram-se beijos. Suspiram. Desaparecem.

JOÃOZIM *(suspira de amor)* Ana Luísa!

CARBURETO Seô Joãozim, percisa se conformar. O se'or nom para de namorar! Quando vê un'a donzelinha, quer

namorar; quando vê un'á sinhazin'a, quer namorar e até se aparece un'a velhinha tombém quer namorar.

JOÃOZIM Sinhazin'a Luísa é mui bela! Tem um sembrante sereno. Eu vou namorar mais ela.

Tenta correr ao sobrado. Carbureto o impede.

CARBURETO Assossegue, seô Joãozim!

JOÃOZIM Deixa, Carbureto. Eu vou namorar. Eu entro polos fundos do sobrado e bato no quarto dela. Aspera-me acá. Ouviu bem, Carbureto? Aspera-me acá.

Joãozim desaparece por trás dos sobrados.

CARBURETO Ele sempre imagina que tem rezão. Como esse rapaz gosta de namorar! O melhor que faço é tirar um cochilo debaixo daquele coqueiro. Os coqueiros de Olinda son ótimos pera a gente se encostar! Ah, que gostosim! Mes seria inda melhor se eu, Carbureto, nom fosse escravo.

ANA *(grita, como num recitativo)* Ai! Ai! Ai!

CARBURETO Ouvi uns arruídos. Foram gritos. *(Abre-se a janela. Ana aparece.)*

ANA Ai, ai, ai! Ai, ai, ai! Quem me acode? Quem me acode? Quem virá me acudir?

CARBURETO É sinhanzin'a! Mio se'or nom conseguiu namorar mais ela.

ANA Ai, ai, ai! Ai, ai, ai! Doutor Antônio. Per favor, noivo mio! Mio noivo, Doutor Antônio! Ai, ai, ai! Ai, ai, ai!

Reaparece Seô Joãozim, ocultando-se com a capa.

JOÃOZIM Carbureto... Onde está, Carbureto?

Aparece La Luna.

CARBURETO Acá, mio se'or. Acá.

ANA O vilão! O vilão! Crareia, Luna La Luna. O celerado... ali está ele!

JOÃOZIM Noite, vovozinha Noite... escureça depressa per o seô netim.

LA LUNA La Luna vinha chegando,
mas La Luna vai-se embora
ajudando Seô Joãozim. (*Sai.*)

JOÃOZIM Obrigado, Luna La Luna.

ANA Doutor Antônio! Noivo mio... noivo mio...

JOÃOZIM Vamos embora, Carbureto, e com mui cuidado per que ninguém me reconheça.

Saem escondendo-se por baixo do balcão de Ana Luísa. Aparecem Antônio e a Dama de Olinda em suas janelas.

ANTÔNIO Ana Luísa! Ana min'a, que afluçom é esta que te aflige?

DAMA Meia-noite... que arruído!

ANA Oh, Doutor Antônio, infeliz de mim! Tanto gritei... tanto gritei e ninguém apareceu. Oh, malandante de mim!

ANTÔNIO Nom me fales assim, Dona Ana Luísa. Aspera per mim, que me vou descer. (*Antônio desaparece.*)

DAMA Sinhazin'a Luísa, que bicho foi que mordiscou seu pé? E per qual rezão tanto gritades?

ANA Oh, senhora Dama de Olinda! Veja nas minhas mãos...

DAMA Nom posso. Nom posso enxergar.

Antônio aparece no chão, saindo pela porta de seu sobrado.

ANA Veja, se'or mio noivo, que cousa me fez o vilão.

ANTÔNIO Vilão?! Que vilão? Cadê o vilão?

ANA O celerado.

ANTÔNIO Que celerado? Cadê o celerado? Nom entendo.

DAMA Mui menos entendo eu, que acá pouco enxergo e vejo.

ANA Estava eu a dormir... ouvi um arruído sôbolas telhas.

ANTÔNIO Um ladrão?

ANA Nom. Nom. Aspereí. Aspereí mais ainda e me apareceu... dentro da casa mia...

DAMA Oh!

ANA Dentro do quarto mio...

ANTÔNIO Quem? Quem era?

ANA O celerado.

DAMA Oh, o celerado!

ANA Andava pé ante pé... bem de manselinho... e falou comigo. Falou que me amava...

ANTÔNIO Oh!

DAMA Ah!!!

ANA Me idolatrava...

ANTÔNIO Oh!!

DAMA Aaah!!!

ANA E queria namorar mais eu.

DAMA E o que fez?

ANTÔNIO O que fez o celerado?

ANA Eu gritei. Ele correu.

ANTÔNIO Gritou? Que cousa gritou?

ANA (*imitando-se*) Ai, ai, ai! Ai, ai, ai!

DAMA E o celerado?

ANTÔNIO Per min'a honra... (*Ana exhibe cacos de louça.*)

ANA Vejam, vejam. Oh! Ele correu e tropeçou. Tropeçou e caiu. Caiu e derribou a estátua... derribou o pinico de loiça. Oh, presente de meô papá! O pinico de loiça... Oh!

DAMA Sinhazin'a Luísa... que tristícia!

ANTÔNIO Pois nom se preocupe, Ana Luísa, que eu mesmo vou percurar o celerado.

DAMA Se bem quiseses, se'or Antônio, podes pedir ajuda a seô Joãozim de Olinda, que é homem de mui bom coração.

ANTÔNIO Obrigado, sen'ora Dama. Amenhã converso com seô Joãozim.

DAMA Entonce, boas noites, sinhazin'a Luísa, e boas noites, se'or Antônio.

A Dama desaparece.

ANA O belo pinico de meô papá!

ANTÔNIO Calma, calma, noiva mia. Amenhã encontramos o celerado.

ANA Promete?

ANTÔNIO Promessa feita. Agora, vade dormir que tombém me vou. Boa noite, sinhazin'a Luísa.

ANA Ai... ai... tão belo pinico!

Os dois desaparecem. Surgem La Luna e a Estrela cantando e dançando.

ESTRELA Tão alta,
tão alta,
a noite se vai.
O dia apontando.
Aurora chegando.
Estela
Estrela
na noite se vai.

LA LUNA Tão alta,
tão alta

a noite se vai.
A sombra sumindo.
Aurora vem vindo.
La Luna
La Luna
na noite se vai.

AS DUAS Tão alta,
 tão alta
 a noite se vai.
 O dia rompendo
 o sol vem trazendo.
 Estrela
 Estrela
 na noite se vai.
 La Luna
 La Luna
 na noite se vai.

*Saem. Manhã cedinho. Entra Narciso com cesto de
pães. Canta.*

NARCISO A las seis horas das matinas
 a las seis
 vem pelas ladeiras de Olinda
 vem Narciso, belo padeiro,
 tragendo pãozim francês.
 Ói o francês!
 Pãozim francês
 que veio de França.
 Que veio de França.
 Que veio de França.
 (recitativo)
 Na porta da sinhazin'a Luísa,
 vou deixar pãozim francês.
 Per a Dama de Olinda,
 deixo dois e deixo três.
 Per o doutor avogado,

deixo cinco e deixo seis.
 Belo Narciso, padeiro,
 já deixou pãozim francês.

Narciso sai, enquanto aparecem em suas portas Ana, Dama de Olinda e Doutor Antônio. Cantando, dançam em torno dos seus pães.

OS TRÊS Pãozim francês
 que veio de Frância.
 Que veio de Frância.
 Que veio de Frância.
 Pãozim francês
 que veio de Frância.
 De Frância.
 De Frância.
 De Frância.
 De Frância.

Saem, enquanto entra Zelinda, a vendedora de frutas, com um cesto no braço. Canta.

ZELINDA As las sete de la menhã
 de la menhã,
 vem polas ladeiras de Olinda,
 vem Zelinda, bela fruiteira,
 tragendo maracujá e romã.
 Ói a romã!
 Mangaba e romã
 que vêm de Recife.
 Que vêm de Recife.
 Que vêm de Recife.
 (recitativo)
 Ói a cajá, sinhazin'a Luísa!
 Ói mangaba e ói romã!

Os três moradores, cada um a seu tempo, reaparecem e retornam aos seus sobrados.

ANA Hoje, nom, bela Zelinda.
Hei de comprar amenhã.

ZELINDA Per a Dama de Olinda,
tem abacate e caju.

DAMA Hoje, nom, bela Zelinda.
Hei de comprar amenhã.

ZELINDA Per o se'or avogado:
goiaba de Igarassu.

ANTÔNIO Hoje, nom, bela Zelinda.
Hei de comprar amenhã.

ZELINDA *(saindo, tristinha)*
Mangaba e romã
que vêm de Recife.
Que vêm de Recife.
Que vêm de Recife.
Mangaba e romã
que vêm de Recife.
De Recife.
De Recife.
De Recife.
De Recife.

Entram Dona Elvira e a Mucama, carregando malas.

MUCAMA É aca, sim, se'ora, Dona Elvira.

ELVIRA E será este o Beco das Cortesias?

Entram Joãozim e Carbureto.

MUCAMA Se Dona Elvira quiser, vou proguntar.

JOÃOZIM Espia, que moça ferrosa, Carbureto!

- ELVIRA Entonce progunte, Mucama. Progunte que já estou mui fatigada.
- JOÃOZIM Ai, que vontade de namorar mais ela, Carbureto!
- CARBURETO Seô Joãozim!!!
- JOÃOZIM Mas eu nom assossego. Adoro namorar. Namorar é tão gostosim!
- Joãozim se aproxima de Elvira enquanto a Mucama se aproxima de Carbureto.*
- MUCAMA Ô, carvãozim...
- CARBURETO Ai, que nom me chame de carvãozim.
- JOÃOZIM Se'ora Dona! Iaiá-donzela!
- ELVIRA Avia, Mucama, que estou mui fatigada.
- MUCAMA Carvãozim, me arresponde se é este o Beco das Cortesias.
- CARBURETO O beco é este, seim, se'ora... mas nom me chame de carvãozim. Me dá un'a coceirinha bem acá no ouvidim!
- JOÃOZIM Iaiá, vós que tão bela sois, quereis namorar mais eu? Eu gosto tanto de namorar. E eu vivo tão sozim!
- MUCAMA Pois me diga, carvãozim, se conhece adonde que fica o sobrado da se'ora Dama de Olinda.
- JOÃOZIM Os ombros de Iaiá são tão delicados! Vira pra mim, vira.
- ELVIRA Mucama!

CARBURETO É aquele sobrado ali.

JOÃOZIM Eu sofro tanto-tanto! Ninguém namora mais eu!

Elvira se volta e os dois se reconhecem.

ELVIRA Joãozim! Joãozim de Olinda!

JOÃOZIM Oh, nom! Elvira!

MUCAMA É aquele sobrado alí, se'ora.

ELVIRA Leva as malas, Mucama, que nom deixarei est'homem me escapar.

MUCAMA *(saindo)* Té outra vez, carvãozim.

JOÃOZIM *(inocente)* Mes por mode quê, Elvira?

ELVIRA Namorou mais eu dizendo que me amava e eu fiquei toda faceira, toda dengosa, toda fermosa e sestrosa e maviosa e prazerosa...

CARBURETO O patrão se deu malo. Tombém, só quer viver de namorar!

ELVIRA Três dias despois me abandonou. E eu fiquei toda ansiosa, toda afligida, toda feiosa e danosa e raivosa e desgostosa. Nom gosto nem de ver tua cara. *(Dá as costas a Joãozim que, fazendo sinais a Carbureto, aproveita e foge. Carbureto ocupa seu lugar.)* Viajei de Recife solamente per me entender co'ò se'or. Nom pense que o se'or vai me enganar de novo, nom. Nom vai mais enganar Elvira, nom, se'or. O se'or quer saber de un'a coisa, seô Joãozim de Olinda? *(Vira-se.)* Carbureto! Oh, fugiu! Fugiu como? Per onde se escafedeu? Fala. Fala, azeitona mia.

Bate com a sombrinha em Carbureto.

CARBURETO Premeiro sou carvãozim, agora, viro azeitona!
Assossegue, Dona Elvira. Deixe em paz meô
patrãozim.

ELVIRA Adonde ele foi?

CARBURETO Sumiu, Dona Elvira. Sumiu. Foi-se. É sempre assim.
Seô Joãozim nom é rapaz per a se'ora. Eu conhoço
mui bem Joãozim de Olinda.

ELVIRA O celerado me enganou. O celerado me traiu. Disse
que me amava. Ele furtou meô coração.

CARBURETO Ele faz isso com tôdalas donzelas. Já furtou mui
muitos corações. Olhe. Esta é a lista dos corações
que seô Joãozim já furtou. (*Canta.*)

Rouba
que rouba
que rouba os corações.
Em Olinda, namorou 28.
Em Recife, 640
e na Bahia,
e na Bahia,
e na Bahia, 231.
Duzentas...
duzentas...
duzentas e trinta e uma.
Louras, morenas, baronesas,
gordas, magras, condessas e princesas.
Tôdolos dias, tôdolo mês,
namora com belas donzelin'as.
Pobre, rica ou bem velhin'a...
Tôdolos dias, tôdolo mês.

ELVIRA Tudo isso, Carbureto?! Joãozim já roubou todos os
esses corações?

CARBURETO Rouba
que rouba os corações.
Em Olinda, namorou 28.
No Recife, 640
e na Bahia,
e na Bahia,
e na Bahia, 231.
Duzentas...
Duzentas...
Duzentas e trinta e uma.

ELVIRA Tudo isso, Carbureto?! Pobre de mim!

Aparece a Dama de Olinda, saindo do seu sobrado.

DAMA Elvira! Que boa que é a chegada! Venha, Elvira.
Venha, que é recebida em minha casa.

*As duas desaparecem sobrado adentro. Entram Narciso
e Zelinda cantando e dançando.*

ZELINDA Mio querido que gosta de amores
que gosta de amores
eu contigo pretendo casar.
Pretendo casar. Pretendo casar.
Vê Olinda cercada de flores,
cercada de flores.
Lá embaixo a praia do mar.
A praia do mar.

OS DOIS Lá rá lá, lá rá lá.
Belo dia! Que belo será!

NARCISO Mio canário de penas na testa,
de penas na testa,

foi-se embora per nom mais voltar.
 Per nom mais voltar. Per nom mais voltar.
 Em Olinda faremos a festa,
 faremos a festa.
 Belo dia em que vamos casar,
 que vamos casar.

OS DOIS Lá rá lá, lá rá lá
 Belo dia! Que belo será!

Entram Carbureto e Joãosim, observando Zelinda.

Vinde todos. Bailemos, cantemos,
 bem felizes da vida sonhemos.
 Vinde todos. Bailemos, cantemos.
 Belo dia! Que belo será!

Narciso e Zelinda se afastam, namorando.

JOÃOZIM Carbureto!

CARBURETO Acá estou, meô se'or.

JOÃOZIM Viste bem, Carbureto, quanta graça e quanta alegria!

CARBURETO É Zelinda, a vendedora de frutas. Vai se casar com Narciso, o padeiro.

JOÃOZIM Vai casar?! Que desperdício! Ai, que me deu uma vontade de namorar mais ela! Você sabe, nom é, Carbureto: namorar é tão gostosim!

CARBURETO Nom, seô Joãosim. Nom me faça isso, seô Joãosim.

Sorridentes, Narciso e Zelinda vão saindo.

JOÃOZIM Ei! Qual a razão de tanta pressa?

NARCISO Vamos indo marcar o casamento. Se o se'or nos dá
lece'ça...

JOÃOZIM Oh, que belo dia! Que belo será! Carbureto deseja
falar mais o se'or, nom é, Carbureto?

CARBURETO Eu, seô Joãozim?! Ah, é. Falar. Falar um pouquinho.

*Elvira aparece no balcão. Narciso não tira os olhos de
Zelinda, mas Carbureto o segura.*

JOÃOZIM Donzela ferrosa, já vai se casar?

ZELINDA É, se'or, sim.

JOÃOZIM E nom perfere namorar mais eu? Namorar é tão
gostosim!

ZELINDA Namorar mais o se'or?

JOÃOZIM É. Namorar mais eu. Casar mais eu.

ZELINDA Ai, que palavras! Sou un'a mocinha mui pobre, un'a
vendedora de frutas no Mercado da Ribeira.

JOÃOZIM Nada demais. Entonce a gente namora só um
pouquinho.

ZELINDA Verdade?

ELVIRA Mentira! Tudo mentira. Aspere um pouco, donzelin'a.
Nom acredite nele, nom. (*Some no sobrado.*)

NARCISO (*livrando-se de Carbureto.*) O que é isso? O que
assucedeu, bela Zelinda?

ZELINDA Este se'or... nom... nom sei de nada.

Vem Elvira pela porta do sobrado.

ELVIRA Joãozim! Joãozim! Você estava enganando a donzelin'a.

ZELINDA Oh, Narciso, me acode. Vamos embora. Que vergonha!

Narciso e Zelinda saem. Antônio e Ana chegam.

JOÃOZIM Nom estou entendendo nadisca de nada.

ANA Se'or Joãozim.

ELVIRA Est'homem me treíu. Era meô namorado e me abandonou. Agora queria namorar mais a donzelin'a.

Dama aparece em seu balcão.

DAMA Que confusão é esta em min'a porta?

ANA Seô Joãozim, percisamos de sua ajuda. Ontem, entrou um homem em meô sobrado...

JOÃOZIM Carbureto, vamos fugir, Carbureto, que a cousa fica preta.

DAMA Nunca escutei tanto arruído acá em Olinda. Vou descer. *(Desaparece.)*

ANA *(Reconhecendo a voz de Joãozim.)* Antônio! Doutor Antônio!

JOÃOZIM Lecença. Lecença, per favor. Vambora, Carbureto. *(Os dois escapolem e saem.)*

ANTÔNIO Que assucedeu, sinhazin'a Luísa, noiva min'a?

ELVIRA Aspera, Joãozim. Aspera, Joãozim dun'a figa!

Entra a Dama de Olinda. Em seguida, a Mucama.

DAMA Mes o que é isso acá, na rua?

ANA *(desmaiando)* Antônio, se'or meô noivo...

ELVIRA Desmaiou.

DAMA Desmaiou? Acode, Mucama, e traz um leque.
(Mucama desaparece no sobrado e volta com um leque.)

ANTÔNIO Ana Luísa, vida min'a!

DAMA Acode, Mucama, e traz um barde d'água. *(Mucama sai e volta com água.)*

ANTÔNIO Desperta, idolatrada.

DAMA Acode, Mucama, e traz um lenço. *(Mucama sai e traz o lenço.)*

ANA Antônio!

DAMA Pobrezinha! Pobrezinha! Respire fundo, sinhazin'a Luísa.

ANTÔNIO Que coisa que assucedeu, Ana Luísa?

ANA Aquela voz... era a voz do treidor... a voz do celerado.

ANTÔNIO Seô Joãozim?! Seô Joãozim de Olinda!?

DAMA Foi ele?

ANA Ele.

- ELVIRA Deve de ser. Ah, deve de ser.
- ANTÔNIO Entrou em seu sobrado?
- ANA Bem sabeis.
- DAMA Queria namorar mais sinhazin'a Luísa.
- ANA Como dizeis.
- ELVIRA Treidor!
- ANTÔNIO Quebrou o pinico de loiça?
- ANA De loiça, quebrou.
- ANTÔNIO Nom.
- ANA Sim! Sim!
- DAMA Nom! Nom!
- ANA Sim. Sim. Sim.
- ANTÔNIO Nom. Nom. Nom.
e DAMA
- ANA A voz. A voz era dele.
- ELVIRA Deve de ser. É um treidor.
- DAMA Um escândalo! Um escândalo nas ladeiras de Olinda!
- ELVIRA Aquele namorador percisa aprender que nom pode namorar tôdalas donzelin'as e enganar tôdolo mundo.
- ANA Merece un'a pena. Um castigo.

ANTÔNIO Un'a gran pena.

ELVIRA Um grão castigo!

ANA Vamos. Venham mais eu. Vamos pensar e preparar o castigo.

Somem pelo sobrado de Ana Luísa. Escurece. A Noite de Olinda passa ao fundo, tropeçando.

DAMA (*saindo*) Quanta confusão! Moro acá em Olinda há mui tempo e jamais vi um dia assim. Té parece o tempo em que o Conde Maurício andava per acá. Ai, que soidade do belo Conde Maurício! Era tão fermosim! Lourim, lourim! Virgo-madre! A noite caiu que quase nem vi. Deixa eu entrar.

A Estrela passa.

ESTRELA (*recitativo*)
Na boca da noite,
vou indo sozin'a.
Na boca da noite,
fermosa estrelin'a.
Brilhando vadia,
vou indo espiar
as moças do Beco
de las Cortesias.
Ah, feliz de mim!
Alguém vem chegando.
Ah, seô Joãozim.

Entra Joãozim usando capa longa e chapéu de penacho. Estrela permanece dançando. Carbureto entra.

JOÃOZIM Tão linda Estrelinha... só polo meio do céu, piscando-piscando! Espia, Carbureto, a janela fechadin'a.

- CARBURETO Isso nom vai dar certo, seô Joãozim.
- JOÃOZIM Deixa de ser medroso, Carbureto. Eu fico acá embaixo do balcão e falo e você mexe os braços. Depois, é somente sair mais Dona Elvira. Entonce, eu fico sozim e vou namorar mais a Mucama.
- CARBURETO Seô Joãozim!
- JOÃOZIM Toma. Veste. Veste.
- Mal Carbureto veste a capa e põe o chapéu, aparece Elvira à janela. Joãozim se esconde embaixo do balcão.*
- ELVIRA Que noite quente! Vim à janela espiar as estrelin'as.
- Envaidecida, a Estrela se põe a rodopiar.*
- ELVIRA Oh, que bela Estrelin'a piscando na escuridade!
- JOÃOZIM *(enquanto Carbureto faz os gestos, diante de Elvira)*
Mais bela estrelin'a brilha nesse balcão!
- ESTRELA Oh, que decepção! *(Tristinha, sai dançando.)*
- ELVIRA Onde, onde, que não a vejo?
- JOÃOZIM A mais brilhante de tôdalas brilhando nessa janelin'a.
- ELVIRA Quem está aí? Que me fala assim?
- JOÃOZIM Quem houvera de ser? Teu amado, teu pompom, teu querubim.
- ELVIRA Joãozim?
- JOÃOZIM Eu mesmo, bela Elvira. Teu amado fedorentim. Teu feijão com dobradin'a. Teu sapato apertadim.

ELVIRA O chapéu é do Joãozim. A capa é do Joãozim e a voz tombém é do Joãozim... mês esses braços desmilinguidos, assim sem jeito... esses gestos de guaxinim...

JOÃOZIM Desce, fermosa Elvira. Elvira min'a, desce e verás de perto teu belo namoradim.

ELVIRA O peito me diz que desça. A inteligência me ordena que fique. O que fazer? Já sei. Vou descer. Feroz impulso me carrega escada abaixo. Aspera, Joãozim do meu destino. *(Desaparece.)*

JOÃOZIM Ah! Deu certo. Agora, sai mais ela polas ladeiras de Olinda que eu fico namorando mais a Mucama.

CARBURETO Além de escravo, sou obrigado a fazer cada cousa que meô coração nom concorda.

JOÃOZIM Coidado! Aí vem ela. *(Entra Elvira.)*

ELVIRA Amor mio! Voltaste enfim.

CARBURETO O que faço?

JOÃOZIM Abraça.

ELVIRA Quem falou?

CARBURETO Meô coração.

ELVIRA Que cousas disse?

CARBURETO Elvira!

ELVIRA Amor! *(Abraçam-se, saindo.)*

CARBURETO Elvira min'a!

JOÃOZIM Aí vão eles ladeira abaixo e eu fico livrim per namorar
 com a escravín'a. Namorar é tão gostosim!

*Pega um bandolim, arma pose de seresteiro. Toca e
canta para o balcão.*

Mucama. Mucama min'a
Aparece na fenestra
que meô peito ardendo está.
Ardendo em fogo, ardendo vin'a.
Aparece, preta Mucama.
Ai, aparece, Mucama min'a.

Mucama aparece com um penico.

MUCAMA Entonce é verdade que agora estás por mim
 apaixonado?

JOÃOZIM Desce, desce, preta Mucama, e atira sobre mim teu
 coração.

MUCAMA Ah- pois lá vai meu coração.

*Joga sobre Joãozim o conteúdo do penico: confetes
coloridos. Joãozim se sente todo molhado; a Mucama
ri e desaparece. A Dama chega à sua janela, também
com um penico.*

DAMA Que arruídos são esses confronte minha janela?

*Joga mais confetes em Joãozim que, como se
estivesse lambuzado, senta-se no chão se enxugando.
Dama desaparece.*

JOÃOZIM Vai tudo andando malo. Nom consigo namorar.
 E ainda me jogam essa porcaria. Será pipi?

Passa a Estrela cantando e dançando.

ESTRELA Sou bela Estrela,
 Estela, Estrela
 pulsando, brilhando
 na noite celestre.
 Na noite celestre.

JOÃOZIM Estrelin'a, Estrelin'a... namora mais eu que estou
 tão sozim!

ESTRELA Lumbrosa e bela,
 cadente Estrela
 passando, brilhando
 na noite celestre.
 Na noite celestre.

JOÃOZIM E eu acá sozim... tão sozim!

Ouve-se um uivo sinistro. Depois outros.

Que foi isso? Será visagem na noite de Olinda?
Luna, La Luna, aparece mode crarear a treva escura.
(*A Dama, Antônio e Ana aparecem por vários lados
disfarçados de Assombração. Desaparecem. Tornam a
aparecer.*) Será malassombro? Será um credincruz?
Ai, ai, ai! (*As Assombrações se aproximam cercando
Joãozim.*) Carbureto! Carbureto de min'alma! Corre
acá per me salvar! (*Assombrações desaparecem.
Entram Carbureto e Elvira abraçadinhos.*) Carbureto,
Carbureto, me ajuda, que eu vi assombração.

CARBURETO (*mal dando atenção*) Nada, não, seô Joãozim. Nada,
não é.

ELVIRA Deixa, Carbureto. Faz que nom conhece.

JOÃOZIM Carbureto. Volta acá, Carbureto.

ELVIRA Carbureto é meô namorado. Me apaixonei. Vou me casar mais ele.

JOÃOZIM Carbureto!!!

CARBURETO Pois é, seô Joãozim. Fui passear mais ela e gostei dela e ela gostou de mim. Namorar é tão gostosim! E mais melhor é se casar!

JOÃOZIM Mes você é meô escravo, Carbureto. Nom pode me abandonar.

CARBURETO Sou mais, nom, seô Joãozim. Faz de conta que fugi.

JOÃOZIM Carbureto! Nom me deixa, Carbureto!

Carbureto e Elvira somem por um sobrado. As Assombrações reaparecem.

ANA O se'or quebrou o pinico de sinhazin'a Luísa, nom quebrou?

ANTÔNIO O se'or queria namorar mais a sinhazin'a Luísa, nom queria?

DAMA O se'or queria namorar mais a Mucama, nom queria?

As Assombrações vão fechando o cerco, rodopiando como velhas bruxas.

JOÃOZIM Nom... nom... Mes eu só queria namorar. Namorar é tão gostosim!

ANTÔNIO O se'or enganou e treiu Dona Elvira, nom enganou?

ANA Queria namorar mais a vendedora de frutas, nom queria?

DAMA Queria namorar mais tôdalas donzelin'as, nom queria?

Avançam sobre ele.

OS TRÊS Ah!!! Pensa que la vida é somente mode namorar?

Apavorado, Joãozim, aos berros, consegue escapular e foge. Os três retiram as máscaras.

ANTÔNIO Vai correndo que parece um cavalim.

ANA Vai ligeiro, ligeirim, que parece un'a cachorrim.

DAMA Vai que vai. Mais parece um coelhim.

ANTÔNIO Nessa carreira, com pouca, vai chegar no Recife.

ANA Com pouca, está na Bahia.

DAMA E mais com pouca, no Rio de Janeiro.

ANA Entonce vamos dormir que amenhã é outro dia.

ANTÔNIO Boas noites, lindezas!

ANA Boas noites, coração! (*Entram em seus sobrados. Passa a Estrela.*)

ESTRELA (*recitativo*)
Já briei a noite inteira.
Briei a noite inteirin'a.
Agora vou-me dormir
que já é de menhãzin'a.

Sai. Clareia-se o palco. Repetem-se as entradas de Narciso e Zelinda.

NARCISO Na porta da sinhazin'a Luísa
vou deixar pãozim francês.
Pera Dama de Olinda
deixo dois e deixo três.
Pero doutor avogado,
deixo cinco e deixo seis.
Belo Narciso, padeiro,
já deixou pãozim francês.

ZELINDA A la sete de la menhã
de la menhã
vem polas ladeiras de Olinda
vem Zelinda, bela fruiteira,
tragendo maracujá e romã.
Ói a romã!

Saem abraçados e dançando. Aparece a Mucama varrendo com enorme vassoura. Em suas janelas vão aparecendo os demais personagens.

DAMA Oh, que fermoso dia! Fermoso sol de Olinda!

MUCAMA Barre, barre,
bassourin'a,
barre a sujeira do chão.
Barre, barre,
bassourin'a,
alimpa meô coração.

DAMA Min'a gente... briou o mais belo sol mode crarear o
baile do se'or Abade.

ANA Entonce é hoje o baile do se'or Abade?

DAMA Ah-pois nom sabia? É hoje o baile do se'or Abade.

ANTÔNIO Entonce é vero? Entonce é vero que é hoje o baile
do se'or Abade?

DAMA E pois nom é? É, sim, seôr. É hoje a bailia do belo baile do se'or Abade.

Somem todos. Embaixo, aparecem Elvira e Carbureto.

CARBURETO Ora, ora, Iaiá, Dona Elvira... é hoje.

ELVIRA Será?! A bailia do belo baile do se'or Abade?

MUCAMA Barre, barre,
bassourin'a,
barre a sujeira do chão.
Barre, barre,
bassourin'a,
alimpa o meô coração.

Entram todos, recitando aos prantos.

TODOS Tem barcarola... tem baladilha... no belo baile... do se'or Abade.

MUCAMA Barre, barre,
bassourin'a...
Barre, barre, ligeirin'a.

TODOS (*gaguejando*) Tem-tem-tem... ba-ba-bar-ca-ca-ro-ro-la... no be-be-be-lo bai-bai-le... do-do-do... se'or Abade.

MUCAMA Barre, barre,
bassourin'a,
barre tudo per bondade
que eu tombém me quero ir
a bailar as baladilhas
do belo baile do se'or Abade.

TODOS (*sorrindo*) Tem barcarola, tem baladilha no belo baile do se'or Abade.

MUCAMA Barre, barre, bassourinha...

TODOS (*parados, sem imitar som mas com as articulações de todas as sílabas bem marcadas*)

Tem-bar-ca-ro-la

Tem-ba-la-di-lha

No-be-lo-bai-le

Do-se'or-A-ba-de.

TODOS (*rindo muito.*) Tem barcarola... quá-quá-quá... tem baladilha... quá-quá-quá... no belo baile... quá-quá-quá... do se'or Abade.

E termina o espetáculo.

Rio, 1980



IMAGENS





Acervo de Benjamim Santos

Marga Abi-Ramia (Dama de Copas) na primeira montagem de *Senhor Rei, Senhora Rainha*. Figurinos de Maria Carmen. Cenário de Kasall. Teatro Gláucio Gill, Rio de Janeiro, 1973. Este espetáculo classificou-se em 3º Lugar no Festival de Teatro da Guanabara.



Acervo de Benjamim Santos

Marcelo Câmara, Nairo Gomez e Roberto Machado em *Senhor Rei, Senhora Rainha*. Direção de Benjamim Santos. Música de Antônio José Madureira e direção Musical de Walter Bobsin. Adereços de Edgard Ribeiro. Teatro Gláucio Gill, Rio, 1973.



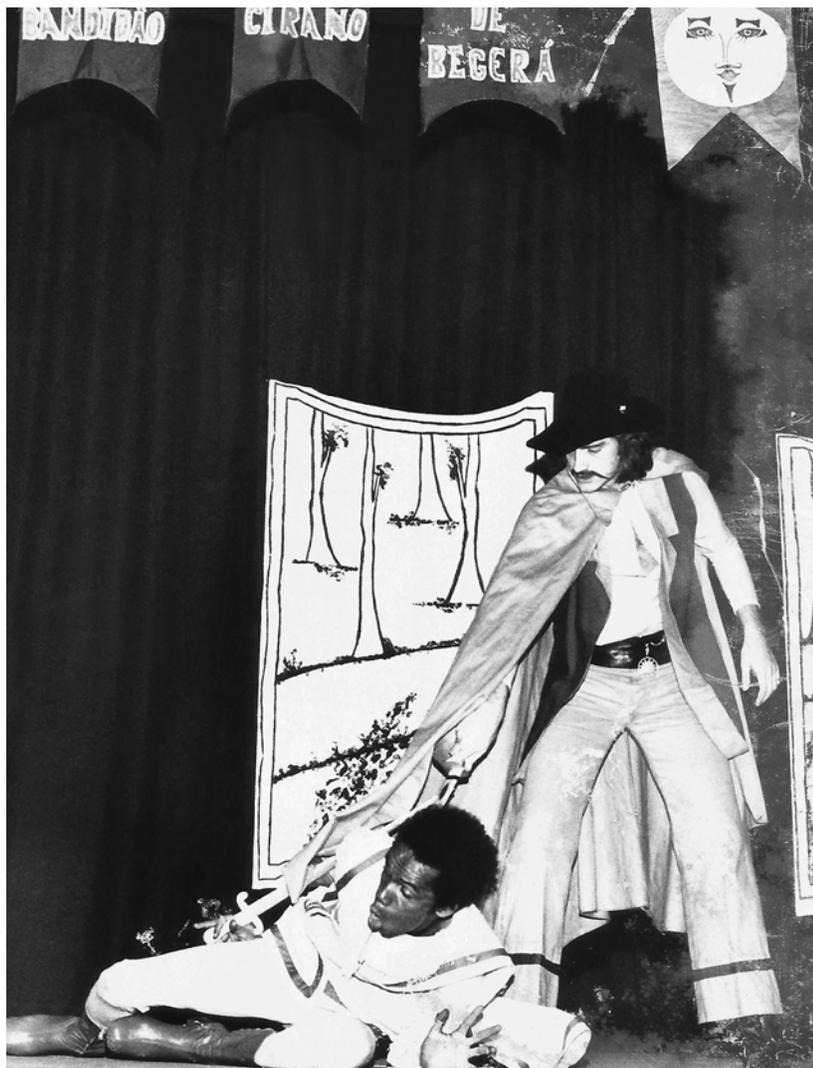
Acervo de Benjamim Santos

Luta com espadas de pau na primeira montagem de *Os Três Mosqueteiros*. Produção de Yumara Rodriguez. Música e direção musical de Walter Bobsin. À esquerda, Sérgio Dionísio como Dartanhã. Teatro da Galeria. Rio, 1974.



Acervo de Benjamim Santos

Baile de despedida em *Os Três Mosqueteiros*. Ao centro, Marcelo Peixoto e Lupe Giglioti. Direção e figurinos de Benjamim Santos. Este espetáculo foi escolhido um dos Cinco Melhores do Ano, no Rio, em 1974.



Acervo de Benjamim Santos

Atenodoro Ribeiro (Atos) ameaçado por Antônio Quinet (Cirano de Begerá), na segunda temporada de *Os Três Mosqueteiros*. Teatro Nacional de Comédia, atual Teatro Glauce Rocha. Rio, 1974.

CONVITE ESPECIAL

Para a estreia de

«OS TRÊS MOSQUETEIROS»

Musical de Benjamim Santos

às 10,15 do dia 9-6

No TEATRO DA GALERIA - Senador Vergueiro, 93

Flamengo

Leve **um** pagante e receba **um** convite

Leve **três** pagantes e receba **dois** convites.

«O TEATRO PRECISA DE VOCÊ.»



*R.B. Produções Ltda. benjamim santos, fernando pinto,
leci leão e os atores fernanda amaral, paulo ribeiro,
anacleto das neves, demétrio pompeu, edgar ribeiro, ialmar
wolf, marcelo peixoto, márcio luiz e tânia moraes
convidam para o espetáculo*

Viagem Sideral de BENJAMIM SANTOS

*no teatro nacional e comédia, av. rio branco, 179, sábados
17 horas e domingos à 16 horas.*

este convite vale para dois ingressos.

LEGIÃO CÊNICA
A P R E S E N T A
MUSICAL DE BENJAMIN SANTOS
DIREÇÃO GERAL: JERÔNIMO CAMPOS

A DONZELA QUE FOI À GUERRA

AOS SÁBADOS E DOMINGOS
DIA : 01 / 08 / 98
HORA : 16 Horas

LOCAL : TEATRO DA GALERIA - Rua Senador Vergueiro, 93 - Flamengo

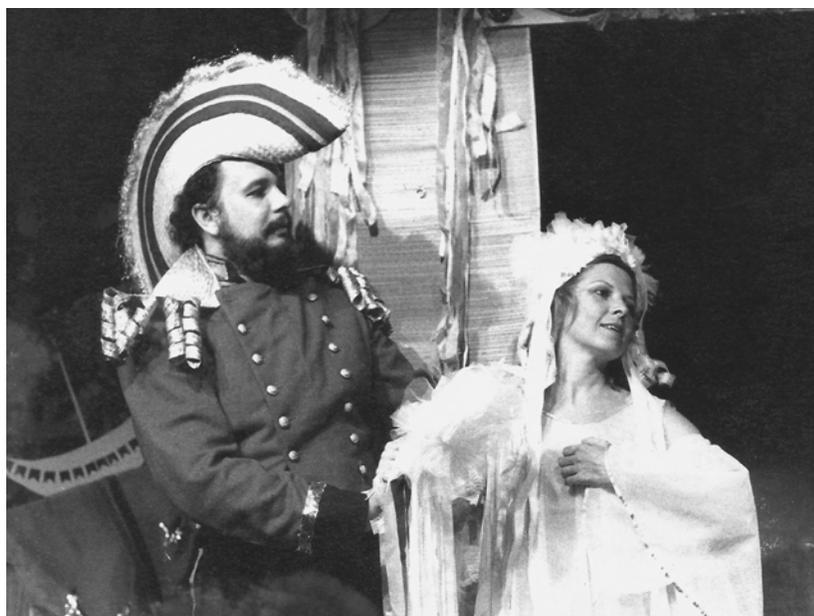
GRÁTIS

Jerônimo Campos



Acervo de Benjamim Santos

A Princesa do Mar-sem-fim. Da esquerda para a direita: Demétrio Pompeu, Lúcia Lewin, Carlos Adier, Tutu Guimarães e Marcelo Peixoto. Teatro Fonte da Saudade. Rio, 1977. Troféu Mambembe de Melhor Texto do Ano.



Acervo de Benjamim Santos

A Princesa do Mar-sem-fim: Carlos Adier (Capitão do Navio) e Lúcia Lewin (Elisa). Cenário e figurinos de Kalma Murtinho. Máscaras de Marie-Louise Nery. Teatro Fonte da Saudade. Rio, 1977.



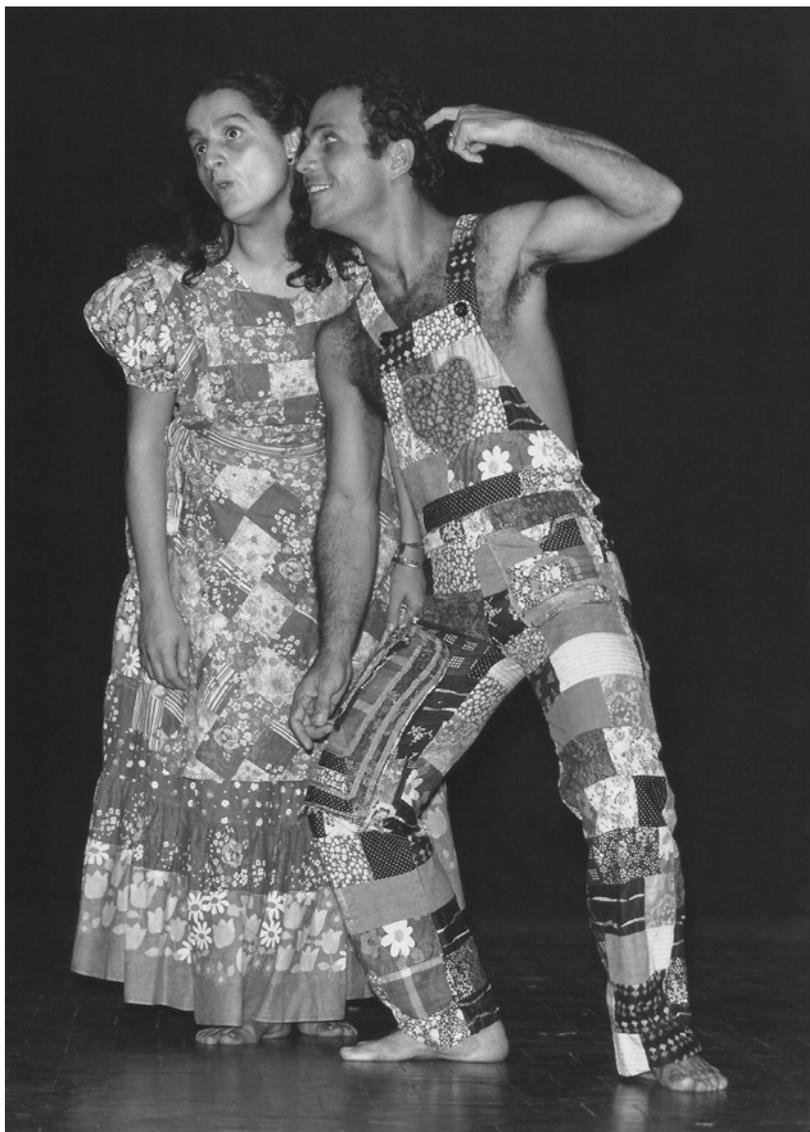
Arquivo de Benjamim Santos

Carlos Adier e Lúcia Lewin em *A Princesa do Mar-sem-fim*, com música de Luís Cláudio Ramos e Franklin Corrêa. Teatro Fonte da Saudade. Rio, 1977.



Acervo de Benjamim Santos

A Princesa do Mar-sem-fim. Cartaz em bico de pena e letra-set.



Acervo de Benjamim Santos

Marga Abi-Ramia (Creusa) e Demétrio Pompeu (Evangelista) em *O Pavão Misterioso*. Cenário e figurinos de Maria Carmen. Produção de Demétrio Pompeu. Teatro Gláucio Gill. Rio, 1979. Troféu Mambembe de Melhor Texto do Ano.

Um novo espetáculo para crianças de
BENJAMIM SANTOS
(PRÊMIO MAMBEMBE MELHOR AUTOR INFANTIL 77)
PROMOÇÃO DO TECO: PAGUE CR\$ 30,00
O PAVÃO MISTERIOSO
TEATRO GLÁUCIO GILL
Sábados e Domingos , 16 horas



Acervo do Grupo Harém de Teatro

O Príncipe do Piauí, em montagem do Grupo Harém de Teatro, com direção de Arimatã Martins. Teresina, 1999. A primeira montagem desta peça havia sido feita também em Teresina, nos anos 1980, pelo Grupo Teste, com direção de Tarciso Prado.



Acervo de Benjamim Santos

Benjamim Santos e Ana Maria Machado na noite de lançamento de *Tropical sol da liberdade*, romance da escritora. Casa de Cultura Laura Alvim, Rio, 1988.



Acervo de Benjamim Santos

Benjamim Santos num intervalo de ensaio. Teatro da Galeria, Rio, 1975.

The background features a complex, layered geometric pattern. In the upper half, there are several stylized sun-like shapes with triangular rays, some overlapping. The lower half is dominated by a large, semi-transparent circular area containing text, and below it, a dense arrangement of overlapping, rounded, organic shapes in various shades of gray, resembling a stylized floral or abstract pattern.

O autor reconhece que quatro cidades foram especialmente importantes para a criação das peças deste livro: Parnaíba, Recife, Olinda e Rio de Janeiro.

The background features a complex arrangement of abstract geometric elements. In the upper right, there is a dense, circular pattern of lines radiating from a central point, resembling a stylized sun or a complex network. Scattered throughout the upper half are various line segments, some with semi-circular or circular ends, and some intersecting at right angles. A large, light gray circle is positioned in the lower right, partially overlapping the text. At the bottom left, there is a circular pattern of overlapping, rounded rectangular shapes, creating a textured, flower-like appearance. The overall aesthetic is clean, modern, and geometric.

O autor agradece a duas
personalidades que, durante anos,
o incentivaram à leitura e ao teatro:
Benedito dos Santos Lima e
Neusa da Fonseca Lima.

**Este livro foi produzido na cidade do Rio de Janeiro pela
Fundação Nacional de Artes — Funarte e impresso na Edigráfica
no segundo semestre de 2018.**



O público infantil é talvez o mais exigente. Falar ao coração dos pequenos e receber de volta um sorriso de encantamento é privilégio de poucos. Benjamim Santos é um que sabe estabelecer essa conexão entre a fantasia do palco e a inocência da plateia. Suas peças teatrais impulsionaram um movimento de renovação do teatro para crianças no Brasil, a partir dos anos 1970.

Por toda sua importância é constante a pesquisa sobre a produção teatral de Benjamim no meio universitário. Porém, o esgotamento das obras já publicadas e a dispersão dos textos dificultam a tarefa.

Com este livro, a Fundação Nacional de Artes — Funarte amplia o acesso à obra do dramaturgo, propicia a renovação de seu público, por meio de novas encenações, e resguarda a memória desse capítulo auspicioso da história de nossa dramaturgia.

Stepan Nercessian
Presidente da Funarte

